
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CENÁRIOS DO MOBREAL: caso de Araras/SP

SIMONE DA SILVA

Junho - 2019

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CENÁRIOS DO MOBREAL: caso de Araras/SP

SIMONE DA SILVA

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Junho - 2019

S586c SILVA, SIMONE DA
CENÁRIOS DO MOBRAL : caso de Araras/SP / SIMONE DA
SILVA. -- Rio Claro, 2019
265 p. : il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Arlete de Jesus Brito

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Práticas docentes. 3.
MOBRAL. 4. História Oral. 5. Pesquisa Histórica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: CENÁRIOS DO MOBRAL: caso de Araras/SP

AUTORA: SIMONE DA SILVA

ORIENTADORA: ARLETE DE JESUS BRITO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:


Profa. Dra. ARLETE DE JESUS BRITO

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS SALANDIM

Departamento de Matemática / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP


Profa. Dra. MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. THIAGO PEDRO PINTO

Instituto de Matemática / Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Pioneiros / MS


Profa. Dra. MARCIA REAMI PECHULA

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Rio Claro, 28 de junho de 2019

DEDICATÓRIA

Aos meus pais José e Maria
À minha única irmã Andréia e
Ao meu companheiro Evandro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por mais esta conquista e por estar comigo em todos os momentos.

Aos meus pais José e Maria, à minha irmã Andréia e ao meu companheiro Evandro por estarem sempre comigo.

A todos os meus amigos, que compartilharam comigo os momentos de ansiedade e souberam compreender minha ausência durante o período de construção da tese.

À Equipe Gestora da Escola Maria Rosa e à EMEI Gláucia Maria Teixeira de Oliveira que, indiretamente, deram suas contribuições para esta pesquisa.

Um agradecimento especial ao Professor Mestre Jorge Zulu, por ter dado sua contribuição, compartilhado suas reflexões, enfim pelo carinho e tempo disponibilizado para com esse estudo.

Ao querido Felipe Paes, que muito me auxiliou nas questões de formatação do texto.

À graciosa e competente bibliotecária, Josemeire Moura da Silva, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, que com o seu profissionalismo me atendia sempre com respeito e prontidão.

A todos os colaboradores, nossos entrevistados (sujeitos históricos dessa pesquisa), que foram bastante solícitos e, assim contribuíram para que pudéssemos ter outros elementos ampliando este estudo.

Ao meu querido Cinegrafista Fotógrafo Anderson Gonçalves da Silva, que com toda a sua competência e sensibilidade, realizou um trabalho exemplar nas gravações, imprescindível para esse tipo de pesquisa. Estendo esse agradecimento à sua esposa Lucélia que com muita dedicação fez as edições das gravações para a criação de um documentário.

Aos meus companheiros e membros do Grupo de Pesquisa HIFEM – História, Filosofia e Educação da Matemática, que por meio das reuniões, palestras, seminários, encontros e leituras, agregaram conhecimentos e contribuições na caminhada do doutorado.

As queridas Maria Edneia Martins Salandim – Departamento de Matemática – Faculdade de Ciências, Unesp, Campus de Bauru e Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo - Departamento de Educação, Universidade Júlio de Mesquita Filho, Campus de Rio Claro, Titulares da Banca de Qualificação, em que fizeram apontamentos específicos e cruciais para um direcionamento positivo da tese.

Aos Titulares da Banca de Defesa Professor Doutor Thiago Pedro Pinto e Professora Doutora Márcia Reami Pechula que, com muito carinho e competência, realizaram a leitura do trabalho, contribuindo com a experiência que possuem.

À minha querida orientadora Arlete, pela oportunidade, confiança, amizade e direcionamento durante o percurso no Doutorado.

Gratidão a todos!!!

MENSAGEM

(Geraldo Vandré)

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Somos todos iguais

Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas

Campos, construções

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer...

RESUMO

A presente pesquisa foi nominada “Cenários do MOBRAL: caso de Araras/SP”. Esta é uma continuidade da nossa dissertação de Mestrado “Panorama Histórico do MOBRAL: operacionalização no município de Araras”. Em Cenários do MOBRAL: caso de Araras/SP, o objetivo foi verificar algumas práticas de professores que lecionaram no MOBRAL em Araras, interior de São Paulo. Os cenários aqui apresentados foram se formando por meio dos relatos que continham as vivências e experiências de nossos colaboradores aliados aos sons emitidos dos documentos escritos. Nesses, foram incluídos documentos oficiais elaborados pelos organizadores do Movimento, documentações cedidas pelo Arquivo da Prefeitura Municipal de Araras, jornais arquivados na Câmara Municipal do Município e também alguns livros de Matemática utilizados no MOBRAL, localizados na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, além do diário de campo e as canções que fizeram parte da composição do trabalho. Dentre tantos autores escolhidos para o aprofundamento de leituras, sendo todos os outros não menos importantes, estão: Elias (1998), Hobsbawn (2005), Freire (1983), Freire (1987), Freire (1996), Alberti (2004), Adorno (1995), Freitas (2006), Paiva (1987) e Romanelli (1983). Por meio do aporte teórico metodológico História Oral, foram realizadas entrevistas com cinco professores e duas alunas partícipes do MOBRAL no Município de Araras nas décadas de 1960-1980. A análise foi realizada por meio da triangulação de dados, em que pudemos perceber a repercussão de um outro MOBRAL neste estudo, caracterizando os diversos cenários formados que constituíram o MOBRAL-Araras. O MOBRAL traz a tese do liberalismo conservador, porém apontamos nessa pesquisa uma prática subversiva, evidenciando uma grande contradição desse estudo: a Proposta do MOBRAL versus a prática efetivada. Visualizamos um cenário composto por professores comprometidos, em busca de experiências e com alunos que queriam aprender. As práticas de alfabetização foram realizadas cada qual à sua maneira, sempre com o foco na aprendizagem do ler e escrever e a partir do que o aluno trazia para as aulas. No que tange às aulas de Matemática, o enfoque deu-se nas atividades da matéria relacionadas às quatro operações e à resolução de “problemas”. No tocante ao relacionamento professor-aluno havia um respeito recíproco entre os partícipes dessa História. A educação era percebida como agente de transformação social e a força de vontade dos alunos refletia uma didática comprometida dos docentes realizada na doação e com bastante dedicação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Práticas docentes; MOBRAL; História Oral.

ABSTRACT

The present research was named "Scenarios of MOBRAL: Araras/SP case". This is a continuation of our master dissertation "Historical Background of MOBRAL: operationalization in the municipality of Araras". In MOBRAL Scenarios: the case of Araras/SP, the objective was to verify how some practices of teachers who taught at MOBRAL in Araras, interior of São Paulo, developed. The scenarios presented here were formed through the reports that contained the experiences and experiences of our collaborators allied to the sounds emitted from the written documents. These included the official documents prepared by the organizers of the Movement, documentation provided by the Archive of the Municipality of Araras, newspapers filed in the city council and also some books of Mathematics used in MOBRAL, located in the National Library Foundation of Rio de Janeiro. of the field diary and the songs that were part of the composition of the work. Among the many authors chosen to deepen the reading, all others being no less important, we can cite: Elias (1998), Hobsbawn (2005), Freire (1983), Freire (1987), Freire, Adorno (1995), Freitas (2006), Paiva (1987), and Romanelli (1983). Through the methodological oral history methodological contribution, interviews were conducted with five teachers and two female students of MOBRAL in the Municipality of Araras in the 1960-1980. The analysis was performed through data triangulation, in which we could perceive the repercussion of another MOBRAL in this study, characterizing the different scenarios that formed the MOBRAL-Araras. MOBRAL brings the thesis of conservative liberalism, but we point out in this research a subversive practice, highlighting a major contradiction of this study: the MOBRAL Proposal versus actual practice. We visualized a scenario composed of committed teachers, in search of experiences and with students who wanted to learn. The literacy practices were carried out each in their own way, always with the focus on learning to read and write and from what the student brought to class. Regarding Mathematics classes, the focus was on the activities of the subject related to the four operations and the resolution of "problems". With respect to the teacher-student relationship there was a reciprocal respect among the participants in this History. Education was perceived as an agent of social transformation and the students' willpower reflected committed didactics of teachers carried out in the donation and with a lot of dedication.

Keywords: Youth and Adult Education; Teaching practices; MOBRAL; Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estratégia de marketing utilizada pelo Mobral	33
Figura 2 – Professores e alunas colaboradores dessa pesquisa que participaram do MOBRAL no município de Araras.....	51
Figura 3 – Dissertações e teses referentes ao tema MOBRAL	58
Figura 4 – Fotografia extraída do livro Soletre Mobral e Leia Brasil	68
Figura 5 – Troféu pelo brilhante desempenho junto ao MOBRAL.....	89
Figura 6 – Homenagem à Professora Alzira pelo brilhante desempenho junto ao MOBRAL.....	89
Figura 7 - MOBRAL-Araras firmou seu primeiro contrato com o MOBRAL-Central	138
Figura 8 – Assinado convênio com o MOBRAL	138
Figura 9 – Edital de inscrição para monitores de cursos alfabetizadores	141
Figura 10 – MOBRAL “dá” pontos	143
Figura 11 – Araras: município mais populoso, na região, em 1970.....	150
Figura 12 – Boletim de Frequência	153
Figura 13 – Nota Fiscal referente à compra de materiais escolares, realizada pela COMUM de Araras/SP	157
Figura 14 – Recibo referente à compra de materiais escolares, realizada pela COMUM de Araras/SP	158
Figura 15 – Anos em que os professores iniciaram sua atuação no MOBRAL	163
Figura 16 – “Médicos e a Educação	170
Figura 17 – Propaganda realizada pelo MOBRAL direcionada às empresas.	173
Figura 18 - Nota Fiscal referente à compra de armação de óculos pela Comissão Municipal do MOBRAL de Araras.....	179
Figura 19 – Convênio firmado entre o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e o MOBRAL	180
Figura 20 - Universo vocabular do aluno segundo os organizadores do MOBRAL	192
Figura 21 – Slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o!”	193
Figura 22 – ‘Carta’ e desenho de um aluno do Mobral.....	195
Figura 23 – Método para alfabetização, baseado na decomposição das palavras geradoras, proposto pelo MOBRAL	196
Figura 24 – Sinopse das fases dos métodos de alfabetização.....	200

Figura 25 – Gasto com educação em relação ao PIB (1980-2015).....	202
Figura 26 – Exemplos de ‘problemas’ propostos em materiais didáticos do MOBRAL	210
Figura 27 – ‘Problemas’ propostos em alguns materiais didáticos do MOBRAL	210
Figura 28 – Exemplos de exercícios aplicados ao final de cada unidade de conteúdo, extraídos do material didático do MOBRAL	211
Figura 29 – Exercícios e “problemas” aplicados ao final de cada unidade de conteúdo, extraído do material didático do MOBRAL	212

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Trabalhos referentes ao MOBRAL disponíveis no Catálogo de Teses e dissertações da Capes	56
Tabela 2 – Evolução do Preço aluno-programa do MOBRAL em Araras período de 1973 a 1978	154
Tabela 3 – Número de alunos aprovados e não aprovados no Programa de Alfabetização Funcional do MOBRAL de Araras. Período: 1971-1980.....	182
Tabela 4 – Percentual dos alunos aprovados e não aprovados nos anos de 1971 e 1975 no município de Araras.....	183

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO	18
2.1 Contextualização da Educação de Adultos	18
2.1.1 Os movimentos de educação popular	21
2.1.2 O Centro Popular de Cultura e o Movimento de Cultura Popular	24
2.1.3 O Método Paulo Freire	26
2.2 O Movimento Brasileiro de Alfabetização	27
3 APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO	36
3.1 Uma breve história da História Oral	36
3.2 As especificidades da História Oral	42
3.3 A memória como objeto principal dos relatos das entrevistas.	44
3.4 A escolha dos colaboradores – a partir dessa explanação, estarei colocando em primeira pessoa meu trabalho de entrevistas.	50
3.5 Localizando os colaboradores.....	52
3.6 Como foram localizados os documentos escritos	53
3.7 Produção de dados e Análise	56
3.7.1 Seu Cidinho	65
3.7.2 Dona Alzira	66
3.7.3 Nice Crippa.....	66
3.7.4 Rose Conte.....	66
3.7.5 Amelinha	66
3.7.6 Dona Maria	67
3.7.7 Dona Júlia	67
4 CENÁRIOS SOBRE O MOBRAL	68
4.1 Primeira Entrevista – Professor Aparecido Batista do Nascimento.....	68
4.2 Segunda Entrevista – Professora Alzira Beteguelli Haddad	80
4.3 Terceira entrevista – Professora Leonice Geralda Genaro Crippa	90
4.4 Quarta Entrevista – Professora Rose Mary da Penha Conte.....	98
4.4.1 Segunda entrevista com Rose Mary da Penha Conte.	110
4.5 Quinta Entrevista – Professora Maria Amélia Pereira Nascimento.....	114
4.6 Sexta Entrevista – Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta.....	120
4.7 Sétima Entrevista – Aluna Aparecida Júlia Ferreira de Moraes.....	129

5 RESSONÂNCIAS LOCAIS: O MOBRL-<i>Araras</i>	134
5.1 Ingresso e permanência no MOBRL	137
5.2 O MOBRL como espaço de formação	152
5.3 Os alunos no MOBRL	164
5.4 Práticas e saberes dos professores em alfabetização e matemática no MOBRL de <i>Araras</i>	192
5.5 A prática se fazendo no respeito	219
REFERÊNCIAS	234
APÊNDICE A – Carta de Cessão (Modelo)	244
APÊNDICE B – Roteiro para 1ª entrevista com os professores	245
APÊNDICE C - Roteiro para entrevista com as alunas	246
APÊNDICE D - Roteiro para 2ª entrevista com os professores	247
ANEXO A – Disparada (Geraldo Vandré)	248
ANEXO B – História do município de <i>Araras</i>	251
ANEXO C – Bendito Seja o Mobral (Tônico e Tinoco)	253
ANEXO D – Triste Partida (<i>Luiz Gonzaga</i>)	254
ANEXO E – Eu Te Amo Meu Brasil (Os Incríveis)	261
ANEXO F – Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores (Geraldo Vandré)	263

1 INTRODUÇÃO

A presente tese foi nominada “Cenários do MOBRAL: caso de Araras/SP”. Os cenários aqui apresentados foram se formando por meio dos relatos que continham as vivências e experiências de nossos colaboradores aliados aos sons emitidos dos documentos escritos.

Para nortear a pesquisa, foi colocada a seguinte questão:

– Que práticas docentes no Movimento Brasileiro de Alfabetização, especificamente no município de Araras, podem ser apreendidas por meio de relatos de professores?

Para tanto, o objetivo foi o de verificar algumas práticas de professores que lecionaram no MOBRAL em Araras, interior de São Paulo.

É sabido que, para ingressar em um programa de pós-graduação *stricto sensu*, é necessário passar por uma entrevista. Ao preparar-me para ela, a primeira pergunta que fiz a mim mesma foi a seguinte: — Por que eu quero cursar um doutorado? Então, me ocorreram duas respostas. A primeira era a do encantamento pelo mundo acadêmico. Um encanto referente às diversas situações que esse mundo nos proporciona. Cito desde os amigos que fazemos em cada disciplina que cursamos; as leituras que sempre acrescentam algo construindo e reconstruindo nossa formação; os congressos, palestras, seminários, oficinas, encontros que proporcionam aprendizagens ímpares e socializações inesquecíveis; bons professores e até os momentos de tensão na arte de escrever em que, por vezes, se faz necessário o auxílio de um bom fundo musical.

A segunda resposta vem do desejo de ser pesquisador. Seguir a carreira de pesquisadora e formar outros docentes pesquisadores. Isto implica responsabilidade, pois se ampliam saberes e experiências que se irão disseminando entre outros estudiosos do assunto.

Quanto à minha experiência docente, ingressei no serviço público em 13 de fevereiro de 2004. Na época, exercia minha função como professora eventual, em que substituía todos os professores que se ausentavam em determinados dias. Atendia a quase todas as escolas estaduais do município. Onde me chamavam, lá estava eu para lecionar. Cheguei a lecionar por longos períodos em algumas escolas, em que me eram concedidas as licenças de alguns professores. Em 2014, ingressei na rede estadual e municipal como professora efetiva. Na rede municipal, tomei posse em 11 de abril de 2014, exercendo o cargo de PEI - Professor de Educação Infantil, (hoje com a atual nomenclatura de PEB I) e na rede estadual, tomei posse em 23 de abril de 2014, exercendo o cargo de PEB II para lecionar a disciplina de Matemática. Mas algo mais me chamava a atenção. O espírito de liderança fez com que eu buscasse meios para alcançar o objetivo de gerir uma escola. Cursos, leituras, estudos, palestras me ajudaram a

ter uma boa classificação no Concurso Público para o cargo de Diretor de Escola da Secretaria Estadual de Educação. Tomei posse em 23 de fevereiro de 2018.

Atualmente, exerço a função do cargo Diretor de Escola na unidade escolar Maria Rosa Nucci Pacífico Homem. Todas as experiências como docente foram essenciais para a função que exerço nesse novo e tão almejado cargo.

No tempo em que exerci meu ofício de ensinar como professora eventual, atuei no Ensino Fundamental, Médio e na EJA. Mas foram as experiências como professora eventual, na época em que atuei intensamente na EJA, que me incitaram a buscar respostas de acontecimentos passados dentro do contexto da Educação de Adultos, a fim de entender esse quadro atual e contribuir para o conhecimento dessa área do campo educacional. Assim, realizei minha pesquisa, apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, em que apresentei um Panorama Histórico do MOBRAL, enfocando a operacionalização no município de Araras, interior de São Paulo, e que teve sua continuidade nesta pesquisa atual de doutorado.

Neste trabalho, o capítulo 1 é dedicado à Introdução, que traz a questão norteadora da pesquisa, o objetivo, as motivações que me incitaram a pesquisar sobre o tema, minha formação e experiência docente e uma síntese dos capítulos da tese.

O Capítulo 2 expõe o Movimento Brasileiro de Alfabetização, dando uma visão panorâmica dos antecedentes do MOBRAL e de como se desenvolveu esse Movimento¹ de alfabetização no país.

O capítulo 3 foi dedicado à apresentação das especificidades da metodologia escolhida para realizar essa pesquisa; explica como foi feita a escolha dos colaboradores, bem como a sua localização e também a dos documentos escritos que foram analisados. O capítulo aborda a complementaridade dessas duas instâncias, as Fontes orais e as Fontes escritas.

Inevitável não falar de memória quando o assunto é sobre entrevistas. Adentramos esse campo, tendo a memória como fonte para as entrevistas dos docentes e alunas (nossos colaboradores) do MOBRAL-Araras. O aporte teórico metodológico escolhido foi a História

¹ A palavra Movimento referenciada ao longo dessa tese não remete ao significado de ‘um conjunto de ações de um grupo de pessoas mobilizadas por um mesmo fim’, visto que, posteriormente, analisamos e nesta realizamos uma crítica apontando os porquês de o MOBRAL não ter sido um Movimento em Araras, interior de São Paulo. Em vários momentos da tese, nos referimos à palavra Movimento devido ao nome do MOBRAL, porém veremos que esta tese reflete uma denúncia sobre as estratégias de marketing, do viés ideológico e de ‘manobras’ a partir do MOBRAL que contradizem a ideia de Movimento no sentido referenciado no início desta nota.

Oral, sendo assim, o objeto da discussão. O capítulo encerra-se, expondo como foi realizada a produção de dados e como se deu o tratamento deles.

O capítulo 4 apresenta os relatos das alunas e dos professores, e, cada um à sua maneira, narra um pouco de sua passagem pelo movimento. Nossos personagens históricos do MOBRAL: um professor (Sr. Aparecido), e mais quatro professoras (Alzira, Leonice, Rose Mary e Maria Amélia) e as alunas (Dona Maria e a Dona Júlia), traziam consigo um misto de sentimentos: desde a saudade, o sofrimento (“dores da vida”) até as alegrias e o orgulho de terem participado do movimento.

No capítulo Ressonâncias Locais: o MOBRAL-Araras estão registrados os diversos sons que emergiram neste estudo, os quais foram tomando amplitude, caracterizando múltiplos cenários que constituíram o MOBRAL–Araras.

O último capítulo foi dedicado às Considerações Finais.

Na dissertação de Mestrado, foi realizada uma pesquisa documental sobre o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), bem como sua operacionalização na cidade de Araras, sem, no entanto, focar as práticas de sala de aula. Para aquela pesquisa, foram utilizadas tanto documentações cedidas pelo Arquivo da Prefeitura Municipal de Araras, quanto jornais e entrevista com uma ex-alfabetizadora do movimento, além de materiais didáticos elaborados por seus organizadores. Com o propósito de estabelecer um diálogo com as atuais pesquisas desenvolvidas na área de História da Educação Matemática, foram analisados alguns livros de Matemática, utilizados no MOBRAL, localizados nos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a fim de verificar como o ensino daquela disciplina era proposto em materiais didáticos do movimento.

Essa discussão no Mestrado e no Doutorado envolvendo a Matemática, deve-se ao fato de concebê-la como componente de alfabetização e instrumento para consolidação dos processos de leitura e escrita. Foi abordado como o ensino de Matemática estava posto e como foi efetivado no município de Araras por meio da prática dos professores, visto que o foco do Programa de Alfabetização Funcional (PAF) era ler, escrever e contar.

No que se refere ao conteúdo de ensino de Matemática nas aulas do MOBRAL, pude constatar o que era proposto em nível nacional. Havia problemas fechados e exercícios que tinham como presença marcante a memorização e indícios de que, o que os organizadores do movimento compreendiam por “cotidiano” era apenas uma mudança aparente de contexto. Para a elaboração do material de Matemática foi considerada a importância de o programa de estudo ser elaborado, atendendo a uma sequência linearmente organizada, na qual cada tópico deveria servir de base aos seguintes.

Quanto às práticas de ensino efetivadas no MOBRAL-Araras, pôde ser visualizado um cenário composto por professores comprometidos, em busca de experiências e com alunos que queriam aprender, embora lidassem com várias dificuldades e, ainda, perceber que as práticas de alfabetização foram realizadas cada qual à sua maneira, sempre com o foco na aprendizagem do ler e escrever e a partir do que o aluno trazia para as aulas.

No que tange às aulas de Matemática, devido à pouca experiência relacionada à disciplina e ao restrito tempo das aulas (dividido com a leitura e a escrita), o enfoque deu-se nas atividades da matéria relacionadas às quatro operações e à resolução de “problemas”. Esses, entre aspas, discutidos no decorrer da tese.

No tocante ao relacionamento professor-aluno havia um respeito recíproco entre os partícipes dessa História. A educação era percebida como agente de transformação social e a força de vontade dos alunos refletia uma didática comprometida dos docentes realizada na doação e com bastante dedicação.

Esses acontecimentos foram formando os diversos cenários que apresento nesta tese caracterizando o MOBRAL-Araras.

2 O MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

2.1 Contextualização da Educação de Adultos

A história da educação de jovens e adultos envolve uma diversidade de experiências e de práticas formais e não formais de escolarização.

A educação de jovens e adultos no Brasil surgiu juntamente com a educação de crianças, desde o período da colonização, quando os Jesuítas se ocupavam do ensino das crianças e também de seus pais. Por meio da catequese, a transmissão do idioma e do cristianismo servia aos interesses da colonização. “[...] liderados por Manuel da Nóbrega, os jesuítas logo fundaram classes de ler e escrever, valendo-se da alfabetização para introduzir a língua portuguesa e desenvolver a catequese [...]” (SOARES, 1995, p.13).

Após a fase inicial da colonização, a educação dos indígenas adultos perdeu sua importância, pois a habilidade de ler e escrever não era útil à função desempenhada pela população escrava na colônia. Além de ser uma colônia, a população era composta por escravos, senhores e trabalhadores do campo. Educar o índio e o negro não seria interessante, mesmo porque os negros nem eram considerados *humanos*, sendo tratados como propriedades de seus senhores, sem nenhum direito perante a lei.

A educação de adultos passou pelo período colonial sem muitos progressos. Somente com a chegada da Família Real e o princípio do Império teve início algum progresso em relação à educação escolar, apesar de pequeno em relação ao número de analfabetos, ao fim desse período. O indício inicial veio com a Primeira Constituição Brasileira, em 1824, mas, apesar das leis promulgadas pela Corte Real no Brasil, o Império não foi capaz de sanar sua dívida social com os jovens e adultos que estavam em condição de analfabetos. A educação escolar no período imperial era um privilégio e, apesar dos esforços das províncias, muito não se poderia fazer em virtude do atraso que o Brasil já possuía em relação à educação e à errônea descentralização do ensino, o que provocou danos ainda maiores em relação ao analfabetismo de pessoas jovens e adultas. (GOMES, 2012)

Segundo Freire (1983), a primeira campanha em favor dos adultos analfabetos, em nível nacional, foi coordenada pela Liga Nacional de Combate ao Analfabetismo, em 1915, tendo como lema “Combater o analfabetismo é dever e honra de todo brasileiro”, iniciativa balizada pela comemoração da independência política. A campanha, porém, não logrou êxito. Somente a partir da década de 1930, é que percebemos, no Brasil, movimentos que promoviam a educação de adultos com alguma relevância e impacto na sociedade:

[...] com o final da guerra e a criação da Unesco, no plano internacional, e a derrubada do Estado Novo, internamente, a alfabetização e a educação da população adulta passaram a ser percebidas como instrumento da redemocratização, (...) em função de novos objetivos políticos. (PAIVA, 1987, p. 141)

Ao fim da Primeira República, o Censo de 1930 revelou 72% da população com mais de cinco anos de idade analfabeta. O importante nesse processo é que a educação não foi negada somente para os jovens e adultos, mas para a população em geral. Era uma negação que atingia a população pobre, independente do sexo. A ideia de uma educação, promovida pelo Governo para a população, começaria a consolidar-se, de fato, somente na década de 1940. (ALMEIDA, 2014).

Os resultados do Censo de 1940 indicaram a existência de 55% de analfabetos nas idades de 18 anos e mais. As discussões travadas durante o Estado Novo, em face desses resultados, e os apelos da UNESCO, para que os países envidassem esforços contra o analfabetismo², foram fatores influentes na decisão de enfatizar a educação da população adulta. (SILVA, 2012)

Segundo Rocco (1979), a partir da década de quarenta, o Brasil empreendeu diversas campanhas, de cunho federal, em prol da erradicação do analfabetismo. Podemos citar a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes (CEEA), de 1947 a 1963, a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), de 1952 a 1963 e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, de 1958 a 1961.

De acordo com Silva (2012), a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes foi coordenada por Lourenço Filho (1897-1970)³ que, com sua experiência de professor da época, conseguiu estender o programa para as diversas regiões brasileiras. Várias escolas supletivas foram criadas, mobilizando diversos campos administrativos, profissionais e também de voluntários. A avaliação dessa Campanha, feita por Lourenço Filho, mostrou que ela, na sua primeira década, foi vitoriosa, não apenas pela instalação de inúmeras classes, mas também porque possibilitou a elevação da taxa de alfabetização. O número de alunos de ensino supletivo aumentou, a evasão diminuiu e a aprovação alcançou a média de 50%.

² É importante lembrar que o conceito “analfabetismo” não se manteve o mesmo ao longo da História. “O termo “analfabeto” aplica-se a indivíduos pertencentes a uma cultura onde a leitura e a escrita são elementos básicos e indispensáveis e não são utilizados por total desconhecimento.” (ROCCO, 1979, p.12, grifo do autor)

³ Lourenço Filho foi considerado por Péricles Madureira de Pinho, Ministro de Educação do governo Vargas em 1953, como um dos membros do grupo “Os Grandes da Educação do Brasil”, ao lado de Fernando Azevedo (1894-1974), Anísio Teixeira (1900-1971) e Almeida Júnior (1850-1899). Segundo Pinho, Fernando Azevedo foi sociólogo, historiador da cultura e reformador de sistemas e instituições, Anísio foi filósofo, inovador, inquieto dos problemas pedagógicos e Lourenço Filho foi o sistematizador dos estudos pedagógicos brasileiros por sua incrível capacidade de trabalho nesse âmbito (GANDINI, 1995 apud COSTA [200-]).

No ano de 1952 foi aprovado o Regulamento da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que foi de 1952 a 1963. Esta, era uma campanha voltada para o homem do campo, em que seu objetivo consistia em levar a educação de base ao meio rural. A priori, os objetivos apresentados no Regulamento dessa Campanha especificavam a necessidade de um levantamento das condições econômicas, sociais e culturais do meio, ao mesmo tempo que propunham metas como o preparo de técnicos, a cooperação entre instituições e o emprego de técnicas avançadas para o homem do campo. Assim, no início da década de 1950, havia duas Campanhas em funcionamento: a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes, iniciada em 1947 e a Campanha Nacional de Educação Rural, iniciada em 1952. (SILVA, 2012)

Em janeiro de 1958, foi criada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Silva (2012) assinala um diferencial entre essa e as outras duas campanhas antecedentes. A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo estava subordinada diretamente ao Ministro da Educação, o que lhe conferia mais prestígio, diferente da Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes, subordinada ao Diretor-geral do Departamento Nacional de Educação, e a Campanha Nacional de Educação Rural, dirigida por uma pessoa nomeada pelo Ministro da Educação. As atividades deveriam ser desenvolvidas nas áreas municipais, utilizando os métodos e materiais das outras duas campanhas.

Em 1959, quando os recursos para a campanha aumentaram substancialmente (90 milhões de cruzeiros) e suas atividades se expandiram, foi lançada uma nova programação alfabetizadora por meio do rádio, em convênio com o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA)⁴. Instalou-se em Leopoldina/MG uma emissora de ondas tropicais (rádio SIRENA) sendo adquiridos receptores cativos em número suficiente para a experimentação dos cursos preparados pela CEAA, por meio de escolas radiofônicas com recepção organizada e assistência de monitores treinados. (PAIVA, 1987).

Disponibilizava-se um horário das emissoras para emissões educativas. Esses programas eram acompanhados de material didático, a *Radiocartilha*, elaborada no Rio de

⁴ Em abril de 1957, foi criado o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), anexo à Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes (CEAA), com o objetivo de fomentar a criação de Sistemas Rádio-educativos regionais. (PAIVA, 1987). Sob a liderança de João Ribas da Costa, organizou-se o SIRENA, com emissões educativas gravadas por locutores da Rádio Nacional e distribuídas em discos de acetato às emissoras, muitas delas católicas, que se responsabilizavam pela implantação de escolas radiofônicas. No entanto, embora contadas aos milhares, essas escolas não tinham a recepção organizada, desconhecendo-se sua eficácia. Sabe-se, também, que os programas, pela sua linguagem bastante erudita, não atingiam a população a que se destinavam. O SIRENA publicou a Radiocartilha, impressa em cores, mas considerado o material didático mais fraco do período. (CAMPANHAS, [19_?])

Janeiro e distribuída para todo o país. O Sirena foi inspirado num modelo de base paroquial, criado em 1947, pelo Pe. José Salcedo, em Sutatenza, na Colômbia. Na cidade de Natal/RN, a experiência de alfabetização de adultos por meio do rádio, destinada ao meio rural, e que recebeu o nome de escolas radiofônicas, iniciou-se em setembro de 1958. (PAIVA, 2009).

Em 1961 a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo foi extinta. Para Rocco (1979), tais campanhas eram um só movimento em prol da erradicação do analfabetismo, de cunho federal, tripartido, endereçado às mais diversas áreas, coordenado pelo Ministro da Educação, com recursos federais consignados no orçamento da República.

Citamos os movimentos de educação popular que aconteciam paralelamente às campanhas. De acordo com Silva (2012), antes do golpe militar, foram realizadas diferentes experiências de alfabetização de adultos. Ei-las a seguir: o Movimento de Educação de Base (MEB), a Mobilização Nacional contra o Analfabetismo (MNCA), os Centros Populares de Cultura (CPCs), os Movimentos de Cultura Popular (MCPs) e, posteriormente, em 21 de janeiro de 1964, por meio do Decreto nº. 53.465, foi criado o Plano Nacional de Alfabetização (PNA), que teve como instrumento o método Paulo Freire.

2.1.1 Os movimentos de educação popular

Os movimentos de educação popular surgiram na primeira metade da década de 1960. Eram voltados para a promoção popular, mas prendiam-se às condições políticas e culturais, vividas pelo país naquele momento. Esses movimentos nasceram das preocupações dos intelectuais, políticos e estudantes com a promoção da participação política das massas e do processo de tomada de consciência da problemática brasileira que caracterizou os últimos anos do governo de Juscelino Kubitschek (1902-1976) ⁵. Dentre eles, participaram os liberais, as esquerdas marxistas e os católicos influenciados pelos novos rumos abertos pela reflexão de filósofos cristãos europeus e pelas transformações que se anunciavam na doutrina social da Igreja. (PAIVA, 1987).

⁵ Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) - Médico, nascido na cidade de Diamantina, Estado de Minas Gerais, em 12 de setembro de 1902. Concorreu à presidência da República pela coligação PSD-PTB, tendo como vice João Goulart, e tomou posse em 31 de janeiro de 1956, após grave crise política. Com o fim de seu mandato, elegeu-se senador por Goiás (1962-1964). Após o golpe militar de 1964, teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos. Exilado, retornou ao Brasil em 1967. Faleceu em acidente automobilístico na via Dutra, próximo a Resende, em 22 de agosto de 1976. (OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA, [18-]a, sem paginação)

O objetivo mais amplo destes movimentos, de acordo com Ribeiro (2007), era o de que a população adulta tomasse parte ativa na vida política do país e, para tanto, novos métodos de alfabetização precisavam ser criados.

Para Paiva (1987), esses grupos pretendiam a transformação das estruturas sociais, econômicas e políticas do país, o rompimento dos laços de dependência do Brasil com o exterior e a valorização da cultura autenticamente nacional, a cultura do povo. Almejavam criar a oportunidade de construção de uma sociedade mais justa e mais humana e caracterizaram-se como “voltados para a promoção da cultura popular”, tanto em relação aos seus objetivos políticos quanto à sua metodologia.

Os principais movimentos desse gênero foram os: Centros Populares de Cultura e os Movimentos de Cultura Popular. Além deles, houve também o Movimento de Educação de Base (MEB) e a criação da Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo (MNCA).

Por meio do Decreto nº. 50.370, de 21 de março de 1961, o Presidente Jânio Quadros (1917-1992), “o homem da vassoura”⁶, determinou que o Governo Federal fornecesse recursos para a realização de um Movimento de Educação de Base, por intermédio das emissoras católicas, por meio de convênios com o MEC e outros órgãos da administração federal. Foi assinado um convênio entre o MEC e a CNBB. O Movimento de Educação de Base deveria executar um plano quinquenal (1961-1965), instalando inicialmente 15.000 escolas radiofônicas e expandindo-as nos anos subsequentes. Assim, essas escolas radiofônicas de Natal/RN são citadas como as matrizes que deram origem ao MEB. (SILVA, 2012).

Em seu primeiro ano, o MEB tratou da organização do sistema rádioeducação, concentrando suas atividades no Nordeste. Em 1961, foram abertas 2.687 escolas radiofônicas distribuídas pelos Estados do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe, Bahia e Goiás, atingindo 38.734 alunos. O maior número de escolas concentrava-se nos Estados do Ceará (941) e Rio Grande do Norte (1.083).

⁶ Jânio da Silva Quadros - seu símbolo de campanha era uma vassoura (para varrer a corrupção). (MOTA ; BRAICK, 2005, p.137). Advogado, nascido em Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul, em 25 de janeiro de 1917. Foi eleito presidente da República, com apoio da União Democrática Nacional (UDN), tendo como vice o candidato da oposição João Goulart. Primeiro chefe de Estado a tomar posse em Brasília, em 31 de janeiro de 1961, renunciou ao cargo sete meses depois, abrindo uma grave crise política no país. Candidatou-se ao governo do Estado de São Paulo em 1962, mas foi derrotado. Por ocasião do golpe militar de 1964, teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Retornou à vida pública após a anistia, e em 1982 candidatou-se, sem sucesso, ao governo de São Paulo. Em 1985 elegeu-se Prefeito de São Paulo pelo PTB. Faleceu na cidade de São Paulo, em 16 de fevereiro de 1992. (OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA, [18-] b, sem paginação)

Segundo Silva (2012), o MEB contava com recursos federais repassados pelo MEC e recursos provenientes de convênio com a SUDENE⁷, além de financiamento e doações de entidades nacionais e internacionais.

Segundo Brasil (1971a), as atividades educativas podiam ser classificadas em atividades cooperativas, recreativas e de capacitação e formação. As cooperativas eram em benefício dos participantes do grupo e da comunidade, pela ajuda mútua. As atividades recreativas envolviam as festas folclóricas e os clubes de futebol, entre outros. Nas atividades de Capacitação e Formação, havia ensino de corte e costura, enfermagem, puericultura, etc.

Entre o período que vai do início de 1962 aos primeiros meses de 1963, o Governo Federal lançou dois programas consecutivos, destinados à educação dos adultos: a Mobilização Nacional Contra o Analfabetismo (MNCA) e o Programa de Emergência. O primeiro foi criado alguns dias antes da renúncia do presidente Jânio Quadros, mas não chegou a ser implantado. Foi retomado pelo governo João Goulart (1918-1976)⁸, por meio do Decreto nº. 51. 470, de 22 de maio de 1962, mas novamente não se efetivou.

O Programa de Emergência foi criado pelo Decreto nº. 51. 552, de 26 de setembro de 1962, cujos objetivos se referiam tanto à ampliação e melhoria qualitativa do ensino primário comum quanto à alfabetização da população adulta. Esse programa sobreviveu por apenas seis meses. Tanto a MNCA quanto o Programa de Emergência abrangiam os diversos problemas do

⁷ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criada pela Lei no 3.692, de 15 de dezembro de 1959, foi uma forma de intervenção do Estado no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região. Sua instituição envolveu, antes de mais nada, a definição do espaço que seria compreendido como Nordeste e passaria a ser objeto da ação governamental: os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais. Esse conjunto, equivalente a 18,4% do território nacional, abrigava, em 1980, cerca de 35 milhões de habitantes, o que correspondia a 30% da população brasileira. A criação da Sudene resultou da percepção de que, mesmo com o processo de industrialização, crescia a diferença entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil. Tornava-se necessário, assim, haver uma intervenção direta na região, guiada pelo planejamento, entendido como único caminho para o desenvolvimento. (FGV..., 2017)

⁸ João Belchior Marques Goulart - Advogado, nascido na cidade de São Borja, Estado do Rio Grande do Sul, em 1º de março de 1918. Iniciou sua atividade política no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), tendo sido fundador desta agremiação em São Borja (1946) e presidente do diretório do Rio Grande do Sul (1950-1954). Elegeu-se deputado estadual (1946-1950) e deputado federal (1951), licenciando-se do mandato para assumir a Secretaria do Interior e Justiça do Rio Grande do Sul (1951-1952). Foi deputado federal pelo PTB-RS (1952-1953), ministro do Trabalho, Indústria e Comércio do governo de Getúlio Vargas (1953-1954) e presidente nacional do PTB (1952-1964). Candidatou-se ao Senado em 1954, mas foi derrotado. Foi vice-presidente da República no governo Juscelino Kubitschek e, por força de dispositivo constitucional, presidente do Senado (1956-1961). Em 1960 reelegeu-se vice-presidente, na chapa de oposição ao candidato udenista Jânio Quadros. Com a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, João Goulart, ou Jango, como era conhecido, foi empossado na presidência da República, em 7 de setembro, após a aprovação pelo Congresso da emenda constitucional que instaurou o regime parlamentarista de governo. Em janeiro de 1963, com a realização do plebiscito que decidiu pela volta do regime presidencialista, Goulart assumiu plenamente os poderes de presidente. Deposto pelo golpe militar de 1964, exilou-se no Uruguai. Faleceu no exílio, no município argentino de Mercedes, em 6 de dezembro de 1976, com apenas 58 anos. (OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA, [18-]c, sem paginação).

ensino primário comum, como difusão e melhoria qualitativa e os problemas da educação dos adultos.

2.1.2 O Centro Popular de Cultura e o Movimento de Cultura Popular

O Centro Popular de Cultura (CPC) surgiu em 1961. Estava intimamente ligado à União Nacional dos Estudantes. Esse movimento floresceu em todo o país entre 1962 e início de 1964. Os CPCs multiplicaram-se nas grandes cidades e muitos surgiram no interior, no entanto, sua organização não era unificada. Cada CPC era autônomo em seu funcionamento e em sua organização. O primeiro centro surgiu no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, em Santo André.

Segundo Ribeiro (2007), a base de atuação do CPC da UNE era o teatro de rua, com peças cujos temas tratavam de acontecimentos imediatos em linguagem popular e montadas nos sindicatos, universidades e praças públicas. Paiva (1987) descreve que era uma forma de “teatro-jornal”, em que dois atores iniciavam uma discussão na rua, nas praças e quando o povo, curioso, se achegava, os atores vestiam roupas adequadas e iniciavam a representação.

Essas atividades não se restringiam apenas ao teatro. O próprio CPC da UNE promoveu cursos variados (de teatro, cinema, artes plásticas e filosofia). Realizou o filme “Cinco Vezes Favela” e o documentário “Isto é Brasil”. Promoveu exposições gráficas e fotográficas sobre reforma agrária, remessa de lucros, política externa independente, voto do analfabeto e Petrobrás, em praças públicas e outros pontos de concentração popular. Os diversos CPCs existentes na época uniam-se em torno de um objetivo principal: o de contribuir para o processo de transformação da realidade brasileira, principalmente por meio de uma arte didática de conteúdo político. Mas esse objetivo incomodava os interesses políticos vigentes.

Também se multiplicaram pelo país, em menor escala, os Movimentos de Cultura Popular (MCPs), que tiveram sua origem no município de Recife/Pernambuco, em maio de 1960. Segundo Paiva (1987), também atuavam por meio do teatro da organização de núcleos de cultura popular, do incentivo e da divulgação das artes plásticas e artesanato, do canto, da dança e da música popular. Organizavam cinema, galerias de arte popular e parques, praças e núcleos de cultura, além de atividades voltadas para a alfabetização.

O objetivo, nos Parques de Cultura, era proporcionar melhores condições ao lazer popular, oferecer oportunidades de recreação educativa, enriquecimento cultural, prática de esportes, apreciação crítica do cinema, do teatro e da música. Nas Praças de Cultura, almejavam despertar a comunidade para seus problemas e favorecer seu debate, e nos Núcleos de Cultura

eram organizados como centros de recreação educativa onde não era possível organizar uma Praça de Cultura. Nesses centros promoviam-se atividades direcionadas para:

- educação infantil: jogos, recorte, modelagem;
- educação dos adolescentes: esportes, clubes de literatura, teleclubes, cineclubes;
- educação dos adultos: círculos de cultura e de leitura, clubes de pais, teatro, teleclubes e cineclubes.

Ao contrário dos CPCs, os MCPs tinham a alfabetização e a educação de base como um de seus pilares e, por isso, precisavam de apoio público que garantisse suas atividades. Assim, nesse período, surgiram os Acampamentos.⁹ No município de Natal, capital do Rio Grande do Norte, no ano de 1961, Djalma Maranhão (1915-1971)¹⁰, quando eleito Prefeito do referido município, buscou acatar as sugestões da comunidade em combate ao analfabetismo. O comitê do bairro das Rocas¹¹ sugeriu o aproveitamento de terrenos baldios para que se construíssem galpões onde fossem ministradas as aulas. Durante o dia funcionavam as classes primárias e à noite o curso para adultos.

Havia cursos profissionalizantes e pequenas bibliotecas volantes que circulavam entre os diversos Acampamentos da cidade. Nessa Campanha, houve também uma preocupação com a qualificação dos professores e da equipe de coordenação técnico-pedagógica, por meio da qual se criou um Centro de Formação de Professores. A Campanha buscou também divulgar e revitalizar o folclore local. O movimento dispôs de uma ajuda financeira aos conjuntos natalenses e organizou Praças de Cultura nos bairros, construindo um “Teatrinho do Povo” e uma Galeria de Arte. (SILVA, 2012).

Uma grande influência sobre o movimento educativo foi exercida pelos Movimentos de Cultura Popular, uma vez que

⁹ Um conjunto de 5 pavilhões com cerca de 240 metros quadrados cada, 4 deles destinados a salas de aula e 1 a recreação, construídos com cobertura de palha de coqueiro e piso de barro batido, no mesmo estilo das casas dos moradores do bairro. Em cada Acampamento havia um aviário e uma horta que forneciam os elementos necessários à alimentação oferecida aos alunos. (PAIVA, 1987, p. 239).

¹⁰ Prefeito de Natal por dois mandatos: 1956-1959 e 1961-1964. Para atender à nova demanda da população da capital norte-riograndense, o referido prefeito elaborou diversos programas entre os quais se destacam: o de erradicação do analfabetismo; o programa que focava a industrialização de Natal, que justificou diversas intervenções em seu espaço físico, de incentivo ao turismo; e o programa habitacional. (ALMEIDA, 2006, p.10)

¹¹ Um dos mais antigos bairros da cidade de Natal/RN. O bairro Rocas foi criado pela Lei nº 251/47 de 30 de setembro de 1947, na administração do prefeito Sylvio Piza Pedroza. Lugar de pescadores, a sua ocupação remonta ao século XVIII. A origem desse topônimo advém do atol das Rocas, lugar de pesca dos homens do mar natalense. O bairro Rocas foi berço do único Potiguar até hoje, a chegar à Presidência da República, Café Filho (1954-1955). Este sucedeu Getúlio Vargas até a realização de novas eleições. Seu governo não durou muito, porque ficou doente e teve de ser afastado. (DA HORA, 2009)

O Movimento de Cultura Popular era uma grande “escola aberta de cultura”. O sonho das pessoas do MCP era trazer para as crianças e os adultos dos bairros pobres do Recife, das favelas, das beiras dos rios, tudo o que pudesse ser visto e ouvido de bom e de bonito. [...] Mas não era somente isso. O pessoal do MCP sabia que todas as pessoas, todas as famílias, todas as comunidades e todo o mundo tinha a sua própria cultura. [...] De um lado o MCP queria “levar a cultura ao povo”. Mas, de outro lado, queria “aprender com o povo a sua cultura”. Era tudo o sonho de uma troca. Você ensina e aprende. Os outros aprendem e ensinam. (BRANDÃO, 2005, p. 32-34)

De acordo com Paiva (1987), as maiores contribuições metodológicas para a educação dos adultos foram dadas pelos grupos cristãos. Eles influíram decisivamente sobre o Movimento de Cultura Popular de Pernambuco. A autora cita Paulo Freire (1921-1997)¹², como um importante colaborador do movimento de Pernambuco, em seus dois primeiros anos de funcionamento, que representou uma etapa importante no desenvolvimento das ideias presentes em sua teorização e metodologia. (PAIVA, 1987, p. 240).

2.1.3 O Método Paulo Freire

De acordo com Brandão (2005), Paulo Freire começou a trabalhar com “alfabetização de adultos” no Movimento de Cultura Popular – MCP.

Não era fácil. Vinha gente já quase velhinha, mulheres e homens acostumados com o trabalho no cabo da enxada. Era uma gente para quem um lápis às vezes pesava demais! Nem sabiam como se pegava num lápis para escrever! E também acontecia que todo o material, que havia para ensinar as pessoas adultas a ler e a escrever, estava escrito e desenhado para ensinar as crianças. E foi por isso que Paulo Freire e a sua equipe de educadores começaram a pensar um jeito diferente de ensinar as pessoas [...] (BRANDÃO, 2005, p. 35)

O Método¹³ Paulo Freire para a educação de adultos foi sistematizado em 1962.

¹² Paulo Reglus Neves Freire, pernambucano, nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921. Uma das motivações para a sua elaboração pedagógica partiu de seus estudos sobre a linguagem do povo. Paulo Freire participou do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife; do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, sendo um dos seus fundadores e primeiro diretor. Destaca-se, principalmente, o trabalho realizado em Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1962, onde começaram as primeiras experiências de alfabetização – o Método Paulo Freire. Em 1963, é chamado à Brasília para coordenar, no MEC, a criação do Programa Nacional de Educação. Em 1980 assumiu cargos de docência na PUC – SP e na Unicamp. Entre 1989 e 1991, na gestão de Luiza Erundina (PT), trabalhou como secretário da Educação da Prefeitura de São Paulo. É autor de uma vasta obra traduzida em várias línguas. Dentre os livros mais conhecidos estão *Educação como Prática da Liberdade* e *a Pedagogia do Oprimido*. Paulo Freire morreu em 2 de maio de 1997, em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio. (O GLOBO ON LINE, 2007)

¹³ Do Recife, o professor Paulo Freire e seus companheiros foram para um lugar pequenino, no interior do Rio Grande do Norte, chamado Angicos. Lá, pela primeira vez, eles trabalharam com muita gente um jeito novo de ensinar as pessoas adultas. E esse “jeito” virou um “método” de alfabetizar gente grande, que mais tarde ficou sendo chamado de *Método Paulo Freire*. (BRANDÃO, 2005, p. 35-36).

Quando trabalhou no MCP de Pernambuco, Paulo Freire começou a utilizar duas instituições que foram básicas para o seu método: os Círculos de Cultura e os Centros de Cultura. Chegou à conclusão de que o diálogo seria o único caminho possível para desenvolver no analfabeto uma postura crítica diante da realidade, ajudando-o a perceber o seu papel como sujeito e não como mero objeto. Somente depois da compreensão da cultura como aquisição sistemática da experiência humana, por meio dos debates, iniciava-se, por meio do diálogo, a alfabetização, partindo de situações concretas. (SILVA, 2012).

Brandão (1981) descreve que “círculo de cultura” é uma ideia que substitui a de “turma de alunos” ou a de “sala de aula”. “Círculo”, porque todos estavam à volta de uma equipe de trabalho que não tinha um professor ou um alfabetizador, mas um animador de debates que, como um companheiro alfabetizado, participava de uma atividade comum em que todos se ensinavam e aprendiam. “De Cultura”, porque, muito mais do que o aprendizado individual de “saber ler-e-escrever”, o que o círculo produzia eram modos próprios e novos, solidários, coletivos, de pensar.

O método Paulo Freire possuía 3 etapas: investigação, tematização e problematização.

Na primeira, era realizada uma busca das palavras e temas mais significativos da vida do aluno, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde ele vivia.

A próxima etapa consistia em tematizar, por meio da análise dos significados sociais dos temas e palavras. Para Paulo Freire, alfabetizar não poderia restringir-se aos processos de codificação e decodificação. A discussão tinha o intuito de abrir perspectivas para a análise crítica consciente de problemas locais, regionais e nacionais.

Uma vez identificadas, cada palavra geradora passava a ser estudada através da divisão silábica, semelhantemente ao método tradicional. Cada sílaba se desdobrava em sua respectiva família silábica, com a mudança da vogal. Por exemplo: BA-BE-BI-BO-BU. O passo seguinte era a formação de palavras novas. Usando as famílias silábicas agora conhecidas, o grupo formava palavras novas. E, na última etapa, o professor deveria problematizar, desafiando e inspirando o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada. Por isso, o método de Paulo Freire, foi considerado uma ameaça ao regime que iria tomar o poder em 1964.

2.2 O Movimento Brasileiro de Alfabetização

Em 21 de janeiro de 1964, por meio do Decreto nº. 53. 465, foi criado o **Plano Nacional de Alfabetização (PNA)**, que teve como instrumento o método Paulo Freire.

Prevvia-se a alfabetização de cinco milhões de adultos num prazo de dois anos. Tudo estava sendo preparado para a inauguração oficial do programa, com a abertura de cerca de 300 círculos de cultura nos municípios escolhidos, mas as atividades foram suspensas no dia 2 de abril, sendo o PNA extinto pelo Decreto nº. 53. 886, do dia 14 de abril de 1964, como resultado da mudança de orientação política, decorrente dos acontecimentos de 31 de março do mesmo ano. (RIBEIRO, 2007).

Segundo Silva (2012), em 31 de março de 1964, instalou-se no país uma nova ordem político-administrativa, que viria repercutir também no campo da educação. A legalidade foi rompida por um golpe de Estado perpetrado por membros das sociedades civis e militares. Dessa forma, o Brasil viveu um regime autoritário entre 1964 e 1985.

A alfabetização e educação das massas adultas promovidas por meio desses movimentos apareciam como um perigo para a estabilidade do regime, para a preservação da ordem capitalista, podendo tornar o processo político incontrollável por parte dos tradicionais detentores do poder. Assim, os programas de alfabetização orientados nesse sentido, foram interrompidos pelo golpe militar.

De acordo com Brandão (1981), entre 1964 e 1978, foram raras as experiências de um trabalho realizado junto ao povo, a partir do emprego de práticas pedagógicas de alfabetização. Reprimidos os movimentos de educação popular no Brasil depois de 1964 e, mais ainda, depois de 1968, coube ao próprio governo a iniciativa de desenvolver experiências de alfabetização.

O MOBREAL foi uma das campanhas em prol da alfabetização que aconteceu de 1967 a 1985.

A lei que instituiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização, foi promulgada em 15 de dezembro de 1967 – Lei 5.379 –, que previa, nos termos do artigo 4.º, sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos:

Fica o Poder Executivo autorizado a instituir uma Fundação, sob a denominação de Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL – de duração indeterminada, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, enquanto não for possível a transferência da sede e foro para Brasília. (BRASIL, 1973b, p. 50).

Os programas do MOBREAL, compreendendo cursos de alfabetização e, complementarmente, de educação continuada (integrada), foram precedidos de uma avaliação das prioridades educacionais, sociais e econômicas do País. De acordo com as prioridades estabelecidas, o atendimento do MOBREAL incidiu, inicialmente, sobre a população urbana analfabeta e na faixa etária de 15 a 35 anos. (SUCUPIRA, 1974 *apud* FREITAG, 1977, p. 91).

De início, a programação do MOBRAL seguiu a orientação da Carta de 1958, com planos que derivavam do Plano Complementar¹⁴. As mudanças nos caminhos do programa ocorreram após a desvinculação do programa do Departamento Nacional de Educação - DNE e do lançamento de uma campanha de massa, tornando-se o MOBRAL uma entidade executora. (PAIVA, 1987).

Pedagogicamente, o MOBRAL desenvolveu três programas para atender a população de jovens e adultos: Alfabetização Funcional; Educação Integrada e Desenvolvimento Comunitário.

O Programa de Alfabetização Funcional tinha duração de 5 meses com 2 horas diárias de aula. Um sexto mês era possibilitado aos alfabetizados que não haviam conseguido aproveitamento satisfatório. (SILVA, 2012)

Segundo Brasil (1973a), a alfabetização funcional deveria levar o aluno a adquirir um vocabulário que lhe permitisse um aumento de conhecimentos, compreensão de orientações e ordens transmitidas por escrito e oralmente, à expressão clara de ideias e à comunicação escrita ou oral. Deveria, também, levar ao desenvolvimento do raciocínio e da criatividade, ao conhecimento de seus direitos e deveres, a criar hábitos de trabalho e à melhoria na conservação da saúde.

A influência do processo educacional junto a adultos carentes de escolarização, tendo em vista a mudança de atitudes e hábitos, faz surgir a expressão “educação funcional”, como formação que vai ao encontro das necessidades mais prementes dos elementos do processo. Da educação funcional decorrem as expressões instrução funcional e alfabetização funcional, sempre visando ao maior envolvimento de todos. A leitura e a escrita, elementos básicos da comunicação neste contexto, representam instrumentos de aprimoramento. O indivíduo não seria engajado no processo de escolarização para aprender a ler e escrever; mas esses elementos surgiriam como meios a serem utilizados num processo de transformação de situações próprias ao indivíduo. (ROCCO, 1979, p. 11)

Segundo Silva (2012), na organização das classes, a média de alunos deveria ser de 25 a 30 alunos por sala. O método utilizado nesse programa para a alfabetização definia-se com base na decomposição das palavras geradoras e em técnicas de trabalho de grupo. Esse método

¹⁴ Em 1966, foi elaborado o Plano Complementar ao PNE – Plano Nacional de Educação, apresentado ao Conselho Federal de Educação, o qual se justificava teoricamente, partindo do princípio de que o atual estágio de desenvolvimento em que se encontrava a Nação exigia um maior número de brasileiros com capacidade de expressão e raciocínio integrados no meio físico e social. Este plano preconizava a orientação para o trabalho, a continuidade do processo educativo após a etapa da alfabetização e a importância da educação cívico-democrática como “imperativo do processo de formação da personalidade humana”. Para a população analfabeta entre 10 e 14 e entre 15 e 20, seriam organizados cursos primários intensivos de 3 anos. Aos adultos entre 20 e 30 anos, seriam oferecidos cursos intensivos de alfabetização com 8 meses de duração, seguidos de cursos rápidos de 6 meses para capacitação profissional em nível elementar. Apesar de ter provocado discussões e crises, o Plano Complementar não foi executado. (PAIVA, 1987).

de trabalho, adotado pelo MOBRAL, acontecia a partir do ‘Universo Vocabular do alfabetizando’. As palavras eram escolhidas pelos organizadores do movimento, levando em conta o que o Programa considerava como palavras de grande uso em todo o território nacional: ordem, escola, comida, sapato, tijolo e outras. Eram escolhidas, pois faziam parte do dia a dia das pessoas (educação, alimentação, vestuário, emprego e habilitação) e, em consequência, tornavam-se de fácil utilização (BRASIL, [197-]h). O professor deveria conhecer o vocabulário usado pelos alunos, além de observar como empregavam as palavras que conheciam e como formavam as frases para dizer o que pensavam.

Os professores faziam o controle de frequência dos alunos por meio dos *Boletins de Frequência*, estes remetidos mensalmente ao MOBRAL/CENTRAL, pois a parcela para pagamento da gratificação dos alfabetizadores dependia da remessa destes Boletins em tempo útil.

O curso de Educação Integrada era destinado aos alunos recém-alfabetizados, pois havia um grande número deles que não conseguiam ter acesso às redes de ensino das Secretarias de Educação, municipais ou estaduais. O curso era considerado como Supletivo equivalente às quatro primeiras séries do Ensino de 1º Grau, sendo aprovado em 25/01/73, pelo Parecer nº. 44, do Conselho Federal de Educação.

Um dos objetivos do Curso de Educação Integrada era oferecer aos alunos aprovados no Programa de Alfabetização Funcional a oportunidade de firmar e enriquecer conhecimentos, atitudes e habilidades adquiridas no Programa de Alfabetização, desenvolvendo atividades que promovessem a gradual autonomia do aluno, integrando-o na comunidade, dando-lhe condições de tornar-se elemento produtor e consumidor. (BRASIL, 1973a).

O curso de Educação Integrada possuía a duração de 12 meses, sendo dividido em duas etapas de 6 meses, ou em 3 de 4 meses. Após a avaliação de aprendizagem no processo, expedia-se o certificado de conclusão que era considerado válido para prosseguimento de estudo em cursos supletivos ou em séries regulares do 1º grau, na fase restante, oferecidos pelos sistemas de ensino.

O Programa de Desenvolvimento Comunitário visava à promoção e integração social do aluno recém-alfabetizado, oferecendo-lhe continuidade do processo educacional de modo permanente.

A educação compensatória atenderia às populações carentes através de movimentos de comunidade, constituindo a chamada “educação comunitária” ou “educação social”, que em alguns casos toma ainda a forma de “educação de trabalhadores”. Como “educação suplementar”, a educação de adultos trata do desenvolvimento

cultural, no sentido de enriquecer o meio a que o adulto se destina”. (ROCCO, 1979, p. 10)

O curso possuía a duração de dois meses, em duas horas diárias. Na formação das classes, o número de alunos poderia oscilar entre o mínimo de 20 e o máximo de 30.

Quanto à metodologia, cabia ao animador¹⁵ a adequação das atividades à classe e à realidade de sua comunidade, usando sempre técnicas de trabalho em grupo, realizando, entre outras, atividades artísticas, culturais, sociais e recreativas. Os livros elaborados para o programa abordavam aspectos do desenvolvimento comunitário: levantavam problemas da comunidade e, ao final do programa, deveria ser realizado um plano de ação comunitária que respondesse às necessidades do meio em que vivia.

Também era feito no Programa Desenvolvimento Comunitário o controle de frequência por meio dos Boletins de Frequência. Com a chegada desses ao MOBRAL/CENTRAL é que era feito o envio da parcela para pagamento da gratificação do animador.

A execução dos Programas do MOBRAL era garantida por meio de Convênios celebrados entre o MOBRAL CENTRAL e a Comissão Municipal. Esta era considerada a célula básica do MOBRAL, sendo o agente executivo dos programas do movimento. Espalhadas por todo o Brasil – quase 4.000 (em 1973) –, as comissões municipais mobilizavam analfabetos, alfabetizadores, monitores e animadores, providenciando locais para salas de aula, instalando postos de alfabetização.

O Prefeito era quem deveria deflagrar o movimento de implantação do MOBRAL no município, convocando e presidindo reuniões, bem como a eleição dos que deveriam ocupar os cargos na COMUN. Também agia como incentivador permanente dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão, cedendo, na medida do possível, recursos humanos, financeiros e materiais. Era ainda o Prefeito que, no caso de substituição de membros da Comissão Municipal, aprovava os substitutos indicados por eleição realizada pela própria COMUN. Os cargos ocupados na COMUN eram: o de Presidente; Secretário-Executivo e os Encarregados (das Áreas: Pedagógica, Mobilização, Apoio, Financeira e Supervisão Global).

¹⁵ A palavra ‘animador’ era utilizada pelo método Paulo Freire. Para ele, na etapa da tematização, não havia um professor, mas um animador de debates, em que todos ensinavam e aprendiam. Há a hipótese de que o MOBRAL tenha ‘copiado’ algumas coisas de movimentos anteriores. Nesse caso a palavra animador era direcionada às pessoas que atuavam no Programa Desenvolvimento Comunitário. Às vezes, a palavra animador aparece junto da palavra alfabetizadores, assim, descartamos que animador fosse direcionado ao alfabetizador. Os animadores eram aqueles que movimentavam as pessoas nos diversos cursos do Programa Desenvolvimento Comunitário. Por exemplo: quem dava aulas de artesanato, quem ensinava pinturas, quem articulava as aulas de teatro, cinema, orientações a variados cursos que eram oferecidos.

Segundo Brasil (1973a), na escolha dos membros da COMUN, sempre que possível, para o cargo de Presidente, deveria ser indicado, preferencialmente, um representante da iniciativa privada (empresa, indústria, comércio, etc.) e para Secretário-Executivo, um elemento da Secretaria Municipal da Educação. Um professor com experiência de magistério, dinâmico e com um bom relacionamento pessoal, deveria ocupar o cargo de Encarregado da Área Pedagógica. Para a Área de Mobilização, o encarregado deveria interessar-se pelos trabalhos da comunidade, conhecendo a realidade socioeconômica do município, demonstrando capacidade de liderança para envolvimento dos munícipes no trabalho de integração do MOBRAL. O encarregado de Apoio seria, de preferência, alguém com experiência em controle e estocagem de material como, um membro do comércio local, por exemplo. Para a Área Financeira, o encarregado deveria ser, sempre que possível, um elemento com experiência bancária ou de contabilidade e para o encarregado da Supervisão Global, um professor ou pessoa com formação semelhante e experiência em Educação, com relacionamento humano e, de preferência, formação ou experiência em supervisão.

Segundo Silva (2012), o MOBRAL/CENTRAL operava com as Comissões Municipais (COMUN) por meio de convênios, fornecendo material didático, orientação técnica e verba para a gratificação de alfabetizadores, animadores e supervisores de área e estaduais; fiscalizava os convênios e avaliava os resultados obtidos e desencadeava o fluxo de decisões dentro de uma perspectiva nacional.

Parte dos recursos financeiros do MOBRAL era recebido pela COMUN, por meio de CONVÊNIOS firmados pelo MOBRAL/Central. O valor do convênio variava de município para município, em função do número de alunos. Os recursos que chegavam à COMUN provenientes do MOBRAL/CENTRAL destinavam-se, exclusivamente, à gratificação dos alfabetizadores. A comunidade podia reforçar esses recursos com outras atividades para as despesas necessárias à execução dos programas e, além desses, outros recursos podiam vir das próprias Prefeituras e das empresas locais. (SILVA, 2012)

Souza (2016) afirma que cada Estado era responsável pelo levantamento dos seus recursos. Foram negociadas parcerias com os sindicatos dos contadores e os setores de contabilidade das empresas que facilitavam essa captação. A adesão à campanha de doações foi muito expressiva. Páginas da Revista Veja, de 1970, exemplificam como algumas das estratégias de marketing foram usadas para promover a sensibilização dos setores empresariais (Figura 1).

Figura 1– Estratégia de marketing utilizada pelo Mobral

**EMPRESÁRIO:
ESTA É A FÓRMULA
PARA V. CUMPRIR
COM SUA
RESPONSABILIDADE
JUNTO AO MOBRAL**

E, se você participar junto ao Movimento Brasileiro de Alfabetização, seu país vai ficar mais cedo sem analfabetos. O MOBRAL, apolado pelo Ministério da Fazenda, simplificou a fórmula para V. cumprir com essa fantástica responsabilidade.

AQUI ESTÁ A FÓRMULA PARA VOCÊ TER A CONSCIÊNCIA TRANQUILA.

O Decreto-Lei 1 124 criou uma forma pela qual as pessoas jurídicas podem antecipar o incentivo fiscal ao MOBRAL.

O ônus da pessoa jurídica é mínimo. O que for doado hoje será recuperado do imposto de renda no ano que vem. Note-se bem: a dedução é do próprio imposto de renda, e não apenas do lucro operacional. A empresa doa ao MOBRAL 100 em 1970, e deixa de pagar 100 de imposto de renda em 1971. Mais ainda: essa dedução, que tem como limite 2% do imposto recolhido em 1970, pode ser feita sem prejuízo dos demais incentivos fiscais. Isso significa que a doação ao MOBRAL não diminuirá a possibilidade de a empresa utilizar-se dos outros incentivos relativos à SUDENE, SUDAM, EMBRATUR, SUDENE, REFLORESTAMENTO, EMBRAER, DECRETO-LEI 157, etc. De fato, a empresa só tem um encargo: o de não receber juros sobre as doações antecipadas ao MOBRAL. Esse pequeno ônus, o de deixar de receber juros sobre uma doação que será integralmente recuperada através do imposto de renda, é o mínimo que se espera das empresas em matéria de colaboração com o Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O cálculo do incentivo a ser doado por antecipação ao MOBRAL, nos termos do Decreto-Lei 1 124, é extremamente simples, compondo-se das seguintes etapas:

- 1) Examine sua declaração de imposto de renda (pessoa jurídica) entregue no ano de 1970 (ano base: 1969).
- 2) Some as seguintes linhas do formulário de declaração da pessoa jurídica:
Quadro 26
Item 18: Duodécimos antecipados: Ex.: 540 320,00
Item 23: Total a recolher: Ex.: 1 932 480,00

S O M A	Cr\$ 2 472 800,00
---------	-------------------

- 3) Calcule 2% da soma acima (no exemplo, Cr\$ 49 456,00)
- 4) Deposite essas 2% (no exemplo, Cr\$ 49 456,00) em qualquer agência do Banco do Brasil à ordem do MOB-RAL.

Essa doação será integralmente recuperada do imposto de renda de 1971. Faça sua empresa antecipar o incentivo fiscal ao MOB-RAL.

VOCÊ TAMBÉM É RESPONSÁVEL

Secretaria do Interior — SP
Av. Duque de Caxias, 81
São Paulo.

MOBRAL

INICIATIVA
das revistas
Abril
de apoio ao

Fonte: (SOUZA, 2016, p. 84)

A propaganda tem um tom apelativo. “Convida” o empresariado a cumprir “suas responsabilidades” e deixa claro que as metas do MOB-RAL serão alcançadas, mas que a velocidade com que o Brasil se livrará da vergonha do analfabetismo depende da mobilização das empresas e do envolvimento coletivo. Por isso, para ter a “consciência tranquila”, o

empresário deveria doar ao MOBRAL o valor correspondente até 2% dos seus rendimentos, valor dedutível no recolhimento do Imposto de Renda do ano seguinte. Na própria propaganda, ensinava-se como fazer o cálculo e efetuar a transferência do valor doado. A revista *Veja* não foi a única utilizada pelo MOBRAL para suas campanhas publicitárias. Muitos jornais e revistas da época trazem o MOBRAL como tema.

As Prefeituras podiam participar do Movimento por meio da retirada do Fundo de Participação dos Municípios, que obrigava a aplicação de pelo menos 20% de seu orçamento em Educação e doações diversas.

Outros recursos poderiam ser adicionados aos Programas de Alfabetização e Desenvolvimento Comunitário pelo FEALA (Fundo Especial para Alfabetização). Deveria ser criado em cada município o Fundo Especial para Alfabetização, no qual deveriam participar: 1) verba do próprio município; 2) recursos da comunidade; 3) recursos oriundos do MOBRAL/CENTRAL, mediante convênio e liberados em parcelas. As contribuições da comunidade chegavam por meio das rendas obtidas em quermesses, sorteios e gincanas permitidas por lei. O FEALA ainda recebia doações de pessoas e de empresas locais. (SILVA, 2012).

O MOBRAL teve como desdobramento normal de seus objetivos, a atenção voltada para um Programa Cultural. No programa de atividades culturais do MOBRAL, foram utilizados: a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão veiculando as várias formas de arte e cultura.

Esse programa significava mais um meio de tentar fixar a aprendizagem (evitando o fenômeno natural de regressão) e, também de ampliar o universo cultural do homem brasileiro, pois os alunos do MOBRAL possuíam baixo nível de escolaridade, horizonte cultural restrito e, quase sempre, baixo poder aquisitivo. O programa também se estendia a quem não era aluno do MOBRAL. “Por suas características e amplitude, o programa cultural não estará restrito aos alunos e ex-alunos do MOBRAL, abrindo-se a quantos se interessarem por sua atuação”. (BRASIL, 1973c, p.12).

Dialogando com Sabino (2008), que realizou uma pesquisa referente ao tema em questão, intitulada ‘Alfabetização de jovens e adultos no período militar: o MOBRAL segundo alguns críticos e egressos’, é possível apresentar alguns de seus apontamentos, no que se refere à pedagogia do MOBRAL e ao sistema Paulo Freire. O autor coloca que a Educação para Paulo Freire é conscientização: desvelamento da realidade; estabelecimento de um projeto de transformação da realidade e compromisso histórico de execução desse projeto que deve visar à libertação de todos os homens. Quanto ao MOBRAL, concebeu a Educação como adaptação

e preparação de mão de obra para o mercado de trabalho, visando motivar o alfabetizando a ingressar no projeto desenvolvimentista, facilitando seu ingresso de forma funcional e acelerada, por meio de um treinamento de habilidades adequadas para tal mercado.

É preciso insistir na diferença entre a concepção alfabetizadora do MOBRAL e a exposta na Educação como prática da Liberdade ou na Pedagogia do Oprimido. No entanto, o MOBRAL não hesita em utilizar, extraíndo-as de seu contexto filosófico e político, as técnicas de alfabetização de Paulo Freire. Podemos dizer que o método foi refuncionalizado como prática, não de liberdade, mas de integração ao “modelo brasileiro” ao nível das três instâncias: infraestrutura, sociedade política e sociedade civil. (FREITAG, 1977, p. 93)

Januzzi (1983) afirma que há um grande abismo entre esses dois projetos de alfabetização. As diferenças existentes entre eles produziram um “alfabetizado com características bem diferentes” que, conseqüentemente, desempenhariam papéis díspares na sociedade: de um lado, um sujeito crítico e autor de uma revolução social; do outro lado, um sujeito pronto à subordinação imposta pelo Estado e seus interesses econômicos. Apontam-se as diferenças, porque muitas pessoas ainda mencionam que o MOBRAL utilizou a metodologia do Paulo Freire, porém os procedimentos foram diferentes e, posteriormente, é possível ver como se deu o MOBRAL no município de Araras/SP, verificando por meio dos relatos, as práticas e os modos como os partícipes fizeram acontecer a alfabetização. Teria essa proposta do MOBRAL se efetivado, da maneira relatada acima, na cidade referida?

Neste capítulo, para contextualizar a pesquisa, foi apresentado o que foi o movimento e em que época ele se realizou; foram feitas algumas leituras sobre os movimentos de educação popular e utilizados os documentos de arquivo e os oficiais para explanar o desenvolvimento do MOBRAL no país. Seguindo nesta tese, com o objetivo de produzir dados por meio de 4 professoras, 1 professor e 2 alunas que vivenciaram o MOBRAL em Araras, foi utilizada, como aporte teórico metodológico, a História Oral, que será explanada no capítulo seguinte.

3 APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO

3.1 Uma breve história da História Oral

Na História, o uso do método oral data dos anos 1920 e nasceu com a necessidade de estudar culturas iletradas com extensa tradição oral.

O ano de 1948 é considerado o marco do nascimento da História Oral, também chamada “História Oral Moderna”.

Denominamos de moderna História Oral àquela cujo método consiste na realização de ‘depoimentos’ pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método. (FREITAS, 2006, p.27)

Nesse período, após a Segunda Guerra Mundial, em Nova York, a Universidade de Colúmbia representava uma espécie de vanguarda das atividades culturais institucionalizadas e a cidade capitalizava os acontecimentos decorrentes do fim da guerra. Columbia atuava como centro irradiador de cultura e era sede das rádios e demais meios de comunicação; o jornal The New York Times já era o mais importante e, na mesma quadra da Times Square, onde funcionava o noticioso, situavam-se várias estações de rádio. Exatamente nesse contexto, eram contadas e transmitidas as histórias de pessoas comuns, de vítimas de guerra e de tantos que suportaram as tropas lutando fora do país. Aos poucos, a exclusividade de nomes famosos passou a ser substituída por um rol de histórias cotidianas, que falavam de realidades bem triviais. A repercussão desses casos causava enorme comoção social. Allan Nevins¹⁶, professor da Universidade, organizou um arquivo e oficializou o termo “história oral” que passou a ser indicativo de uma nova postura diante da formulação e difusão das entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2013)

Dessa forma, Allan Nevins foi quem fundou o primeiro grande arquivo de história oral, que resultaria no Oral History Research Office da Columbia University, um programa de história oral composto de quase 8.000 memórias gravadas e cerca de 1.000.000 páginas de transcrição. Esse programa diferenciou-se de experiências anteriores, aos usos precedentes de

¹⁶ Allan Nevins – historiador, nascido em 20 de maio de 1890. Começou a vida como jornalista, mas terminou com uma reputação como um dos historiadores americanos mais populares da época. Embora ele tivesse escrito uma série de livros sobre uma variedade de tópicos, é mais famoso por seu estudo de oito volumes da história da Guerra Civil Americana. Em 1948, inaugurou na Columbia o primeiro programa de História Oral nos E.U.A. Morreu em 5 de março de 1971. (Britannica Concise...2011).

relatos orais em diversos momentos da historiografia – desde Heródoto e Tucídides¹⁷ – pois residiu na possibilidade de registro e na intencionalidade em execução de projetos a partir de depoimentos. (SANTHIAGO, 2009)

Abria-se, assim, uma nova era para o tratamento de documentos feitos no tempo real da vivência das pessoas, por meio de uma combinação com os avanços tecnológicos. O rádio e o gravador foram essenciais para o sucesso da história oral. As novas formas de captação de experiências vividas transmitidas por meios mecânicos facilitaram a democratização das informações, animando o surgimento moderno da história oral, a qual nasceu vinculada à necessidade do registro de experiências que tinham repercussão pública.

As entrevistas tornaram-se populares e, aos poucos, os grupos menos favorecidos começaram a integrar a ordem de prioridades dos pesquisadores. Podemos creditar à história oral um caráter revolucionário devido à descaracterização da “grande história” pela valorização do indivíduo e o seu reenquadramento em contextos capazes de distingui-los, significando outra forma de viver socialmente, ocasionando uma melhoria da autoestima de comunidades que passaram a se ver também como parte da História. (MEIHY; HOLANDA, 2013)

Em sua origem, a história oral teve uma luta importante que a definiu: superar o exclusivismo da história de figuras exemplares. A inscrição de pessoas comuns foi uma etapa significativa e que serviu de ponto de apoio para outra tendência, a história de grupos que, de alguma maneira ficaram à margem do processo de integração social. Assim, a história oral ganhou destaque entre as possibilidades de se pensar registros e estudos de grupos silenciados de diversas maneiras e dos excluídos dos mecanismos de registros da História e demais disciplinas.

Na década de 1960, com o ingresso da História Oral no ambiente acadêmico, as fontes resultantes de entrevistas adquiriram maior confiabilidade, graças à sistematização de pressupostos e procedimentos.

Uma das primeiras experiências com História Oral no Brasil ocorreu no Museu da Imagem e do Som (1971) dedicando-se à preservação da memória cultural brasileira. Outras experiências ocorreram no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina,

¹⁷Estes dois “historiadores” (Heródoto e Tucídides) viveram no século V a.C., ou seja, nos anos 400. O primeiro (Heródoto) viveu e produziu sua obra, aproximadamente, na primeira metade do século (499 a 450 a.C.), sendo voltada para a descrição de outros povos (os bárbaros) em relação aos gregos. Tucídides produziu sua obra na segunda metade do século (450 a 400 a.C.), a qual, ao contrário de seu antecessor, narrava os conflitos de gregos contra gregos, o que podemos ler na obra A Guerra do Peloponeso. (CUNHA, 2007).

Paraná (1972) e na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi implantado um laboratório de História Oral, em 1975.

Em 1975, a História Oral chegou oficialmente no Brasil, com a implementação do Programa de História Oral do CPDOC-FGV¹⁸. Contudo, experiências anteriores e mesmo iniciativas regionais de formação de centros de documentação oral, já evidenciavam a fecundidade do campo.

Segundo Meihy e Holanda (2013), alguns trabalhos seminais de história oral no Brasil são: *Memórias do exílio* (1976) de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos. Esse, um livro, escrito no exílio político, pode ser a certidão de batismo da nossa história oral; *História Oral: teoria e técnica* (1978) de Carlos Henrique P. Corrêa. Combina reflexões de cunho teórico com sugestões da prática; *Balanço metodológico: história oral e história de vida* (1979) da autora Aspásia Camargo, um documento interno de trabalho do CPDOC; *Getúlio: uma história oral* (1986) organizado por Valentina da Rocha Lima, procedeu a estudo pioneiro usando partes de discurso como documento; *Memórias das mulheres do exílio* (1980) por Albertina Oliveira et al., cuja obra estendeu a proposta de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos, produzindo uma versão feminina do mesmo drama e *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva* (1985) de Maria Isaura Pereira de Queiroz, que foi pioneira na sugestão do uso de entrevistas em história de vida, destacando o que mais tarde seria considerado história oral de vida.

O primeiro livro publicado no Brasil, com o propósito de ser um manual, foi “*História Oral: Teoria e Técnica*”, de Carlos Humberto P. Corrêa (Ed. UFSC, 1978), que recolhe a experiência do autor na constituição de fontes orais para o estudo das elites políticas de Santa Catarina. Ao longo dos anos seguintes, inúmeras obras teóricas e temáticas foram publicadas, com a realização de encontros e reuniões de pesquisa, proliferando o número de profissionais interessados nessa proposta.

Na década de 1990, foram realizados alguns encontros dedicados ao debate sobre a História Oral no Brasil, o que contribuiu para sua maior divulgação. No primeiro semestre de

¹⁸ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é a Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas. Criado em 1973, tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas históricas e promover cursos de graduação e pós-graduação. Com o intuito de registrar a história contemporânea brasileira foi iniciado, em 1975, o Programa de História Oral que, desde então, vem recolhendo depoimentos de personalidades que atuaram no cenário nacional. Contando atualmente com mais de 5.000 horas de gravação, correspondentes a quase 1.000 entrevistas. (FGV..., 2017a).

1991, realizou-se o Encontro “História Oral na voz de Paul Thompson”. Esse encontro, que aconteceu no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, foi constituído pelo ‘depoimento’, workshop e seminário com o historiador Paul Thompson.

Outros encontros se sucederam e tornaram-se estímulos importantes na propagação de trabalhos com a História Oral no Brasil, como a discussão ocorrida durante a realização do Congresso América 92, na USP; o Encontro realizado na USP em 1993 e, finalmente, a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994 que, quatro anos depois, fundaria a Revista História Oral, importante publicação para a difusão de pesquisas e propostas. (FREITAS, 2006)

Atualmente, existem muitos centros de pesquisa em História Oral no país. No Sudeste, destacam-se o CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/ FGV), o CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos / USP), o NEHO (Núcleo de Estudos em História Oral / USP), o CMU (Centro de Memória da UNICAMP), o LABHOI (Laboratório de Estudos em História Oral e Imagem / UFF), o GEPHOM – Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória / EACH-USP) e o GHOEM – Grupo de História Oral e Educação Matemática.

Podemos dizer que a História Oral é um recurso que auxilia a constituir e (re)constituir a história. Segundo Freitas (2006), História Oral é um método de pesquisa que, usando a técnica de entrevista e outros procedimentos articulados entre si, registram narrativas da experiência humana. Para Alberti (1989), a História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de acontecimentos ou os testemunharam; conjunturas e visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, movimentos, instituições, grupos sociais e tantos mais, à luz das narrativas de pessoas neles envolvidas.

Garnica (2004) define os Historiadores Oraís como criadores de registros; pessoas que constroem, com o auxílio de seus colaboradores, documentos que são “enunciações em perspectiva”. Documentos cuja função é preservar a voz do entrevistado, que o constituem como sujeito e que nos permite (re)traçar um cenário, um entrecruzamento do quem, do onde, do quando e do porquê.

Os estudiosos, como pesquisadores, transformam-se e transformam aqueles que entrevistam. Assim, é possível concordar com Vilanova (1994), que a subjetividade inerente à fonte oral, que a torna útil, distinta é absolutamente necessária para uma história completa. Neste estudo, a História Oral foi concebida como aporte teórico metodológico que permite a criação de fontes historiográficas. Os fatos relatados vão (re)constituindo as várias versões da história, tornando-se documentos. Desse modo, o trabalho do historiador oral envolve a

(re)constituição de eventos passados, a interpretação da entrevista, ou seja, a antropologia, a análise cultural, a crítica textual e como esses eventos produzem as versões da história. (PORTELLI, 2016)

Garnica (2004) salienta a importância de não se colocar a escrita e oralidade em oposição, mas como possibilidades complementares para a elaboração histórica.

Seguem-se os três gêneros da História Oral:

1. Tradição Oral;
2. História de Vida;
3. História Temática.

Ao definir cada um destes gêneros, tem-se que a tradição oral pode ser definida como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra, como as cantigas de roda, por exemplo, brincadeiras e histórias infantis, além de que ela também pode estar presente nas comunidades iletradas ou tribais e ser identificada e resgatada em sociedades rurais e urbanas e industriais, por meio da História Oral.

Há muito tempo as histórias de vida têm chamado a atenção de pessoas preocupadas em entender a sociedade em seus aspectos íntimos e pessoais. Antes do uso dos gravadores, a história de vida obedecia a uma formulação que já era desviada dos procedimentos tradicionais, valendo-se de cartas, diários, fotografias, ela se posicionava como algo paralelo ao reconhecimento das fontes históricas tradicionais.

A História Oral de Vida define-se como narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. Bastante desenvolvidas nas culturas anglo-saxãs, as histórias de vida se mostraram correlatas à popularidade das biografias, também comuns naqueles círculos. Entre nós, graças à influência da corrente britânica liderada por Paul Thompson, a história oral de vida tem se colocado como uma tendência forte (MEIHY, 2005).

A História de Vida pode ser considerada um relato autobiográfico. Nela é feita a reconstituição do passado, realizada pelo indivíduo, sobre o próprio indivíduo. Centra-se na experiência pessoal de seus entrevistados, valorizando o protagonismo do indivíduo. Caracteriza-se por narrações livres, com perguntas amplas, que abrigam tanto o factualismo e a cronologia do indivíduo quanto as impressões, os sentimentos e projetos do entrevistado. Pode combinar aspectos da intimidade com os do relacionamento social. (SANTHIAGO, 2009)

As Histórias de Vida podem estar vinculadas a um projeto de pesquisa que propõe recolher vários depoimentos ou podem ser exclusivamente biográficas, concentrando-se em um único narrador.

Quanto à História Oral de Vida, pode ser caracterizada de duas formas:

- narrativa biográfica;
- narrativa da experiência.

A narrativa biográfica compreende a reconstituição biográfica da vida de personagens. Depende de encontros continuados, que deem conta dos episódios da vida do narrador. Diz respeito à dimensão temporal do indivíduo, percorrendo todas as suas fases (infância, juventude, idade adulta) e faces (família, trabalho, lazer), privilegiando o roteiro cronológico da vida das pessoas.

A narrativa de experiência consiste de relatos menos detalhados a respeito da vida do narrador. As experiências da história de vida global do indivíduo, atinentes ao tema do projeto de pesquisa em questão, são filtradas, resultando numa história oral de vida com orientação temática.

Meihy (2005) relata que o sujeito primordial dessa espécie de história oral é o colaborador, que tem maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal, sendo necessário dar ao entrevistado espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade e suas condições. Ressalta que a experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial.

Entrevistas temáticas são aquelas que se referem a experiências vividas ou testemunhadas pelos entrevistados. Santhiago (2009) afirma que no caso da história temática, a noção de “testemunho” é premente. As entrevistas têm como objetivo produzir dados e informações úteis para a reconstituição de acontecimentos protagonizados ou testemunhados. Segundo Delgado (2006), podem constituir-se em desdobramentos das narrativas de histórias de vida ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou a uma tese de doutoramento. O segundo caso refere-se a entrevistas que fornecerão elementos, informações, versões e interpretações sobre temas específicos abordados pelas pesquisas, dissertações ou teses.

Assim, o objeto de uma entrevista temática não constitui a trajetória de vida do entrevistado, mas uma parte de sua vida, aquela vinculada ao tema estudado. A narrativa é

solicitada na medida em que possa contribuir para o estudo de determinado tema e, assim, as perguntas que lhe serão dirigidas terão o objetivo de esclarecer e conhecer a atuação, as ideias e a experiência do entrevistado, enquanto marcadas por seu envolvimento com o tema. (ALBERTI, 1989).

Diante do exposto, ressalto que, neste trabalho, foram realizadas entrevistas temáticas, por meio do aporte teórico-metodológico História Oral, a fim de apreender elementos sobre o tema em questão abordado nesta pesquisa.

3.2 As especificidades da História Oral

Acredita-se ser a fonte oral uma fonte viva da qual muitas vezes, nós, pesquisadores, necessitamos além dos documentos escritos. Optar pela História Oral não se trata apenas de optar pela produção de testemunhos, tampouco de colocar como rivais a escrita e a oralidade. Meihy e Holanda (2013) sugerem o termo “testemunho”, ressaltando que o termo “depoimento” carrega uma forte conotação “policial” e pelo fato de se reafirmar o caráter democrático da história oral, não seria justo confundir entrevista com depoimento.

Nesta entrevista, há o encontro de um entrevistador e um entrevistado, que se tornam colaboradores. Digo colaboradores, porque ao realizar os contatos, e mediante o convite para participar da pesquisa, cabe somente ao entrevistado dar o aceite, tornando-se colaborador na pesquisa. Segundo Connelly; Clandinin (1995), quando a investigação focaliza no pensamento, no sentimento, nas vivências e nas ações das pessoas, é importante poder estabelecer relações colaborativas e eticamente comprometidas. A História Oral contribui para que o sujeito produtor de conhecimentos, registre, via relatos de experiências, versões de diferentes personagens históricos que se integram no processo constitutivo da História. Nós, pesquisadores, ao realizar uma entrevista, estamos nos inscrevendo em um processo de registro do passado e de produção de documentos sobre ele. Os relatos das entrevistas tornam-se fontes de imortalidade – documentos/monumentos.

Garnica (2004) assinala como entender a História Oral, assumindo a união da oralidade com a escrita, excluindo uma possível rivalidade entre ambas.

[...] Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re)constituir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores – via de regra negligenciados -, sem desprestigiá-los, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a

importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis[...]. (GARNICA, 2004, p.87)

É possível arrolar algumas das especificidades da História Oral. De acordo com Alberti (1989), a primeira delas é o fato de a história oral apenas poder ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos¹⁹, ocorridos num passado não muito remoto, que a memória dos seres humanos alcance, para poder entrevistar pessoas, seja como atores, seja como testemunhas.

Outra especificidade é o fato de o trabalho com história oral constituir uma produção intencional de documentos históricos. A diferença está em que, com a história oral, em vez de organizar um arquivo com documentos já existentes, após várias etapas e criteriosa avaliação, o documento oral se torna fonte. Quando um entrevistado deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade, elas devem ser tomadas como fatos, e não como “construções” desprovidas de relação com a realidade. Serão fatos, porque são dados recolhidos do entrevistado, os quais não podem ser alterados e nem julgados, sendo inseridos na escrita da História, tornando-se um documento. Antes de tudo, é preciso saber “ouvir contar”: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos. (ALBERTI, 2004)

A entrevista de história oral nos traz a vivacidade do passado, vivendo e/ou revivendo-o pela experiência do entrevistado, ocasionando a história (ou memória) “viva”, como muitos assim preferem denominar. Ela trata da experiência de um sujeito, cuja narrativa traz um colorido ao passado com um valor que nos é caro. Ela revela pedaços do passado e, por meio desse encadeamento realizado pelo contar, o passado se torna presente. A memória é a presença do passado no presente.

Durante o momento em que a história se faz e refaz, ouvindo nossos entrevistados, percebemos que ela está sendo contada em um contínuo, com ingredientes pessoais: emoções, reações observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. Alberti (2004) argumenta que, se quiséssemos fazer um filme reproduzindo passo a passo nossa vida, tal qual ela foi, sem deixar de lado os detalhes, gastaríamos ainda uma vida inteira para assisti-lo; repetir-se-iam, na tela, os anos, os dias, as horas de nossa vida. Ou seja, é impossível assistir ao que se passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. Impossível reproduzir o passado em todos os seus meandros e acontecimentos, tal qual realmente aconteceu.

¹⁹ A Idade Contemporânea tem início em 1789, com a Revolução Francesa e se prolonga até os dias atuais. (HOBSBAWM, 2005).

Há ainda a especificidade resultante da participação direta do historiador na produção do documento oral. Inserem-se nesse quadro os sujeitos da pesquisa, os quais contribuem para os registros históricos. Essa participação direta do pesquisador na produção do documento de história oral permite uma constante avaliação desse documento, ainda durante sua constituição. Não obstante, a produção deliberada do documento de história oral permite recuperar aquilo que não se encontra em documentos de outra natureza, como experiências pessoais, impressões particulares, acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, entre outros.

A objeção mais importante à história oral diz respeito à confiabilidade dos dados materiais para a pesquisa, porque a memória, a subjetividade e os interesses tenderiam a “distorcer” os fatos.

Portelli (2016), porém, questiona como podemos nos assegurar de que distorções igualmente sérias não são encontradas em fontes documentais escritas. Há questionamentos e oposições sobre a objetividade/ subjetividade de um trabalho científico. De que vale o trabalho realizado por meio da história oral se a subjetividade de quem o faz é tão imperante? Sendo assim, não estaria sendo comprometida a objetividade necessária a qualquer trabalho científico?

Alberti (1989) afirma que o trabalho do cientista é também um ato de criação, do qual participa o subjetivismo. A objetividade condiciona-se à competência, à sensibilidade e à honestidade do pesquisador, na crítica interna e externa dos documentos que eleger e a determinação do peso de cada um deles no corpo do seu trabalho. Todo documento é questionável e todo documento escrito ou iconográfico é limitado e subjetivo. Na produção do conhecimento, fatores como a subjetividade e a seletividade são inevitáveis. (FREITAS, 2006)

Assunção (2007) afirma que a subjetividade é uma construção social e histórica. Somos muitas histórias e todas elas representam a história da humanidade.

É sabido que os sujeitos construtores da História da humanidade são muitos, de origens diversas. “[...] o próprio homem, sujeito construtor do processo histórico, é também quem constrói as fontes e os documentos que orientarão e subsidiarão a construção da História na qualidade de saber.” (DELGADO, 2006, p.57). Os sujeitos responsáveis pela construção da História são todos aqueles que deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem.

3.3 A memória como objeto principal dos relatos das entrevistas.

Ouvir as narrativas dos atores que experienciaram o MOBREAL é ter a possibilidade de (re)constituir um pouco da história daquele Movimento sob a perspectiva deles, tendo como objeto principal a memória.

As lembranças dos professores e alunas colaboradores desta pesquisa permitiram caracterizar os cenários do MOBRAL-Araras, apresentando diversas práticas docentes dessa experiência educacional, desconsideradas e até esquecidas durante muito tempo como um território de elaboração da memória histórica. Reconstruir a história pela oralidade permitiu conhecer essa realidade histórica com base na criação de fontes inéditas. A experiência no MOBRAL-Araras foi ressignificada com apoio nas memórias dos professores e alunas, tendo em vista a experiência coletiva que se fez e refez, exprimindo-se a relevância de ouvir seus inéditos relatos.

De acordo com Le Goff (1990), a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete, em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Para Santhiago (2009), rememorar é agir no presente, relendo e interpretando acontecimentos do passado. É lembrar, em um tempo, de um conjunto de experiências anteriores, ocorridas em espaços diversos. Para o autor, a memória não pode ser cronológica, linear e nem exata. Os fatos não são lembrados exatamente como aconteceram, por isso, concebemos os termos construção e reconstrução da história. Consideramos a concepção de memória mais em uma perspectiva histórica. “Lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”. (MONTENEGRO, 2007, p.24).

A História é uma ciência que carrega as marcas do tempo. Esse, por sua vez, é elemento fundamental ao estudo da História. Para Elias (1998), a percepção do tempo exige centros de perspectiva – os seres humanos – capazes de elaborar uma imagem mental em que eventos sucessivos X, Y e Z, estejam presentes em conjunto, embora sejam claramente reconhecidos como não simultâneos.

A percepção de eventos que se produzem “sucedendo-se no tempo” pressupõe, com efeito, existirem no mundo seres que sejam capazes, como os homens, de identificar em sua memória acontecimentos passados, e de construir mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes, ou que estejam em curso. (ELIAS, 1998, p. 33)

Tempo, memória, espaço e História caminham juntos. “Reconhecer a essência de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, hábitos, enfim uma gama de variáveis que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas”. (DELGADO, 2006, p. 36). Para a autora, a singularidade das experiências constitui o substrato da marca de um tempo. Substrato muitas vezes reafirmado pela memória e em outras por ela

sublimado. Aponta que cabe aos produtores do conhecimento histórico, mesmo reconhecendo sua amplitude, reconstruí-lo, narrá-lo e interpretá-lo.

Para Ferreira; Grossi (2007, p. 59), “O passado é uma coisa que se foi para sempre, sendo, portanto, irrecuperável na sua integridade. O que é possível resgatar, para construção de suas fontes, são fragmentos, valiosos pelo que de significação há neles.”

A proposta de Hartog (1997, p. 9) *apud* Garnica; Fernandes; Silva (2011, p. 219) é clara quando afirma que são os diferentes modos de conceber o tempo o fator essencial para determinar um regime de historicidade. Assim, por um lado, se o passado – nosso solo comum, o terreno da tradição – é concebido como alimentando o presente e motivando a seguir, a partir dos modelos exemplares, rumo ao futuro – que é esperado e visto como superando afirmativamente passado e presente –, o regime de historicidade é um. Se, por outro lado, não se tem mais interesse no futuro como objetivo a perseguir, e o passado não é mais visto como um guia rumo ao que quer que seja, vivemos segundo outro regime de historicidade. De outro modo, no novo regime de historicidade “não cabe mais ao passado esclarecer o futuro, mas, ao contrário, cabe ao futuro esclarecer o passado” (HARTOG, 1997, p. 9). Para o autor, esse passado presente não visa preparar o futuro, mas tornar o presente presente a si mesmo, uma vez que a memória é utilizada como um instrumento presentista.

Bosi (2003) assinala que a memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. Assim, a memória parte de um presente ávido pelo passado, em que este “[...] a rigor, é uma alteridade absoluta, que só se torna cognoscível mediante a voz do narrador.” (BOSI, 2003, p.61)

De acordo com Delgado (2006), a memória, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram os tempos de sua vida. “Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos [...]” (BOBBIO, 1997 *apud* DELGADO, 2006, p. 38).

No que diz respeito à nossa pesquisa histórica, a memória dos professores e alunas emergiu como categoria histórica, constituída no cotidiano das relações sociais, aparecendo como sujeitos do ontem, que me provocaram a pensar sobre o hoje, sobre a educação como uma experiência individual e coletiva, constituída nos espaços vividos e marcada pelas imagens socioculturais, que podem contribuir para rememorarmos o MOBREAL história e memória da Educação. Assim, os cenários históricos foram se formando, com o próprio relato inserido no texto, tornando-se a memória um tema social. (GOMES, 2012).

O passado é uma ausência, o passado é uma inexistência que nos assombra, o passado é uma criação do presente, ou de outro modo, o passado é o que dele se diz no presente. O passado é uma composição à qual, no presente, eu procuro atribuir significados para o presente. Indo além: não é a tarefa do historiador é, de modo plausível, inventar vácuos e preenchê-los. É necessário, portanto, para uma tal presentificação, que vários arqueólogos inventem vários vácuos para que as formas cristalizadas que constrói se doem como que num jogo a partir do qual uma presentificação – nunca definitiva, mas talvez mais estável em meio a tantas presentificações – seja composta. Para a prática historiográfica, presentificar ausências ou fazer dialogar passado e presente, a partir do presente, implica arbitrar origens e lançar mão de fontes várias, de diversas naturezas, visando à constituição de narrativas que possam dar conta de conhecer práticas, estratégias, concepções, políticas – pontos de vista – que desconhecíamos, que esquecemos ou negligenciamos. Nossos desconhecimentos, nossos esquecimentos e nossas negligências – faces da ausência – se tornados lembrança e apelo à atenção e à ação – ou seja, se presentificados – podem nos ajudar a redimensionar práticas atuais e gerar interferências significativas no presente, nessa lacuna entre passado e futuro [...]. (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 227-228)

Dessa forma, o passado se presentifica de vários modos, a partir de vários olhares. De acordo com os autores, cabe a nós, pesquisadoras, presentificarmos ausências, trazendo para uma discussão do presente, no presente e sobre o presente, toda uma sorte de descortinamentos criados a partir do diálogo com o passado.

No âmbito da história oral, o que estimula e movimenta a memória é a entrevista. É ela que motiva o entrevistado a tecer seu relato de experiências. O relato é, em essência, oral, mas que tende à escritura.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (FLORES, 1972 *apud* LE GOFF, 1990, p.425)

Para Portelli (1997), a documentação oral torna possível conhecer não apenas o que os/as depoentes fizeram, mas também o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram. De acordo com Delgado (2006), a memória, principal fonte informativa da história oral, contém inúmeras potencialidades que podem, consideravelmente, enriquecer o processo de reconstrução e análise das variáveis constitutivas da dinâmica da História.

A história oral no trabalho com as pessoas tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. “Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores”. (MONTENEGRO, 2007, p.26-27). No caso desta pesquisa, comprovamos

isso quando, ao procurar por vários colaboradores que poderiam contribuir significativamente neste estudo, infelizmente já haviam falecido. Cito, como exemplo, a supervisora do MOBREAL, Dona Zulque, a qual poderia compor esse trabalho com suas memórias. “Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (BOSI, 2003, p. 16).

Outro eixo ligado à memória e que deve ser levado em conta no trabalho com história oral, já citada neste estudo, é a subjetividade, que se encontra em quem fala, em quem pergunta e em quem a interpreta.

Por sermos muitas histórias, hospedamos a humanidade dentro de nós. É o lugar de memória que, com o passar do tempo, vira história, mediante subjetividades que necessitam narrar o vivido para o não esquecimento dele. (FERREIRA; GROSSI, 2007). Os autores ressaltam que a morada do narrador demanda respeito e responsabilidade, por ele ser portador da casa da memória; sem ele, é impossível o legado da inscrição de um acontecimento, o qual permite ao historiador sua interpretação. Ser de memória é aquele que, ao guardar o passado, cuida de seu ethos (morada, casa) como lugar privilegiado da liberdade de expor ou não, vivências. Fins éticos exigem meios éticos. Desejar um relato não quer dizer que se irá obtê-lo. Daí a postura do respeito à individualidade.

A fonte oral proporciona a visão individual/subjetiva dos acontecimentos em um constante diálogo com o sentir de um grupo, seja familiar, local, étnico, ou nacional. Adentramos aqui a relação entre memória individual e memória coletiva. Dizer que a memória é coletiva não significa reduzir a individualidade à coletividade. Significa perceber que o sujeito está inserido na trama da vida coletiva.

A memória é social, mas materializada individualmente; são as pessoas que lembram. A reminiscência referencia-se ao coletivo, seu lugar de produção, mas é particular, sendo extraída e comunicada individualmente por meio da linguagem. (PORTELLI, 1996 *apud* SANTHIAGO, 2009). Cada momento pressupõe um jeito de lembrar. Em diferentes contextos, o passado é suscitado pelo presente. Nos relatos de nossos entrevistados, a memória individual dialoga com a coletiva, socializando na verbalização entre os atores entrevistados e a pesquisadora. A memória individual não deixa de existir, mas está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para converter-se num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva. (LEAL, 2012, p. 3)

A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Considerando a memória individual, temos que ela não está inteiramente isolada e fechada. Segundo Halbwachs (1990), a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente a necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

A memória coletiva está inserida num contexto social distribuída em acontecimentos que, ao se unir, formam uma memória única que depende, não somente de vários atores, como também de objetos e espaços específicos, onde os acontecimentos narrados aconteceram. Cito, como exemplo, os diários dos professores, os quais foram utilizados para auxiliar na rememoração dos relatos dos entrevistados. No contexto dos espaços, foram apontados os lugares em que ocorriam as aulas do MOBRAL, para melhor materialização das lembranças do ocorrido. Nomes e pessoas também foram inquiridos no processo de entrevista. Todos esses elementos que constituem o aspecto da formatação de uma “ideia coletiva” fazem parte da metodologia e construção da memória conjunta, aquela que é chamada de “memória coletiva” por Halbwachs (1990). A coletividade da memória foi elemento constante nas entrevistas realizadas durante este estudo, pois os colaboradores compartilharam suas lembranças por meio da interação e socialização, realizada com a pesquisadora, em que os aportes já mencionados (diários, critério de rede, mostra de documentos) em uma ação conjunta possibilitaram os dados produzidos.

Destaco a contribuição da memória individual e coletiva para conhecimento e (re)interpretação dos acontecimentos educacionais pouco lembrados e/ou nunca investigados.

Considero pertinente, no campo da Educação, a dissertação de Santos (2015) que desenvolveu uma pesquisa em que propôs uma reconstituição da memória educacional do MOBRAL, a partir da análise de documentos legais e institucionais, os quais trazem narrativas de ex-participantes do movimento. A autora concebe a memória como um instrumento social, capaz de fortalecer os sujeitos para relembrar o passado de violações de direitos, refletir o presente e inscrever o futuro.

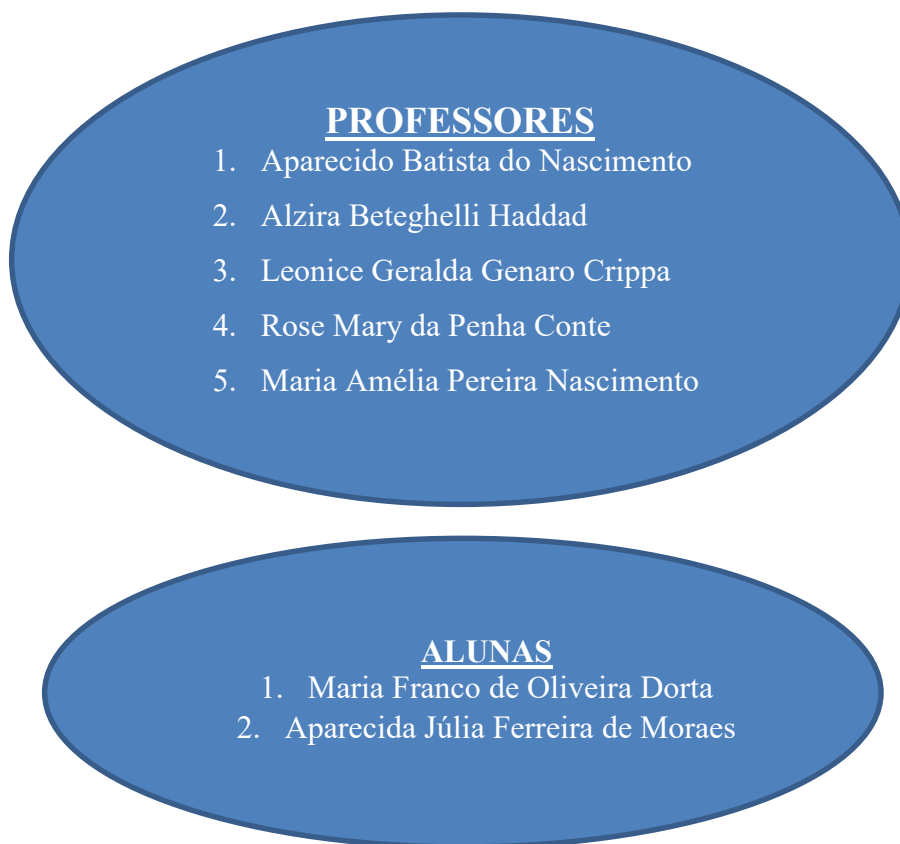
Apoiada em Barbosa (2007, p. 163), ela diz que “é preciso combater o processo de alienação e desconhecimento do passado”, pois a memória atua como uma proposta reparadora de injustiças. Deve haver uma preocupação com a memória de acontecimentos educacionais pouco/ou não investigados, pois “não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente”. (GAGNEBIN, 2004, p. 89). “Assim, uma lembrança assume a dimensão social quando se desvia o eixo de interesse da memória individual para o substrato das relações vividas em um meio que é social, cultural, econômico e político.” (SANTOS, 2015, p. 46). Ressalto que, nesta pesquisa, não procurei “verdades”, mas interpretações, por meio das memórias reveladas nos relatos dos colaboradores e nos documentos que compuseram este estudo.

Estando ciente da presença da subjetividade e de que o ato de rememorar é um ato político, concebi a importância de realizar esta pesquisa, tendo como fontes, além dos documentos escritos, as que advêm por meio da memória. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. (POLLACK, 1992, p.4).

3.4 A escolha dos colaboradores – a partir dessa explanação, estarei colocando em primeira pessoa meu trabalho de entrevistas.

A escolha dos entrevistados deve ser guiada pelos objetivos da pesquisa. Segundo Alves-Mazzotti (2001), o pesquisador escolhe o contexto e os participantes de sua pesquisa em função das questões de interesse do estudo, das condições de acesso e permanência no campo e da disponibilidade dos sujeitos. Nesse sentido, os entrevistados, os colaboradores (Figura 2) foram escolhidos de acordo com os objetivos de produzir dados sobre experiências no MOBRAL. Pessoas atores do Movimento Brasileiro de Alfabetização que, por meio do uso da oralidade, pudessem trazer ao presente acontecimentos passados, vivenciados no movimento. Essa inter-relação de subjetividades, que ocorre entre pesquisador e entrevistados num processo dialógico, é algo privilegiado de construção do conhecimento, em especial em Educação. Nesta pesquisa, realizei 7 entrevistas, com 1 professor, 4 professoras e 2 alunas do MOBRAL.

Figura 2 – Professores e alunas colaboradores dessa pesquisa que participaram do MOBRAL no município de Araras.



Fonte: (Professores escolhidos de acordo com a documentação do Arquivo Morto da Secretaria de Educação do município de Araras e pelo critério de rede).

A partir da primeira reunião com minha orientadora, foi definido um total de 10 entrevistas, sendo 50% com professores e 50% com alunos. Porém, devido à dificuldade de encontrar alunos com disponibilidade para participar, realizei 5 entrevistas com professores e 2 entrevistas com alunos. Justifica-se tal fato pela idade dos colaboradores. Alguns estavam doentes, outros cuidando de algum familiar doente, estando impossibilitados de dispor qualquer tempo que fosse para a gravação da entrevista e aqueles que já haviam morrido. Houve casos também de algumas pessoas que não quiseram conceder a entrevista.

Os professores colaboradores²⁰ foram escolhidos mediante uma consulta nos dados de nossa pesquisa durante o percurso do mestrado. A pesquisa apresenta uma relação com 130 nomes de professores que lecionaram no MOBRAL em Araras e as alunas foram indicadas pela professora Miriam Camargo, nossa colaboradora na dissertação de mestrado. Duas indicações

²⁰ Os professores colaboradores dessa pesquisa autorizaram a publicação desta tese com seus nomes reais. Foram assinadas cartas de cessão para que possamos utilizar a transcrição integralmente, sem restrições de prazos e limites de citações.

feitas pela professora Miriam Camargo foram equivocadas, pois as aulas, de que as alunas disseram ter participado, não correspondiam ao período do MOBRAL.

Durante o processo de entrevistas, o critério de rede também foi utilizado, pelo fato de algum colaborador sugerir nomes de outras pessoas que pudessem agregar à pesquisa, ou até mesmo pela dificuldade de encontrar alunos que participaram do movimento e que ainda estivessem vivos e lúcidos.

3.5 Localizando os colaboradores

Marquei um encontro com a professora Miriam, que lecionou no MOBRAL e fora entrevistada por mim para a dissertação de Mestrado, já referenciada nesta pesquisa. Por meio do levantamento realizado na pesquisa em que constava o nome de todos os professores que lecionaram no MOBRAL, realizamos as marcações na frente dos nomes dos professores, conforme a entrevistada mencionava algo sobre determinados professores, como: endereço de alguns, por exemplo, ou onde trabalhavam atualmente. Quanto às alunas, essas foram citadas pela professora. Miriam analisou todo o levantamento da lista de nomes de professores e apontou os que ela conhecia e que poderiam nos conceder a entrevista. Fiz uma relação com esses nomes de alunos e professores para iniciar uma busca de endereços e telefones, com os quais pudesse estabelecer os meus primeiros contatos com os futuros colaboradores.

As alunas Rosa Dahmen, Aparecida Ferreira, Maria Dorta, Isaura Bonato e Maria Helena Beretta foram apontados por Miriam. Dessas, entrevistei apenas a Dona Maria Dorta. A dona Rosa Dahmen não foi localizada. A ex-aluna Aparecida Ferreira não pôde me conceder a entrevista por estar cuidando da mãe que estava muito doente, entretanto me indicou a dona Júlia, sua cunhada, a qual entrevistei no dia 25 de setembro de 2017. Quanto às alunas Isaura e Maria Helena que estudaram juntas, até cheguei a marcar a entrevista, mas ao chegar à casa de uma delas, conforme fui questionando, percebi que o período ao qual ela se referia, não se tratava do MOBRAL, e sim do Projeto Educar.²¹

Miriam mencionou como professores o senhor Aparecido Batista do Nascimento, Maria Conceição Cardoso Coladetti, Leonice Geralda Genaro Crippa, Maria Amélia Pereira

²¹ Na década de 80, com o fim da ditadura militar, houve então uma abertura para que pudessem surgir novas contribuições para as questões educacionais. A EJA passou por uma nova configuração e buscou novas técnicas e metodologias para trabalhar. O MOBRAL foi substituído pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, a Fundação Educar, que se considerava diferente, mas se baseava em muitos de seus trabalhos. (FONSECA, 2019).

Nascimento e Rose Mary da Penha Conte Delbem. Desses, todos foram entrevistados, exceto dona Maria Conceição Cardoso Coladetti, porque, na época, estava cuidando de alguém da família que se encontrava muito doente. Mas, na intenção de ajudar, dona Maria Coladetti apontou uma professora que lecionava no MOBRAL e que poderia me conceder a entrevista. Esta senhora se chama Alzira Beteguelli e em fevereiro de 2016, dona Alzira foi entrevistada.

3.6 Como foram localizados os documentos escritos

Quando estava realizando minha dissertação de Mestrado, no ano de 2010, dirigi-me até a atual responsável pelo setor da Educação de Jovens e Adultos do município de Araras. Em uma informal entrevista com ela, consegui o nome de uma pessoa importante para esse projeto — Miriam Camargo — atual diretora da Escola Senador Lacerda Vergueiro e que, na época, entre outros afazeres, era alfabetizadora do MOBRAL, em Araras. Posteriormente, num encontro marcado com Miriam Camargo, pude ter acesso a mais informações referentes ao Mobral. Nesse encontro, Miriam citou Olívia Pellegatta, professora que, na época, fora coordenadora do Mobral e Paulo Gomes Barbosa, presidente da Comissão Municipal do MOBRAL, ambos, porém, já falecidos.

Miriam é uma pessoa carismática e com algo em comum comigo — a paixão pela EJA —, e disse ter admiração pelas pessoas que desenvolvem projetos naquela área. Ela foi uma pessoa que muito contribuiu com a pesquisa, mencionando nomes de várias outras pessoas que pudessem trazer informações importantes sobre o tema em questão. Apontou, também, a importância de que eu fosse até a Prefeitura, onde encontraria alguns documentos que poderiam me interessar. Na Secretaria Municipal de Educação de Araras/SP, ao verificar, encontrei duas caixas de documentos do Mobral, no Arquivo Morto da Prefeitura. Nelas havia:

- a) resumo de cada fase dos convênios feita pela Supervisora do MOBRAL de Araras Olívia Pelegatta. Período: 1971 a 1980;
- b) algumas Fichas de controle dos alfabetizadores;
- c) folhas de gratificação dos alfabetizadores do MOBRAL de Araras;
- d) folha de caracterização do agente;
- e) folha de Relação de gratificação para crédito;
- f) pasta de Prestação de Contas da COMUN (Comissão Municipal) do MOBRAL de Araras;
- g) termos de Convênio entre o MOBRAL e a COMUN;
- h) duas Atas dos Trabalhos da Comissão Municipal do MOBRAL;

- i) circulares do MOBRAL à COMUN;
- j) boletim explicativo do MOBRAL às Comissões Municipais;
- k) lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos.

Também foram utilizados:

- Documentos oficiais elaborados pelos organizadores do MOBRAL;
- Livros de Matemática utilizados no MOBRAL;
- Um acervo de jornais da Câmara Municipal de Araras, no período de 1970 a 1980 e uma entrevista com uma ex-alfabetizadora do MOBRAL de Araras.

Os documentos elaborados pelos organizadores do MOBRAL e os livros de Matemática utilizados no MOBRAL foram localizados na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Os livros foram microfilmados e enviados para mim em novembro de 2011. Em janeiro de 2012, mais precisamente dia 12, agendei a utilização de uma máquina no Arquivo Edgard Leuenroth do IFCH, na UNICAMP, para efetuar a leitura do microfilme.

Dentre os documentos oficiais elaborados pelos organizadores do MOBRAL consultamos alguns materiais de orientação: Manual do Alfabetizador, Roteiro de Orientações ao Alfabetizador, Roteiro do Alfabetizador e o Programa de Educação Integrada – livro do professor. Esses livros serviam como um guia de como o professor poderia desenvolver suas aulas. Traziam orientações de como tratar o aluno analfabeto, como lidar com a timidez, aumentando a autoestima e a segurança. Incentivavam atividades diversificadas e em grupos, como entrevistas e leituras coletivas, por exemplo. Em seguida, colocavam passo a passo o planejamento das aulas.

Souza (2016) realizou uma pesquisa intitulada “Alfabetização e Legitimidade: a trajetória do MOBRAL entre os anos de 1970-1980”. Almejando entender os mecanismos, a estrutura da educação oferecida pelo Mobral e seu discurso de legitimidade, a autora foi até o Arquivo Histórico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em Brasília e encontrou um acervo físico do MOBRAL, computando 565 caixas de arquivo.

As sensações por ela descritas assemelham-se às minhas quando me deparei com um acervo extenso e variado tanto no arquivo da Prefeitura do município de Araras quanto na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, quando fui à procura de fontes relacionadas ao MOBRAL. A pergunta era – Por onde começar? O que tais documentos guardavam? Que história poderia se iniciar a partir daqueles dados? Caixas, papéis juntos, papéis soltos, jornais, livros, inúmeros documentos dispostos à minha investigação.

Souza (2016) começou a separar, reunir e transformar em fontes, certos documentos, até que se deparou com uma fonte inusitada, encontrada no acervo do Mobral: um conjunto de aproximadamente 4.000 cartas, que trouxeram para a pesquisa elementos que criaram curvas sinuosas na tarefa de esculpir esse passado.

As correspondências foram produzidas nos quatro cantos do país e arquivadas pelo Mobral-Central, no setor chamado “Centro de Memória”. Os autores dessas cartas são os alunos e professores do Mobral e trazem no seu enredo o cotidiano dessas relações, suas experiências e, muitas vezes, as tensões que os cercavam. Longe de ser uma escrita espontânea ou pautada estritamente na obrigatoriedade, esse conjunto de correspondências revela angústias, desejos, alegrias, tensões, súplicas e, principalmente, um desejo de reciprocidade que indique as respostas para suas questões, as soluções para os problemas narrados, mas especialmente a certeza de que foram percebidos de alguma maneira pelos seus escritos. (SOUZA, 2016)

Neste estudo, inseri algumas canções como composição do trabalho, constituindo-as como documento dentro da pesquisa. Documento, porque trazem consigo uma história e seus significados que adentram o campo da análise. Ressalto que as canções não foram citadas pelos colaboradores, porém as inseridas nesta tese auxiliam na caracterização dos cenários. Esses cenários, criados pelos nossos colaboradores, não se relacionam com o impacto da opressão dos militares, no período da ditadura de 1964, em que acontecia o MOBREAL. Nos relatos das entrevistas, nossos colaboradores não mencionaram a ditadura.

Em uma pesquisa realizada em Fortaleza, no ano de 2012, encontramos alguns relatos de professores relacionados a esse assunto do exercício da docência durante o período militar, em que uma das professoras analisou que a ideia de emancipação e senso crítico é muito recente; além disso, a dureza do regime não alcançou a população que, segundo ela, tinha outras prioridades.

Isso era mais ideológico, acho que de 70 pra frente teve uma coisa mais ideológica. O regime militar não era sentido pelo povo. Senso crítico a gente não tinha não. Só tinha quem militava, os militantes têm a compreensão que se o Brasil não tivesse tomado o rumo democrático teria ficado num ostracismo. Então a luta era também por um estado democrático de direitos. E eu vejo assim, que a população analfabeta não sabia nem onde estava. Não havia um consenso coletivo em relação ao período da ditadura e em relação ao regime militar. Isso era nas classes medias e talvez naqueles militantes que tinham uma militância dentro dos partidos e dos movimentos populares. Eu acho que eles tinham sim, mas o grande público não sabia nem se tinham que ser educados, se tinha que ser alfabetizado. (Prof.^a MARIA CÂNDIDA *apud* GOMEZ, 2012. p.84)

Vejamos outros posicionamentos dentro da mesma pesquisa:

Não, essa coisa que a gente estuda mais teoricamente era coisa dos maiores, dos militantes. Mas não tinha mesmo porque ninguém sabia fazer, porque não tinha fiscalização. Se eu tivesse amadurecimento para fazer uma revolução na minha sala, eu teria feito. (Prof.^a MARIA LÚCIA *apud* GOMEZ, 2012, p.84)

A Prof.^a Maria Clara disse que: “na época não poderia falar porque a gente tinha medo de dizer uma coisa, porque ninguém falava abertamente”. (GOMEZ, 2012, p.84).

Em outra pesquisa realizada em 2017, no município de São João do Jaguaribe/Ceará, uma das professoras, quando questionada sobre sua autonomia em sala de aula, relatou que não sofria pressão, porém o autor analisou que a autonomia relatada pela professora era relativa.

Para as professoras, existia autonomia para desenvolver as atividades, pois “não tinha muita pressão sobre o trabalho” (NEIDELINE LOPES, professora do PAF). No entanto, era uma autonomia relativa, uma vez que se tinha a obrigação de trabalhar o material enviado pelo MOBREAL Central, esvaziando a discussão acerca da política. (ALMEIDA, 2017, p. 86)

Assinalo que essas duas pesquisas citadas acima e mais oito pesquisas fizeram parte das fontes de leitura para compor este estudo. A seguir, detalho como se realizou a busca desses dados e os critérios para a sua escolha.

Cito, também, o diário de campo que se tornou um importante instrumento de dados. Nele, a cada telefonema, cada passo para localizar, agendar e encontrar os colaboradores, eram feitos os registros, a fim de preservar os meandros e pormenores do processo.

3.7 Produção de dados e Análise

Realizei uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, a fim de encontrar pesquisas relacionadas ao tema MOBREAL, e nele há 48 trabalhos, um número consideravelmente ínfimo diante do grau de importância de pesquisas no campo da educação de jovens e adultos. Para ter uma visão das tendências desses trabalhos, foram separados em 3 categorias (Tabela 1):

Tabela 1 – Trabalhos referentes ao MOBREAL disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Memórias	Política/Políticas Públicas	MOBREAL Local Histórias Locais	Outros
2	17	16	13

Fonte: (Catálogo, 2016)

A incidência maior de trabalhos encontra-se nas categorias Política/Políticas Públicas e MOBRAL Local/Histórias Locais. Na categoria “Outros” encontram-se os trabalhos relacionados a modos de organização, História/Programas e representações. Desses citados acima, 11 trabalhos (cinco Teses e seis Dissertações) foram lidos na íntegra para aprofundar leituras referentes ao tema em questão e, em alguns casos, dialogar com trechos desta tese. Realizei a leitura dos resumos desses 48 trabalhos registrados no Banco de Teses e Dissertações da Capes e, para a escolha de quais deles seriam lidos na íntegra, observei o enfoque do resumo e as palavras-chave que tivessem uma temática condizente com minha área de interesse, em que não transparecessem repetições, mas que viessem acrescentar e reforçar alguns dados em um diálogo com este estudo. Assim, dos trabalhos lidos na íntegra, foram citados 6 trabalhos nesta pesquisa (3 Teses e 3 Dissertações)²².

As teses e dissertações lidas na íntegra foram, respectivamente:

DISSERTAÇÕES E TESES	ANO/LOCAL
1. Memórias de Professoras Alfabetizadoras do MOBRAL em Fortaleza (Dissertação)	2012/Fortaleza
2. Alfabetização e legitimidade: a trajetória do MOBRAL entre os anos 1970 e 1980. (Tese)	2016/Recife
3. A memória dos esquecidos: narrativas dos sujeitos partícipes das ações do MOBRAL Cultural no sertão de Alagoas. (Tese)	2018/Maceió
4. Alfabetização de Jovens e adultos no período militar: o MOBRAL segundo alguns críticos e egressos. (Dissertação)	2008/São Paulo
5. “O MOBRAL faz mais do que ensinar a ler e escrever”: manifestações biopolíticas	2015/São João Del-Rei

²² Os trabalhos citados foram: 3 Teses - Alfabetização e legitimidade: a trajetória do MOBRAL entre os anos 1970 e 1980; **Educação de Adultos no Brasil: Políticas de (Des)Legitimação**; Recebi um diploma, realizei um sonho...: a presença feminina na educação de adultos em Januária (Minas Gerais – 1970 – 1990); 3 Dissertações - Memórias de Professoras Alfabetizadoras do MOBRAL em Fortaleza; “O MOBRAL faz mais do que ensinar a ler e escrever”: manifestações biopolíticas para o controle de adultos analfabetos em Varginha-MG (1970-1985); Direito Humano à memória da educação de adultos no Brasil autoritário: documentos legais e narrativas de ex-participantes do MOBRAL (1967-1985).

para o controle de adultos analfabetos em Varginha-MG (1970-1985) (Dissertação)	
6. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL: memórias e práticas pedagógicas no município de São João do Jaguaribe/CE (1972-1979) (Dissertação)	2017/Limoeiro do Norte- CE
7. Direito Humano à memória da educação de adultos no Brasil autoritário: documentos legais e narrativas de ex-participantes do MOBRAL (1967-1985) (Dissertação)	2015/ João Pessoa
8. A alfabetização de jovens e adultos como movimento: um recorte na genealogia do MOVA (Tese)	2009/Porto Alegre
9. As políticas de combate ao analfabetismo no Brasil (Dissertação)	2016/Itajaí-SC
10. Educação de Adultos no Brasil: Políticas de (Des)Legitimação (Tese)	2001/Campinas/SP
11. Recebi um diploma, realizei um sonho...: a presença feminina na educação de adultos em Januária (Minas Gerais – 1970 – 1990) (Tese)	2014/Montes Claros/MG
Figura 3 – Dissertações e teses referentes ao tema MOBRAL Fonte: (CAPES, 2016)	

Para esta tese, realizei uma série de entrevistas em Araras, interior de São Paulo, aliada a consultas a documentos em arquivos e outros supracitados. Um universo de sete entrevistas passou pelas etapas de transformação do discurso oral para o escrito, gerando um núcleo documental.

A condição necessária para integrar o grupo de narradores era ter atuado no MOBRAL, como professor ou aluno, nas décadas de 1960 a 1980.

No que se refere aos procedimentos de produção de dados e análise utilizados nesta pesquisa, sistematizamos em “momentos” de ação. Garnica (2004) afirma que uma regulação desses “momentos” pode ser esboçada em dois níveis: um relativo ao momento de recolher as

informações e histórias de nossos entrevistados e o outro, subsequente, ao tratamento das informações recolhidas.

No primeiro nível, optei por escolher as pessoas que pudessem contribuir significativamente com o tema da pesquisa. Depois de realizados os contatos e aceitos os convites para participação no projeto, realizei entrevistas a partir de um roteiro que, embora previamente elaborado, era aberto o suficiente para aproveitar as várias experiências relatadas por essas pessoas. Utilizei, também, o “critério de rede” quando algum colaborador sugeria a pertinência do relato de outra pessoa, construindo, dessa forma, uma rede de colaboradores.

É necessário deixar registradas as dificuldades encontradas nos caminhos da pesquisa, no que se refere a um estudo que se utiliza de entrevistas. Num trabalho com entrevistas, afloram as expectativas do pesquisador e a frustração recorrente, caso não sejam produzidos os dados desejados. É muito comum em um trabalho com História Oral ouvir dos colaboradores que eles não têm muita coisa para falar e/ou que não se lembram de quase nada. Por isso, um trabalho com entrevistas envolve uma preparação para que a forma como o entrevistador realiza a abordagem com o seu entrevistado possa fazer com que a entrevista tenha fluência.

O ato de entrevistar é uma arte, a arte da escuta, de saber ouvir e de saber questionar. Registro a dificuldade em realizar as entrevistas. Primeiro, por ser a primeira vez que as realizava e, depois, por vários fatores que influenciaram negativamente no êxito da produção de dados. Há uma ansiedade muito marcante na pesquisadora. Essa ansiedade torna a entrevista angustiante. A situação de entrevista não é confortável para aquele que é ansioso. O desejo de virem as respostas exatas e em curto tempo torna o processo não prazeroso, ou seja, a arte da escuta não se concretizou. A questão do tempo também foi um dos fatores de entrave que colaboraram para que a entrevista não decorresse com certa fluência – tanto o tempo de que os entrevistados disponibilizavam quanto o tempo de que a pesquisadora não dispunha. Trabalhar e ao mesmo tempo realizar a pesquisa de doutorado foi muito ‘desgastante’ para mim. Não só física e mentalmente, mas psicologicamente, no sentido de que eu sei que poderia e deveria me doar mais para a tese e, no entanto, não foi possível. Os dias agendados para as entrevistas eram tensos. Tinha que ser tudo muito bem cronometrado, eu não podia ‘perder tempo’. Uma das entrevistas foi mais tensa que as outras no que se refere à questão do tempo.

Ao chegar para realizar a entrevista, a colaboradora desencadeou frases como – “vamos que eu tenho compromisso daqui a pouco”, olhando em seu relógio. Então, a fluência ficou prejudicada nessas situações em que aconteceram de ambas as partes, comprometendo a arte da escuta, porque, para que essa arte aconteça, o tempo é imprescindível. Denominamos de “a escuta atenta”, o pensar reflexivo sobre o que a outra pessoa está relatando. Então, essa

característica presente na pesquisadora de ‘não ouvir’ atrapalhou o processo de fluência da entrevista e, registro isso para que este trabalho contribua de maneira positiva para os que virão a utilizar-se dessa estratégia metodológica em outros semelhantes.

O entrevistador também deve estar preparado para os momentos de silêncio que podem surgir em uma entrevista. Deve realizar um estudo aprofundado sobre o tema e, quando possível, utilizar aportes que os auxiliem nas entrevistas, a fim de lidar melhor com os momentos de silêncio e extrair mais do colaborador na produção dos dados.

O momento pós-entrevista que deve ser reservado para “degustar” a entrevista, registrar alguma informação que passou despercebida, em algumas entrevistas não aconteceu. Havia também uma expectativa de que eles iriam se lembrar de todo o processo da participação de cada um deles no MOBREAL. As frases “Não me recordo”, “Essa eu vou ficar te devendo”, “Não posso responder com precisão”, “Não me lembro”, foram frequentes e causaram uma certa frustração. Talvez, se eu tivesse usado outro tipo de abordagem, pode ser que tivesse conseguido outro resultado. A maneira de abordagem somente com questões aliada à falta de aportes que os ajudassem a rememorar restringiu a possibilidade de rememorar outras coisas. Os colaboradores não tinham nada da época, nenhum documento (cadernos, diplomas, livros, por exemplo) e eu levei apenas os diários de alguns que eu havia conseguido, mas sem sucesso. Mesmo olhando os diários de classe, uma colaboradora relatou que a letra era dela, mas que não se lembrava do que anotara ali.

Assim, nessa pesquisa, por meio das entrevistas, não consegui extrair o que realmente esperava. Os roteiros elaborados não fluíram, porque as respostas vinham sempre pontuais. A diretividade no diálogo com questões direcionadas não propiciou uma narrativa. Os entrevistados se mostravam receosos e tímidos em conceder a entrevista. Alegavam que não se lembravam de quase nada e que não poderiam contribuir com a pesquisa. Como pesquisadora, que precisava do aceite no agendamento das entrevistas, tranquilizava-os dizendo que não precisavam se preocupar porque haviam sido elaboradas algumas questões que iriam ajudar a estimular a memória. Por isso, a opção do roteiro. Este, poderia ajudá-los a resgatarem memórias esquecidas.

Então, fica a ideia de que a pesquisadora não possibilitou acontecer uma narrativa, pois os entrevistados se limitaram a responder somente o que lhes era perguntado. Dessa forma, analiso que foi um erro necessário, pois esse se justifica pela dificuldade de fazer com que as pessoas contem suas experiências e, assim, algumas questões direcionadas ajudaram os colaboradores a recordarem acontecimentos que, sem alguns estímulos, talvez não viessem à

tona. Ao mesmo tempo, reconheço que a minha inexperiência em entrevistar contribuiu para que das entrevistas não tenha recolhido mais dados.

Por exemplo, após a primeira entrevista, uma análise deveria ter sido feita a fim de propor alterações no questionário. O modo como fiz e refiz algumas questões mereciam um repensar. Cito, como exemplo, a entrevista com o senhor Aparecido, em que num determinado trecho ele havia acabado de me relatar que era difícil lecionar no MOBRAL sem experiência e sem material. Em seguida, questionei-o sobre como era a distribuição do material enviado pelo Governo.

Embora dessa questão houvesse uma resposta a mais do que ele já havia me relatado, esse cenário exemplifica que a pesquisadora parecia não aceitar os dados que estavam sendo produzidos. Esse mesmo professor, durante a entrevista, lembrou o ano em que começou a lecionar no MOBRAL, a partir da data do seu casamento, posto como referência. A data do seu casamento ajudou-o a localizar-se temporalmente. Assim, pensei ser uma boa estratégia para aplicar com os outros entrevistados, porém, sem sucesso. Cito outro exemplo, como o fato de os colaboradores não se lembrarem de alguns episódios, datas, de terem jogado fora diplomas, cadernos, documentos que seriam importantes para essa pesquisa e até mesmo de responderem algumas questões cuja resposta não era a esperada por mim.

Quanto ao tratamento dos relatos (segundo nível), depois de realizadas as entrevistas, elaborei um texto escrito a partir dos dados orais produzidos, sendo essa a primeira fase da elaboração textual – a transcrição. Portanto, podemos dizer que a oralidade é um estado transitório na história oral em que sua destinação é a escrita.

Reconheço que existem diferenças entre uma situação (língua falada) e outra (língua escrita). O mais importante na transposição de um discurso para o outro é o sentido que lhe será atribuído, que implica intervenções durante o processo de transição. A incorporação do indizível, do gestual, das emoções e do silêncio, convida à interferência que tenha como fundamento a clareza do texto e sua força expressiva. A grande prova da qualidade do texto final é aquela em que o reconhecimento do texto, obtido pela conferência e pela autorização, determina se o colaborador se identificou ou não com o resultado. (MEIHY; HOLANDA, 2013)

Procurei manter a entrevista tal qual ela sucedeu, a fim de apresentá-la fidedignamente ao narrador e ao leitor, mantendo sua fala, o naturalismo e a espontaneidade, constituindo, enfim, uma versão escrita tal qual aconteceu. Digamos que se trata de um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado. O resultado é um material bruto, muitas vezes extenso, correspondendo ao conteúdo do áudio gravado. (ALBERTI, 1989)

Segundo Alberti (2013), a transcrição deve reproduzir tudo o que foi dito, sem fazer--lhes cortes ou acréscimos. Alguns programas de história oral costumam incluir a participação do entrevistado no processamento da entrevista, fornecendo-lhe uma cópia da transcrição em sua forma final para que a aprove. Outros evitam esse procedimento, a menos que o entrevistado imponha a verificação da entrevista transcrita, como condição para liberar à consulta do público.

Em uma etapa posterior, realizei uma “transcrição limpa”, evitando repetições desnecessárias, a fim de obter um texto mais fluente. Reconheço, no entanto, que a forma como as entrevistas aconteceram, resultou em um material truncado, que não direcionou a uma produção de dados que permitisse a construção de uma narrativa.

Finalizado esse processo da elaboração do documento escrito, voltei aos colaboradores para a conferência, momento em que poderiam propor alterações, mas essas não aconteceram. Finalizada essa fase de negociação acerca da configuração “final” do texto, foi assinada uma carta de cessão de direitos (APÊNDICE A), na qual está explicitado como esse texto poderá ser utilizado. Ficou acordado que, ao término deste trabalho, uma cópia de um CD com a gravação da entrevista será entregue a eles.

Por fim, analisei os relatos produzidos, não como um momento de julgá-los, pois como afirma Garnica (2004), estes, sendo relatos da memória, não podem ser “recortados” – com a função de servirem à exemplificação – ou julgadas verdadeiras ou falsas, boas ou ruins, certas ou erradas.⁰

As análises são, ainda, segundo penso, um momento de pesquisa no qual o pesquisador se presentifica como autor. Muitas vezes os depoentes, ao narrarem suas experiências – que são suas e, portanto, intransferíveis como experiências –, dão ao pesquisador elementos para que este compreenda aspectos de sua realidade até então não pensados, não estudados, não esquadrinhados, não inventariados. Caberá ao pesquisador detectar esses momentos a partir dos significados que atribui ao que o depoente diz, momentos que, ele próprio e seu grupo ou outros pesquisadores, podem levar à frente, encaminhando outras pesquisas e abrindo possibilidades de entender seu entorno. (GARNICA, 2004, p. 96-97)

Sobre os procedimentos com as fontes escritas, revisei as duas caixas que contêm os documentos escritos que consegui no Arquivo Morto da Prefeitura do município de Araras. Algumas prestações de contas, atas, contratos dos convênios realizados, folhas de gratificação, diários, documentos já, citados anteriormente. Para a análise, também olhei para os documentos elaborados pelos organizadores do MOBREAL e os livros de Matemática utilizados no Movimento que encontramos na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Esses últimos, no intuito de visualizar o conteúdo matemático apresentado nos materiais didáticos do

MOBRAL, pois tanto no Programa de Alfabetização Funcional (PAF), quanto no Programa de Educação Integrada (PEI), a Matemática se fazia presente.

Consultei os jornais “Tribuna do Povo” e “Opinião Jornal” que circulavam na época do MOBRAL no município de Araras e utilizei canções que contextualizam algumas situações referidas nesta tese. Assim, a estratégia da triangulação de dados se faz presente durante a análise.

Segundo Mathison (1988), a triangulação é utilizada como uma estratégia para aumentar a validade da avaliação e os resultados da pesquisa e refere-se, simplesmente, à utilização de várias fontes de dados. No entanto, (DENZIN, 1978, *apud* MATHISON, 1988) expande a noção de triangulação de dados para incluir o tempo e espaço, com base no pressuposto de que a compreensão de um fenômeno social requer seu exame sob uma variedade de condições.

A utilização da triangulação como estratégia pode nos trazer três resultados. O primeiro é aquele que inicialmente pode ser o objetivo da triangulação, a convergência. Os dados oriundos de diferentes fontes podem fornecer evidências que resultem em uma única proposição sobre o fenômeno social. Porém, quando várias fontes são empregadas, surge uma série de perspectivas ou dados que podem não confirmar uma única proposição. Pelo contrário, a evidência apresenta proposições contendo inconsistências e ambiguidades. Esse seria o segundo resultado: a inconsistência entre os dados. Não obstante, é possível que os dados sejam não só consistentes, mas também contraditórios. Um terceiro resultado é a contradição. (MATHISON, 1988)

Utilizamos, de fato, não apenas resultados convergentes, mas também inconsistentes e contraditórios em nossos esforços para entender os fenômenos sociais que estudamos. O valor da triangulação não é uma solução tecnológica para um problema de coleta e análise de dados, é como uma técnica que fornece mais e melhores evidências a partir das quais os pesquisadores podem construir proposições significativas sobre o mundo social. O valor da triangulação consiste em fornecer evidências de tal forma que o pesquisador possa construir explicações sobre os fenômenos sociais dos quais elas surgem. (MATHISON, 1988, p.15, tradução nossa)²³

Ressaltamos que a proposta da triangulação de dados em História não implica em convergências e divergências. Mas, ao olhar o que diverge, perguntamos “por que diverge?”.

²³ “We do, in fact, utilize not only convergent findings but also inconsistent and contradictory findings in our efforts to understand the social phenomena that we study. The value of triangulation is not as a technological solution to a data collection and analysis problem, it is as a technique which provides more and better evidence from which researchers can construct meaningful propositions about the social world. The value of triangulation lies in providing evidence such that the researcher can construct explanations of the social phenomena from which they arise.”

Isso nos leva à uma busca histórica por diversos caminhos que não se limitam a categorização do que diverge ou converge, diferente da triangulação de teorias proposta por alguns pesquisadores, que não se relaciona com a proposta dessa tese.

Essa abordagem propiciou uma compreensão do movimento, sua história, as propostas dos organizadores, os relacionamentos contínuos dentro do MOBRAL e uma discussão sobre o que estava posto e o que se efetivou no município de Araras.

Para nortear as entrevistas, elaborei dois questionários: um direcionado aos professores (APÊNDICE B) e outro aos alunos (APÊNDICE C). Embora neles houvesse questões prontas, durante o relato, o colaborador tinha liberdade para conversar e, se o foco fosse perdido, a pesquisadora o retomava com algum questionamento. Na busca de sanar algumas dúvidas que ficaram da primeira entrevista, retornei ao professor Aparecido e à Professora Rose para uma segunda entrevista, para a qual elaborei outro questionário. (APÊNDICE D).

Os roteiros das entrevistas devem conter a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes bibliográficas, em fontes primárias e nas informações recolhidas no primeiro contato com o futuro entrevistado. Constitui instrumento fundamental das atividades subsequentes, além de sistematizar informações, articulando-as com os problemas e questões que motivaram a pesquisa. (DELGADO, 2006, p. 26)

Nesse sentido, propusemos desenvolver uma pesquisa, com o intuito de conhecer, como as práticas aconteceram no MOBRAL-Araras. – O que mudou na vida de algumas pessoas depois de terem participado do Movimento Brasileiro de Alfabetização? Como e por que participaram do MOBRAL? O que se efetivou? O que representou esse período vivenciado no MOBRAL?

Muitas vezes, quando ao usar estratégia da triangulação de dados, seguia para a entrevista, desejando ouvir certas respostas que coincidissem com os documentos escritos. Tal situação deve ser evitada, mesmo porque as fontes orais se tornam documentos que não devem ser julgados como verdadeiros ou falsos, certos ou errados. Aponto o exemplo das palavras geradoras. Quando eu questionava, os professores não se lembravam de nada daquelas que faziam parte do Método de Alfabetização do MOBRAL. Eu queria ouvir que eles se lembravam do método e que haviam trabalhado com seus alunos. Mas as respostas não me levaram ao que estava posto no material. Questionei: — Se eles não alfabetizaram pelo método proposto, como alfabetizaram? Assim, comecei a perceber para aonde a pesquisa estava me levando.

Diante disto, optei por manter na íntegra as entrevistas, como um capítulo da tese, a fim de facilitar o entendimento de todo o processo e também por concebê-las como o principal documento deste trabalho.

Assinalamos que existem várias formas de desenvolver a História Oral em um estudo. Nesta tese, adotamos a História Oral como metodologia. Desta forma, por fazermos uso dela como um aporte teórico metodológico, nos é possibilitado realizar mudanças, porque o método não deve ser uma armadura, ao contrário, tem que ser um aporte que nos possibilite trilhar os caminhos que vão se abrindo na pesquisa. Assim, estando cientes de que não há uma única História Oral e que nesta pesquisa ela se insere como metodologia, justificamos nossa preferência em trazer para a análise alguns recortes dos relatos das entrevistas de nossos colaboradores, visto que há alguns trabalhos que trazem a História Oral nesse molde.

No próximo capítulo, estão os relatos das entrevistas realizadas com os sujeitos históricos que compuseram os cenários do Mobral; a seguir, os procedimentos no que se refere aos meandros para a localização de cada colaborador, agendamentos e efetivações das entrevistas.

Realizei contatos telefônicos, revisando os documentos de arquivos; utilizamos critérios de rede, consultando nossa entrevistada Miriam Camargo, professora que concedeu uma entrevista durante o percurso de mestrado, visando levantar possíveis colaboradores, sujeitos históricos participantes do MOBREAL: Seu Cidinho, Dona Alzira, Nice Crippa, Rose Conte, Amelinha, Dona Maria e Dona Júlia.

3.7.1 Seu Cidinho

Aparecido Batista do Nascimento tem 70 anos e, atualmente, é professor aposentado pela rede municipal. Possui formação em Magistério. Relatou que chegou a inscrever-se para cursar Pedagogia, porém, estava perto de se aposentar e, assim, resolveu não iniciar o curso. Seu Cidinho, como era chamado, lecionou no MOBREAL, aproximadamente em 1979. Não se lembra exatamente, mas possui como referência o ano de seu casamento. Ele se casou em 1980 e lecionou no MOBREAL um ano antes de se casar. Durante o período em que lecionava no MOBREAL também trabalhava na Concessionária Civemasa, no município de Araras. Chegou a trabalhar também no escritório da Usina Santa Lúcia e depois, como professor na Prefeitura da primeira à quarta série.

3.7.2 Dona Alzira

Alzira Beteghelli Haddad tem 74 anos e, atualmente, é professora aposentada. Sua formação acadêmica é Pedagogia e ela atuou no MOBRAL na década de 1970.

3.7.3 Nice Crippa

Leonice Geralda Genaro Crippa tem 67 anos. Possui Graduação em Pedagogia e História e Pós-Graduação em Gestão Escolar pela UNICAMP. Realizou, também, uma Pós-Graduação em Educação Especial em Botucatu. Atualmente, Leonice é professora aposentada. Ela lecionou no MOBRAL de 1980 a 1984.

3.7.4 Rose Conte

Rose Mary da Penha Conte tem 70 anos. Concluiu o Magistério em 1967. Rose possui Licenciatura em Educação Artística e em Pedagogia. Coursou a Pós-Graduação em Cultura Brasileira, Arte e Literatura. A professora exerce, atualmente, a profissão de artista plástica e também é professora particular. Exerceu a função de PEBI, na zona rural. Posteriormente, concursada da Secretaria Municipal de Educação, atuou como Chefe de serviço de Educação na parte administrativa. Concomitantemente, dava aulas à noite para adultos e, a partir de 1987, exerceu cargo de professora universitária de Arte e Arquitetura. Aposentou-se como professora da Secretaria Municipal de Educação em 1993 e como professora universitária em 2007. Atuou no início do MOBRAL, logo que ela se formou no Magistério.

3.7.5 Amelinha

Maria Amélia Pereira Nascimento tem 64 anos. Sua formação acadêmica é a de Letras. Exerceu as funções de Professora eventual, PEBI Efetivo, Coordenadora, Vice-diretora e Supervisora de ensino por substituição. Atualmente está se aposentando no cargo de Diretor de Escola. No MOBRAL, a professora Maria Amélia lecionou no ano de 1974.

3.7.6 Dona Maria

Maria Franco de Oliveira Dorta tem 86 anos e é aposentada. A senhora Maria Dorta foi cortadora de cana, empregada doméstica e costureira dos sitiantes, quando morava na fazenda Santa Cecília. Hoje, ela mora na zona urbana. Chegou a ter um açougue no bairro em que reside atualmente. Mora com dois filhos e é muito debilitada necessitando de um andador para se locomover. Dona Maria não se recorda o ano em que estudou no MOBRAL.

3.7.7 Dona Júlia

Aparecida Júlia Ferreira de Moraes tem 68 anos e, atualmente, é aposentada pelo Fundo Rural, como lavradora na roça. Pessoa simples e sorridente, recebeu-me em sua casa com muita timidez. Não se recordou exatamente o ano em que estudou no MOBRAL, mas acredita ter sido aproximadamente no ano de 1980.

4 CENÁRIOS SOBRE O MOBRAL

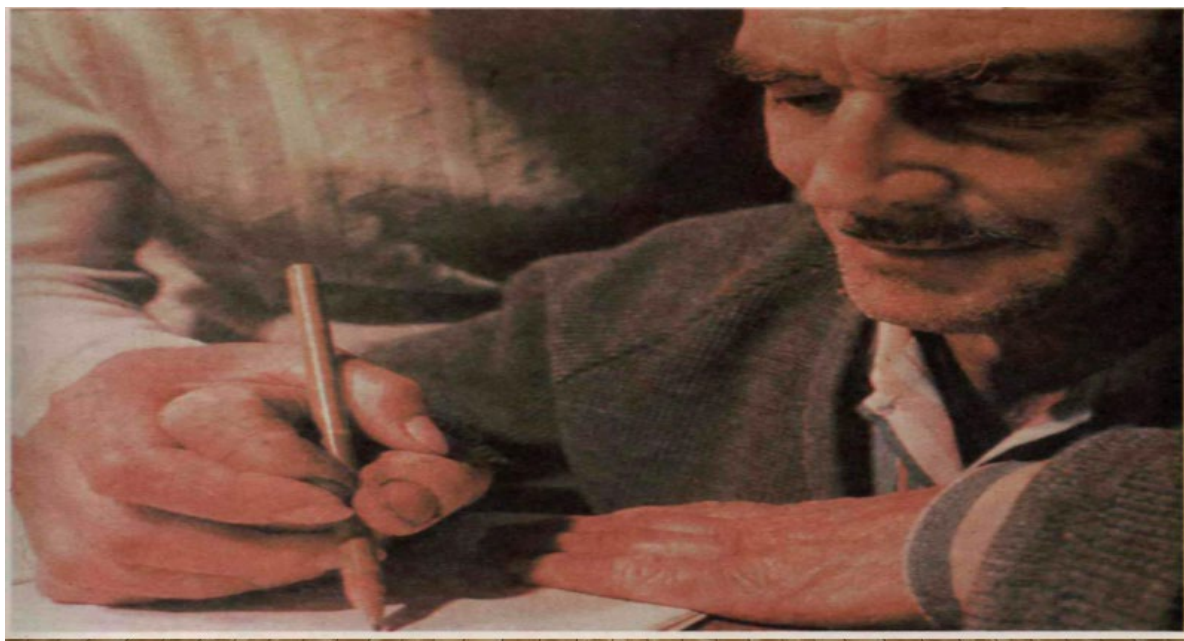


Figura 4 – Fotografia extraída do livro Soletre Mobral e Leila Brasil

Fonte: (BRASIL, [197-] f, sem paginação)



4.1 Primeira Entrevista – Professor Aparecido Batista do Nascimento

No dia 10 de dezembro de 2015, saí à tarde, como de costume, para caminhar. Desta vez minha caminhada tinha um destino certo: encontrar a localização das casas de dois colaboradores: Maria Conceição Coladetti e o professor Aparecido, mais conhecido como seu Cidinho. Com estes, eu já havia conversado há um tempo atrás durante meu percurso no Mestrado. Guardava em minha memória alguns vestígios sobre a localização da casa da professora Maria Conceição, mas não lembrava o local exato. Sabia que se localizava perto da escola Francisco Graziano. Assim depois de duas chamadas incorretas na mesma rua, localizei sua morada. Me apresentei novamente e relembrei à professora sobre o objetivo da minha pesquisa, finalizando com uma solicitação de entrevista. A professora foi muito atenciosa e também aceitou dar a entrevista. Em uma conversa bem informal na calçada de sua casa foi-me contando um pouco de sua vida e dando dicas de outras pessoas que poderiam contribuir nesta pesquisa. Senti um entusiasmo em suas palavras que me emocionaram. Em poucos minutos emergiam lembranças, fatos, riquezas e dores de seu passado. Eu estava apenas com um celular na mão e sem saber se era prudente gravar o que ela

estava narrando sem parar; me vi em uma situação difícil, e, assim os minutos finais daquele encontro foram gravados, sendo estes posteriormente perdidos, pois o celular em que gravei um pouco da conversa, quebrou antes de a pequena gravação ser armazenada. Anotei seu endereço e telefone e, posteriormente quando a procurei, não consegui entrevistá-la. Como já mencionado, a dona Maria Conceição estava com um familiar muito doente que necessitava de seus cuidados, a impossibilitando de me conceder a entrevista.

Naquele dia, perguntei para a dona Conceição onde o Senhor Aparecido morava. Ela informou que era ali perto, descendo a próxima rua, mas não sabia o número da casa dele. Desci a rua São Francisco e, novamente depois de perguntar em algumas casas cheguei em meu destino.

A nossa entrevistada, participante da dissertação de Mestrado, Miriam Camargo, foi quem nos indicou o colaborador senhor Aparecido.

O meu primeiro contato com seu Cidinho, foi feito em 2010 quando, ainda em minha pesquisa de Mestrado, procurava pessoas que haviam trabalhado no Movimento. Como mudou-se o percurso da pesquisa, procurei-o novamente dia 10 de dezembro de 2015 e expliquei as razões de não ter realizado a entrevista durante o Mestrado. Solicitei uma entrevista e a mesma foi marcada para o dia 27 de janeiro de 2016, numa quarta-feira às 13h. Um dia antes, liguei para confirmar a entrevista e a mesma foi adiada para as 10h da manhã porque o Sr. Aparecido tinha uma consulta médica após o almoço. Eu e o técnico da filmagem combinamos de chegar uns 20 minutos mais cedo para montar os equipamentos e definir os lugares mais adequados para a entrevista. Percebi que o fato de o Sr. Aparecido saber que iria ser filmado o deixou um pouco nervoso. Ele estava preocupado de não se recordar dos fatos vivenciados na época. Tranquilei-o dizendo que não era necessário se preocupar, pois as questões o ajudariam a lembrar de algumas coisas.

Ao chegar em sua residência, o encontrei todo arrumado, me parecia ansioso, perguntou-me novamente a finalidade da entrevista. Enquanto o técnico montava os equipamentos, me lembrei que havia esquecido os Diários que possuía do Sr. Aparecido da época em que lecionara no MOBREAL. Fui buscá-los e assim, iniciamos a entrevista às 10h08min. Terminamos às 10h18min57s, tendo a entrevista, a duração de 18min49s. No início da entrevista, o Sr. Aparecido já se mostrava mais a vontade e gostando de ser entrevistado. Percebi que ele se sentiu uma pessoa importante, pois um pedaço de sua vida estava sendo valorizado. No final, quando o agradei, o senhor Aparecido se mostrou grato por ter tido a oportunidade de ser entrevistado, a oportunidade de reviver momentos, os quais ele não imaginava mais reviver daquela forma. Percebi um enorme comprometimento e uma vocação para lecionar marcante

em seu olhar. Ao pegar em suas mãos, novamente, o diário de classe que um dia ele mesmo havia escrito, reler os nomes de alguns alunos na lista de chamada, foi um momento em que ele se expressou sorrindo, talvez querendo me dizer: obrigado, obrigado por me fazer retornar um pouco nesse período do meu passado. E assim terminei minha primeira entrevista. Emocionada, satisfeita, mais que um dever cumprido. O colaborador ofereceu-nos um café, mostrou-se muito satisfeito com os momentos em que recordamos um trecho de sua vida.

A segunda entrevista foi realizada dia 22 de outubro de 2018 as 9h30min. Teve duração de 9min20s57. Terminamos às 9h39min20s57. Esta entrevista teve a finalidade de tentar sanar algumas dúvidas que ficaram e também para complementar com algumas questões que não haviam sido feitas.

Senhor Aparecido, em que época da sua vida você começou a trabalhar no Mobral?

Eu não posso precisar, mas eu creio que foi por volta de 1979, aqui na Escola do Graziano.

Na época eu estava para casar, eu era solteiro... por isso que eu gravei bem o ano, porque no ano seguinte eu me casei, em 80. Então foi em 79, quando eu comecei.

Em quais escolas o senhor trabalhou, na época do Mobral?

No Mobral eu trabalhei apenas em duas escolas: Francisco Graziano, aqui no Jardim Novo Araras, quando eu comecei. E depois, através de um acordo dos Vicentinos da Paróquia do Bom Jesus, foi montada uma classe lá na Vila São Jorge e eu trabalhei na Vila São Jorge. Eu não sei precisar o ano e nem até quando, mas eu trabalhei um tempo no Mobral lá na Vila São Jorge, na capela de Santa Madalena de Canossa.

As escolas em que você trabalhou no Mobral, eram perto de onde você morava?

A escola Francisco Graziano sim, fica aproximadamente a 4 ou 5 quarteirões de casa. Já a Vila São Jorge ficava aproximadamente a uns 8 quilômetros de casa.

Por que você foi lecionar no Mobral?

Porque na verdade, eu tinha me formado e eu trabalhava em contabilidade...que era uma coisa que eu não gostava. Meu negócio foi sempre... ou área de saúde ou educação que eu gostava. E surgiu esse Movimento. Fiquei sabendo desse Movimento do Mobral e eu procurei saber quem é que estava liderando isso. Na época me informaram que era a dona Zulque, a saudosa dona Zulque. Então eu fui conversar com ela, porque eu tinha me formado no

magistério, mas nunca tinha lecionado. E eu tinha que começar de alguma forma. Então fui ver com ela como funcionava isso. Ela me disse que eu tinha que formar uma classe, depois ir numa escola, solicitar a sala e começar por aí. Foi o que eu fiz. Percorri o bairro todo, fazendo pesquisa, procurando adultos que quisessem frequentar e montei uma classe de 50 alunos na época. Tudo senhoras... e tinham entre 19, 20 anos, até 60, 70 anos. Eu tinha alunos nessa faixa etária.

Como eram as suas aulas no Mobral? O material, a dinâmica da aula, a avaliação... como o senhor fazia?

Olha, era difícil. Difícil porque, simplesmente a dona Zulque falou: “Você monta a classe, vai atrás do espaço físico...” no caso o Graziano... mas não tinha material não. Não tinha material, de início, depois forneceram alguns livros... porque você tinha que trabalhar, vamos dizer assim, o essencial. O que era o essencial? A gente procurava fazer com que eles aprendessem a fazer o nome, a ler um bocadinho, para quando recebessem uma correspondência, tomar um ônibus, um endereço... coisas assim. Então, a gente trabalhava quase que... quase não, era individual. Porque pessoas de 40, 50 anos, às vezes já tinham um pouco de conhecimento, pela vida. Então a gente trabalhava naquilo ali. Eu, simplesmente usava o método mais antigo mesmo, entende? Não tinha como. Então, era passar o nome, por exemplo, num papel e a pessoa ir desenhando o nome, até que ela entendesse... e letra por letra, ensinando letra por letra, juntando as letrinhas, né? Aquele método bem antigo, porque não tinha outra maneira... a gente não tinha material. Não tinha mesmo, material nenhum.

Como era a distribuição do material didático enviado pelo governo?

Como eu disse, a gente... eu acho que... no primeiro mês não tinha nada. Seria mais assim... pegar o que eles precisavam. E depois mandou apenas um livro. Mandou um livro que continha todo o conteúdo, que era acho, de 3 ou 4 meses... eu não me recordo. Era só isso. O resto a gente se virava, aí eu tirava xerox. Na época do mimeógrafo... eu mimeografava as folhas, as lições e a gente se virava como podia. Não tinha outro jeito.

Havia alguma orientação de utilização desse material?

Sim. Uma vez por mês a gente se reunia junto com a dona Zulque, que era a nossa coordenadora e ela nos orientava...como usar. E ela fazia visitas semanalmente. Religiosamente ela ia nas salas de aula, via como estava, acompanhava os alunos indo de carteira em carteira, vendo o que tinha sido dado, como estavam... então a gente tinha essa assistência da dona Zulque... muito boa.

Em minhas pesquisas, observei que havia um trabalho com palavras geradoras. Como isso acontecia?

Bom, eu não... como assim, palavras geradoras?

Tinha assim, por exemplo, a palavra tijolo... e aí você ia fazendo a formação...

Eu não sei os outros professores, como trabalhavam. Eu por exemplo, pegava a palavra geradora e ficava trabalhando letra por letra... depois que eles conheciam, tomavam conhecimento das letras, eu formava sílabas, depois das sílabas, as palavras. Então eu fazia com que eles entendessem, que uma palavra é formada de letras e sílabas... para depois formar palavras e depois a gente partir para frases e coisas assim... que é o conjunto de tudo isso.

Como eram os alunos do Mobral?

Era tudo engraçadinho (risos). Porque chegavam senhoras já de idade, elas muito acanhadas... porque elas tinham um conceito de que escola era para criança. E elas se achavam ridículas, frequentando uma sala de aula... no início. Depois elas acabavam gostando, entende? Então, uma convidava a outra e acabava uma convivência assim, muito bacana. Eu tinha alunas, que os filhos frequentavam a faculdade... e diz que era uma luta em casa, porque os filhos sentiam vergonha de a mãe frequentar. E eu tive aluna que deu o nome e os filhos não deixaram frequentar, de vergonha, deles serem já formados... não vou nem citar o nome, porque uma das pessoas é muito conhecida na cidade e não deixou a mãe frequentar. A mãe era analfabeta e ele era um figurão, né? Então...

Quais eram as maiores dificuldades e facilidades desses alunos?

Bom... a facilidade era o interesse que eles tinham... a vontade que eles tinham de aprender e como eles levavam a coisa a sério... essa era a facilidade. Então era fácil trabalhar com eles, nesse sentido. A dificuldade era você tirar os vícios que eles já tinham adquirido durante a vida toda. Então, você falava uma coisa e eles tinham o hábito de falar diferente... e

aí era difícil convencê-los de que eles tinham que mudar o palavreado, eles tinham que mudar o conceito. Isso era a dificuldade. Mas, depois acabava tudo muito bem.

Seus alunos sabiam ler números e lidar com cálculos mentais, quando chegavam no Mobral?

Sim. Então, isso era uma coisa que facilitava muito. Porque eles poderiam não saber ler e escrever, mas conta eles sabiam fazer e números eles conheciam. Tanto é que... eu alfabetizei meu pai. Ele foi meu aluno. Meu pai já tinha 70 e poucos anos quando... assim, foi só para ver como eu dava aula. E no fim acabou gostando e... um dia eu me aprontando para ir e ele com o caderninho também, subimos juntos. Ele acabou gostando e frequentando assiduamente. Só que, quando eu ia ensinar o método da matemática por exemplo, era difícil colocar na cabeça dele os passos... por exemplo, de uma adição. Porque ele tinha um conceito, resolvia qualquer tipo de conta, mas do jeito dele. Então quer dizer, ele calculava... é... por exemplo, queria saber quantos ladrilhos ia numa sala, ele fazia um monte de número, tal e tal e chegava no resultado. E quando a gente ia ensinar o que era correto, a maneira correta, né? Eles ficavam enrolados. Então o difícil era tirar esse vício que eles tinham. Mas matemática eles resolviam tudo, porque conheciam tudo. Já tinham uma vivência nessa coisa.

Como você trabalhava matemática com os seus alunos? Havia... a gente já perguntou sobre o material. Era mais no cotidiano? Como?

A matemática era o que dava menos trabalho, porque quase... eu acho que 99% dos que apareciam, já tinham noção, já sabiam trabalhar, só não sabiam passar no papel. Então era fácil, porque mentalmente eles já sabiam fazer todo tipo de conta. Eu trabalhava mais o dia a dia, dava problemas para eles resolverem... ao mesmo tempo que eles praticavam a grafia, eles também trabalhavam a leitura do problema e a matemática resolvendo o problema.

Como era o preenchimento de caderneta e o sistema de avaliação? Havia conselho de classe?

Não. Por isso que eu dizia, era uma coisa, que parecia que não era assim... tão organizada. Não tinha nada. Chegava no final de 3 meses, a gente fazia a avaliação, a gente mesmo. E a gente dava as notas e passava para a dona Zulque... quer dizer, todos, depois de 3 meses, eram aprovados. Não tinha reprova. Sabendo fazer o nome e ler, pelo menos o nome, eles eram aprovados.

Havia alguma supervisão sobre o seu trabalho em sala de aula? Se sim, como era feito?

Havia uma vez por semana, porque só tinha a dona Zulque, né? Que era a nossa coordenadora. E ela visitava todas as salas...então uma vez por semana ela ia... um dia na semana em cada sala. Então, nesse dia que ela ia, ela ficava o tempo todo ali, acompanhando a aula, ajudando no que ela podia, conversando com os alunos, procurando ver o caderno dos alunos... só tínhamos esse acompanhamento da dona Zulque. Não tinha mais ninguém que fazia.

Em minhas pesquisas, encontrei registros de que em alguns períodos do Mobral, muitos alunos não conseguiram ser aprovados. Por que há registros de um número elevado de alunos reprovados em determinados períodos do Mobral?

Olha, eu acho que no Mobral, para você falar que o Mobral reprovou um aluno... deve ser porque o aluno não frequentou todas as aulas, ou pegou no final... porque não tinha época para entrar, entrava em qualquer hora, em qualquer época. Então, ou ele entrou, ficou uma semana só e não deu para aprender, ou ele faltou muito. Porque caso contrário, não tinha como ser reprovado, porque o que exigia era o mínimo. Não tinha como.

Na sua trajetória houve algum aluno que você teve que reprovar? Por frequência ou por não aprendizagem? Você se lembra?

Que eu me lembre não. Eu lembro de alguns que desistiram, entende? Mas que eu tive que reprovar, que chegou até o final e foi reprovado... eu não lembro de nenhum.

Esses que desistiram você sabe o motivo?

Geralmente era motivo de trabalho, cansaço... Quando eu ia conversar com eles, diziam que trabalhavam até 5 e meia, 6 horas, chegavam do serviço cansados e não tinham disposição de ir para a aula. Outras vezes, não dava tempo de jantar, e o Mobral não oferecia nem merenda, lanche, nada, nada. Então, muitos deles desistiam por causa disso... a maioria era isso.

O que foi importante nessa trajetória do Mobral em sua carreira docente?

Na minha carreira foi o alicerce de tudo. Foi o começo da realização de um sonho que eu tinha, de lecionar, de trabalhar com a educação, com alunos. E aprendi bastante, porque aquela senhorinha lá... embora parecesse que não sabia nada, ela me ensinava muito, eu aprendi muito com ela. Eu acho que foi a base... e tudo aquilo que eu apliquei, que eu aprendi no Mobral, depois, na minha sala de aula com crianças... me serviu muito. Muito, muito, muito.

Qual a sua visão hoje, do Mobral?

Bom, eu não sei. Hoje... como você quer dizer? A minha visão?

Como você pensa? O Mobral foi bom ou não?

Eu acho que foi válido sim. Talvez hoje, se fosse implantado o Mobral hoje, deveria ser completamente diferente. Mas para a época, eu acho que foi muito bom.

Valeu a pena?

Valeu a pena. Muitas senhoras que... já faz tempo que eu não tenho contato, que eu não encontro... mas quando eu encontrava, elogiavam, que pra elas foi maravilhoso, abriu a mente delas para muita coisa. Se sentiam mais valorizadas, melhoravam a auto estima... Foi muito bom sim, foi válido, não tenho dúvida.

Tem alguma coisa, algum fato marcante do MOBREAL, que você se lembra e gostaria de contar?

Fatos assim, marcantes, não tenho para contar. Porque no dia a dia era sempre uma surpresa... uma senhorinha que chegava lá toda sorridente, dizendo que quando chegava a correspondência, ela tinha que pedir para o vizinho ler para quem era e quando ela conseguiu ler, a correspondência era para o filho dela, do marido. Então ela ficou super feliz e veio me contar. Várias, né? Então são essas coisas, do dia a dia, que deixavam a gente contente.

Tem alguma questão que eu não perguntei, que você achava que eu iria questionar? Ou gostaria de falar sobre algum ponto do Mobral?

Não, eu creio que não. Acho que nós abrangemos e demos uma pincelada em tudo o que deveria ser falado.

Eu agradeço a sua atenção.

Eu quem agradeço a oportunidade de poder falar um pouquinho da minha vida.

Obrigada.

4.1.1– Segunda Entrevista com Aparecido Batista do Nascimento.

Obrigada mais uma vez senhor aparecido por me receber, vamos falar sobre algumas questões que deixaram dúvida.

Os seus alunos sabiam ler números e lidar com cálculos mentais quando chegavam no MOBREAL? Essa pergunta eu fiz na nossa primeira entrevista, o senhor me respondeu que era difícil tirar os vícios deles e que na matemática eles resolviam tudo, porque conheciam tudo, já tinham vivência nessa área. O que seria esse tudo? Eles conheciam tudo, o que?

Por exemplo, eles tinham facilidade de somar, embora não soubessem que estavam fazendo uma soma. Eles sabiam acrescentar, sabiam tirar, não sabiam fazer multiplicação, a multiplicação era repetidamente a soma e não sabiam divisão. Mas soma e subtração sabiam fazer, do jeito deles. Quando íamos aplicar o método correto eles tinham dificuldade.

Então essa matemática, esse tudo, se resumia às quatro operações?

Às quatro operações... tudo mesmo, se resumia na adição e subtração.

Como você trabalhava a matemática com os seus alunos? Nessa pergunta, na nossa primeira entrevista, o senhor disse que trabalhava mais o dia a dia, a leitura do problema e a matemática resolvendo o problema. O que seria esse problema? Que tipo de problema?

Os problemas que eu considerava do dia a dia, eram assim, por exemplo, eu pegava o nome de uma aluna, Lúcia, e dizia: “Lúcia foi ao mercado, comprou duas dúzias de tal mercadoria, pagou tanto. Quanto ela recebeu de troco, sendo que ela deu uma nota de tanto?” Era o dia a dia deles, eles sabiam resolver do jeito deles, quando colocava no problema, eles tinham um pouquinho de dificuldade, mas acabavam resolvendo.

Como era feita a escolha de professores para lecionarem no MOBREAL? Havia necessidade de algum diploma para se inscrever para dar aula?

Eu acredito que não havia nenhuma necessidade de diploma, porque no meu caso, eu procurei a dona Zulque... eu era formado, mas ela não me pediu nenhuma documentação. Eu simplesmente falei que era formado, que estava interessado no projeto...ela mandou que eu montasse a classe, arrumou a sala aqui no Graziano e eu passei a dar aula.

O salário era equivalente ao do município ou do estado?

Não. A gente nem recebia salário, recebíamos uma gratificação, que a dona Zulque levava e era dada pela prefeitura. A forma eu não sei, mas era uma gratificação por prestar serviços na escola.

O senhor falou que ela fazia um recibo?

É. A dona Zulque fazia um recibo, mas eu não lembro o teor dele. A gente assinava um recibo.

Esse recibo era por um trabalho exercido como professor?

Não, não constava como professor. Não me lembro bem, mas me parece que constava prestação de serviço na unidade, como faxineiro, limpeza ou qualquer outra coisa assim.

O pagamento era realizado em algum dia específico do mês?

Não. Não tinha dia específico. Fechava o mês e o dia que ela ia visitar a classe, ela levava o dinheiro.

Por que nos registros a porcentagem de alunos reprovados é muito alta? Os alunos reprovavam bastante?

Na verdade, os que ficavam até o fim não. Mas tinha muitos que iam embora, acabavam voltando e ficava esse vai e volta, às vezes nem davam baixa do nome. Iam, passava um mês voltavam, então nessa ida e volta eles acabavam reprovando na época de encerrar o período.

Você tinha que manter o número de alunos em sala?

Sim. Eu não estou bem certo do número necessário, se eram 16 ou menos... não me lembro muito bem. Mas tínhamos que manter um certo número sim.

O senhor chegou a ter que fechar alguma sala?

Sim. Na época, aqui no Graziano, estávamos com duas classes e a dona Zulque achou necessário fechar uma, porque a frequência estava muito baixa. Uma classe foi fechada e eu deixei a outra para a professora Silvia.

Essa ida e volta, na verdade os alunos se ausentavam? Eles não chegavam a dizer que não viriam mais?

Não. Você via que estava faltando, perguntava e eles respondiam: “Não. Ele já foi embora para a Bahia, ficou desempregado e foi embora.” Daí a dois, três meses eles estavam de volta. Nunca vinham falar que não voltariam e para se matricular também não era exigido documento, simplesmente davam os dados de boca.

E nessa ausência deles, quando iam de volta para a terra deles, a orientação que o senhor recebia era para ainda manter?

Sim, para ir mantendo. Porque sabíamos que eles iam voltar, então mantínhamos. Um dia colocávamos presença, outro dia colocávamos falta, mas eles acabavam sempre voltando. Para manter o número...

Para não ter que fechar a classe?

Sim. Para não prejudicar os que ficaram.

O que acontecia quando os alunos desistiam? Na realidade é isso que o senhor falou, vocês mantinham eles com o nome deles lá, porque sabiam que eles iam voltar.

Sim. Eles iam acabar voltando.

Essa pergunta já foi respondida.

Como você trabalhava as operações matemáticas? Os alunos gostavam? Como o senhor trabalhava as operações matemáticas com eles?

A matemática era mais individual, eu fazia cartões individuais porque sabia da dificuldade de cada um deles, então preparava em casa cartões individuais para cada um deles. E passava de carteira em carteira, era uma aula bem individual, não tinha como colocar tudo na lousa. Dificilmente eu usava a lousa na matemática, não dava.

E na correção, o senhor usava ou não? Quando o senhor ia corrigir os exercícios?

Não. Eu corrigia um por um, na carteira com eles.

E eles gostavam, da matemática?

Gostavam. Quando eles pegavam o mecanismo da coisa achavam interessante. No começo eles diziam: “Isso é muito difícil, eu resolvo diferente.” Só que eles faziam um monte

de contas para chegar no mesmo resultado e nós mostrávamos que era possível fazer de uma maneira mais simples, aí eles gostavam.

O MOBRAL foi uma criação da época da ditadura militar, você percebia alguma interferência no seu trabalho?

Não, nenhuma. Eu acho que nenhum dos meus companheiros teve.

Não perceberam?

Não. Não tinha interferência, não percebemos nada.

Muito obrigada pela entrevista, pelas informações que o senhor me concedeu.

Eu espero ter ajudado, e disponha.

Obrigada.

Senhor aparecido, esqueci de fazer uma pergunta, por que o senhor foi lecionar no MOBRAL? Na primeira entrevista o senhor me falou que tinha sido para ganhar experiência, mas porque não poderia ser numa outra escola, numa outra realidade, que também tivesse crianças, onde pudesse dar aulas de primeira à quarta série? Por que o senhor foi lecionar no MOBRAL?

Porque eu tinha acabado de me formar e queria experiência. Se eu fosse pegar uma escola regular, eu teria que prestar concurso, porque a prefeitura não admite ninguém sem concurso nas escolas. Então eu comecei com o MOBRAL, depois sim, prestei concurso e fui efetivado pela prefeitura como professor.

Muito obrigada.



4.2 Segunda Entrevista – Professora Alzira Beteguelli Haddad

A professora Alzira foi indicada por Maria Conceição Coladetti, a mesma que me ajudou a chegar até a casa do seu Cidinho, como uma das professoras do MOBREAL que poderia me conceder uma entrevista. Ela me explicou como chegar até a casa da dona Alzira. Mas, no dia 26 de janeiro de 2016, por meio de uma lista telefônica, encontrei o telefone do irmão dela, Osmar Beteghelli, que a referida professora havia me falado.

Liguei e pedi o telefone da professora Alzira Beteghelli, depois de lhe explicar a finalidade de tal pedido.

Na mesma hora liguei na residência da professora Alzira e expus o meu projeto de pesquisa solicitando uma entrevista com ela. A colaboradora imediatamente aceitou minha solicitação. Apenas me disse que naquela semana não poderia ser entrevistada porque estava com o marido hospitalizado. Assim, lhe falei que ligaria nos próximos dias.

O segundo contato foi realizado dia 01/02/2016 e marcamos a entrevista para 02 de fevereiro de 2016, tendo a duração de 20min52s, com início às 14h.

Ao chegar em sua casa, junto com um técnico de filmagem, a colaboradora mostrou-se muito assustada dizendo que se soubesse que a entrevista seria filmada não teria aceito. Tentei tranquilizá-la, explicando que o motivo da filmagem era apenas para que eu pudesse transcrever a entrevista posteriormente com mais facilidade. Conversei bastante com ela, mas, mesmo assim, ela iniciou a entrevista muito tensa. Disse que não se recordava muito das datas, a mesma preocupação que o outro colaborador Sr. Aparecido também manifestou.

A colaboradora se formou em Pedagogia. Depois do MOBREAL continuou lecionando até 1987 na rede estadual de 1ª a 4ª série. “Eu era professora antes de ser” disse a entrevistada. Alzira Beteguelli conta que alfabetizou a irmã quando tinha apenas 5 anos. A professora residia na Fazenda Cascata e contou-nos que em algumas tardes, os colonos da redondeza, iam em sua casa para que ela os alfabetizassem. Ela conta essa história com muito gosto, tentando demonstrar o quanto era apaixonada pela vocação de ensinar.

Alzira se mostrou muito ativa e ao final da entrevista se sentiu tão bem por ter relembrado seu passado que não nos deixou sair sem antes tomarmos um café fresco.

Boa tarde!

Boa tarde!

Em que época da vida você começou a trabalhar no Mobral?

Antes de trabalhar no Mobral, antes mesmo de me formar, eu já trabalhava com educação de adultos. No Mobral, eu comecei a trabalhar, em fins da década de 60 e início da década de 70. Lecionei por vários anos.

Você já era casada?

Já. Não, não era casada. Mas eu trabalhava em São Paulo e não era muito fácil, porque eu chegava de São Paulo mais ou menos às quatro horas, almoçava e descansava um pouquinho. Às seis e meia eu saía para a escola. Dava a minha aula até as dez horas. Às dez e meia estava em casa, para no outro dia, às três da manhã estar acordada outra vez. Mas foi muito gratificante.

Em quais escolas e por quanto tempo você trabalhou no Mobral?

Eu trabalhei no Mobral praticamente desde o início dele aqui em Araras e foi até o ano de 74, 75. Trabalhei em várias escolas, inclusive na zona rural. A prefeitura cedia uma condução para nós, era uma Kombi. Éramos em quatro, uma ficava em Elíoh Ruth, uma ficava na Santa Cruz e duas seguiam para a Fazenda Araras, onde eu também ia. Lá foi uma das melhores classes que eu já tive, porque a prefeitura nos cedia a condução e os patrões das cidades, das fazendas circunvizinhas, ofereciam também caminhões para trazer os alunos de outras fazendas. Assim, nós não dávamos aula só para os alunos da Fazenda Araras... vinham do Morro Azul e dos lugares próximos dali. Então, o aluno vinha com aquela vontade ferrenha de aprender. Inclusive um, o sonho dele era tirar carta de motorista... primeiro de tratorista, depois de motorista. E conseguiu. Isso para nós, era vitória.

As escolas que você trabalhou no Mobral, eram perto de onde você morava?

Esta que eu acabei de dizer, que era na Fazenda Araras, não era perto não...mais ou menos uns 15 quilômetros, mas nós tínhamos a condução. Eu trabalhei também aqui, no Jardim São João, que ficava a um quilômetro e meio de casa, aí era fácil. Eu gostaria de mencionar aqui o trabalho da dona Zulque, que na época era nossa coordenadora, uma pessoa maravilhosa. Ela nos dava todo apoio e o marido dela, o maestro Pelegata, é que levava a dona Zulque nas salas de aula, nas escolas. E sempre ele entrava para assistir um pouquinho das nossas aulas e

conversar com os alunos. Então eu tenho uma lembrança muito boa da dona Zulque e do seu Alfredo Pelegata. Isso eu gostaria de deixar registrado.

Porque você foi lecionar no Mobral?

Eu sempre gostei de lecionar, de ensinar. Eu alfabetizei uma das minhas irmãs, aos 5 anos. Então aos 5 anos, a minha irmã Marlene já lia livrinhos de história. Eu sempre gostei de ensinar, isso é um dom, não é? E eu, se voltasse no tempo e pudesse escolher uma profissão, seria a mesma.

Como eram as suas aulas no Mobral? A dinâmica, o material, a avaliação, o que ensinava primeiro?

Quanto ao material, o Mobral sempre forneceu. Nós tínhamos todo o material que precisávamos. Com isso, a gente nunca se preocupou. Agora, eu trabalhava muito com a realidade deles: o salário, o aluguel...eu trabalhava muito com arroba. Então, a gente trabalhava de acordo com a realidade deles. Aí se baseava a matemática, era mais a vivência dos alunos.

Como era a distribuição do material didático enviado pelo governo? Havia alguma orientação de utilização desse material?

A dona Zulque tinha o controle do número de alunos que cada professora tinha em sala de aula. Então, de acordo com o número de alunos, era distribuído o material e ela nos levava esse material nas escolas.

Mas esse material que eu estou falando, é o material que o governo enviava para vocês ensinarem. Havia?

Não, aí não. Nós tínhamos o quadro negro e o giz, ele mandava os cadernos e livros. Agora, material para trabalhar, naquela época era o quadro negro e giz, não é?

E livros didáticos para vocês?

Não. Nós tínhamos o livro para os alunos. Nós não tínhamos o nosso livro didático, a gente acompanhava os livros dos alunos.

Em minhas pesquisas, observei que havia um trabalho com palavras geradoras. Como isso acontecia?

Como assim?

Por exemplo, o tijolo.

Ah sim.

Aí eles iam trabalhando a partir...

Aí a gente trabalhava sílaba por sílaba, com todas as vogais. É isso aí que você quer saber?

Sim.

Então: Tijolo, ta, te, ti, to, tu, é isso mesmo. Eu fazia também, como eu fazia na minha classe de alfabetização de crianças, eu fazia fichas com sílabas e distribuía. Eles formavam as palavras, e gostavam de formar palavras com as sílabas. Isso era muito interessante. Eles gostavam também de serem chamados à lousa, era uma festa para eles. Na Fazenda Araras, havia um aluno que tocava violão muito bem. Então, toda sexta feira a gente fazia uma reuniãozinha. Eu levava um lanchinho para eles e meia hora antes de terminar a aula, a gente cantava um pouco. Isso era uma festa.

Como eram os alunos do Mobral?

Maravilhosos. Eu tinha alunos desde 15 anos até 50 anos. Eles estavam ali por necessidade mesmo. Iam para aprender. Tinham um respeito muito grande pela professora: “dona Alzira”, me chamavam de senhora... e o respeito era recíproco, lógico. E até a dona da Fazenda Araras, no final do ano, ofereceu um churrasco para os alunos.

Foi a coisa mais bonita. Numa área verde lá da fazenda, os alunos fizeram uma churrasqueira enorme com tijolos e ali foi uma festa o dia inteiro. A dona da fazenda, ficou muito feliz com essa iniciativa do Mobral, de montar uma classe lá.

Qual era o perfil deles? A profissão..?

Lavradores. Lavradores em sua maioria... de mão calejada. Mas chegavam sempre de banho tomado. Chegavam da roça cansados, tomavam banho e iam para a escola. Às vezes, acontecia de não ter carteira para todo mundo... quantas vezes eu coloquei aluno na minha mesa.

Eles não faltavam, era frequência quase que 100% todo dia. Tinham ânsia de aprender, vontade de aprender.

Quais eram as maiores dificuldades e facilidades desses alunos?

A facilidade, quando se tem vontade de aprender, eu acho que tudo se torna fácil. Não é? Vontade de aprender eles tinham. Agora a dificuldade, é justamente chegar à noite, cansado depois de um dia de trabalho... aqueles que vinham de outras fazendas. Às vezes iam sem janta, porque não dava tempo. Então a dificuldade era essa, a distância, para aqueles que saíam de uma fazenda para outra, que se deslocavam de um lugar para outro. Enquanto a dificuldade de alguns deles era a distância, também havia a dificuldade de visão. Muitos não conseguiam enxergar direito, tinham problema de visão... então eu colocava mais perto do quadro. E alguns, mesmo mais perto do quadro, os mais velhos, era difícil para eles. Mas conseguiram, todos conseguiram ser alfabetizados, não faltou um. Foi unânime.

Seus alunos sabiam ler número e lidar com cálculo mental quando chegavam no Mobral?

Muito mais do que eu. Mentalmente era uma maravilha. Maravilha! Eles só aprenderam a passar para o papel, porque mentalmente, fazer conta de cabeça, eles me davam de 10 a 0.

Como você trabalhava matemática com seus alunos?

Então, justamente aquilo que eu falei. Eu via a realidade deles: Quanto você ganha? Quanto você gasta? Você paga aluguel? Quanto você paga de energia elétrica? Água eles não pagavam, porque era da fazenda mesmo. Eu procurava sempre me basear na realidade e nas necessidades deles.

Como era o preenchimento da caderneta e o sistema de avaliação? Havia conselho de classe?

Não, não havia conselho de classe. A avaliação, a gente fazia como costuma fazer, uma provinha, né? Todo mês uma prova. E o que mais?

Como era o preenchimento da caderneta?

Ah, o preenchimento da caderneta. Era a caderneta de chamada, igual uma escola comum. Naquela época, agora eu não sei como está... mas nós tínhamos a caderneta de chamada. E a chamada era diária.

Havia alguma supervisão sobre o seu trabalho em sala de aula?

Havia.

Se sim, como era feita?

A dona Zulque ia nos visitar. E ela gostava tanto de visitar as escolas e os alunos também gostavam tanto dela, que quando ela chegava, às vezes de surpresa, geralmente a supervisão era feita de surpresa, era uma alegria para todos.

O que foi importante nessa trajetória do Mobral em sua carreira docente?

Eu acho que ali foi mais uma satisfação pessoal. Porque eu nasci na Fazenda Cascata. Vim da zona rural, então eu conhecia as dificuldades deles. Meu pai era administrador na Fazenda Cascata, foi administrador na fazenda mais de 20 anos. Para poder estudar eu fiquei em Campinas. Então, quando eu voltei para cá, como professora, eu sabia das dificuldades daqueles alunos, porque eu havia passado por tudo aquilo. Faz a pergunta outra vez?

O que foi importante? Nessa...

O que foi importante? O importante é que eu levei luz a muitas pessoas que estavam no escuro, né? Então a minha satisfação maior foi essa. Como o caso do aluno que eu falei, que queria tirar uma carta de tratorista, ele conseguiu. Uma carta de motorista, ele conseguiu. Então isso aí era uma satisfação muito grande para a gente. Uma menina que queria trabalhar aqui na cidade em uma loja, mas ela tinha pouca leitura. No final do ano, ela conseguiu trabalhar no emprego que ela queria aqui na cidade. Faltava leitura pra ela. Mas ela conseguiu também. Então são esses casos assim, que preenchem.

Qual a sua visão hoje do Mobral?

Não sei. Como assim? Em relação ao que foi ou o que está sendo?

Ao que foi.

Para mim foi uma das melhores fases da minha vida. Porque como eu sempre gostei de lecionar, aquilo para mim foi um período, de dificuldade sim, mas de muita alegria, de muita satisfação. Foi uma época muito boa.

Tenho alguns dados onde há um grande número de reprovações... ou melhor, de não aprovados. Será que são pessoas que foram evadidas ou que realmente não conseguiram se alfabetizar? Porque eu tenho dados de outras entrevistas também, em que a pessoa me falou a mesma coisa que você, que todos eram alfabetizados.

Sim.

Então, por exemplo, Alzira. Você teve 40 alunos matriculados em 1971. Está marcado, o número de alunos aprovados, um total de 21. Esses outros, será que é porque às vezes desistiam? Por vários motivos.

Alguns chegavam tarde na escola. Tinha aqueles que migravam de outros estados também e chegavam aqui, o ano letivo já havia começado e eles entravam atrasados. Mas eles iam para o ano seguinte.

Então o motivo desses não aprovados seria...

Justamente a entrada tardia no curso.

Eu gostaria até que você desse uma olhada nessas anotações ... algumas acho que são feitas pela dona Olivia Pelegata!

Ah, a dona Zulque. A dona Olivia Pelegata.

Ah, é?

A dona Zulque.

Ela que fazia todo o controle.

Sim.

Se você quiser dar uma olhada.

Alzira Beteguelli, o Benedito... esse faleceu, a Cida, Josefina, Márcia Batistela, aqui a Adriana Cruz, Maria Luiza Passini... E aqui? Isso aqui tudo o que é?

É todo o controle que a dona Zulque...

Que a dona Zulque fazia. Aqui foi no Lions Clube, não é?

Mostra alguns anos, alguns lugares.

Aqui, foi no Lions Clube, no ano de 71.

Alzira Beteguelli, Lions...

Aqui, no ano de 73, no Lions Clube... aqui é no São Vicente de Paula...foi um lugarzinho muito fraquinho, a aprovação. Aqui a Fazenda Araras, foi no ano de 74. Ai que saudades! Fazenda Araras. Não, mas aqui essa lista de alunos tem 27 aprovados de 35, deve ter alguma...

Algum erro.

Algum erro aí, né?

Usina Santa Lucia. O Benedito, esse menino faleceu. Jardim São João.

Eu não encontrei nenhum seu. Mas eu encontrei um diário, um boletim, de como eram os boletins que vocês preenchiam, de chamada. Esse é do seu Cidinho, mas era assim, não é? Que vocês tinham...

Eu não conheço esse menino, Aparecido Batista do Nascimento. Ah, ele foi bem, bem mais tarde, não é?

É.

Foi em 84, eu já não estava.

O que você preenchia de chamada era assim também?

Não, era diferente.

Era diferente?

Você não tem? Você não achou?

Não, eu não encontrei nenhum diário seu.

Ah, eu tinha caderneta. Só caderneta.

Tem algum fato marcante que você se lembra de ter ocorrido em sua atuação no Mobral?

Não, era tudo rotineiro. Mas a única coisa marcante, que me deu uma satisfação muito grande, foi no ano de 72. Eu recebi uma homenagem do Rotary Club Araras Sul, por ter alfabetizado o maior número de alunos nesse ano. E eu recebi um troféu, que é este aqui... aí, está quebradinho aí.

Pode mostrar?

Pega.

Figura 5 – Troféu pelo brilhante desempenho junto ao MOBRAL



Fonte: (ALZIRA, 2016) ²⁴

Figura 6 – Homenagem à Professora Alzira pelo brilhante desempenho junto ao MOBRAL



Fonte: (ALZIRA, 2016) ²⁵

²⁴ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

²⁵ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

Que lindo! Parabéns! Obrigada pela entrevista e parabéns pelo seu empenho.

Ah, muito obrigada.

Sua ação tão bonita, nesse Movimento importante.

Obrigada.



4.3 Terceira entrevista – Professora Leonice Geralda Genaro Crippa

Em conversas anteriores com Miriam Camargo, anotei o apontamento dela sobre duas professoras que deram aula no MOBRAL e que lecionaram na Escola Estadual Senador Lacerda Vergueiro, onde Miriam atualmente é diretora.

Em novembro de 2016, telefonei para a professora Miriam e solicitei os telefones das duas professoras (Leonice Crippa e Sílvia Helena Buzolin). Ela me concedeu e imediatamente liguei para a professora Nice Crippa, que me atendeu prontamente, aceitando me conceder a entrevista. Acordamos de esperar passar o período de dezembro e janeiro, meses de festas, férias e viagens, agendando a entrevista para o dia 25 de janeiro de 2017 às 15h.

Ao chegarmos em sua casa, fomos muito bem recepcionados. Nice Crippa, nos levou para conhecer sua área de lazer que ficava no andar superior da casa. Em uma casa grande e bonita, nos foi preparado um lugar na sala da professora, ao lado de uma bela planta. Após os preparativos para a gravação, iniciamos a entrevista que teve a duração de 26min42s. Finalizamos as 15h39min42s.

Em que época da vida você começou a trabalhar no MOBRAL?

Eu iniciei mais ou menos por volta de 1980.

E você já era casada?

Já, já era casada. Eu já tinha os quatro filhos nessa época.

Quando eu comecei, nós dávamos aula nos fundos da capela do Jardim Santo Antônio.

Em quais escolas você trabalhou no MOBRAL?

No MOBRAL nós trabalhamos nos fundos da capela no Jardim Santo Antônio e no ano seguinte passamos para a Igreja do Loreto, que chamávamos de capela do Loreto. No ano seguinte adaptaram um prédio para nós darmos aula, foi quando a Sílvia Helena começou conosco. Era uma escola que funcionava nos três períodos e as aulas do MOBRAL eram à noite. Depois quando ficou pronta uma creche no bairro José Ometto, passamos a dar aulas lá. Não consigo me lembrar se a Silvia ia comigo, se era ela a minha parceira na creche. Naquele bairro nós tínhamos muitos alunos e havia primeira, segunda, terceira e quarta série. Em 1984 ficou pronta a escola Maximiliano Baruto e nós passamos a trabalhar nela. Antes disso só dávamos aula em fundos de igreja, salão assim adaptado...

Em quais escolas e quanto tempo?

Então, na verdade eu trabalhei de 80 a 84, porque a partir de 84, começou o supletivo. Como eu tinha uma classe muito numerosa, a própria diretora dividiu a sala, abrindo uma para supletivo. Logo em seguida foi montada mais uma classe de supletivo e ainda sobraram duas de MOBRAL, mas eu fui premiada com uma das classes de supletivo, passei para o Estado e aí deixei o MOBRAL.

As escolas que você trabalhou no MOBRAL eram perto de onde você morava?

Não. A do Jardim Santo Antônio deve ser uns dois quilômetros daqui e no Loreto são dez quilômetros. No Maximiliano Baruto são 11 quilômetros, um pouco mais longe.

Porque você foi lecionar no MOBRAL?

Na verdade, eu fui substituir uma amiga, mas eu gostei tanto de trabalhar com adultos, que eu continuei. Uma grande parte do meu tempo no estado é de supletivo, acho muito gratificante. Na minha época muitos dos adultos não tiveram condições de ir à escola. Às vezes eram tirados para trabalhar na roça, para ajudar os pais em casa... temos muitas histórias de alunos do porquê não conseguiram ir à escola e depois de sua alegria, quando conseguiram ir ao MOBRAL. Me lembro de uma aluna que me dizia assim: “Dona Nice, eu tenho vontade de vir pulando pela rua.” Porque ela tinha aprendido a ler as placas dos ônibus e não tinha mais que pedir informação aos outros. Antes, ela pedia informação, depois ela entrava no ônibus, mas ficava insegura, com medo que a pessoa pudesse ter mentido e agora que conseguia ler, vinha muito feliz para a escola, ela me falava: “eu venho para a escola numa felicidade dona Nice”, porque estava aprendendo. As histórias deles eram muito gratificantes para nós. Quando você começa a trabalhar com o MOBRAL ou o supletivo, você se apaixona.

Como eram as suas aulas no MOBRAL?

No MOBRAL é um trabalho diferenciado, porque o aluno que vai para o MOBRAL, ele já sabe muito mais do que uma criança pequena. Quando você vai alfabetizar uma criança é uma coisa, quando você vai alfabetizar o adulto, é um mundo diferenciado, é diferente. O adulto já sabe muita coisa, mas ele ainda não descobriu a parte mecânica da alfabetização. Nós não trabalhávamos sílabas com eles, trabalhávamos o global mesmo. Eu tinha alunos que eram crentes e levavam o folheto trabalhado domingo na igreja e víamos que já conheciam as letras, já conseguiam ler aquelas letras, do mundo deles. O MOBRAL tinha material, um bom material, impresso em papel jornal, mas usávamos muito o mundo deles. Falávamos em coisas do dia a dia deles, panelas, ferramentas... trabalhávamos mais com o que eles traziam, tirávamos mais deles para trabalhar, entende? O que eles já conheciam. Tinha uma senhora de mais de 60 anos, dona Benedita, que foi para a escola e eu trabalhei com ela com os objetos da sua cozinha, já que ela nunca trabalhou fora, passou a vida cuidando da casa. No meio dos textos colocávamos os objetos de cozinha, fazíamos os textos em casa e levávamos para ela aprender a localizar, a ler. E ela aprendeu rápido assim. Com aproximadamente 3 meses de MOBRAL conseguíamos alfabetizar um adulto. Eu tinha paixão pelo MOBRAL, tanto que nos últimos anos, próximo da minha aposentadoria, eu saí da direção e voltei a dar aulas. Vim trabalhar no supletivo do Zurita, que é o lugar onde eu gosto de trabalhar.

Como era a distribuição do material didático enviado pelo governo? Havia uma orientação de utilização desse material?

Eles tinham sim. Eu procurei no meio das minhas coisas, mas não tinha mais nada. Eu acho que estragou com o tempo, porque não era um papel bom, era papel jornal, mas era um papel amarelo, o próprio papel jornal, não era um papel resistente. Mas o material vinha e tinha orientações que eles mandavam. Nós tínhamos também a dona Zulque, uma orientadora que nos ajudava se precisássemos de alguma coisa. Eu tinha muita facilidade, porque trabalhei durante 40 anos na APAE, então já tinha uma certa experiência quando fui para o MOBRAL, porque já trabalhava com alfabetização na escola especial.

Em minhas pesquisas, observei que havia um trabalho com palavras geradoras... isso acontecia?

Sim. Mas eu achava difícil trabalhar com palavras geradoras, elas cansam, enjoam. Nós até trabalhávamos, mas em casos que eles tinham mais dificuldade, porque na verdade era um recurso a mais. Eles não nos obrigavam a trabalhar daquela forma. O importante era que

tivéssemos bons resultados. Trabalhei com palavras geradoras sim, mas sempre achei muito cansativo.

Como eram os alunos do MOBRAL?

No Jardim Santo Antônio eram donas de casa, alguns varredores de rua que trabalhavam para a prefeitura, empregadas domésticas, esse pessoal. No José Ometto, já era mais o pessoal que trabalhava na zona rural, na roça. Eles pegavam o caminhão no ponto cinco e meia, seis horas da manhã, para ir cortar cana. Para eles era vantagem o MOBRAL e não o supletivo, porque o MOBRAL acabava mais cedo.

Quais eram as maiores dificuldades e facilidades desses alunos?

Alguns tinham mais dificuldade na aprendizagem e exigiam mais atenção, uma atenção direta, constante. Outros já se desenvolviam com mais facilidade. A maior dificuldade deles era a frequência à aula, porque eles vinham muito cansados de trabalhar o dia todo. Eles iam à aula, mas reclamavam de cansaço, dores nas pernas, coisas assim.

Mas tinham mais facilidade em matemática, português, texto, escrever... que dificuldade?

Construção de texto sempre foi muito difícil. A matemática, hoje trabalhamos de uma forma diferente, acho que se eles aprendessem como ensinamos hoje, talvez fosse mais fácil... Mas eles aprendiam as 4 operações. Eu acho que a maior dificuldade deles era a construção de texto, tanto que, às vezes, fazíamos atividades como construção de cartas, mandar cartas na classe ou para outra classe. Tínhamos muitos alunos com parentes no nordeste, na Bahia e me lembro até hoje de um deles dizendo para mim: “Deus me livre dona Nice, aqui a gente trabalha muito em Sum Paulo! Sum Paulo a gente trabalha muito.” Eu achava uma graça. “Trabalha muito dona Nice. Eu vou terminar aqui, depois vou voltar pra Bahia.” Mas a maior dificuldade deles era mesmo a construção de texto.

Seus alunos sabiam ler números e lidar com cálculo mental quando chegavam no MOBRAL?

Olha, eu tive alunos que não sabiam ver as horas e nem conheciam dinheiro, tanto que nós levávamos xerox de dinheiro para poder trabalhar com eles, embora muitos conhecessem dinheiro.

Cálculo mental?

Raramente. Não tínhamos. Eu tive uma senhora que sabia fazer muito bem cálculo mental e que eu tive apenas que ensiná-la como colocar no papel. Porque ela sabia o cálculo mental certinho, sabia troco, sabia tudo. A maior parte não sabia, era um bairro onde as pessoas vieram da zona rural e foram tiradas dos barracos da cidade, eram bem carentes. Depois vieram pessoas que já eram da zona urbana, aí já sabiam trabalhar com cálculo, essas coisas. Mas tinha gente que nunca tinha frequentado uma escola, porque morava longe. Era uma clientela diferenciada ali no José Ometto, quando começamos o MOBREAL lá.

Como você trabalhava a matemática com os seus alunos?

Na verdade, não usávamos argumentos como usamos com as crianças hoje. Ensinávamos contar nos dedos mesmo, como nas séries iniciais. E naquela época, a tabuada nós mostrávamos pra eles como uma soma, uma adição. Ficava mais fácil para eles entenderem. Mas o MOBREAL mandava orientações, um livro de matemática com algumas coisas, alguns desenhos.

Como era o preenchimento da caderneta?

Ah, isso eu não me recordo. Não consigo lembrar. Nem isso que você mostrou eu não consigo lembrar, sei que é a minha letra, que fui eu que assinei, mas eu não me recordo.

E o sistema de avaliação?

A avaliação no MOBREAL é muito legal, porque o PEBI é diferente do PEBII... eu sou PEBII e sou PEBI. O PEBI faz avaliação por fazer, porque na verdade ele sabe tudo o que o seu aluno sabe. Com o PEBII, que tem 35, às vezes 40 alunos na sala, ele pode ser enrolado em alguma coisa. Sou professora de história, eu sei... normalmente você conversa muito com o aluno e o professor já sabe quem sabe e quem não sabe. Eu nunca me importei muito com avaliação, sou muito próxima dos alunos, então sei os que sabem e os que não sabem. Eles têm tanto prazer em mostrar que aprenderam, que sabem fazer, que eles vêm mostrar naturalmente. Mas nós fazíamos avaliação por escrito, porque a dona Zulque guardava todas as avaliações dos alunos. Eu não sei se ela apresentava para alguém, mas eram levadas todas as avaliações que eles faziam. Todos nós fazíamos avaliação mensal, colocávamos num envelope e ela levava. Não consigo lembrar muito disso, mas lembro que nós corrigíamos e ela levava. Ela ia nas salas e olhava caderno por caderno, nunca deu um visto, mas olhava todos os cadernos,

conversava com todos os alunos e eles contavam suas histórias para ela. Nós gostávamos muito dela, era uma orientadora bem inserida no processo, uma pessoa diferenciada também.

Ela era supervisora não é?

Então, eu não sei. Sabíamos que ela era o contato. Quando quisemos dar aulas fomos falar com ela. Fizemos a pesquisa no bairro pra saber quantos alunos tinha e ela ia nas salas uma vez por semana.

Havia conselho de classe?

Não, que me lembre não. Mas eu lembro que nós falávamos que podia passar, comentávamos isso com ela. Era informal, não aquela coisa formal do conselho, mas indiretamente acabava sendo um conselho.

Havia alguma supervisão sobre o seu trabalho em sala de aula?

Ah, sim.

Como era feito?

Era através dos cadernos dos alunos, ela vinha e olhava todos os cadernos. A gente não tinha a rotina das escolas de entregar material para o coordenador... você tem o semanário, não é? Mas a dona Zulque tinha uma prova maior para o nosso trabalho, que era o caderno dos alunos e o dia que ela ia na escola, aquela noite ela ficava dentro da nossa sala. E ela ia toda semana.

Como se formavam as classes do MOBREAL?

Nós fazíamos uma pesquisa no bairro, batíamos de casa em casa perguntando se tinha alguém que não sabia ler ou que não tinha terminado o quarto ano primário. Batíamos de porta em porta e convidávamos para ir à escola.

O que foi importante nessa trajetória do MOBREAL em sua carreira docente?

Muito aprendizado, uma experiência muito rica. Eu acho que o MOBREAL dá uma base e segurança. Na verdade, é uma formação que você não teria em nenhum outro lugar. [emoção]. Você tem um retorno rápido, é um trabalho diferente, muito prazeroso. Eu sempre gostei de dar aulas, mas eu acho que foi muito importante para o meu crescimento como professora.

Qual a sua visão hoje do MOBRAL?

Hoje na cidade já não temos mais MOBRAL, é supletivo. São alguns casos de pessoas que já fizeram uma parte da escola e casaram cedo... não sei. De primeira à quarta não tenho ideia de como está, porque tenho trabalhado com supletivo do ensino médio e estou totalmente por fora dos outros.

Mas a sua visão do MOBRAL que você participou, hoje mudou? Ou você tem a mesma visão que tinha quando trabalhava nele?

Não, não. Não é a mesma. A clientela é outra.

Mas é do MOBRAL, não estou falando do EJA de hoje. Qual é a sua visão do MOBRAL, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, que você deu aula? O que você pensa que foi?

Eu acho que para aquela época ele estava dentro de uma realidade, ele foi adequado para a época.

Tem algum fato marcante que você se lembra de ter ocorrido em sua atuação no MOBRAL? Na aula, algum fato que te marcou, uma história sua ou de algum aluno?

Não. Eu te contei dessa senhora do ônibus, que me falava que ia pela rua cantando... hoje as filhas até são professoras.

As filhas dela?

Sim, as filhas são professoras. Eu era da igreja católica e passei para a quadrangular. Um dia estava na fila da igreja e de repente veio uma senhora me abraçar: “Dona Nice, dona Nice!” Aí me lembrei que ela tinha sido minha aluna no MOBRAL e foi alfabetizada. Essa é uma das que levava o folheto de domingo da igreja para a aula, porque ela queria aprender a ler para ler a bíblia, o sonho dela era a leitura.

Os alunos iam para a escola já com um objetivo. Um queria tirar a carta: “Eu preciso vir na escola, eu preciso tirar a carta.” Quantas vezes nós trabalhamos aqueles símbolos na escola... então, por isso a gente trabalhava mais o que eles traziam. Porque como era do interesse deles, da necessidade deles, eles aprendiam rápido. Eu não deixava de trabalhar nada que eles me traziam.

Eu tinha um aluno que não sabia ler, nem escrever, mas gostava de fazer paródias. Então, nós fizemos a paródia dele na lousa e naquela semana trabalhamos com ela. Todo mundo cantou

a paródia dele. Porque ele trouxe aquela paródia e tinha muita coisa rica dentro da paródia dele. Ele inventava, falava e a gente trabalhava naquilo... Então naquela época nós pegávamos mais o que eles tinham. O caso daquela aluna que vinha cantando no ônibus. Ela tinha vontade de cantar porque estava aprendendo, porque já sabia ler as placas dos ônibus. A dona Benedita foi uma das mais velhas que eu tive e eu tive no MOBREAL também a mãe do Brambilla, do nosso prefeito, foi minha aluna também. Uma senhora muito boazinha que pegava carona comigo quando dei aula no Graziano.

Cada um tinha uma história, histórias diversas, pessoais mesmo, porque eles vinham para a escola e nos contavam. E eram histórias interessantes, às vezes tristes, às vezes alegres, mas muito interessantes.

Leonice, eu agradeço a sua participação. Muito obrigada.

Eu espero poder ajudar. É muito pobre, mas, é o que eu posso te passar.

Imagina. Foi rica demais. Obrigada.



4.4 Quarta Entrevista – Professora Rose Mary da Penha Conte

Realizando uma consulta nos documentos referentes ao MOBRAL, do arquivo morto da prefeitura, os quais consegui para a dissertação de Mestrado, encontrei o nome da professora Rose Conte. Como trabalho há anos na rede estadual de ensino, vim a saber que a Rose é mãe de uma das diretoras escolares do município. Fui até a escola Cesário Coimbra, localizada bem no centro, onde sua filha é diretora e lhe expliquei sobre o meu projeto de pesquisa. Disse que seria muito importante se a mãe dela pudesse me conceder uma entrevista. Imediatamente ela me deu o contato de sua mãe. Ao procurar a professora Rose Conte, me apresentei e contei-lhe de minhas intenções como pesquisadora. Rose é uma pessoa muito carismática. Me ouviu com atenção e, prontamente aceitou em me conceder a entrevista que ficou marcada para o dia 21 de julho de 2017 às 10h.

A professora Rose é artista plástica. Ao chegar em sua casa, ela nos levou para fazer um tour por todos os ambientes da casa, a fim de conhecermos seu trabalho. Em cada espaço da casa, Rose marca sua presença por meio de uma pintura em tela, uma escultura, diversas máscaras e até uma pintura na parede de sua cozinha, em que ela pintou uma fotografia sua, em meio a umas taças e xícaras. Assim, com toda sua simpatia, após conferirmos suas obras de arte, iniciamos a entrevista às 10h52min, com uma duração de 45min34s, finalizando às 11h37min34s.

A segunda entrevista foi agendada dia 20 de outubro quando liguei em sua casa. Marcamos para o dia 22 de outubro, segunda-feira às 14h. A entrevista durou 14min38s99, finalizando às 14h14min38s99.

Em que época da vida você começou a trabalhar no MOBRAL?

Eu me formei no magistério, no Cesário Coimbra, em 1967. A partir daí começaram as buscas, as inscrições e eu tenho lembrança de atuar no MOBRAL por volta do ano de 1968. Já tinha passado a formatura e eu teria que ter um diploma como docente para me inscrever para as aulas de alfabetização de adultos.

Já era casada?

Não. No começo, onde você viu o registro, eu já era casada, tinha o sobrenome de casada, Rose Mary da Penha Conte Delbem. Mas eu comecei antes, como se fosse ACT hoje, ajudando minha irmã Francisca, já falecida, que era professora. Nós montamos uma turma e eu me lembro de ter começado muito antes a ajudar as pessoas no curso do MOBRAL. Você deve ter encontrado registros de 1970, mas já trabalhávamos com adultos antes.

Era na zona rural?

Não. O MOBRAL não era na zona rural, era na zona urbana.

Antes, era tipo um curso particular de preparatório ao ginásio. Depois fomos ingressando e formando o MOBRAL, que passou a participar até no interior das escolas públicas. Na zona rural, eu fui professora na escola mista, da Fazenda Marimbondo, com aulas no período normal, durante o dia. Mas tinham alunos que vinham, da zona rural, nos nossos cursos.

Do MOBRAL?

Do MOBRAL.

Em quais escolas e quanto tempo você trabalhou no MOBRAL?

Não posso dizer com precisão, foram períodos intercalados, porque o MOBRAL era formado em locais onde havia necessidade. A casa da minha irmã, a professora Maria Francisca Mendes Marques, era um curso de preparatório ao ginásio. Ela orientava a gente. Eu era da área de humanas, de alfabetização. Tinha quem era da área de matemática e outras.

O MOBRAL começou assim, onde havia necessidade, onde existiam trabalhadores que precisavam de alfabetização e os cursos eram geralmente noturnos. Eu participei de cursos noturnos, não tenho lembrança perfeita de quais escolas, mas me vem a memória uma classe na escola Ignácio Zurita Júnior e no Coronel Justiniano.

As turmas se iniciavam nos bairros mais simples como o que nós morávamos, nós éramos um deles, filhos de trabalhadores. Meu pai vendia amendoim, era um artista, artesão, numa marmoraria, mas se aposentou por invalidez. Nós fazíamos parte do povo da luta. O início do trabalho foi assim...conhecíamos as pessoas, fazíamos as listas para montar as turmas...e o início do trabalho nem era pago. As pessoas vinham pedir para montar as turmas, porque a minha irmã era uma das poucas professoras daquela rua, a Rua Emílio Ferreira, 162. Como eu disse, lá funcionava um preparatório ao ginásio. Nós, sempre gostamos muito de estudar.

Assim, os cursos nasceram do interesse das pessoas. O início mesmo do MOBRAL, veio da luta das pessoas que queriam aprender e procuravam a minha irmã, depois acabavam sendo agregados nas escolas. No início do MOBRAL era feito um levantamento nos locais do pessoal trabalhador.

Vocês mesmas faziam esse processo?

Fazíamos na nossa região, na rua Emílio Ferreira, que era um prolongamento da Rua 13 de maio. Existiam outros focos, como no bairro Belvedere. O Mobral foi uma luta e uma conquista também, de cada localidade. Eu me lembro muito disso.

Esse tempo que você falou que trabalhava ajudando, mas que não tinha remuneração, era um trabalho voluntário antes do MOBRAL?

Sim. Um trabalho voluntário, antes do MOBRAL. Eram tempos muito difíceis, depois do golpe de 64, nós procuramos a melhor forma de fazer do limão uma limonada.

As escolas que você trabalhou no MOBRAL, eram perto de onde você morava?

Sim, perto. Eu morava na Rua 13 de maio e as escolas eram no centro. Nós, na época, achávamos longe, porque nossa cidade era muito pequena, então era perto.

Por que você foi lecionar no MOBRAL?

Foi por uma motivação. Quando eu fiz 14 anos, todas as moças dessa idade, iam trabalhar na fábrica, a fábrica do Lagazzi. Mas a minha mãe era uma mulher que não se preocupava que nós logo ganhássemos dinheiro para ajudar em casa. Ela disse: “Não. Vocês vão seguir a Francisca.” Minha irmã mais velha que já era professora. “Vocês não vão trabalhar na fábrica. Vocês vão fazer preparatório ao ginásio e vão estudar de dia.” Estudamos com toda dificuldade, porque morávamos num fundo de quintal. Minha mãe passou por vários despejos, mas ela não queria coisas como um sofá novo... quando, no nosso entorno, o interesse era que os filhos fossem ganhar logo dinheiro. Tivemos acesso a uma educação fortíssima, francês, inglês, latim, era o conteúdo do Cesário Coimbra e nós tínhamos que fazer um preparatório duríssimo para entrar. Minha mãe falou: “Não. Vocês vão estudar, ninguém vai trabalhar na fábrica.” Mas no nosso entorno, quase todos foram trabalhar na fábrica. Ficou uma grande defasagem, muitos analfabetos. Eu tive essa dádiva, de estudar, com a maior precariedade, numa escola onde só a elite estudava. Foi essa a motivação de fazer alguma coisa por aquelas pessoas que perderam tempo. Minha irmã Francisca também estudou com apoio do Rotary, foi

fazer o magistério em Itapira, porque em Araras não tinha. Quando ela voltou para Araras, minha mãe colocou todo mundo para estudar. Minha irmã Francisca é filha do primeiro casamento da minha mãe, cujo marido morreu. Depois minha mãe casou-se de novo e teve mais 5 filhos. Todos estudaram. Minha mãe nunca exigiu que trabalhássemos. Mas, éramos uma exceção naquela região e isso nos tornou docentes, eternamente docentes.

Como eram suas aulas no MOBRAL? A dinâmica, o material, avaliação...

A orientação pedagógica partia sempre dos professores mais experientes e que tinham uma ligação.

A alfabetização era a Cartilha Caminho Suave, a Cartilha Xadrez, A pata nada... mas nós não, no MOBRAL não. Existiam palavras-chaves e a palavra-chave mais usada como ponto de partida era tijolo, me lembro muito bem. Tijolo era uma coisa muito ligada com a construção civil e tínhamos alunos auxiliares, serventes de pedreiro. Então, eu achava muito interessante aquele processo, porque realmente despertava. Para ensinar crianças usando “A pata nada”... a pata pode até ser uma coisa da realidade deles, mas imagina ensinar um adulto com: “o jacaré bebia cajuada na jarra”... seria muito estranho. Então não podíamos seguir cartilha, a cartilha era rígida.

Bebia cajuá?

O jacaré bebia cajuada na jarra, para ensinar o J. Então a palavra tijolo atendia, aparecendo do meio de toda a silabação da palavra...era interessante porque você tirava do meio aí, já, je, ji, jo, ju. Isso era muito interessante.

Tinha provas?

Sim, tinha provas. As pessoas tinham muita dificuldade. Ficavam muito nervosas, eu me lembro muito bem. Nós fazíamos as provas de novo, porque o MOBRAL cumpria o trabalho de repor o tempo perdido. Vinham examinadores. Eles vinham pra ver o nosso trabalho. Nós lutávamos muito pelos alunos, porque não podia ser como era conosco quando estudamos: “Vai pra segunda época, reprova.” Na minha época reprovava de monte, era só ficar em três matérias, mas o MOBRAL precisava de muita luta, de muito amor, completamente diferente. E possibilitava uma formação que eles depois até pudessem dar continuidade, porque muitos alunos vieram a ser professores... alunos que foram do MOBRAL, da alfabetização de adultos. Era um trabalho muito paciente e de muito amor.

Como era a distribuição do material didático enviado pelo governo? Havia alguma orientação de como utilizar esse material?

Havia sim. Existiam as professoras chave, para nos orientar em como aplicar o material.

Vinha regularmente?

Eu não posso dizer com precisão. Mas vinha uma cartilha, eu me lembro muito bem, daquela cheia de M. Era um trabalho muito diferenciado.

Em minhas pesquisas, observei que havia um trabalho com palavras geradoras. Como isso acontecia?

Eu não lembro com precisão de todas as palavras geradoras. A palavra mais geradora era tijolo, não lembro de todas, só dessa. Foram substituídas todas as regras formais das cartilhas usadas normalmente na alfabetização de crianças.

Delas vocês iam separando as sílabas, e...

Funcionava bastante, não precisava ser a sequência lógica das cartilhas, que começavam do início do alfabeto até chegar no X, até chegar na zabumba do Z.

As pessoas se esforçavam muito, era muito difícil para eles, porque eram mãos pesadas que nós estávamos trabalhando, um outro mundo.

Como eram os alunos do MOBREAL?

Chegamos a ter alunos da nossa idade. Como professora, em 1970, eu tinha 22, 23 anos. Tinha alunos mais novos e muito mais velhos. A variação etária era muito grande e nunca eram muitos alunos. Eles começavam num número maior, depois deixavam, depois voltavam, nós lutávamos por eles, para terem uma frequência. Sempre foi muito difícil.

Quais eram as maiores dificuldades e facilidades desses alunos?

Não tenho assim, livre na memória. As dificuldades eram todas, financeira... nós tínhamos que comprar papel, muitas vezes, se não tinha material, nós mesmas comprávamos. Me lembro de vir material.

O cansaço era muito grande, eles trabalhavam de dia e não colocavam muita fé nos estudos como hoje. Hoje já existe uma conscientização de que a cultura promove socialmente a pessoa. Mas, para eles, a educação era desacreditada, até desnecessária. O nosso maior

trabalho era a motivação, usávamos exemplos para motivá-los. Quando eu estava na prefeitura, via muitas das pessoas que eu conheci na adolescência e que foram trabalhar imediatamente depois de terminar a quarta série. Hoje não sei qual série seria, se o nono ano, mas era o quarto ano de antigamente.

A quarta série.

Eles abandonavam. A família não achava necessário estudar e eles chegavam assim, com uma deficiência muito grande e achando a educação desnecessária.

Tínhamos que trabalhar a motivação e para mim a motivação mais séria era a minha vida, mas, cada professor fazia o seu ensaio para motivá-los. A grande dificuldade era motivar os alunos a ficarem no MOBRAL, então eu usava o meu exemplo, que a minha mãe me mandou estudar mais cedo, mas como eles não haviam estudado, eles tinham que ganhar esse tempo. Queria que eles vissem que havia uma diferença de quem estudou, de quem não estudou e que havia um tempo a ser recuperado. Isso era um tipo de motivação e pegava bem, porque eles amavam a gente...que sabia explicar...que sabia falar... e saber falar... é uma coisa muito séria.

Tínhamos também que desenvolver o jeito deles se comunicarem, trabalhar a comunicação. No Cesário Coimbra eu tive até teatro, então eu falava muito para eles das peças que nós fazíamos, Marília de Dirceu, teatro clássico. Eu falava muito de teatro, não era só o batente das aulas não, precisávamos mostrar que o estudo era importante e em muitos casos nós conquistamos essa vitória. Mas não era fácil, era uma grande dificuldade. Eu... agora, tudo que eu vejo de resultado... eu vejo gente que fala: “Ah, eu fiz. Lembra.” Eu já não lembro mais. “Ah... a dona Francisca. A gente... vocês... deram aula no MOBRAL...” Entendeu? Isso... eu considero uma vitória.

Em questão de conteúdo, quais eram as maiores dificuldades deles? Português, matemática...

O português. A matemática eu observava que sabiam... eles tinham que fazer contas, eles tinham que vender... eles eram ambulantes. A vida deles era uma matemática concreta.

Pedreiro.

É. Você põe quantas latas de cimento, para quantas latas de areia, para quanto de água? E mesmo os que eram vendedores, que vendiam tomate na rua, eram alunos nossos. Então, matemática básica não era a maior dificuldade. A maior dificuldade era a alfabetização, a escrita, a fala. Essa era uma grande dificuldade, porque português não é fácil, é uma língua

complicada. Veja as novas regras da modificação da língua portuguesa... então eu acho que português foi a maior dificuldade.

Seus alunos sabiam ler números e lidar com cálculo mental quando eles chegavam no MOBREAL?

Eu tive alunos que tinham facilidade, pela própria atividade deles. A matemática básica não era a maior dificuldade não, eles chegavam até a nos corrigir em muitas coisas e nós ficávamos extremamente felizes. Porque tínhamos que dar aula de tudo. A minha irmã Lia, foi uma professora de muito respeito na área de matemática e ela tinha sabedoria para controlar certas situações. Nós não dominávamos tudo e de repente tínhamos que ter uma assessoria. Mas era tudo bem feito, um ajudando o outro. Isso é o que eu posso lembrar, que eu tenho na memória.

Como você trabalhava matemática com os seus alunos?

Como eu já disse, era da forma mais concreta possível.

Quando iam para as séries superiores... quando a matemática se torna mais abstrata, quem acudia era o professor de matemática. Eu resolvia bem dificuldades de letramento...a área de português, mas até no ensinar do começo de álgebra, o professor de matemática que vinha em nosso socorro. O professor de matemática também fazia parte do MOBREAL. É humanamente impossível um professor fazer tudo. Até a matemática básica nós levávamos, mas quando você chegava na álgebra, na geometria, era sempre um trabalho mais especializado. Na minha época, tinha o clássico e mais uma outra parte, que era dividida: o magistério curso normal, o clássico e objetivo. Eu não lembro a especificação, se era isso mesmo, então tinha professores que se especializavam em matemática, física, cálculo e outros em matérias de humanas. Era uma educação... era de fino trato, eu fiz um pouco do clássico e depois parti para o magistério. No magistério nós aprendíamos a dar aula de tudo, mas éramos PEB1. Quando se exigia as classes mais superiores, os professores de matemática entravam em ação.

Como era o preenchimento de caderneta e o sistema de avaliação?

Eu não consigo lembrar mais. Tenho na memória uns mapinhas, que nós púnhamos uma régua e íamos passando as notas.

Nós tínhamos que entregar, mas não posso falar com precisão.

Havia conselho de classe?

Muito técnico não. Eram muitas pessoas que se doavam.

Tinha alguém que supervisionava e vocês conversavam?

Tinha. A minha irmã Francisca por exemplo, era uma das professoras que fazia a orientação. Tinha uma parte pedagógica da prefeitura também, mas eu não me lembro quem era ou como foi. Não sei dizer com precisão não.

Quando eu conversei com a Miriam, ela citou o nome da dona Zulque.

A dona Zulque era a mulher do maestro Francisco Pelegata.

Isso mesmo.

A dona Zulque! Ah! eu entreguei muita coisa pra dona Zulque.

Isso mesmo. Ela era supervisora.

Olha só! Então... eu preciso de uma cutucada. A dona Zulque, nossa! Fugiu. Eu entregava material na casa dela, linda a casa dela. Lá onde, hoje, é o Flávio Seguro. A casa dela era lá. Nós íamos na casa dela e batíamos na porta para entregar. Ela saía e perdia um tempão conosco. Era assim, uma doação, a dona Zulque.

Pelos documentos que eu encontrei, tudo muito bem registrado por ela, dá essa impressão.

Nossa! A dona Zulque. Isso mesmo. Agora você me fez um clareamento. Eu já não lembrava mais, 70 anos neh ... criança.

Dá essa impressão, que ela tinha uma dedicação, um carinho muito grande, pelo trabalho que ela desenvolvia.

Nossa! Ela foi uma pessoa muito querida.

Havia alguma supervisão sobre o seu trabalho em sala de aula? Se sim, como que era feito?

Sim. Mas eu não tenho assim, precisamente, ideia de quais pessoas faziam. Eu sei que eu entregava para dona Zulque, e ela tinha também pessoas que vinham nos ajudar e ver as dificuldades. Mas eu não sei falar pra você. Minha irmã Francisca era uma dessas pessoas.

Ela poderia estar entrando na sua aula para observar?

Eu acho que a dona Zulque foi sim, mas, eu não lembro bem. Eu não tenho precisamente na memória, porque veja bem, era 1970.

O que foi importante nessa trajetória no MOBRAL em sua carreira docente?

A humanização. Porque como professora universitária, eu comecei a ver alunos chegarem com muita dificuldade, principalmente depois da implantação do FIES. Vimos pessoas com muita dificuldade e até mesmo semialfabetizadas. Minha irmã ainda era viva, nesse início do FIES. Assim nós começamos a reunir esses alunos e lembrar dos processos de alfabetização... para colocar esses alunos lendo, fazer uma sequência de livros, sabe?

Isso, agora, na universidade?

Agora. O MOBRAL me trouxe essa humanização... porque o ‘frio da desgraça’ atinge a maioria dos brasileiros... sempre atingiu. Há pessoas que não puderam estudar, pessoas que fizeram com muita dificuldade o primeiro, segundo grau, foram pro EJA e chegaram para os professores universitários com muitas deficiências. Então, nós chegamos a trazer até em casa, essas pessoas. Fazíamos uma aula aos sábados, indicando livros, dando caderno de caligrafia, para estudantes universitários do FIES. Nós fizemos um trabalho paralelo e mais professores ajudaram... uma conscientização muito grande. Alguns professores resistiram, não ajudaram. Eu acho que a minha experiência como docente, me trouxe essa humanização. Foi uma luta, mas, eu vejo alunos, hoje, fazendo até pós-graduação. Eu poderia citar, mas eu não quero. Eu tenho os nomes na minha cabeça. São muitos amigos... eles vêm nos visitar.

Você fala do MOBRAL ou dessa época da universidade?

Dessa época agora. Do MOBRAL já faz muito tempo. Agora na faculdade, pessoas que vieram do EJA. Nós sabemos a dificuldade de alfabetizar, de dar os princípios da matemática. Então, o MOBRAL trouxe isso, uma humanização no meu trabalho posterior.

Interessante isso. Você falar, como se você tivesse resgatado aquela experiência. Tudo isso já está interiorizado em você e você transformou isso em uma ação, numa emergência do momento.

Uma ação... numa emergência, porque eles precisavam e eles vinham em casa, no sábado, no domingo. Não eram todos os professores que tinham essa visão, mas eu conseguia debater, fazer enfrentamento, porque tinha professores que; “Ah, deixa de DP. Só DP.” DP, você deixa aluno vagabundo, aluno que falta... você pode deixar por frequência...mas, aluno

que vem, que está lutando, que está implorando sua atenção... você tem que sair do seu horário e fazer alguma coisa por ele. E muita gente fez isso... não só em Araras. Professores mais ou menos da minha idade, que funcionam como uma semente de amor. Não é só aqui não, eu conversei com muita gente que participa dessa luta, que foi o FIES²⁶, trazendo os alunos para a faculdade.

Que belo exemplo! É uma visão assim, muito interessante. E saber que o MOBRAL proporcionou essa experiência...

Me emociona sim. [voz embargada]

Essa humanização.

Me emociona lembrar [lágrimas], que foi a minha experiência de vida. Muitas pessoas deveriam ir visitar o EJA, ver a dificuldade que é e não se colocarem num patamar de professores universitários. Porque ninguém nesse mundo é nada, você tem que descer mesmo e lutar com eles e não falar: “Ah, eles vem sem saber nada. O que eu vou fazer?”

Eis a diferença: você, que experienciou todo aquele período de luta, tem outra visão, perante esses que não vivenciaram isso.

E a gente tem que passar, fazer o enfrentamento. Eu me aposentei realmente da faculdade, em 2016. Dei aula até janeiro e eu fiz sérios enfrentamentos. É essa a semente. Você não pode concordar, porque tem gente que não conheceu esse lado da dificuldade.

Qual a sua visão hoje do MOBRAL?

Ah eu quero dizer uma coisa, eu recebi um convite maravilhoso da Escola Adalgisa. Lindo, gente! E tem até um videozinho que eu gostaria que você acessasse... está no fim do meu perfil... você pode procurar.

Eu fui convidada para dar uma palestra para a EJA da escola Adalgisa e, eu vi no rosto daquelas pessoas, que estavam procurando estudar, pessoas se recuperando de muita coisa... Eu vi no rosto daquelas pessoas a mesma ansiedade que vi nos alunos do MOBRAL. Eu fui falar de arte... porque eu sou artista plástica e minha disciplina na faculdade era estética e história da arte... pintura, modelagem, desenho, além da parte prática e a parte teórica, onde eu fazia uma fusão. Também em arquitetura, o urbanismo, a história do urbanismo, a perspectiva... estava

trabalhando nessas disciplinas. Quando eu fui convidada, eu comecei a levar as coisas, fotografei e levei tudo o que eu fiz. Eu coloquei lá e eles pensavam que eu ia fazer uma palestra. Eu cheguei e vi uma moça, que cantou primeiro, uma coisa linda. Eu tenho a maior inveja de quem canta e eu não sou nem um pouco afinada, mas por Deus saiu alguma coisa. Eu os vi ouvindo... ela cantou uma música do Chico Buarque, eles amaram. A maioria dos estudantes eram nordestinos... eu vi muita gente na luta mesmo, aí olhei pra eles e falei: “Olha gente, eu faço isso aqui. Eu pinto e queria falar para vocês que a arte é importante, a música...” Então, eu comecei a cantar aquela música que agora eu não me lembro, que é um hino do Luís Gonzaga. Você sabe qual é?

Não.

Qual?...hum...

Canta um pedacinho

Como que é que começa? É uma música imortal.

“Quando eu vi a terra ardendo, qual fogueira de São João, eu perguntei aí, meu Deus do céu aí, porque tamanha judiação. Quando o verde dos seus olhos se espalhar na plantação, eu te asseguro, não chores não viu, eu voltarei aí meu coração”.²⁷ Eles cantaram comigo, em pé e aplaudindo... pega o vídeo pra você ver... Mas eu cantei inteirinha, eu não sei, eu tive uma luz na hora e não muito afinada, claro. Mas eles cantaram melhor do que eu. Menina, eu comecei a minha palestra assim, comecei a minha palestra falando de xaxado, valorizando a cultura nordestina. Tanta gente postou com alegria, sabe. Eu motivei a minha fala com a cultura, com a música...a migração do sul de Minas para a folia de reis.

Existe um grupo independente, que é a Companhia de Reis, de Santos Reis, Bandeira Nova. Tem um quadro aqui, que eu pintei ao vivo em Nova Resende da apresentação deles, quando a gente conseguia ônibus. Eu trabalho muito pela cultura, é um meio de emoldurar a minha arte e me integrar ao mundo dos mais humildes.

Então a sua visão do MOBREAL hoje...

A minha visão do MOBREAL hoje é o EJA, porque eu revi nesses alunos aqueles meus e veio aquela inspiração... porque o artista, ele tem assim, um contato, uma quintessência,

²⁷ Asa Branca. Composição: Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

diríamos. E na hora eu comecei a cantar, a falar da cultura e pouco falei da minha arte, só conversei com eles.

Eu fui comer pastel no calçadão e uma mocinha olhava, olhava, olhava pra mim: “A senhora foi dar aula pra mim.” Eu falei: “Mas como? Uma mocinha nova desse jeito.” “A senhora foi lá no Adalgisa.”

Minha filha, você precisa ir lá, para fazer a transposição do MOBRAL para agora. Você precisa ver o trabalho do EJA lá no Adalgisa, tem a cara do MOBRAL.

Para finalizar, tem algum fato marcante que você se lembra de ter ocorrido em sua atuação no MOBRAL? Algum aluno, alguma lembrança?

Ah, eu tenho lembranças boas. Sempre quando eles começavam, eram muito desconfiados e a gente precisava ser um pouco enérgica. Eu tive firmeza mesmo, porque senão eles não respeitavam, precisávamos ter uma certa autoridade para começar o trabalho, depois ficávamos todos amigos. O começo sempre era árduo. Para eles se ligarem na responsabilidade que é entrar num mundo novo, precisava de muita disciplina.

Eu tenho 70 anos e aí por volta do ano 2000, eu precisei de um computador. Meu filho é formado, mas o computador para mim era uma coisa muito complicada. Eu precisei inchar os pés para começar a aprender, ficar sentadinha na frente do computador, porque é uma nova alfabetização. E aí eu vejo, eu brigava com a moça que me ensinava, porque eu não entendia nada, não conseguia fazer nada e acabava brigando. Essas situações de impacto, onde a pessoa começa a descobrir que ela não sabe nada do que ela devia saber, colocam a pessoa em xeque, em choque. E existiram fatos onde nós tivemos que ser muito firmes.

Teve algum caso específico?

Não, não. Não teve caso específico, todos ficaram muito amigos. Eu sempre soube superar, como eu falo para você, do limão fazer limonada. Era um trabalho complicado, mas tem que vencer. Eu não quero sair derrotada... eu nunca saí derrotada, de qualquer proposta que me passaram na vida. As dificuldades são ótimas para o crescimento. Quando me aposentei, eu já trabalhava com os alunos à distância, tudo no sistema. Eu falei: “Olha!” Quando foi que eu pensei que iria dominar a informática? A dificuldade que eu senti me fez lembrar dessa experiência. Não era simples, não era maravilha, mas depois ficava. Tenho muita saudade desse povo...e estou sempre lembrando, a cada momento de dificuldade.

Você chegou a reencontrar algum?

Já, mas eu não lembrava mais. Em uma fila de banco, em situações, assim... andando na rua, gente olhando e rindo pra mim. Eu fico contente, porque eu estou com 70 anos e as pessoas lembram de mim quando eu tinha 23, 24 anos. Nossa! Eu falo: “Ai, que amor, que Deus bom. Eu não fiquei tão velha.” Só o cabelo, quanta diferença.

Eu agradeço, a entrevista foi ótima. Parabéns pela sua vida, pela sua experiência, pelo seu trabalho... por tudo o que você representou na vida de cada um. E representa agora, para as pessoas que estão ao seu entorno. Parabéns!

Eu que agradeço a oportunidade.

4.4.1 Segunda entrevista com Rose Mary da Penha Conte.

Rose, mais uma vez eu agradeço, por você estar me atendendo para podermos tirar algumas dúvidas da nossa primeira entrevista.

Como era feita a escolha dos professores para lecionarem no MOBREAL? Havia necessidade de algum diploma que o professor tinha que apresentar para se inscrever?

Sim, o diploma do magistério. Professores formados tanto no Cesário Coimbra, que era uma das escolas, como no Insa... professores com magistério, que apresentavam seu diploma.

Não me recordo perfeitamente como era a seleção, talvez as pessoas se inscrevessem, deixassem seus telefones e se houvesse uma oportunidade eram chamadas. Ou se houvesse uma classe... a dona Zulque acompanhava bem a formação dessas classes. Normalmente os professores eram chamados quando montada a classe e tinha necessidade. Eu lembro de listas de nomes que moradores vinham trazer, levar até a prefeitura, listas de nomes, classes montadas, aí os professores eram chamados. Não eram professores leigos, que eu me lembre eram todos professores formados.

O salário era equivalente ao do município ou do estado?

Não me recordo. Eu acho que era um salário baixo, muito baixo, condizente com as horas de trabalho, que eram noturnas. Mas eu não me recordo, porque a prefeitura não tinha o ensino fundamental nas mãos, a não ser as escolas mistas rurais. Quem passou essa atribuição para a prefeitura, municipalizou, foi o governo do PSDB, porque antes não existia ensino fundamental municipal e segundo grau no estado. Para nível de comparação eu acho praticamente impossível, porque nós éramos chamadas para dar aulas na escola Zurita, onde o

professor Cassio seguia uma lista de nomes por pontuação, para as escolas estaduais. E aquela lista de professores era enorme, porque já tinha os professores efetivos, os professores com mais pontos... então, professor mesmo municipal, era só nos parques infantis, que agora são EMEFs, EMEIs, FUNDI, FUNDII... se transformaram agora, mas creches e parques a prefeitura mantinha o salário. As escolas municipais, depois que foi transformado todo o FUND, chegavam até à pré-escola, a alfabetização já era toda do estado. A obrigação do município eram os parques infantis e as creches, até os seis anos, a partir dessa idade as crianças iam para a alfabetização nas escolas estaduais. Então era uma lista enorme de classes já montadas e professores com pontos, os professores do MOBREAL eram muitas vezes aproveitados daquela lista... às vezes não, mas eu não lembro o critério usado para os professores do MOBREAL.

O pagamento era realizado em algum dia específico do mês?

Não me recordo. Isso nós temos aí o secretário de educação, Gilberto Franzini, que vai poder dar maiores detalhes da chegada desse dinheiro, se vinha do Fundo de Participação dos Municípios... eu não tenho certeza. Sei que existiam listas de pagamento, após apresentação de todos os dias de aula, das frequências, para que a prefeitura pagasse.

Por que nos registros a porcentagem de alunos não aprovados é muito alta? Os alunos reprovavam bastante?

Nos anos que antecederam a minha entrada na prefeitura, por volta de 66, 67, víamos uma migração muito grande. Era uma migração flutuante, ela deve ter se perpetuado ainda por um bom tempo, com os professores que passaram a lecionar a partir dos anos 80. Eu acho que era muito difícil, antes de entrar na prefeitura, eu lembro de trabalhar com a parte de gramática, de português e sempre foi um trabalho muito árduo para o professor. Eu acredito que isso se dê pela grande flutuação, porque foi um grande fluxo da chegada de migrantes. Mas mesmo assim, a gente tinha sim, moradores de zona rural, completamente analfabetos, senhoras mais idosas analfabetas, que participavam das classes. Não eram só migrantes, essas eram de frequência mais efetiva.

Você tinha que manter o número de alunos em sala?

Eu não me lembro do número mínimo, mas tinha. Vai ficar classe vazia e um professor ganhando? Não. Tinha um determinado limite, que eu não me recordo qual era.

O que acontecia quando os alunos desistiam? Quando um aluno desistia, você já o eliminava? Ele ficava lá, ele voltava?

Você está fazendo uma pergunta muito...várias perguntas ao mesmo tempo e eu posso te dizer que desistência sempre houve. Mas lembro muito bem dos professores correndo atrás dos alunos, visitando, incentivando... o MOBRAL foi um trabalho de luta.

Como você trabalhava as operações matemáticas? Os alunos gostavam?

Até as quatro operações eu não tinha dificuldade, porque tinha o vendedor de tomates, que tinha que aprender a dar troco... todos os professores faziam essa correlação, tinha aluno que trabalhava no mercadinho. As quatro operações eram necessárias, eles tinham necessidade vital de aprender a fazer contas.

E eles gostavam?

Os alunos sentiam necessidade, eles gostavam porque resolvia o problema deles. Eu lembro de um aluno que era excepcional, ele chamava Guido e vendia tomates, ele queria aprender a fazer contas e conseguiu. Mas só para isso, a alfabetização ficou mesmo complicada, porque a gente não tinha método para trabalhar com excepcional. Ele chamava Guido vendedor de tomates e a mãe dele fazia questão que ele aprendesse a fazer contas. Não era de muita frequência, porque tinha muitas dificuldades e o professor também.

O MOBRAL foi uma criação na época da ditadura militar, você percebia alguma interferência no seu trabalho?

Eles faziam questão de aulas de educação moral e cívica, OSPB... nós que vivemos a ditadura não questionávamos absolutamente nada, nem achávamos que era interferência. Eu acho que o MOBRAL foi um caminho, agora com relação ao regime dos anos de chumbo, esses anos mais difíceis, a gente questionava muito pouco. Fomos questionar depois, porque enquanto vivíamos, tínhamos que calar a boca.

Por que você foi lecionar no MOBRAL e não em outra escola? Não tinha outro lugar para você empregar a sua experiência do magistério, aplicar o que você tinha aprendido na teoria? Porque tinha que ser o MOBRAL?

O MOBRAL era um desafio.

E não tinha outro lugar?

Tinha. Por exemplo, eu dava aula na escola mista do bairro Marimbondo.

Você falou que tinha também muita gente dando aula?

É, você conseguia. Eu lembro que peguei uma licença no segundo semestre nessa escola mista do bairro Marimbondo e já antes vinha trabalhando com o MOBRAL. Lembro da minha participação no MOBRAL, mas em 67, no primeiro semestre não ganhei nada, depois uma professora pegou licença e ganhei primeira e segunda série no bairro Marimbondo.

Até hoje perdura isso, muita gente para pouca aula.

Até hoje?

Perdura ainda.

Muitos professores. Eu acho assim, um professor...

Está minando um pouco, os eventuais, mas ainda tem professor sem aula.

Tem professor esperando uma vaguinha ainda, como era antigamente? Você vê, é por isso que o ensino à distância, que eu abomino, só pegou licenciatura. Ele não pegou Arquitetura, não pegou Direito, ele pegou licenciatura... então o professor dentro de sala de aula, no ensino universitário, foi sendo eliminado, na área de licenciatura.

Rose, eu agradeço as suas novas informações, muito obrigada pela sua atenção e até uma próxima vez.

Eu que agradeço e se precisar estou aqui às ordens.

Muito obrigada.



4.5 Quinta Entrevista – Professora Maria Amélia Pereira Nascimento

Em outubro de 2015 houve uma reunião comumente de HTPC na Escola Estadual Oscar Alves Janeiro. Nesta reunião, aconteceu uma palestra sobre a “Caminhada Passos que Salvam”, movimento em prol do Hospital de Câncer de Barretos, que atualmente é nominado Hospital de Amor. Para minha surpresa, uma voluntária dos integrantes da comissão desse movimento era Maria Amélia Pereira Nascimento. Essa senhora foi professora por um curto período de tempo no MOBRAL.

Ao final da palestra, solicitei um minuto de sua atenção e contei-lhe sobre minha pesquisa, convidando-a para me conceder uma narrativa a respeito de sua participação no MOBRAL. Ela, muito contente, se mostrou solícita e já ofereceu seus contatos para marcarmos a entrevista. Naquele momento, já me adiantou que havia ido lecionar no MOBRAL por causa de sua avó que almejava muito a alfabetização e que tinha dado aulas para ela. Nesse ano de 2015, Maria Amélia era diretora na Escola Estadual Judith Ferrão Legaspe em Araras. Marquei seus contatos e disse que ligaria em breve.

Mas o tempo passou e havia uma dificuldade de conseguir conciliar horários para agendar com a diretora Maria Amélia.

No dia 17 de outubro de 2017 liguei para ela, após já ter feito algumas ligações anteriormente, porém, sem sucesso, a fim de agendar uma entrevista para quinta feira dia 19/10/2017. Como ela estava esperando um telefonema de uma outra entrevista a respeito do evento outubro rosa em Araras, fiquei de confirmar a entrevista posteriormente. Infelizmente, Maria Amélia não poderia mais naquela semana, pois tinha uma viagem marcada. Fiquei de ligar assim que ela chegasse de viagem. Desta forma, a entrevista aconteceu dia 30 de novembro de 2017 às 10h no saguão do hotel em que ela reside. A entrevista teve a duração de 19min43s, finalizando às 10h19min43s.

Em que época da vida você começou a trabalhar no MOBRAL?

Bom, eu iniciei minha carreira em 1974 e tive a oportunidade de trabalhar no MOBRAL com minha avó, que era analfabeta, junto com suas colegas e vizinhas.

Eu consegui uma sala de um sindicato e, entre cinco pessoas, numa salinha pequena, eu tive a oportunidade de começar a alfabetizar a minha avó.

Em quais escolas e por quanto tempo você trabalhou no MOBRAL?

Olha, foi um período muito pequeno, de fevereiro quando eu iniciei, até maio. Porque nesse período eu fiz um vestibular na UNAR, hoje nossa UNAR e passei pra fazer licenciatura em Letras. Aí eu precisei abandonar, porque o curso era noturno e as aulas do MOBRAL também eram à noite.

As escolas que você trabalhou no MOBRAL eram perto de onde você morava?

A escola em que eu trabalhei ficava a pouca distância. Eu as levava de carro, porque elas já eram senhorinhas.

Porque você foi lecionar no MOBRAL?

Eu me formei no Cesário Coimbra em 1973. Em 1974 eu já era estagiária... aquela substituta eventual e eu queria ter experiência. Surgiu a oportunidade no MOBRAL e eu nunca imaginei que fosse ter que desistir logo em seguida. Foi uma experiência muito rica, porque enquanto nós aguardávamos o material do MOBRAL, eu pude aplicar toda a teoria que eu havia aprendido no magistério.

Como eram as suas aulas no MOBRAL? A dinâmica, o material que você usava, a avaliação?

Bom, eu tive pouco tempo, como eu já havia dito. Mas eu aprendi muito com a dona Zélia Martins Pereira e ela partia do concreto para o abstrato. Então, quando eu ia ensinar a matemática, eu levava materiais, como palitos para ensinar a tabuada... a adição... porque elas já eram senhorinhas e para você dar, por exemplo, a tabuada, ficava muito distante. Então, como eu já havia aprendido, eu dizia para elas: “Venham até à mesa, peguem dois palitos.” Aí elas vinham e eu dizia assim: “Venham pegar mais dois.” Concluindo, eu dizia: “Quantas vezes vocês vieram? Vieram duas. Quantas vocês pegaram a cada vez? Duas. E quanto tem ao todo? Quatro. Então como nós podemos escrever isso na lousa? Que duas... olha o sinalzinho das vezes que vocês se deslocaram... duas vezes dois, olha o sinalzinho de quanto deu... é igual a quatro.” Isso fez com que a minha avó ficasse tão feliz. Porque tanto a adição, quanto a multiplicação e a subtração... para elas era assim, uma descoberta. Em relação à Língua Portuguesa, primeiro eu comecei com as vogais. Nós formávamos as palavrinhas, com as vogais. E eu tinha começado a mostrar para elas o alfabeto, mostrando as letras e como nós as formávamos. Porque embora elas conversassem, a escrita, a letrinha manual, elas tinham dificuldade... então eu ensinava na caligrafia. Para mim foi um início gratificante.

Estou percebendo...os seus olhos brilham ao lembrar desse período.

Sim, sim.

Você fazia avaliação com elas?

Olha, eu não cheguei a fazer avaliação, porque era tão básico o que eu fiz e nós, nessa época, não tínhamos uma supervisão. Era a prefeitura que vinha e ela fazia isso a cada seis meses. Eu fiquei muito pouco tempo, como eu falei para você, de fevereiro até abril, porque maio eu já deixei... então eu não tive tempo de avaliar. Mas depois, ao longo do contato com a minha avó, vi o quanto ela se sentia realizada pelo aprendizado que ela teve. Então, acho que essa foi a maior avaliação, do dia a dia da gente, de poder constatar o aprendizado dela.

Como era a distribuição do material didático enviado pelo governo? Havia uma orientação de como utilizar esse material?

Olha, eu praticamente não tive acesso ao material. O material vinha através da prefeitura e a prefeitura tinha os seus coordenadores, que distribuía. Mas eu realmente não tive acesso a esse material.

Em minhas pesquisas observei que havia um trabalho com palavras geradoras. Como isso acontecia?

Eu vou ficar devendo essa resposta pra você, porque eu não cheguei a ter contato com o material.

Aí você mesma preparava o seu material para...

Sim, sim. Com a experiência que tive com o estágio que eu fiz e com aquilo que me foi passado durante o magistério... Eu fiz o magistério a noite, durante o dia eu trabalhava. Tudo que eu fiz na minha carreira, nos meus estudos, no magistério e mesmo depois atuando como professora, foi com muita garra, com muito esforço. Porque o tempo mesmo era escasso.

Como eram os alunos do MOBREAL?

Olha, eu percebia que eles tinham sede de aprender. Porque eles não tiveram as oportunidades que eu tive. A grande maioria das senhorinhas, das alunas, elas eram pessoas que tinham vindo dos sítios. Elas já tinham se casado, já tinham seus filhos e ficavam cuidando da casa, não tinham contato com o estudo. Porque só vinham para as cidades as famílias mais abastadas, então elas não tiveram essa oportunidade que nós tivemos. Eu tive uma infância

muito difícil, para ir para escola, por uma série de coisas. Mas o estudo era o foco da minha vida. A educação foi a minha principal meta de vida.

Quais eram as maiores dificuldades e facilidades desses alunos?

Bom, em relação à transporte eu os levava. As maiores dificuldades são que, as pessoas mais jovens, têm muito mais facilidade, no entendimento, na interpretação... que não é o que acontecia com elas, então nós tínhamos que ser muito pacienciosos.

Seus alunos sabiam ler números e lidar com cálculo mental quando chegavam no MOBRAL?

Eles até faziam contas, mas não como nós aprendemos na escola. Eles sabiam pela prática do dia a dia, porque a vida faz com que você lide com dinheiro, com que você saiba contar coisas... mas no dia a dia deles, eles sabiam sim. Se eles tivessem que, por exemplo, ler o enunciado de um problema e resolver, aí eles tinham dificuldade.

A dificuldade maior você acredita que seria na matemática? Ou português?

Na matemática era na interpretação, na resolução de um problema. Para eles poderem montar um texto, eles tinham dificuldade, porque eles não sabiam concordância verbal. Embora eles conversassem e usassem os substantivos, os adjetivos e os verbos, na hora de constituir, de escrever, transcrever, eles tinham dificuldade.

Como você trabalhava a matemática com os seus alunos? Você já falou um pouco...

Então, eu partia do concreto para o abstrato, para que eles pudessem saber que aquilo que eles estavam fazendo no abstrato, eles tinham como aprender primeiro no concreto. Dessa forma, eles poderiam resolver de forma prática, sem ter que pensar.

Como era o preenchimento de caderneta e o sistema de avaliação? Havia conselho de classe?

Os diários de classe eram como são os de hoje. De um lado nós fazíamos a presença do aluno, eram os dias letivos efetivamente dados e do outro lado era o conteúdo. Em relação ao conteúdo, eu registrava aquilo que eu estava dando, porque até então eu não tinha tido nenhuma orientação, nenhuma reunião. Nessa época não era como é agora, que a gente tem coordenadores e supervisores. Era muito mais difícil. Então, a prática que eu tive dentro das minhas aulas do magistério, eu levei para esse pouco tempo em que trabalhei no MOBRAL.

Havia alguma supervisão sobre o seu trabalho em sala de aula?

Não. Não, não houve.

O que foi importante nessa trajetória no MOBRAL em sua carreira docente?

Eu acho que foi a maior realização profissional da minha vida. Primeiro, por saber que elas não sabiam praticamente nada e também de ter trabalhado com a minha avó, saber que a minha avó tinha sede de aprender. Porque eu percebia que ela queria falar bonito, mas falava errado. Então, quando ela começou a aprender e ela pôde ler, pôde entender... depois eu, mesmo não dando aula no MOBRAL, passei a acompanhá-la. A maior alegria dela era saber que... ela lia em carreirinha... como dizia ela. Porque ela não conseguia ler antes, então eu acho que não tem dinheiro no mundo que pague essa primeira experiência da minha vida.

Qual a sua visão hoje do MOBRAL?

Bom, agora é o EJA, já não é mais MOBRAL. Eu fico muito decepcionada. Eu acho que tem validade quando nós pegamos profissionais comprometidos e alunos que queiram aprender. Mas quando eu vejo professores que querem só ter um número...

A visão que você tem do MOBRAL, do movimento que foi, você acha que foi válido?

Naquele momento foi. Foi, porque as pessoas que davam aula no MOBRAL acreditavam que tínhamos que alfabetizar as pessoas que não tiveram oportunidade.

Interessante o que você falou.

Hoje eu vejo que as pessoas que estão no EJA, não são as que não tiveram oportunidade, são aquelas que não querem estudar, embora tenham oportunidade. Elas querem entrar num curso, passar, para elas poderem ter um trabalho, prosseguirem estudos e acho que não vão ser vitoriosos. A gente tem visto aí a criançada, sem objetivo de vida, que a família não acompanha... porque o estudo também depende da família. A família é o ponto chave dentro de uma escola. A escola sozinha não se faz. Eu acho que a peça fundamental da escola é o professor ao lado da família, porque quando a família quer, o aluno quer e o professor faz. Porque o professor não faz nada sem o aluno querer.

A classe do MOBRAL, como se formava? Você disse que você mesma formou a sua?

Isso. Nós convocávamos as pessoas, quem se interessava. Porque veja bem, 74 vão aí quarenta e tantos anos, não é? A gente procurava ver as pessoas que não tinham estudo, que

não tinham tido oportunidade. E essas pessoas, elas queriam sim. Você me perguntou do EJA, mas eu gostaria de falar do TELECURSO. Eu acho que o TELECURSO foi um momento essencial na vida de muita gente, que mudou a vida de muita gente, daqueles que queriam progredir na vida através do estudo. As pessoas que nasceram pobres, que não tiveram oportunidades na vida, só o estudo pode elevá-las a uma ascensão social. Seja ela dentro do estudo, seja ela dentro de uma classe política, dentro de uma sociedade, não é? O estudo traz essa bagagem para a pessoa. Eu digo por mim mesma, se eu não tivesse estudo, não seria o que sou. Eu nasci numa classe humilde e hoje eu tenho cinco universidades com pós-graduação. Eu posso dizer e sempre disse para os meus alunos, que só através do estudo nós podemos ter essa ascensão. Nós podemos dizer: “Hoje eu sou alguém, porque o estudo me propiciou isso.”

Tem algum fato marcante que você se lembra de ter ocorrido em sua função no MOBRAL? Que trouxe algum crescimento para você, que marcou?

Eu só posso dizer esse com a minha avó, não posso dizer outro. Não teria outro. As amigas dela todas gostaram, mas a alegria da minha avó não tem dinheiro que pague. Parece que eu a vejo, naquela felicidade, naquela alegria, sabe? Ela prestava tanta atenção, sentava na primeira carteira, tinha o caderninho dela, o lápis... ver ela pegar aquilo e prestar atenção. Ah, aquilo foi significativo para mim.

Eu agradeço a sua disponibilidade, como eu disse no início. Muito obrigada pelas suas palavras.

Eu que fico feliz. Porque é muito gratificante saber que, depois de quarenta e quatro anos de magistério, eu posso estar dando um depoimento assim, entre aspas, tão esquecido. Mas no meu coração não, o meu coração transborda de alegria.

Tão vivo, não é?

Tão vivo.

Senti isso nos seus olhos. Obrigada.

Eu que agradeço.



4.6 Sexta Entrevista – Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta

Em 28 de janeiro de 2016, fui até o bairro Parque Industrial, à procura de uma aluna que estudou no MOBRAL indicada por Miriam Camargo, Dona Maria Dorta. Naquele momento, o bairro era a única referência que eu tinha do local onde pudesse residir a colaboradora. Perguntei em duas casas ali no bairro onde, há um tempo, a Dona Maria Dorta possuía um açougue e cheguei até a sua casa facilmente. Infelizmente ela não estava. Quem me atendeu foi o filho da colaboradora. Disse que ela estava tratando de alguns problemas de saúde e por esse motivo não se encontrava. Assim, pedi o número do telefone e disse que ligaria posteriormente.

Em 26 de outubro do corrente ano, ao passar em frente da sua casa, a vi sentada na área e aproveitei a oportunidade para lhe abordar e explicar sobre o meu projeto e como ela poderia contribuir com ele. Foi um daqueles momentos em que eu já queria estar com um gravador ali comigo. Ela foi falando tão claramente da época em que estudou no MOBRAL, que eu tive que interrompê-la e dizer que necessitava marcar um dia para que isso tudo que estava sendo relatado fosse registrado. Pedi a ela que se houvesse alguma coisa que ela ainda guardava dessa época que pudesse ser apresentado no dia da nossa entrevista. Ela me disse que achava que ainda tinha um caderno. A entrevista não ficou agendada, pois nesse dia eu estava sem minha agenda. Realmente eu só havia parado ali, porque a avistei sentada em sua área.

Esperei findar o ano e no dia 12 de janeiro de 2017 entrei em contato por telefone com a Dona Maria Dorta. Ela mesma atendeu e aceitou ser entrevistada na manhã seguinte. Marcamos para as 9h30min do dia 13 de janeiro de 2017. Pelo telefone, dona Maria já queria conversar sobre o MOBRAL. No dia 13 iniciamos a entrevista às 10h10min, com duração de 23min53s, finalizando às 10h33min53s.

Dona Maria anda com muita dificuldade e somente com o apoio do andador. Tem a voz meio rouca e ao falar gagueja um pouco, o que dificultou bastante a transcrição da entrevista. Com 86 anos, tem a memória bem ativa e em 23min53s nos contou um pouco de sua experiência no MOBRAL.

O que a levou a procurar o MOBRAL para estudar?

Ah, porque eu sentia falta de alguma coisa. Eu nunca soube nada, só trabalhei. Com a idade de sete anos eu media a terra com o meu pai na Água Boa, que era de outra gente, não era

do Ometto. Era o Cride que era o dono da fazenda. Nós andávamos no meio do mato, meu pai andava na frente e eu atrás. Meu pai andava com uma faixa na mão e com uma estaca debaixo do braço...ia arrastando, quando chegava lá adiante eu catava aquelas coisas e segurava. Quando acabava, aí meu pai parava, via quanto deu e depois seguia. Desde a idade de 7 anos eu andava pelo meio do mato com o meu pai. Depois foram 25 anos que eu cortei cana na Usina São João, quando era moça.

E qual era o objetivo que a senhora queria alcançar, participando do MOBREAL? O que a senhora queria? “Ah, eu vou estudar no MOBREAL, por quê?”

Ah, eu só queria saber ler, escrever, saber meu nome, dos meus irmãos, endereço, tudo... só isso. Era muita coisa, mas eu fui forçada, porque eu não sabia nada, nem meu nome eu sabia. Isso eu devo à Mirian, Deus que a abençoe, porque foi ela quem me ensinou o que eu sei hoje, porque ninguém me engana. Agora eu estou com problemas no joelho, mas faço tudo, vou ao banco, faço contas, tudo que você pensar eu faço.

E a senhora tinha algum sonho assim: “Ah, eu vou estudar no MOBREAL porque eu tenho um sonho...” Tinha algum sonho ou era apenas o objetivo?

Meu sonho era saber ler e escrever, para fazer as coisas que eu não sabia... negócios, coisas assim. Tive um açougue aqui, e eu ia ao banco na sexta feira, tirava dinheiro, no Bradesco... eu trabalhei 60 anos com o Bradesco. Eu pegava todo o dinheiro no Bradesco e segurava. Na Usina São João a gente trabalhava o dia inteirinho e não recebia nada, recebia no sábado e não era em dinheiro, era em cheque. Aí as pessoas vinham aqui e eu trocava os cheques pelo dinheiro que pegava no banco... do pouco que eu aprendi, heim? O dinheiro que eu pegava no banco, eu trocava os cheques para eles no sábado à tarde. Só que os trocadinhos eu não devolvia, se tivesse 50 centavos, 10 centavos, eu dava o valor reto. Isso aí com o pouco que eu aprendi. Porque eles não tinham dinheiro, queriam dinheiro para o domingo, para o sábado, para fazer as coisas e a Usina pagava em cheque.

“Dava reto” que a senhora fala, a senhora quer dizer que a senhora ficava com os centavinhos, porque a senhora estava fazendo um favor... é isso?

Isso.

Ah, sim.

Eles aceitavam. Por exemplo, se dava 20 centavos... 20 centavos eu não dava, dava certo o cheque.

Certo.

Com o pouco que eu aprendi, viu.

Como a senhora ficou sabendo do MOBREAL? Quem falou para senhora?

Ah, passava gente aí, um falava, outro falava... eu pensava “Por que não vem alguém aqui? Eu vou sim.” Aí acho que a Mirian procurou alunos. Encheu a sala. Ela deu aula para muitas pessoas. A mulherada toda de idade, os homens também... chegava a hora de fazer lanche... fazia uma fila, com aqueles moleques que iam fazer alguma coisa lá também e misturava a criançada no meio de nós, para pegar lanche, para comer também.

A professora que misturava?

Não. Dava o lanche descendo aqui... já vinha o lanche prontinho. A criançada entrava na fila também, porque tinha aqueles que também não sabiam nada e queriam aprender... os mocinhos mais novos. Eu fiz mais isso porque... eu dei graças a Deus que teve isso, porque meu marido faleceu e meus filhos todos estudavam, os três. Até perdi uma filha, já faz três anos que perdi ela. Eles iam para a escola e eu ficava sozinha. Aí falei “Meu Deus, mas ficar sozinha vendo televisão... vou procurar alguma coisa.” Aí falaram que a Mirian ia dar aula e eu disse “Sou a primeirona... eu vou.” Quando eu vinha de lá, já estava com sono, dormia, não ficava sozinha. Aí meus filhos chegavam... esse estudou em São Carlos, aquele lá estudou em Taubaté e a minha filha estudava no colégio, aqui no Canossianas. Da escola Canossianas foi para o Insa, onde tirou diploma de química. Era professora de química. Depois ela casou. O marido não deixava ela estudar. Então ela não dava aula, só trabalhava fazendo alguma coisa assim... faz três anos que ela faleceu, a minha filha. Mas vou te dizer, o que você pensar ela sabia fazer... quanta coisa eu já vendi dela, que ela deixou. Fazia crochê, fazia tricô, ainda trabalhava e ela mesma pagava a escola dela. As mães gostavam demais dela, a mãe do Canossianas, do Insa... ela tirou o diploma lá no Insa.

Ela morreu do que dona Maria?

Não durou muito não, deu câncer no pulmão. Meu marido também morreu de câncer no pulmão. A verdade é que a minha filha faz falta da hora que eu deito até a hora que eu levanto. Ela fazia tudo para mim, para os dois filhos... ela tomava conta de tudo mesmo. Ela falava assim “Mãe, eu vou estudar química...” Ela tinha diploma, lá do Insa... porque o Roberto, ele estudou para ser advogado criminalista... “Vou ser trabalhista mãe, vou ajudar ele. Trabalhista diz que ganha bem, eu vou ajudar ele.” Mas não deu. Ela morava nesse sobrado aqui. Ela mesma que

escreveu tudo. A prefeitura só assinou. Deixou duas casas na rua Santa Catarina, deixou um carro zerinho, que é esse que o meu filho usa. Ainda falava que queria ficar mais um ano... que se Deus deixasse ela ficar mais dois anos, ela ia ficar rica. Eu falei “Mas por que? Vocês dois já tem tanta coisa minha filha. Por que está com esse pensamento?” Mas eu sofri com a morte dela... você nem faz ideia... você nem sabe o que eu passei, com a falta dessa filha. Ela que tomava conta de tudo, dos irmãos... aquele outro lá estudava em Taubaté, então só vinha em casa no sábado. Agora ele é casado, mora lá em Indaiatuba. Casou com a filha do Fornaro... a Regina Fornaro, irmã do Marcão Fornaro. Eles têm só uma filha... esses dias mesmo ele estava aqui.

Esse aí é solteiro, tem uma filha com quinze anos, mas não é casado. Uma menina muito bonita, linda, linda... ela mora lá no Narciso Gomes, está sempre por aqui. Agora fica só eu e ele. Ele nem namora, a menina que está sempre aqui em casa, uma moça muito bonita, linda mesmo, maior do que eu, está com 15 anos.

Dona Maria, quanto tempo a senhora estudou no MOBREAL?

Eu não lembro não. Estudei até a Mirian parar.

Mas a senhora lembra mais ou menos se a senhora foi só um mês e já parou? Ou se a senhora chegou a ir quase um ano? A senhora lembra mais ou menos?

Quase um ano eu fui. Acho que um ano eu fui sim. Eu sei que eu gostava de ir... a hora passava e eu nem via. Depois a Mirian parou e foi a... esqueço o nome daquela que deu aula lá no Fátima. No Fátima não, acho que no José Ometto. Eu fui algumas vezes no José Ometto, de ônibus com uma amiga minha. Era uma outra professora, agora esqueci o nome dela, uma moça que parecia ser solteira.

A senhora já tinha ido para a escola antes de frequentar o MOBREAL? Ou quando a senhora foi, a senhora já foi assim, sem saber nada mesmo? A senhora já tinha frequentado?

Não. Sem saber nada. Eu só trabalhei, só trabalhei mesmo.

Lembra mais ou menos quantos anos a senhora tinha quando foi? A senhora não lembra mais ou menos quantos anos? Se a senhora era mocinha, se era... qual a idade da senhora na época, a senhora lembra?

Não lembro a idade, mas eu já era moça formada.

Casada?

Casada já. Porque perdi o meu marido, por isso que eu fui. Fui mais para a escola por isso, porque eu ficava sozinha aqui.

O que a senhora gostava no MOBRAL?

Ah, gostava de tudo que ela punha na lousa. Gostava muito de ler, sabe? Assim que ela punha lá, eu já começava a ler. Eu queria aprender um pouco a ler e, para mim, graças a Deus, valeu. A verdade é que eu agradeço muito a Mirian, porque ela tinha uma paciência com a mulherada...

Como eram os professores?

Os outros? De que jeito você fala?

Como que a senhora via eles? Eles eram bons? Como que eram os professores do MOBRAL?

Ah, eles tinham muita paciência com a mulherada... eram todas mais de idade. A Mirian então tinha muita paciência. Faz muito tempo que eu encontrei com ela... é raro eu encontrar com ela. Um dia, ela ia saindo do banco, mas estava com pressa e não conversamos, só abanou a mão para mim. Mas foi divertido! Quando dava a ordem para a gente fazer a fila e a molecada que não sabia nada entrava no meio também, para pegar o lanche... Passei um tempo gostoso...

O que a senhora lembra de ter aprendido no MOBRAL? Assim, no sentido de conteúdo, de português ou de matemática? Tem alguma coisa que a senhora lembra: “Ah, eu lembro disso”?

De matemática?

Ou de português, ou de ciências... a senhora lembra alguma coisa assim, que a senhora queria falar aqui? Ou não?

Não. O que você quer dizer... se eu gostava?

Não. Se a senhora lembra, de alguma coisa que a senhora aprendeu lá? Ou algum texto, algum probleminha...

Eu aprendi tudo lá. Ler, escrever... eu não sabia nada, muito mal o meu nome. Eu aprendi tudo com a Miriam. Ler então, eu não sabia mesmo. Eu sempre pegava um livro para ler em

casa... um caderno...estava sempre querendo aprender um pouco. E graças a Deus... Eu peguei muito pouco, mas valeu bastante e vale até hoje. Porque ninguém me engana, eu falo sempre que para passar por cima de mim só um avião mesmo.

Dona Maria, quais foram as dificuldades que a senhora encontrou para estudar no MOBRAL naquela época? Teve alguma dificuldade?

Não, que eu me lembre não. A dificuldade era a gente querer aprender...quanto mais estudava mais queria aprender.

Não tinha dificuldade assim, de...

Não.

Não era longe, ou...

Não. Descendo aqui vai para o Narciso Gomes. É na descida ali, a escola. Eu ia a pé também, depois que mudou, que a Mirian parou, foi... eu esqueço o nome da outra. Vou perguntar para a minha vizinha... essa minha vizinha aí foi comigo. Mas era uma moça solteira.

Teve algum momento que a senhora pensou em desistir?

Não. Nunca. Eu só pedi a ela que ela não deixasse de nos dar aula. Eu queria aprender tudo que não aprendi quando era criança. Todo lugar que eu passava eu lia, se achava um papel eu lia, pegava um caderno eu lia... fazia essas coisas para aprender mesmo.

A senhora chegou a concluir então? Teve o diplominha? Naquela época tinha certificado? Ou a senhora não lembra, se a senhora chegou a ir até o final, para receber?

Como assim?

A senhora chegou a receber... a terminar o curso? Ou não?

O certificado. A senhora chegou a terminar o curso ou não?

Não. Ela saiu e nós ficamos pelo meio, aí fomos na outra lá. Eu esqueço o nome da outra, que dava aula junto...

Mudou alguma coisa na vida da senhora ter participado do MOBRAL, dona Maria?

Ah, mudou bastante. Porque eu aprendi uma coisa que eu queria, ler e escrever. Um pouquinho que a gente aprende... para mim foi grande coisa. E ajudou muito, não te falo? Eu

trocava cheque para as pessoas e se desse um real, dois, três reais, eu dava, mas 50, 20 centavos, eu segurava.

A senhora ia tendo um lucro, né?

É. E eles gostavam, porque eles ficavam sem dinheiro com o cheque no dia de sábado... eles não queriam. Era isso que eu fazia para eles.

A nossa última pergunta dona Maria. Existe algum fato marcante, alguma coisa que aconteceu, que a senhora lembra e pode nos contar?

O que você fala?

Alguma aula que a senhora lembre: “Ah, aquele dia aconteceu tal coisa” ou indo para a escola, ou lá com a professora Mirian... tem alguma coisa que a senhora lembra ou não? Se não lembrar tudo bem. Mas tem algum fato que a senhora lembra? Ou então, pode até ter sido depois que a senhora estudou e que o MOBRAL ajudou... tem alguma coisa que a senhora queria contar, referente ao MOBRAL ou não?

Não. Só mesmo que eu gostava de estar no meio da mulherada lá, conversando... eu nem via a noite passar. Entendeu? A Mirian, às vezes, precisava ir embora e a gente gostava que ela ficasse lá. Mas ela também tinha que ir para a casa dela, então... quanto mais ficasse na escola, mais a gente gostava. Ficar sentada conversando, comendo o lanche, era gostoso ali. Descendo aqui, como quem vai para o Narciso, esqueço o nome de lá.

O Padovani?

É, o Padovani. Ali. Não, o Padovani acho que não é aí.

Aqui é a Escola Padovani, descendo aqui.

Então é aí, é aí que eu ia. Ah... eu falo a verdade... para mim serviu bastante, porque eu não sabia nada. Você pega um caderno e só olha, não sabe o que está escrito... todo dia eu pegava um livro, um caderno e já ia lendo. Eu queria saber ler e escrever... escrever não muito, mas ler eu gostava.

E hoje a senhora consegue ler normal?

Hoje eu leio sim, muito. Eu falo a verdade para você, serviu muito, muito, muito mesmo. Eu falo para quem não sabe “Vai gente, faz. Porque hoje eu estou aqui, tenho tudo na vida, por causa do MOBRAL.” Depender dos outros para conversar, ajudar, levar a gente num lugar...

todo lugar que eu ia já lia algumas letras. Passava nos lugares lendo igual criança. O MOBREAL foi uma mãe para mim.

A senhora falou também que a senhora foi cortadora de cana e que...

25 anos na Usina São João.

E foi costureira dos sitiantes.

Costurava lá no sítio para toda a mulherada. Quando eu fui para lá, o meu marido era administrador... ficou 30 anos como administrador da fazenda Santa Cecília. O Roberto nasceu lá. A casa era retirada da colônia e o escritório era perto, um lugar muito bonito... (trecho não entendido) acho que ele conhece lá.

E depois na fazenda mesmo, a senhora foi empregada doméstica. A gente até brincou, eu falei que a senhora foi mais uma governanta.

Foi. Eu fui da Virgininha.

A Virgínea era?

A mulher do...

A mulher do Hermínio Ometto, é isso?

É. Morreram os dois. Olha, eu sinto, aquela mulher era um amor de pessoa. A Virgininha era um amor de pessoa mesmo, ela tratava a gente como nem merecíamos. A gente fazia de tudo para ela... era tão educada que dava até gosto de ver. Agora a dona Dulce, quando tinha festa no palacete e ela vinha, ela mandava. A Virgininha falava assim para mim: “Maria, por favor meu bem, pega aquela abóbora lá e põe aqui para mim.” A Dona Dulce quando ia lá para fazer as coisas, enfeites de natal, era: “Maria, vai buscar aquela abóbora lá para mim.”

Dona Maria, então a senhora tem lembranças boas da época que participou do MOBREAL?

Nossa! Nem me fale, tenho bastante. Comia o lanche, não precisava nem jantar. Ah meu Deus, tenho saudade, tenho lembranças e tenho saudades.

Eu agradeço a entrevista. Muito obrigada, pela entrevista, pelas belas palavras, pelas memórias, por tudo que a senhora relatou para a gente.

Então está bom. Onde eu morava lá, tinha leite de sobra, então dava na colônia. A minha casa era retirada, mas o administrador, o que sobrava, dava para todo mundo. Eles faziam queijo... o senhor João Almeida chegava lá, com 25 queijos na tábua, perguntava: “O senhor vai levar?” “Ah, não. Dá para o pessoal da colônia.”

Mas nessa época a senhora não tinha estudado ainda?

Ainda não. Isso era na Santa Cecília, quando eu fui morar lá. Não... tinha sim. Porque depois que eu fui para lá. A Usina comprou a Fazenda Santa Cecília, que estava largada. Meu marido foi para formar a cana, para cuidar. Era uma beleza de casa.

Mas a senhora estudou antes então? É isso que eu quero entender.

O Roberto nasceu lá, na Santa Cecilia. Tinha muitos sítios em volta, a gente tinha amizades na colônia, com as pessoas do sítio. Às vezes, o senhor João Ometto ia lá e a gente perguntava: “Senhor João, quer levar um queijo?” “Não. Deixa aí, dá para o pessoal da colônia.” Também dava baldes cheios de leite para as pessoas, lá na fazenda tinha uma fartura que dava gosto de ver. A água era a coisa mais linda, passava no meio do quintal.

Que beleza.

A casa tinha 12 cômodos, todos grandes, eu até perdia o Roberto... ele era pequenininho, nasceu lá. Ele ficava brincando num quarto, eu chamava... “Onde está ele? Ah meu Deus, deixei ele no meio da cana.” E a cana que está no meio queima, né? Meu marido mandava queimar a cana que estava no meio. Eu chegava até a chorar... depois ele estava ali, brincando num quarto, com um monte de coisas e não respondia.

Dona Maria, só uma questão que me veio agora. A senhora tinha alguma dificuldade na época que estava estudando? Tipo assim, de matemática ou de português... o que que a senhora mais tinha dificuldade de aprender? Que a senhora lembra: “Ah isso aqui eu não consigo.” Ou que é que a Miriam, como a senhora falou, a professora, tinha que ter muita paciência? Era com matemática ou era com português?

Então, as contas eu gostava de fazer. Mas eu gostava mais de ler e escrever, aprender a ler e escrever era o que eu mais queria.

Tá.

As contas, ela sempre dava continhas pequenas, aí dava para fazer.

Então está bem. Obrigada dona Maria.

De nada.



4.7 Sétima Entrevista – Aluna Aparecida Júlia Ferreira de Moraes

Dona Júlia foi indicada pela sua cunhada Dona Aparecida Ferreira que, por sua vez, foi indicada pela Miriam Aparecida de Godoy Camargo. Devido a motivos pessoais, não pôde me conceder uma entrevista. No dia 12 de setembro de 2017, procurei na lista telefônica o sobrenome Ferreira na rua Piracicaba, referência dada pela Miriam para encontrar a professora Aparecida Ferreira. Constatei dois endereços com esse sobrenome. Optei ligar primeiro para o telefone que tinha como prenome Antonio, pois este havia sido citado pela indicadora.

Ao ligar, expliquei o motivo do meu contato e para minha surpresa foi o meu primeiro não como resposta. Fiquei um pouco desapontada e por dias pensando se talvez eu não tivesse me explicado bem. Assim, no dia 21 de setembro, com muito cuidado liguei novamente, mas recebi outro não. Sua mãe estava muito doente e dependia muito de seus cuidados. Entretanto, desta vez, ela me indicou sua cunhada que estudou junto com ela no MOBREAL, a Dona Júlia. Prestativa, me mandou esperar que iria pegar o telefone dela pra mim. Agradei e na mesma hora liguei para a Dona Júlia. Ela muito solícita disse que eu poderia marcar para a próxima semana. Marcamos para dia 25 de setembro, segunda-feira às 14:00 horas.

Ela me contou que deve ter um trauma pela morte do neto de 3 anos e meio, que morreu brincando com o velotrol na frente de um caminhão. Dona Júlia acha que o fato de não se lembrar muito das coisas, se deve ao fato desse acontecimento que marcou sua vida tão negativamente.

Dona Júlia é uma pessoa muito simples. Simpática e com uma aparente timidez, nos concedeu uma rápida entrevista. Por ser muito tímida, se limitou a responder apenas ao que perguntávamos, sem se estender em nenhuma pergunta, acompanhada de uma tosse muito presente. Essa foi a entrevista mais rápida que realizamos nessa pesquisa. Não durou nem 5 minutos. Tentei evocar algumas lembranças, mas talvez, o equipamento de filmagem e a presença do técnico, possam ter colaborado para inibir ainda mais nossa colaboradora. Embora,

o técnico que me acompanhou em todas as entrevistas é uma pessoa muito carismática e acolhedora, o que sempre contribuiu para que os narradores se sentissem à vontade.

O que a levou a procurar o MOBRAL?

Porque eu gostaria muito de ler... eu tinha uma vocação para ler a fim de aprender música. Eu gostava de cantar bastante, então eu queria aprender a ler para conseguir ler as músicas.

Qual era o objetivo principal que você queria alcançar participando deste Movimento? Você tinha algum sonho?

Ah, de aprender a ler e escrever.

Hum.

E por isso eu aprendi mais a ler do que escrever.

Por que a senhora acha que aprendeu mais ler do que escrever?

Porque ler eu leio mais do que escrever.

Hum.

Eu escrevo, mas é mais complicado para mim.

A senhora acha que a senhora lê melhor?

É.

Como a senhora teve conhecimento do MOBRAL?

Então, quando eu era solteira eu fui com as minhas amigas. Tinha uma amiga que foi e eu fui porque eu queria aprender a ler.

Hum, tá.

Eu não sabia nem o meu nome, eu não sabia.

Quanto tempo a senhora estudou no MOBRAL?

Ah, acho que eu estudei um ano, um ano e pouco. Depois eu casei e parei de estudar. Depois eu voltei de novo.

A senhora já tinha ido para escola antes de frequentar as aulas do MOBRAL?

Não. Porque minha mãe... nós éramos pobres e os mais velhos olhavam os mais pequenos. Minha mãe trabalhava na roça, então não dava para estudar.

O que a senhora gostava no MOBRAL?

Ah, eu gostava de tudo: dos amigos, aprender a escrever, as contas, ditado... quando ela dava para fazer eu adorava. Eu só não gostava muito daquela continha de dividir, daquela lá eu não gostava muito.

(risos)

Como eram os professores do MOBRAL?

Ah era muito legal. Todo mundo foi... todos eles foram muito bons. Todos os que eu “peguei” foram muito legais.

O que a senhora lembra de ter aprendido nas aulas do MOBRAL? Algum conteúdo, alguma coisa que a senhora lembra que a senhora fazia sempre nas aulas do MOBRAL?

Ai... que eu fazia sempre?

A senhora falou do ditado.

É, então. Ditado, contas... assim, eu gostava de fazer. Eu adorava.

Tinha probleminhas ou não?

Problema... é. Eu adorava fazer essas coisas.

Tinha alguma coisa de Geografia, de Ciências, ou era mais a Alfabetização, Português e Matemática?

Ai, eu não sei responder para você aqui, agora.

(risos).

Quais foram as dificuldades que a senhora encontrou para estudar nesta época?

(silêncio)

A senhora pensou em desistir em algum momento? A senhora chegou a concluir os estudos? Como que foi? A senhora tinha alguma dificuldade para estudar lá na escola que a senhora ia?

Não, eu não tinha. Eu não tinha dificuldade. Só que eu parei porque... porque eu não fui mais.

Casou, né?

Casei e não fui mais.

Mudou alguma coisa em sua vida Dona Júlia, ter participado do MOBRAL?

Mudou, porque eu aprendi um pouco... porque eu não sabia de nada. Então, quer dizer, pelo menos o nome é alguma coisa, a gente sabe ler e escrever, né?

Tudo o que a senhora sabe hoje então, é devido às aulas que a senhora...

Devido as aulas da...

Existe algum fato marcante que a senhora possa nos contar, que a senhora lembra, alguma coisa que ficou marcado, alguma situação que aconteceu no MOBRAL, que a senhora gostaria de contar?

Ai, no momento não lembro não.

Muito obrigada.

De nada.

5 RESSONÂNCIAS LOCAIS: O MOBRAL-Araras

Neste capítulo, analiso os dados relatados nas entrevistas, realizando a triangulação com os documentos escritos (registros do MOBRAL, do Arquivo da Prefeitura do Município de Araras), os jornais do acervo da Câmara Municipal de Araras, os materiais didáticos do MOBRAL (livros de Matemática e manuais de orientação) e com algumas canções, que fazem parte da composição do material.

Nas entrevistas dos colaboradores, ficou evidente que cada um tinha seus objetivos, metas e sonhos. Professores que queriam adquirir experiência e alunas que tinham o sonho de aprender a ler e escrever. Nessa busca de realização de metas e sonhos, houveram perdas no meio do caminho, como por exemplo, a aluna Dona Maria Dorta que sofreu a perda de seu esposo e a dona Júlia que teve que superar a morte traumática de seu neto.

Ressonâncias Locais incorpora todo o material de estudo dessa tese e, por meio de um entrelaçamento de dados, criam-se diversos cenários:

- Cenários dos relatos de nossos colaboradores, sujeitos históricos do MOBRAL-Araras;
- Cenários dos documentos;
- Cenários da constituição e triangulação dos dados.

Esses cenários envolvem práticas, vivências de professores, vivências de alunos, estruturas, o cenário da busca dos professores por seus alunos, dos índices de aprovação e reprovação, enfim, cenários das memórias e histórias que compuseram o MOBRAL-Araras.

É sabido que o MOBRAL foi um movimento que aconteceu em um período de repressão política. Um regime militar instaurado no país e que refletia em todos os âmbitos da sociedade. A educação passou a servir como instrumento ideológico a fim de legitimar o regime militar. O ufanismo tornou-se muito presente e acordos Mec-Usaid foram firmados fortalecendo a interferência norte-americana no Brasil.

A interferência norte-americana no controle do sistema educacional, camuflada de “assistência técnica”, já vinha de longe. Esses interesses se manifestaram desde a Guerra Fria e cresceram no final dos governos Dutra e JK²⁸. Entretanto, a desnacionalização do campo educacional intensificou-se, realmente, no governo Castelo Branco.

²⁸ Eurico Gaspar Dutra (1883-1974) - Militar, nasceu em Cuiabá, estado do Mato Grosso, em 18 de maio de 1883. Candidatou-se à Presidência da República pelo Partido Social Democrático (PSD) e foi eleito em 2 de dezembro, tendo contado no final da campanha, com o apoio de Vargas. Passou para a reserva dois dias antes de sua posse, em 31 de janeiro de 1946. Ao deixar a presidência, permaneceu ativo na vida política até postular-se candidato nas eleições indiretas para presidente da República em 1965. Diante do apoio majoritário nos meios militares ao general Castelo Branco, retirou-se da disputa. Afastado da vida pública, faleceu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1974. (OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA, [18-] d, sem paginação). Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) - Médico, nascido na cidade de Diamantina, estado de Minas Gerais, em 12 de setembro de 1902.

Na década de 1960, a par com os movimentos de valorização da educação e da cultura popular que, muitas vezes, eram planejados por todos os interessados no processo educativo, como foram, entre outros, o Movimento de Cultura Popular, em Pernambuco, e a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, no Rio Grande do Norte, ocorreram acordos internacionais entre universidades, como a Federal de Minas Gerais, a Federal do Rio Grande do Norte e outros órgãos governamentais, como a SUDENE e o MEC com a United States Agency for International Development (USAID) que visavam à difusão dos valores e práticas sociais do bloco capitalista.(BRITO, 2008, p. 3).

Os acordos MEC-USAID cobriram todo o espectro da educação nacional, isto é, o ensino primário, médio e superior, a articulação entre os diversos níveis, o treinamento de professores e a produção e veiculação de livros didáticos.

Para compreender melhor a proposta da USAID, explicito, a seguir, a lista das ementas dos acordos MEC-USAID e suas respectivas datas, compilada por Otaíza de Oliveira Romanelli (*apud* CUNHA e GÓES, 1989, p. 33):

a) 26 de junho de 1964: Acordo MEC-USAID para Aperfeiçoamento do Ensino Primário;

b) 31 de março de 1965: Acordo MEC- Contap (Conselho de Cooperação Técnica da Aliança para o Progresso) – USAID para melhoria do Ensino Médio;

c) 29 de dezembro de 1965: Acordo MEC-USAID para dar continuidade e suplementar com recursos e pessoal o primeiro acordo para o ensino primário;

d) 5 de maio de 1966: Acordo do Ministério da Agricultura-Contap-USAID, para treinamento de técnicos rurais;

e) 24 de junho de 1966: Acordo Mec-Contap-USAID, de assessoria para a expansão e aperfeiçoamento do quadro de professores de Ensino Médio e proposta de reformulação das faculdades de Filosofia do Brasil;

f) 30 de junho de 1966: Acordo MEC-USAID, de assessoria para a modernização da administração universitária;

g) 30 de dezembro de 1966: Acordo MEC-INEP-Contap-USAID, sob a forma de termo aditivo dos acordos para aperfeiçoamento do ensino primário; nesse acordo aparece, pela primeira vez, entre os objetivos, o de “elaborar planos específicos para melhor entrosamento da educação primária com a secundária e a superior”;

Concorreu à presidência da República pela coligação PSD-PTB, tendo como vice João Goulart, e tomou posse em 31 de janeiro de 1956, após grave crise política. Com o fim de seu mandato, elegeu-se senador por Goiás (1962-1964). Após o golpe militar de 1964, teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos. Exilado, retornou ao Brasil em 1967. Faleceu em acidente automobilístico na via Dutra, próximo a Resende, em 22 de agosto de 1976. (OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA, [18-] e, sem paginação)

h) 30 de dezembro de 1966: Acordo MEC-Sudene-Contap-USAID, para criação do Centro de Treinamento Educacional de Pernambuco;

i) 6 de janeiro de 1967: Acordo MEC-SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros) – USAID, de cooperação para publicações técnicas, científicas e educacionais (por esse acordo, seriam colocados, no prazo de três anos, a contar de 1967, 51 milhões de livros nas escolas; ao MEC e ao SNEL caberiam apenas responsabilidades de execução, mas aos técnicos da USAID todo o controle, desde os detalhes técnicos de fabricação do livro até os detalhes de maior importância como: elaboração, ilustração, editoração e distribuição de livros, além da orientação das editoras brasileiras no processo de compra de direitos autorais de editores não-brasileiros, vale dizer, norte-americanos;

j) Acordo MEC-USAID de reformulação do primeiro acordo de assessoria à modernização das universidades, então substituído por assessoria do planejamento do ensino superior, vigente até 30 de junho de 1969;

k) 27 de novembro de 1967: Acordo MEC-Contap-USAID de cooperação para a continuidade do primeiro acordo relativo à orientação vocacional e treinamento de técnicos rurais;

l) 17 de janeiro de 1968: Acordo MEC-USAID para dar continuidade e complementar o primeiro acordo para desenvolvimento do ensino médio.

Acontecimentos como esses não podem ser esquecidos, para que tais situações não voltem a repetir-se e que, assim, a Educação possa realmente ser agente de transformação social e não de dominação.

O regime militar deixou um oneroso legado cujos efeitos continuam afetando a situação social do país nos dias de hoje. Faz sentido, pois, retomar a política educacional e as realizações da ditadura militar no Brasil, pondo em destaque aspectos que se fazem presentes, ainda hoje, na educação brasileira. (SAVIANI, 2008, p. 295).

Em tempos atuais, percebemos aclamações de alguns jovens sobre o retorno da ditadura, com falas sem História e ideias que se disseminam a favor de posicionamentos que, cada vez mais, oprimem o oprimido. Faz-se necessária a presença de uma educação histórica, reflexiva e emancipadora. Assim, concordo com Ferreira (2014a, p.66 *apud* Santos, 2015, p. 26,) quando nos alerta para o fato de que “a memória se constitui em instrumento educativo fundamental para as gerações de hoje e do futuro, que não viveram esses acontecimentos e não têm ideia das barbáries ocorridas no passado.”

Destacamos a importância da memória enquanto fonte para pesquisas, a fim de preservar e resgatar as memórias dos indivíduos, pois, de acordo com Le Goff (1990, p. 368) “a memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da História [...]”. Vamos então aos cenários.

5.1 Ingresso e permanência no MOBRAL

Por meio dos documentos oficiais do MOBRAL, vê-se que ele alcançou uma larga extensão territorial e temporal. Esses afirmam que o MOBRAL se efetivou em 1970, incidindo, inicialmente, sobre a população urbana analfabeta e na faixa etária de 15 a 35 anos. Em Araras, foram firmados Convênios com o MOBRAL entre 1971 e 1980. O Primeiro Convênio com o MOBRAL- Central foi publicado tanto no Jornal “Tribuna do Povo” (Figura 5) quanto no “Opinião Jornal” (Figura 6), em reportagens respectivamente intituladas como “MOBRAL-Araras firmou seu primeiro convênio com o MOBRAL-Central” e “Assinado Convênio com o MOBRAL”.

Essas publicações divergem nas datas da assinatura, pois o primeiro descreve que a solenidade ocorreu às 10 horas do dia 10 de março de 1971, e o segundo data do dia 9 de março de 1971. Nesse período, cerca de 280 municípios tomaram a mesma decisão, juntando-se aos 110 que já haviam assinado, anteriormente, o mesmo convênio. Esses 390 municípios representavam 70% da área territorial do Estado de São Paulo, sendo contemplada por esse Movimento. (MOBRAL..., 1971a e ASSINADO..., 1971).

Figura 7 - MOBRAL-Araras firmou seu primeiro contrato com o MOBRAL-Central.

MOBRAL-ARARAS firmou seu primeiro convênio com o MOBRAL-Central

O Cel Theodoro de Almeida Pupo, ilustre interventor Federal neste município, e o prof. Oscar Alves Janeiro, Presidente da Comissão Executiva do Movimento Brasileiro de Alfabetização, nesta cidade, firmaram o primeiro convênio com o Mobral-Central, objetivando a erradicação do analfabetismo em Araras.

Os distintos representantes desta cidade estiveram na Capital do Estado onde, em solenidade promovida na Secretaria dos Negócios do Interior, às 10 horas do último dia 10, assinaram referido convênio.

Nessa mesma oportunidade, cerca de 280 outros municípios paulistas tomaram a mesma decisão. Hoje, com os últimos convênios firmados, 70% da área territorial do Estado de São Paulo se acha coberta por esse extraordinário movimento cívico e patriótico.

Pelo convênio que Araras assinou, o Mobral-Central concorrerá com cr\$ 18,00 (dezoito cruzeiros) para se fazer frente às naturais despesas de custo, por alfabetizando, num curso que compreenderá 5 (cinco) meses de duração.

Pelo que temos podido observar em outras comunidades, onde o Mobral já vem atuando, o custo total, «per capita», que se verifica, é da ordem de 43 a 45 cruzeiros, computando-se: salário dos monitores, material escolar fornecido aos alunos (giz, cadernos, lapis, borracha), zelador dos postos instalados, material de limpeza para a boa conservação das salas de aulas, impressos a serem confeccionados para se atender aos «Modelos» exigidos pelo Mobral-Central.

Desta forma, considerando-se esse custo de 43 cruzeiros, por aluno, e levando-se em conta a colaboração dada pelo Governo Federal (convênio assinado), de 18 cruzeiros por alfabetizando, conclui-se que a Municipalidade Ararense e as empresas (indústrias, casas comerciais, estabelecimentos bancários), proprietários rurais e a comunidade propriamente dita, deverão participar, financeiramente, para se conseguir a cobertura do déficit, da ordem de 25 cruzeiros por aluno.

Os cálculos que acima apresentamos, têm por base a duração do curso em (três) meses, tempo esse que compreendeu a primeira fase instituída pelo Mobral-Central, e que se encerrou em fevereiro passado.

Nesses mesmos cálculos foram computados: salários dos monitores à base de 180 cruzeiros e dos zeladores a 90 cruzeiros.

Registrarmos estes fatos, a fim de que todos os cidadãos responsáveis fiquem bem inteirados e conscientizados sobre a necessidade, imprescindível, de oferecerem sua generosa cooperação a essa maravilhosa campanha que vem sensibilizando a todos os brasileiros.

Dos «velhos» e terríveis problemas que o Brasil sempre enfrentou, o analfabetismo constitui o mais grave, dados os reflexos danosos que se observam, não apenas internamente, como, principalmente, diante do mundo civilizado.

Fonte: (MOBRAL..., 1971a).

Figura 8 – Assinado convênio com o MOBRAL

Assinado convênio com o MOBRAL

TERÇA—FEIRA ÚLTIMA, DIA 9, NA SECRETARIA DO INTERIOR, O CEL. THEODORO DE ALMEIDA PUPO E O PROF. OSCAR ALVES JANEIRO, ESTE ÚLTIMO, PRESIDENTE DO MOBRAL EM ARARAS, ASSINARAM CONVÊNIO NAQUELA PASTA COM O MOBRAL PAULISTA.

Nada menos que 282 cidades de nosso Estado se fizeram presentes, juntando-se às 110 que já haviam assinado anteriormente o mesmo convênio. Calcula-se que com esses 390 municípios que já firmaram o convênio, mais de 70% dos analfabetos neles existentes, serão alfabetizados.

Em nossa cidade, agora o convênio foi firmado, e a seção está em fase de expectativa, aguardando-se que ela seja imediatamente colocada em prática, de vez que os elementos pertencentes à seção ararense já foram requisitados e inclusive já realizadas algumas reuniões.

Segundo chegou ao nosso conhecimento é grande a euforia que reina no seio dos dirigentes ararenses do MOBRAL pela grande colaboração até agora recebida de todos, principalmente dos homens designados para a formação de toda a seção. Tratando-se aliás, de movimento de redenção nacional, com a erradicação do analfabetismo, outro não seria o resultado mesmo, pois o povo ararense sempre se mostrou sensível às boas causas.

Cinema reabre portas

A direção do tradicional Cine Santa Helena está anunciando para sábado, dia 13, a reabertura festiva de suas portas, com um filme de James Bond. Como os leitores recordam, há cerca de 60 dias foi anunciada a volta do antigo cinema, para contentamento geral. Contudo, defeitos técnicos no sistema de som impediram que isso fosse possível.

Agora, sábado, o Sta. Helena estará novamente alegrando as noites ararenses e dando um colorido todo especial à nossa praça.

Fonte: (ASSINADO..., 1971).

De acordo com as documentações do Arquivo Morto da Prefeitura do Município de Araras, o MOBRAL acontecia na zona rural e também na área urbana. Em Araras/SP, o MOBRAL teve lugar em muitos pontos da cidade, vários bairros, igrejas, escolas, fazendas, centros comunitários, inúmeros locais cedidos pela Prefeitura, pelo Estado e pela comunidade, para que os professores pudessem alfabetizar os alunos.

Dos professores colaboradores dessa pesquisa, temos alguns que trabalharam tanto na zona rural quanto na zona urbana e outros que lecionaram somente na zona urbana.

No MOBRAL nós trabalhamos nos fundos da capela no Jardim Santo Antônio e, no ano seguinte, passamos para a Igreja do Loreto, que chamávamos de capela do Loreto. No ano seguinte, adaptaram um prédio para nós darmos aula, foi quando a Silvia Helena começou conosco. Era uma escola que funcionava nos três períodos e as aulas do MOBRAL eram a noite. Depois quando ficou pronta uma creche no bairro José Ometto, passamos a dar aulas lá. (NICE, 2017)²⁹

Trabalhei em várias escolas, inclusive na zona rural. A Prefeitura cedia uma condução para nós, era uma Kombi. Éramos quatro... [...] uma ficava em Elioh Ruth, uma ficava em Santa Cruz e duas seguiam para a Fazenda Araras, aonde eu também ia. Lá foi uma das melhores classes que eu já tive, porque a prefeitura nos cedia a condução e os patrões das cidades, das fazendas circunvizinhas, ofereciam também caminhões para trazer os alunos de outras fazendas. Então nós não dávamos aula só para os alunos da Fazenda Araras, vinham do Morro Azul e dos lugarejos próximos ali. (ALZIRA, 2016)³⁰

A professora Maria Amélia, conseguiu uma sala de um sindicato para lecionar. Ficava a pouca distância de sua casa. Ela mesma levava as alunas em seu carro para participarem das aulas. O professor Aparecido disse ter lecionado na escola Francisco Graziano, Jardim Novo Araras, que ficava aproximadamente a 4 ou 5 quarteirões de sua casa e depois, por meio de um acordo com os Vicentinos³¹ da Paróquia Senhor Bom Jesus, formou-se uma classe na Capela Santa Madalena de Canossa, na Vila São Jorge, que ficava aproximadamente a uns 3 quilômetros de sua casa.

²⁹ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 25 out. 2017

³⁰ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

³¹ A Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) é uma organização de âmbito internacional. Composta de leigos, fundada em Paris, em 1833, por um dos grandes defensores da promoção humana, Antonio Frederico Ozanam. Os vicentinos reúnem-se semanalmente em grupos chamados de Conferências. Através de visitas semanais às casas das famílias assistidas, os membros da Conferência da Paróquia, confrades e consócias, monitoram a necessidade e o uso do auxílio material (sacola de alimentos, remédios, roupas, etc.) doados pelas comunidades e disponibilizados pelos vicentinos. A própria comunidade indica as famílias que necessitam de auxílio. São avaliadas as reais necessidades e, assim, é realizado um atendimento emergencial até que se decida se a família será adotada na condição de assistida, e o que poderá ser feito pelo núcleo familiar. (PARÓQUIA..., 2018).

Apenas a professora Rose disse que o movimento não aconteceu na zona rural. Mas interpretei que a professora quis dizer que ela não chegou a dar aulas do MOBRAL na zona rural, e que somente atendeu alunos que vinham da zona rural para estudar com ela, quando alfabetizava adultos, antes de formarem as classes do MOBRAL.

Não. O MOBRAL não era na zona rural, era na zona urbana. Antes era tipo um curso particular de preparatório ao ginásio. Depois fomos ingressando e formando o MOBRAL, que passou a participar até no interior das escolas públicas. Na zona rural eu fui professora na escola mista da Fazenda Marimbondo, com aulas no período normal, durante o dia. Mas tinha alunos que vinham da zona rural, nos nossos cursos. (ROSE, 2017)³²

Os professores colaboradores falaram das motivações para ingressar no Movimento Brasileiro de Alfabetização e como permaneceram e finalizaram suas atividades no MOBRAL. Em seus relatos, quando questionados sobre o porquê de terem ido lecionar no MOBRAL, todos demonstraram gostar muito do ofício de ensinar e também que queriam adquirir experiência. Tinham acabado de sair do Magistério e queriam praticar o que haviam aprendido teoricamente, a fim de terem subsídios para trabalhos posteriores. A professora Maria Amélia, por exemplo, formou-se na Escola Cesário Coimbra, em 1973. No ano de 1974, trabalhava como estagiária, o que hoje seria a professora eventual, na época nominada como professora ‘substituta’. Disse que não tinha nenhuma experiência e inscreveu-se para trabalhar no MOBRAL, com a finalidade de praticar a teoria que havia aprendido no Magistério. Os professores Aparecido e Nice assim se expressam sobre esse tema:

Porque na verdade, eu tinha me formado e eu trabalhava em contabilidade... que era uma coisa que eu não gostava. Meu negócio foi sempre... ou área de saúde ou educação que eu gostava. [...] fiquei sabendo desse movimento do Mobral e eu procurei saber quem é que estava liderando isso. E na época me informaram que era a dona Zulque, a saudosa dona Zulque. Então eu fui conversar com ela, porque eu tinha me formado, no magistério, mas nunca tinha lecionado. E eu tinha que começar de alguma forma. (APARECIDO, 2016)³³.

Na verdade, eu fui substituir uma amiga, mas eu gostei tanto de trabalhar com adultos, que eu continuei. Uma grande parte do meu tempo no estado é de supletivo, acho muito gratificante. (NICE, 2017)³⁴

³² Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 21 jul. 2017.

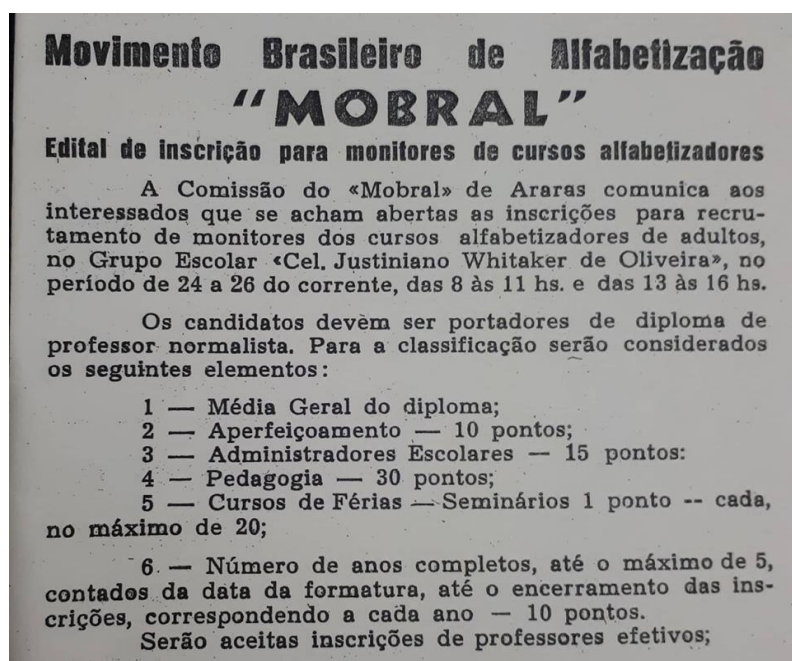
³³ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

³⁴ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 25 out. 2017

Os professores, em busca de experiência e por melhores classificações no sistema escolar, procuravam a supervisora do MOBRAL, em Araras, Olívia Godelle Galembeck Pellegatta, para obter informações sobre como poderiam assumir uma classe.

Realizando consultas em jornais da época, constatei ser necessário passar por uma seleção para ingressar no MOBRAL, pois, no dia 21 de fevereiro de 1971, foi publicada uma matéria (Figura 7), no Jornal “Tribuna do Povo”, em que constava o edital de inscrição para recrutamento de monitores dos cursos alfabetizadores de adultos do MOBRAL. As inscrições foram feitas no Grupo Escolar Cel. Justiniano Whitaker de Oliveira, no período de 24 a 26 de fevereiro de 1971 e os candidatos deveriam ser portadores de diploma de professor normalista.

Figura 9 – Edital de inscrição para monitores de cursos alfabetizadores.



Fonte: (MOBRAL, [1971] b).

Os professores colaboradores dessa pesquisa não se recordaram de como exatamente era feita a seleção, exceto a professora Rose que relatou haver a necessidade de apresentar o diploma do magistério.

Pesquisadora: [...] Havia necessidade de algum diploma que o professor tinha que apresentar para se inscrever?

Entrevistada: Sim, o diploma do magistério. Professores formados tanto no Cesário Coimbra, que era uma das escolas, como no Insa³⁵, professores com magistério, que apresentavam seu diploma. (ROSE, 2018)³⁶

Não me recordo perfeitamente como era a seleção [...]. [...] Não eram professores leigos, que eu me lembre eram todos professores formados. (ROSE, 2018)³⁷

[...] no meu caso, eu procurei a dona Zulque... Eu era formado, mas ela não me pediu nenhuma documentação. Eu simplesmente falei que era formado, que estava interessado no projeto... Ela mandou que eu montasse a classe, arrumou a sala aqui no Graziano e eu passei a dar aula. (APARECIDO, 2018)³⁸

Algo que não consegui esclarecer foi a diferenciação das palavras ‘monitores’, ‘alfabetizadores’ e ‘professores’. Em consultas aos documentos escritos, nos jornais e nas entrevistas, foram encontradas além destas, a palavra ‘animador’ (já discutida anteriormente). Como já explanada, a palavra ‘animador’ era direcionada àqueles que orientavam no Programa Desenvolvimento Comunitário. Quanto às palavras ‘monitores’, ‘professores’ e ‘alfabetizadores’, não cheguei a um consenso. Os professores não mencionaram nada a respeito, apenas visualizei que as colaboradoras eram chamadas sempre pelo nome precedido de Dona, por exemplo, Dona Miriam, Dona Alzira, Dona Nice. Nos documentos escritos, cito a Prestação de Contas, onde visualizei na Relação de Gratificação para crédito, a palavra ‘Beneficiários’ no campo que continha os nomes dos professores. No Boletim explicativo sobre a aplicação dos recursos e prestação de contas direcionado às comissões municipais, observei que entre as palavras alfabetizadores e professores havia diferenças, pois no item “Origem dos Recursos”, a orientação era para que, os recursos provenientes do MOBREAL/Central, fossem destinados exclusivamente à gratificação do *alfabetizador* ou *professor*. Verifiquei que alguns Diários pediam o nome completo do alfabetizador e outros apenas o nome do professor. Minha hipótese é a de que aqueles que lecionavam no curso de Alfabetização Funcional eram nominados ‘alfabetizadores’ e os que lecionavam após, no curso Educação Integrada, eram chamados de professores. Essa discussão carece de informações mais precisas, pois até a palavra ‘Agente’ foi direcionada aos professores. Constatei em uma folha da pasta de prestação de contas, a qual continha uma relação com nomes dos ‘agentes’ e dos locais, onde no campo dos nomes dos agentes constavam os nomes de alguns professores. Há também a hipótese de que estavam

³⁵ Colégio Instituto Nossa Senhora Auxiliadora.

³⁶ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 22 out. 2018.

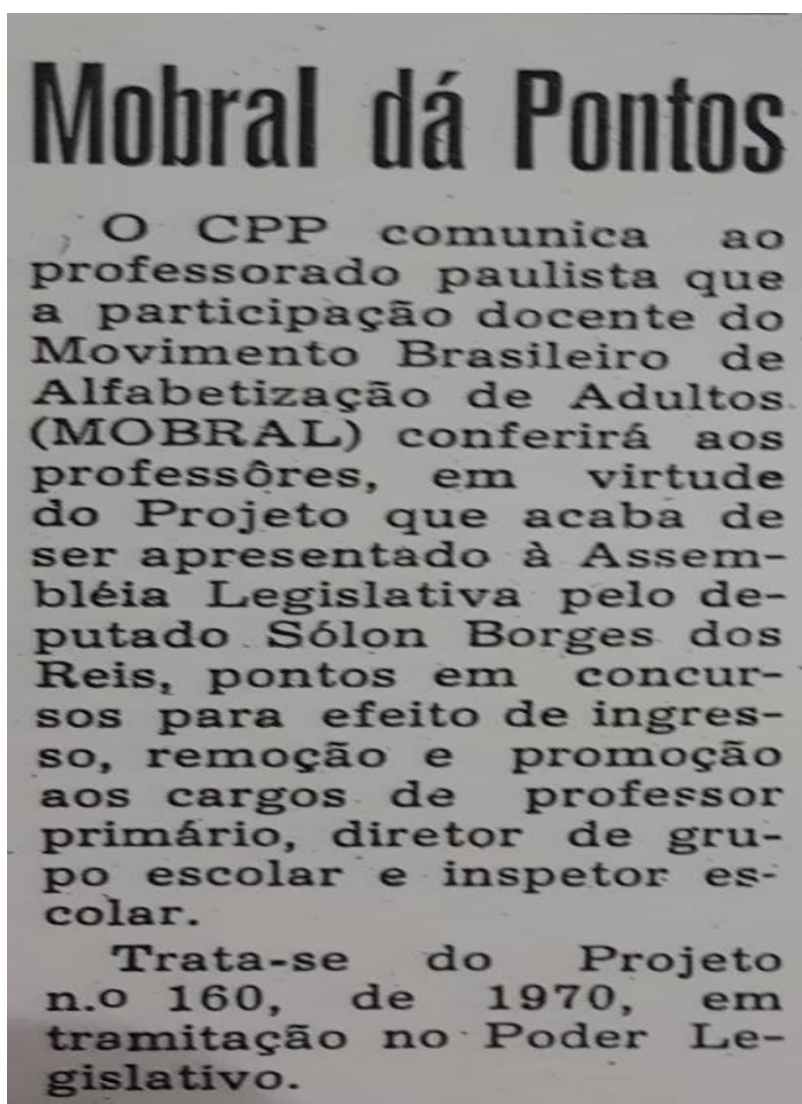
³⁷ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 22 out. 2018.

³⁸ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa entrevistado em 22 out. 2018.

subestimando a profissão, classificando os professores como simples monitores, a fim de não os contemplarem com a devida valorização, mas não há material para sustentar essa hipótese.

Em 8 de novembro de 1970, o Jornal “Tribuna do Povo”, publicou uma matéria (Figura 8), comunicando que havia um projeto (nº 160, de 1970) em tramitação no Poder Legislativo que determinava, aos *professores* (grifo meu) participantes do Movimento Brasileiro de Alfabetização, pontos em concursos para efeito de ingresso, remoção e promoção aos cargos de Professor primário, Diretor de grupo escolar e Inspetor escolar. Esse era mais um motivo para que os alfabetizadores se inscrevessem em tal movimento, visto que, por meio dos relatos, eles queriam trabalhar, adquirir experiência e pontuações para progredirem na carreira docente.

Figura 10 – MOBRAL “dá” pontos



Fonte: (MOBRAL, 1970).

Diante disto, questioneei o que significava ser professor no MOBRAL. Era apenas ter um diploma e começar a trabalhar? Mas por que a necessidade de um diploma, se o professor era considerado apenas um monitor? Como era lidar com um aluno que já possuía algumas práticas, mas não sabiam materializá-las e registrá-las?

De início, os professores saíam à procura de seus alunos. Buscavam-nos, indo às suas casas, batendo de porta em porta. Pesquisavam na região quem não havia estudado, motivavam e angariavam muitas pessoas para participarem do Movimento como alunos. Sendo assim, cabe melhor a colocação de que os professores convidavam as pessoas para irem participar das aulas, com a finalidade de aprenderem a ler, escrever e contar³⁹ e não para participar do ‘Movimento’. A palavra Movimento foi repensada, mediante os relatos dos entrevistados. Pudemos analisar que o MOBRAL foi um Movimento na proposta governamental. Os dados nos mostram que, para os professores e alunos participantes, nossos colaboradores, o MOBRAL não foi um Movimento. Ele não envolveu as pessoas a ponto de se tornar um Movimento, exceto a ação de os professores movimentarem as pessoas a irem estudar nas aulas do MOBRAL, mas talvez somente esse ato não caracterize um Movimento. Cito como exemplo, o fato de os alunos não terem conhecimento dos membros da Comissão Municipal, de quem era coordenadora ou supervisora. Não houve um Movimento, porque, em tempos de ditadura, é quase nula a possibilidade de as pessoas terem se engajado para lutarem por espaço e reivindicarem algumas pretensões. Para eles, tanto professores quanto alunos, o MOBRAL se restringia a uma sala de aula tradicional, em que os alunos iam para aprender o que não sabiam, com um professor para os auxiliarem.

“No início do MOBRAL, era feito um levantamento nos locais do pessoal trabalhador”.
(ROSE, 2017)⁴⁰

Nós fazíamos uma pesquisa no bairro, batíamos de casa em casa perguntando se tinha alguém que não sabia ler ou que não tinha terminado o quarto ano primário. Batíamos de porta em porta e convidávamos para ir à escola. (NICE, 2017)⁴¹

³⁹ Entenda-se este contar no sentido de contagem. A alfabetização funcional, além de levar o aluno a uma progressão em seu vocabulário, a adquirir condições de expressar claramente suas ideias e a se comunicar por meio da escrita ou oralmente, também deveria conduzir o aluno ao desenvolvimento do raciocínio e da criatividade, entre outras finalidades que deveriam ser previstas pela Comissão Municipal. (BRASIL, 1973b)

⁴⁰ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

⁴¹ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

Nós convocávamos as pessoas, quem se interessava. [...] A gente procurava ver as pessoas que não tinham estudo, que não tinham tido oportunidade. E essas pessoas, elas queriam sim. (MARIA AMÉLIA, 2017)⁴²

Assim, as classes se formavam com alunos provenientes de vários locais e regiões, pois no município de Araras havia muita migração de pessoas que vinham em busca de trabalho nas safras de cana-de-açúcar e nas lavouras. Migravam por exemplo, dos Estados de Minas Gerais e da Bahia. Essas pessoas trabalhavam o dia inteiro e à noite participavam das aulas do MOBREAL.

Neste cenário, podemos dialogar com Geraldo Vandré⁴³, por meio da canção Disparada⁴⁴ (ANEXO A), a qual retrata a vida de um homem sertanejo na cidade grande e suas experiências.⁴⁵

Nos primeiros versos, conhecemos o eu lírico e o cenário em que ele se encontra. O eu lírico apresenta-se como um sertanejo na cidade grande. É um artista, muito provavelmente um cantor de rua. E é na rua que ele está, quando começa a contar a sua vida. E ele tem conhecimento de que, durante sua narração, pode não agradar algumas pessoas.

Prepare o seu coração

Pras coisas

Que eu vou contar

Eu venho lá do sertão

Eu venho lá do sertão

⁴² Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

⁴³ O compositor Geraldo Vandré, nascido na Paraíba mas educado no Rio de Janeiro, vivenciou todo o período do Golpe de 1964 ainda muito moço e era ligado aos meios estudantis do Rio de Janeiro; era época de nacionalismo exacerbado quando os jovens com um pouco de cultura e sensibilidade não se conformavam com as injustiças sociais imperantes no Brasil; os meios musicais e literários, lideranças intelectuais do país, não estavam imunes aos movimentos sociais visando melhorias para as camadas mais pobres da população. Geraldo Vandré participante dos movimentos estudantis também deu sua contribuição com composições muito significativas como "Disparada" e "Pra não Dizer que não Falei das Flores", consideradas duas obras primas entre as músicas de cunho social. (PEREIRA, 2012)

⁴⁴ "Disparada" é uma canção escrita por Geraldo Vandré e Théo de Barros e interpretada primeiramente por Jair Rodrigues, acompanhado do Trio Maraiá e do Trio Novo. Uma das principais composições da época dos festivais de música popular brasileira, foi a vencedora do Festival de Música Popular Brasileira em 1966, dividindo o primeiro lugar com "A Banda" de Chico Buarque de Holanda. (WIKIPÉDIA, 2018).

⁴⁵ O áudio dessa canção pode ser encontrado com facilidade no YouTube. Não coloquei o link, porque há vários artistas (Jair Rodrigues, Elba Ramalho, Sérgio Reis, Zé Ramalho, Daniel, Zizi Possi, entre outros) que interpretaram essa canção, assim, o leitor pode escolher na internet de acordo com seu gosto musical. Dica: O áudio com Geraldo Azevedo, Elba Ramalho e Zé Ramalho cantando essa canção juntos. Vale a pena conferir.

Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo
A morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar
Eu vivo pra consertar

Na boiada já fui boi
Mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo
Laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
E boiadeiro era um rei

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos
Que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei

Então não pude seguir
Valente em lugar tenente
E dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente

Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém
Que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer ir mais longe
Do que eu

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte
Num reino que não tem rei

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém

Que junto comigo houvesse
 Que quisesse ou que pudesse
 Por qualquer coisa de seu
 Por qualquer coisa de seu
 Querer ir mais longe
 Do que eu

Mas o mundo foi rodando
 Nas patas do meu cavalo
 E já que um dia montei
 Agora sou cavaleiro
 Laço firme e braço forte
 Num reino que não tem rei

Na segunda estrofe, o narrador-personagem nos remete à sua vida no sertão. Como pobre, era acostumado à vida difícil. Estava face a face com a negação, sempre dizendo "não". A morte não o assustava, era corriqueira. Ela se torna indiferente, quando se convive frequentemente com a morte por fome, por sede e tantas outras questões desumanas. Acostuma-se à dor, até que não a sinta mais. No entanto, ele sabia que algo estava errado. Mesmo acostumado à sua rotina, não era acomodado. Sabia de seu potencial para mudar as coisas ao seu redor; sabia que ele poderia repor no lugar tudo aquilo que estava “fora do lugar”. (PEREIRA, 2012).

Essa frase “Eu vivo pra consertar” representa uma característica dos alunos, segundo os professores, do MOBRAL: a força de vontade que eles tinham. Mesmo diante das dificuldades, não se acomodavam. Evidente que alguns desistiam no meio do caminho. Constatamos um número considerável de evasão, mas não compromete essa visão de que o aluno do MOBRAL enfrentava todas as dificuldades para se libertar do analfabetismo.

A professora Alzira exemplifica essa situação quando relata que seus alunos chegavam à escola muito cansados, mas demonstravam vontade de aprender.

Eram lavradores, em sua maioria, de mão calejada. Mas chegavam sempre de banho tomado. Chegavam da roça cansados, tomavam banho e iam para a escola. E às vezes acontecia de não ter carteira para todo mundo... quantas vezes eu pus aluno na minha

mesa. Eles não faltavam, era frequência quase que 100% todo dia. Eles tinham ânsia de aprender, vontade de aprender. (ALZIRA, 2016)⁴⁶

Nice relatou que os trabalhadores se levantavam bem cedo para trabalhar na safra. “Eles pegavam o caminhão no ponto, cinco e meia, seis horas da manhã, para ir cortar cana”. (NICE, 2017)⁴⁷

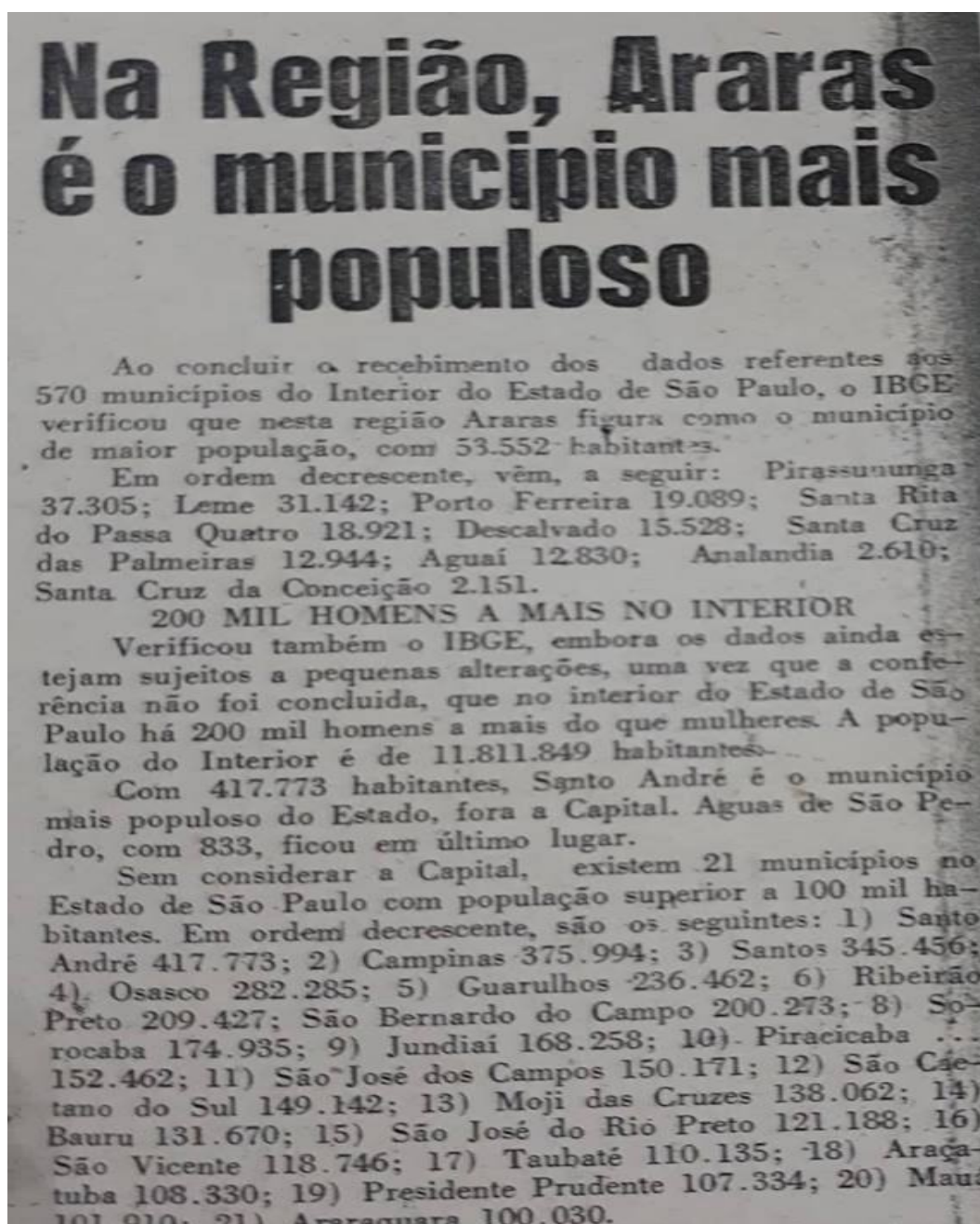
As migrações podem justificar uma matéria que foi publicada no jornal “Opinião Jornal” (Figura 9), em 29 de novembro de 1970, descrevendo que, na região⁴⁸, o município de Araras (ANEXO B) figurava como o município mais populoso, devendo-se isso ao fato de as pessoas virem para ali à procura de trabalho.

⁴⁶ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁴⁷ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

⁴⁸ O Município de Araras encontra-se a Noroeste com relação à capital do Estado, distante 170 Km da capital. Ocupa área de 645,50 Km², sendo 39,44 Km² de perímetro urbano. Limites: Ao Norte: Leme. Ao Sul: Limeira e Cordeirópolis. A Leste: Artur Nogueira, Mogi-Guaçu e Conchal, a Oeste: Rio Claro e Santa Gertrudes. (ACHE tudo...2015)

Figura 11 – Araras: município mais populoso, na região, em 1970



Fonte: (NA região..., 1970).

Essa situação é característica marcante da época em que se instaurava o projeto desenvolvimentista do Governo Militar, que fez com que muitas pessoas se deslocassem do campo para as cidades.

Assim, com o avanço da industrialização nos grandes centros urbanos e cidades do interior, houve uma grande massa demográfica que se deslocou das regiões mais pobres do Brasil, vindo em busca de emprego e melhores condições de vida.

Santos (2015), em sua tese, escreve que, a partir do processo de industrialização, do aumento migratório da população da zona rural para os centros urbanos e a chegada de imigrantes, inaugurou-se um novo ciclo na economia nacional.

De uma sociedade fundamentada na economia agrária exportadora, passamos para uma sociedade semi-industrial com novas oportunidades de trabalho para a população e novas oportunidades educativas, pois “onde se desenvolvem relações capitalistas nasce a necessidade da leitura e da escrita, como pré-requisito para uma melhor condição para a concorrência no mercado de trabalho”. (ROMANELLI, 1983, p. 59).

Durante muito tempo a educação prestou-se como instrumento para atender às exigências das classes dominantes, o que perdura até os dias atuais. Na canção "Disparada", Vandré faz uma comparação entre a exploração das classes sociais pobres pelas mais ricas e a exploração das boiadas pelos boiadeiros, entre a maneira de se lidar com gado e se lidar com gente.

Essa circunstância se coaduna com as necessidades e exigências de uma sociedade capitalista, tal qual o modelo preconizado pela Revolução Industrial, o que ocasionou um ensino tecnicista.

Aí está uma das razões para a proibição, para as dificuldades [...] no sentido de que as massas populares cheguem a "inserir-se", criticamente, na realidade. É que o opressor sabe muito bem que esta "inserção crítica" das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência delas em seu estado de "imersão" em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como "situação limite" que lhes parece intransponível. (FREIRE, 1987, p. 39)

Segundo Gomes (2012), no período em que o Brasil foi governado por presidentes militares, houve beneficiamento de empresas estrangeiras e atendimento aos interesses da elite brasileira, sempre sob a égide do nacionalismo e do desenvolvimentismo econ mico do país. Assim, o regime contribuiu para o acirramento da desigualdade social e a acumulação de capital, mesmo com a execução das políticas públicas de certo alcance social. Isso ocorreu em quase todas regiões do país.

No município de Araras, os professores falaram de suas motivações para o ingresso no MOBREAL, contaram da busca pelos alunos em suas próprias casas, em que motivavam os alunos a participarem do MOBREAL. As classes eram heterog neas, jovens e adultos, alunos de várias localidades e diversas profissões.

Nesse subcapítulo inserimos a primeira canção que retrata aspectos do processo de migração no país, que acontecia no período em que se efetivou o MOBREAL. Entretanto,

podemos afirmar que se por um lado o MOBRAL atingiu os objetivos daquelas pessoas que não tinham o básico da alfabetização, a grande massa populacional continuou órfã de seus direitos e da plena cidadania. O regime governamental instaurado no país, que instituiu a censura, privando a liberdade e os direitos de grande parte da população, foi uma espécie de “limitador” da cidadania em sua complexidade.

Ao fim, o MOBRAL serviu tanto aos interesses dos governantes quanto dos professores, que precisavam do trabalho, e, ao mesmo tempo, intencionavam buscar aperfeiçoamento profissional na área da educação.

Esta conclusão, deve-se aos relatos dos professores e alunos que, em entrevistas, afirmaram que por meio do MOBRAL, poderiam melhorar aspectos da carreira profissional e, respectivamente, deixarem a condição de analfabetos que os impediam de participarem da maioria das grandes e importantes transformações que ocorriam em sua volta, sobretudo o processo acelerado de industrialização no país, que exigia mão de obra especializada. O emprego formal era uma espécie de “ponte” para que o trabalhador exercesse o direito ao estudo e a formação cidadã, que poderia ser alcançada, sobretudo, através da alfabetização, ainda que fosse na idade adulta.

5.2 O MOBRAL como espaço de formação

As classes do MOBRAL eram formadas com uma média de 15 a 35 alunos por sala, em Araras, com várias faixas etárias. De um dos diários da professora Miriam Camargo, do ano de 1985, constam 19 alunos com idade desde 12 anos até 39 anos. Em outro diário, consta uma professora com 23 alunos que iam da idade de 14 até 67 anos.

Esses diários eram nominados Boletins de Frequência (Figura 10). Os professores os preenchiam e entregavam mensalmente para a supervisora que os remetia ao MOBRAL-Central, pois o pagamento dos professores dependia da remessa desses Boletins no tempo estabelecido.

Figura 12 – Boletim de Frequência

RETIRE ESTA FOLHA DEPOIS DE PREENCHIDA E ENTREGUE COM URGENCIA

1	2	3	4	5	6	7	8																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																				
							FREQUÊNCIA DO MÊS																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																				
Nº	NOME DOS ALUNOS	SEXO	IDADE	OCUPAÇÃO ATUAL	ALUNO ESPRESSO DO	PAR	CONV.	PEI	CURSOS																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
										10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000	1001	1002	1003	1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011	1012	1013	1014	1015	1016	1017	1018	1019	1020	1021	1022	1023	1024	1025	1026	1027	1028	1029	1030	1031	1032	1033	1034	1035	1036	1037	1038	1039	1040	1041	1042	1043	1044	1045	1046	1047	1048	1049	1050	1051	1052	1053	1054	1055	1056	1057	1058	1059	1060	1061	1062	1063	1064	1065	1066	1067	1068	1069	1070	1071	1072	1073	1074	1075	1076	1077	1078	1079	1080	1081	1082	1083	1084	1085	1086	1087	1088	1089	1090	1091	1092	1093	1094	1095	1096	1097	1098	1099	1100	1101	1102	1103	1104	1105	1106	1107	1108	1109	1110	1111	1112	1113	1114	1115	1116	1117	1118	1119	1120	1121	1122	1123	1124	1125	1126	1127	1128	1129	1130	1131	1132	1133	1134	1135	1136	1137	1138	1139	1140	1141	1142	1143	1144	1145	1146	1147	1148	1149	1150	1151	1152	1153	1154	1155	1156	1157	1158	1159	1160	1161	1162	1163	1164	1165	1166	1167	1168	1169	1170	1171	1172	1173	1174	1175	1176	1177	1178	1179	1180	1181	1182	1183	1184	1185	1186	1187	1188	1189	1190	1191	1192	1193	1194	1195	1196	1197	1198	1199	1200	1201	1202	1203	1204	1205	1206	1207	1208	1209	1210	1211	1212	1213	1214	1215	1216	1217	1218	1219	1220	1221	1222	1223	1224	1225	1226	1227	1228	1229	1230	1231	1232	1233	1234	1235	1236	1237	1238	1239	1240	1241	1242	1243	1244	1245	1246	1247	1248	1249	1250	1251	1252	1253	1254	1255	1256	1257	1258	1259	1260	1261	1262	1263	1264	1265	1266	1267	1268	1269	1270	1271	1272	1273	1274	1275	1276	1277	1278	1279	1280	1281	1282	1283	1284	1285	1286	1287	1288	1289	1290	1291	1292	1293	1294	1295	1296	1297	1298	1299	1300	1301	1302	1303	1304	1305	1306	1307	1308	1309	1310	1311	1312	1313	1314	1315	1316	1317	1318	1319	1320	1321	1322	1323	1324	1325	1326	1327	1328	1329	1330	1331	1332	1333	1334	1335	1336	1337	1338	1339	1340	1341	1342	1343	1344	1345	1346	1347	1348	1349	1350	1351	1352	1353	1354	1355	1356	1357	1358	1359	1360	1361	1362	1363	1364	1365	1366	1367	1368	1369	1370	1371	1372	1373	1374	1375	1376	1377	1378	1379	1380	1381	1382	1383	1384	1385	1386	1387	1388	1389	1390	1391	1392	1393	1394	1395	1396	1397	1398	1399	1400	1401	1402	1403	1404	1405	1406	1407	1408	1409	1410	1411	1412	1413	1414	1415	1416	1417	1418	1419	1420	1421	1422	1423	1424	1425	1426	1427	1428	1429	1430	1431	1432	1433	1434	1435	1436	1437	1438	1439	1440	1441	1442	1443	1444	1445	1446	1447	1448	1449	1450	1451

lecionando, como: o nº de alunos matriculados, a frequência, os dias letivos do mês e entregá-la ao final de cada mês, junto ao Boletim de Frequência para uma pessoa responsável por fazer os registros, acompanhar o processo e enviar para o MOBRAL/CENTRAL. Em Araras, a pessoa responsável por essa parte era a Supervisora Olívia Godelle Galembeck Pellegatta, que atendia como Dona Zulque.

O valor do convênio variava de município para município, em função do número de alunos (Preço-aluno-programa)⁴⁹, sendo este o determinante no valor de cada convênio.

Na tabela abaixo (Tabela 2), a evolução do preço aluno-programa do MOBRAL em Araras, no período de 1973 a 1978.

Tabela 2 - Evolução do Preço aluno-programa do MOBRAL em Araras
período de 1973 a 1978

ANO	PREÇO
1973	Cr\$ 24,00
1974	Cr\$ 27,00
1975	Cr\$ 35,00
1976	Cr\$ 45,00
1977	Cr\$ 65,00
1978	Cr\$ 120,00

Fonte: (SILVA, 2012, p. 190)

Questionei-me se, pelo fato de o número de alunos ser o condicionante para o valor do Convênio, talvez pudesse haver alguma manipulação no controle de número de alunos. O professor Aparecido relatou que não se lembrava muito bem, mas deveria manter um certo número de alunos para que a classe não fosse fechada. Como havia alunos que iam e vinham (os migrantes) que, às vezes, voltavam para suas terras, o professor não os eliminava imediatamente da lista, pois, em muitos casos, esses alunos retornavam.

Pesquisadora: Essa ida e volta, na verdade os alunos se ausentavam? Eles não chegavam a dizer que não viriam mais?

Entrevistado: Não. Você via que estava faltando, perguntava e eles respondiam: “Não. Ele já foi embora para a Bahia, ficou desempregado e foi embora.” Daí a dois, três meses eles estavam de volta. Nunca vinham falar que não voltariam e para se

⁴⁹ Aluno-programa era o aluno que, ao fim do 4º mês, continuava presente nos cursos de alfabetização do MOBRAL. Nesse critério, não interferia a sua situação de aprendizagem.

matricular também não era exigido documento, simplesmente davam os dados de boca. (APARECIDO, 2018)⁵⁰

Questionei a professora Rose sobre este assunto:

Pesquisadora: O que acontecia quando os alunos desistiam? Quando um aluno desistia, você já o eliminava? Ele ficava lá, ele voltava?

Entrevistada: [...] eu posso te dizer que desistência sempre houve. Mas lembro muito bem dos professores correndo atrás dos alunos, visitando, incentivando... o MOBRAL foi um trabalho de luta. (ROSE, 2018)⁵¹

Quando a professora menciona que os professores iam atrás dos alunos, analiso essa situação como a luta para manterem o próprio trabalho. Reitero essa afirmação, sem subtrair os méritos do professor que tinha o comprometimento com sua missão e o cuidado com os alunos. Os professores tinham seus objetivos e interesses próprios, mas dentro da sala de aula, pelos relatos, a missão de alfabetizar os alunos era essencial.

No município de Araras, foram desenvolvidos os três programas pedagógicos do MOBRAL: Programa de Alfabetização Funcional (PAF), Programa de Educação Integrada (PEI) e o Programa de Desenvolvimento Comunitário, constatados por meio dos contratos firmados e arquivados nos documentos da prefeitura. Desse último, encontrei vários convênios firmados para o Programa de Educação Comunitária para o Trabalho - PETRA. Encontrei registros de que alguns cursos profissionalizantes foram desenvolvidos na Clínica Antônio Luiz Sayão, mas esses cursos não são detalhados. Apenas é possível afirmar o curso profissionalizante de empregada doméstica, do qual encontrei os Termos de Contrato.

No dia 5 de junho de 1978, houve um Convênio entre a Fundação MOBRAL e a COMUN para a execução do Treinamento de Empregadas Domésticas. Seu objetivo era o Treinamento de Empregadas Domésticas obedecendo ao Projeto Técnico elaborado e validado pela Gerência de Profissionalização do MOBRAL/GEPRO.

A estrutura do Curso de Aperfeiçoamento para Empregadas Domésticas apresentava-se da seguinte forma:

- Orientações básicas sobre organização e simplificação do trabalho, saúde e higiene;
- Prevenção de acidentes, primeiros socorros, alimentação, equipamento doméstico, limpeza, arrumação da casa e cuidados com o mobiliário;

⁵⁰ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa entrevistado em 22 out. 2018.

⁵¹ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 22 out. 2018.

- relacionamento no ambiente de trabalho; direitos e deveres da empregada doméstica como profissional. (SEGUNDO...1978).

Quanto ao Programa de Alfabetização Funcional (PAF), esse era destinado à erradicação do analfabetismo. Assim, o PAF era para alfabetizar os alunos, inserindo-se nesse contexto também a alfabetização matemática e o Programa de Educação Integrada que era para suprir, em nível das quatro primeiras séries de nível de 1º grau, as necessidades dos evadidos da escola em caráter de suplência.

No que se refere aos materiais escolares para os alunos, uma das competências do MOBRAL CENTRAL era fornecer material didático destinado à utilização pelos alunos e professores. O material de consumo, de limpeza e outros deveriam ser assegurados por meio de outras fontes, sendo a Prefeitura uma das mais importantes delas. Em consultas nas prestações de contas, encontrei muitas notas referentes a compras de materiais escolares. (Figuras 11 e 12). Nelas constavam vários materiais, como por exemplo: cadernos, lápis, borrachas, sulfite, almanaque, brochuras, entre outros. Os itens: apontador, régua, caneta e cola deveriam ser para a parte administrativa, porque eram pedidos unitários, diferente dos outros itens que eram pedidos em maior número.

Figura 13 – Nota Fiscal referente à compra de materiais escolares, realizada pela
COMUM de Araras/SP.

Série B-1

**LIVRARIA E PAPELARIA
SANTA CRUZ LTDA.**

Materiais Escolares, Livros e
Artigos para Escritório

Rua Vereador Cesário Coimbra N.º 290
Fone, 41-3153 - ARARAS - Est. São Paulo

NOTA FISCAL Nº 5098

ESTADUAL

RUA VEREADOR CESÁRIO COIMBRA, 290 - FONE, 41-3153
Município - 13.600 - ARARAS Estado - SÃO PAULO
Inscrição no CGC(MF) n.º 44.207.587/0001-80
Inscrição Estadual n.º 182.000.056
Natureza da Operação: Venda 512
Via de Transporte: Terrestre
Data da Emissão da Nota: 24 / fevereiro / 19 82

DESTINATÁRIO DA MERCADORIA:

Nome da Firma: Prefeitura Municipal de Araras - Comissão Municipal do Mobral
Endereço: R. Albano Cabral N.º 83
Município: Araras Estado: S.P.
Inscrição no CGC(MF) n.º 44.213.846/0001-14 Inscrição Estadual n.º 182.000.056

Quant.	Unid.	DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS (Especie, Qualidade, Marca, Tipo, Modelo, N.º, Etc.)	PREÇOS CR\$	
			Unitário	Total
01	kg	sulfite	580,00	580,00
132	un.	lapis	12,00	1.584,00
20	un.	almofada	10,00	200,00
1	un.	bonacha	360,00	360,00
01	un.	mapa	40,00	40,00
01	un.	caneta	100,00	100,00
TOTAL				2.900,00

Outra nº 409198 (atal) ✓

DESPESAS ACESSÓRIAS
(por conta do destinatário)

Frete . . . Cr\$. . .

Seguro . . . Cr\$. . .

TOTAL . . . Cr\$. . .

VALOR TOTAL DA NOTA Cr\$ **2.900,00**
(Imp. de Circ. de Mercadoria - Já incluído no preço Cr\$. . .)
Calculado pela alíquota de 16 %

TOTAL CR\$ **2.900,00**

Nome do Transportador: _____

Endereço: _____

Placa do Veículo: _____ Estado: _____ Município: _____

CARACTERÍSTICAS DOS VOLUMES:

Marca	Número	Quantidade	ESPECIE	Peso Bruto	Peso Líquido

Saida dos Produtos

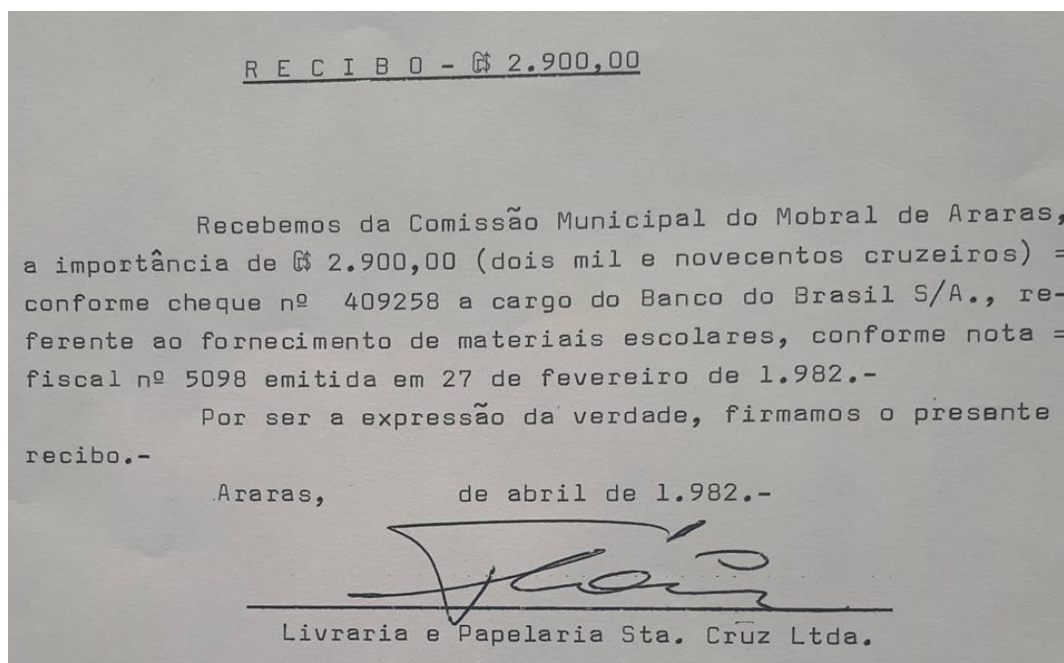
Data: 24 / 02 / 19 82

IMAGRAF - Tipografia e Papelaria Ltda. - Av. Padre Alencar, 240 - Araras - CGC 46.972.808/0001-31 - Inscr. Est. 182.017.034 - Autorização 473 - Série B-1 - 4.291 e 5.250x3 - 12/80

Fonte: (NOTA..., 1982)⁵².

⁵² Documento do MOBRAL arquivado na prefeitura do município de Araras/SP.

Figura 14 – Recibo referente à compra de materiais escolares, realizada pela COMUM de Araras/SP



Fonte: (RECIBO..., 1982)⁵³.

Verifiquei em uma circular, datada de 14 de março de 1977, nos documentos do arquivo da Prefeitura que, por exigência do Convênio assinado entre o MOBRAL CENTRAL e a COMUM, o MOBRAL deveria fornecer o material didático (1 livro de exercício, 1 de leitura, 1 de matemática, 2 livros de leitura continuada, cartazes e manual do professor) necessário para o desenvolvimento do programa. Entretanto, houve divergências nos relatos dos professores quanto à vinda do material didático.

O professor Aparecido disse que no primeiro mês de aulas não veio qualquer material, mas se recorda vagamente de que depois chegou um livro. Relatou que tirava xerox e na época utilizava bastante o mimeógrafo, onde mimeografava as folhas com lições para os alunos.

O MOBRAL foi se desenvolvendo como um espaço de formação em diversos momentos e diferentes formas, na vida de cada um dos que dele participaram. Alfabetizar não é uma tarefa fácil e todos os professores estavam em início de carreira. Quando a supervisora do MOBRAL disse ao senhor Aparecido que era ‘simplesmente’ procurar os alunos, montar a classe e começar a lecionar, isso deu continuidade ao seu processo de formação dentro do MOBRAL, de uma maneira muito peculiar e complexa, pois ele não possuía experiência e tinha

⁵³ Documento do MOBRAL arquivado na prefeitura do município de Araras/SP.

poucos recursos. Dessa forma, o professor Aparecido estabeleceu uma maneira de chegar até o aluno, com o objetivo de alfabetizá-lo. Assim, cada um dos professores teve sua passagem pelo MOBRAL, praticando o que eles sabiam na teoria e agregando à sua formação a prática que desenvolviam nas aulas.

Olha, era difícil sim. Difícil porque, simplesmente a dona Zulque falou: “Você monta a classe, vai atrás do espaço físico...” no caso o Graziano, mas não tinha material não. Não tinha material, de início, depois forneceram alguns livros, mas era coisa... porque você tinha que trabalhar, vamos dizer assim, o essencial. O que era o essencial? A gente procurava fazer com que eles aprendessem a fazer o nome, né? A ler um bocadinho, para quando recebessem uma correspondência, tomar um ônibus, um endereço... coisas assim. Então, a gente trabalhava quase que... quase não, era individual, né? Porque pessoas de 40, 50 anos, as vezes já tinha um pouco de conhecimento, pela vida, é? Então a gente trabalhava naquilo ali. Eu, simplesmente usava o método mais antigo mesmo, entende? Não tinha como, né? Então, era passar o nome, por exemplo, num papel e a pessoa ir desenhando o nome, até que ela entendesse... e letra por letra, ensinando letra por letra, juntando as letrinhas, né? Aquele método bem antigo, porque não tinha outra maneira... a gente não tinha material. Não tinha mesmo, material nenhum. (APARECIDO, 2016)⁵⁴

Um outro exemplo dessa situação da formação dos professores no MOBRAL, e deste como espaço de formação, é o caminho utilizado por cada professor para alfabetizar, em relação ao método de alfabetização proposto pelos especialistas do MOBRAL. Havia o método das palavras geradoras que deveria ser utilizado na alfabetização, mas nem todos tiveram acesso e alguns professores não gostavam do método. Citamos a dona Nice que em seu relato afirmou ter trabalhado um pouco com o método proposto, mas que, particularmente o considerava difícil de aplicar. Assim, cada um desenvolveu o seu método para alfabetizar os alunos.

Inserimos, também, nesse contexto de formação, as histórias que eram construídas e reconstruídas no MOBRAL-Araras. Tanto professores quanto alunos agregavam em suas vidas um pouco da história do outro. Incluímos a importância de alfabetizar um pai, a avó, a irmã, o que se tornou situação ímpar na vida daquelas pessoas.

Eu acho que foi a maior realização profissional da minha vida. Primeiro, por saber que elas não sabiam praticamente nada e também de ter trabalhado com a minha avó, saber que a minha avó tinha sede de aprender. (MARIA AMÉLIA, 2017)⁵⁵

A simplicidade e a diversidade no perfil dos alunos foram fatores influentes nesse processo de formação. Quando a Dona Nice relata que não trabalhava sílabas, mas o global, ela

⁵⁴ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

⁵⁵ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

exemplifica essa questão. O trabalho era realizado com a história que cada um ‘trazia’ consigo: o pedreiro, o lavrador, a empregada doméstica, o vendedor, os varredores de rua, a cozinheira, entre outros. Podemos imaginar o quão enriquecedor poderia tornar-se uma aula com esse ‘mundo de letras’ diferenciado.

Nós não trabalhávamos sílabas com eles, trabalhávamos o global mesmo. Eu tinha alunos que eram crentes e levavam o folheto trabalhado domingo na igreja e víamos que já conheciam as letras, já conseguiam ler aquelas letras, do mundo deles. (NICE, 2017) ⁵⁶

Essa questão de como o MOBRAL influenciou na formação dos professores evidenciou-se em todos os relatos quando lhes era questionado:

O que foi importante nessa trajetória do MOBRAL em sua carreira docente?

Entrevistada: Muito aprendizado, uma experiência muito rica. Eu acho que o MOBRAL dá uma base e segurança, na verdade é uma formação que você não teria em nenhum outro lugar [emoção]. Você tem um retorno rápido, é um trabalho diferente, muito prazeroso. Eu sempre gostei de dar aulas, mas eu acho que foi muito importante para o meu crescimento como professora. (NICE, 2017) ⁵⁷

Na minha carreira...eu acho que foi o alicerce de tudo. Foi o começo da realização de um sonho que eu tinha, de lecionar, de trabalhar com a educação, com alunos. E aprendi bastante, porque aquela senhorinha lá... embora parecesse que não sabia nada, ela me ensinava muito, eu aprendi muito com ela. Eu acho que foi a base... e tudo aquilo que eu apliquei, que eu aprendi no Mobral, depois, na minha sala de aula com crianças... me serviu muito, entende? Muito, muito, muito. (APARECIDO, 2016) ⁵⁸

A humanização. Porque como professora universitária, eu comecei a ver alunos chegarem com muita dificuldade, principalmente depois da implantação do FIES. Vimos pessoas com muita dificuldade a até mesmo semialfabetizadas. Minha irmã ainda era viva, nesse início do FIES. Assim nós começamos a reunir esses alunos e lembrar dos processos de alfabetização... para colocar esses alunos lendo, fazer uma sequência de livros, sabe? [...] Eu acho que a minha experiência como docente me trouxe essa humanização, foi uma luta, mas eu vejo alunos hoje fazendo até pós-graduação. (ROSE, 2017) ⁵⁹

O MOBRAL também foi um fator influente na superação dos limites dos professores, pois, assim como os alunos, eles tinham seus problemas. A professora Alzira, na época,

⁵⁶ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

⁵⁷ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

⁵⁸ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

⁵⁹ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

trabalhava em São Paulo e mesmo com todas as dificuldades, sua passagem pelo MOBRAL significou uma superação e satisfação pessoal.

[...] não era muito fácil, porque eu chegava de São Paulo mais ou menos as quatro horas, almoçava, descansava um pouquinho às seis e meia eu saía para a escola. Dava a minha aula até as dez horas, dez e meia estava em casa, para no outro dia, as três da manhã estar acordada outra vez. Mas foi muito gratificante. [...] O importante é que eu levei luz a muitas pessoas que estavam no escuro. [...] Eu acho que ali foi mais uma satisfação pessoal, porque eu nasci na Fazenda Cascata, eu vim da zona rural, então eu conhecia as dificuldades deles. Meu pai era administrador na Fazenda Cascata, foi administrador na Fazenda Cascata mais de 20 anos. Para poder estudar eu fiquei em Campinas, então quando eu voltei para cá como professora, eu sabia das dificuldades daqueles alunos, porque eu havia passado por tudo aquilo. (ALZIRA, 2016) ⁶⁰

Uma das minhas questões aos docentes foi se havia alguma orientação na preparação das aulas e de como utilizar o material didático do MOBRAL, justamente para verificar se nas respostas aparecia algo relacionado à vinda do material.

O professor Aparecido citou a Dona Zulque⁶¹. Essa Supervisora, em todos os relatos foi apontada como uma excelente profissional, atenciosa e organizada, tanto com os professores quanto com os alunos.

[...] Uma vez por mês a gente se reunia junto com a dona Zulque, que era a nossa coordenadora e ela nos orientava como usar. Ela fazia visitas semanalmente... religiosamente, ela ia nas salas de aula, via como estava, acompanhava os alunos, carteira por carteira, vendo o que tinha sido dado, como estava... então a gente tinha essa assistência da dona Zulque. Muito boa. (APARECIDO, 2016) ⁶²

Segundo a professora Nice, o material didático era enviado pelo Governo, juntamente com as orientações. A professora disse que tinha muita facilidade para dar suas aulas, porque trabalhara com alfabetização durante 40 anos na APAE⁶³, então já tinha certa experiência quando foi lecionar no MOBRAL. Sobre a orientação da supervisora, relatou com muito carinho o apoio que a dona Zulque realizava no movimento.

Ela ia nas salas e olhava caderno por caderno, nunca deu um visto, mas olhava todos os cadernos, conversava com todos os alunos e eles contavam suas histórias para ela.

⁶⁰ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁶¹ Supervisora do MOBRAL em Araras, Olívia G. Pellegatta. Não foi entrevistada, porque faleceu há alguns anos atrás, segundo a professora Miriam Camargo.

⁶² Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

⁶³ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

Nós gostávamos muito dela, era uma orientadora bem inserida no processo, uma pessoa diferenciada também. (NICE, 2017)⁶⁴

A professora Alzira Beteguelli relatou que o Governo mandava cadernos e livros e o material para trabalhar era apenas o quadro negro e o giz. Ela não possuía livro, e afirma que seguia com o livro dos alunos. Relatou que a dona Zulque possuía o número de alunos que cada professor tinha em sala de aula e, a partir disto realizava a distribuição do material (cadernos, lápis, etc). A supervisora também era estimada pela professora Alzira e por seus alunos.

A dona Zulque ia nos visitar. E ela gostava tanto de visitar as escolas... e os alunos também gostavam tanto, que quando ela chegava, às vezes de surpresa,... geralmente, a supervisão era feita de surpresa. Era uma alegria para todos. (ALZIRA, 2016)⁶⁵

Em um momento da entrevista, antes mesmo de eu perguntar sobre como era realizada a supervisão, a professora Alzira fez questão de deixar registrada a lembrança positiva que guarda da dona Zulque.

Eu gostaria de mencionar aqui o trabalho da dona Zulque, que na época era nossa coordenadora, uma pessoa maravilhosa. Ela nos dava todo apoio e o marido dela, o maestro Pelegata, é que levava a dona Zulque nas salas de aula, nas escolas. E sempre ele entrava para assistir um pouquinho das nossas aulas e conversar com os alunos. Então eu tenho uma lembrança muito boa da dona Zulque e do seu Alfredo Pelegata. Isso eu gostaria de deixar registrado. (ALZIRA, 2016)⁶⁶

A professora Rose disse que vinha material e havia orientação para aplicação do mesmo. Como os outros professores, não foi diferente, na narrativa de Rose aparece o nome da dona Zulque também com o reconhecimento de um bom trabalho feito por ela.

A dona Zulque! Ah! eu entreguei muita coisa pra dona Zulque. [...] Eu entregava material na casa dela, linda a casa dela. Lá onde hoje é o Flávio Seguro, a casa dela era lá. Nós íamos na casa dela e batíamos na porta para entregar, ela saía e perdia um tempão conosco. Era assim, uma doação, a dona Zulque. [...] A dona Zulque era a mulher do maestro Francisco Pelegata. [...] Nossa! Ela foi uma pessoa muito querida. (ROSE, 2017)⁶⁷

⁶⁴ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

⁶⁵ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁶⁶ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁶⁷ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

Embora tanto os alunos quanto os professores não soubessem com exatidão o papel da dona Zulque no MOBRAL, reconheceram-na como uma excelente profissional. Eles a conheciam ali na classe ou até que os Boletins de frequência fossem finalizados pelos professores e entregues a ela. A partir disso, não se sabia mais nada sobre o seu papel. No Arquivo da Prefeitura, encontrei o nome da dona Zulque associado à função de ‘Encarregado de Supervisão Global’, embora, em minha análise, ela cumprisse concomitantemente a função de uma coordenadora pedagógica.

Mas o mais importante foi o apoio pedagógico que ela exerceu com esses professores sem experiência, ingressantes na carreira e em uma missão nada fácil: alfabetizar jovens e adultos com poucos recursos e em pouco tempo. Os professores a consideravam como uma coordenadora do processo de ensino-aprendizagem. O papel dela foi essencial na formação deles e também na dos alunos que a queriam muito bem, conforme os relatos dos professores.

Atentei para o período em que cada professor lecionou no Mobral, demonstrado na (Figura 13) a seguir, a fim de tentar entender se havia alguma relação na divergência das respostas quanto à vinda do material. Dos professores colaboradores, entrevistados nesta pesquisa, todos atuaram na década de 70, exceto a professora Nice, que atuou somente na década de 80. Os professores Aparecido, Alzira e Miriam lecionaram nas duas décadas (70 e 80) e a professora Rose atuou bem no início do movimento, porque depois prestou concurso e passou a fazer parte do corpo administrativo da prefeitura.

ROSE CONTE	1971 aprox.
ALZIRA BETEGHELLI	1971 (à 1980 aprox.)
MARIA AMÉLIA	1974
APARECIDO	1979 (à 1980 aprox.)
MIRIAM CAMARGO	1979 (à 1985)
NICE CRIPPA	1980 a 1984
Figura 15 – Anos em que os professores iniciaram sua atuação no MOBRAL Fonte: Dados das entrevistas. ⁶⁸	

Conjecturei se a questão dos anos em que cada professor lecionou poderia ter sido o fator influente nas diferentes respostas. Aponto, por exemplo, a professora Nice, a qual afirmou

⁶⁸ Professores colaboradores entrevistados para esta pesquisa em 2016, 2017 e 2018.

que recebia o material. A referida professora lecionou a partir de 1980, ano em que se supõe que o movimento já estivesse mais estruturado em relação a seu início na década de 70.

Nesse subcapítulo, vimos como era a formação das classes, o diário do professor, os três programas pedagógicos propostos no MOBRAL, os cursos oferecidos, a presença de uma supervisora que apoiava o processo pedagógico junto aos professores e alunos e destacamos, ainda, a importância das histórias construídas e reconstruídas no MOBRAL-Araras. Salientamos como o MOBRAL, enquanto espaço de formação foi se desenvolvendo e refletindo de diferentes formas na vida de cada um de seus partícipes. Apontamos que, cada um, à sua maneira foi encontrando um modo de se superar, aliando a formação que possuía com a prática que se construía naquele momento.

5.3 Os alunos no MOBRAL

Em tempos difíceis, muitas pessoas buscavam melhores condições para sobreviver. As dificuldades, ocasionadas pelo fato de não saber ler, atingiam muitos que sonhavam ascender socialmente ou, às vezes, o sonho se restringia a apenas libertar-se do analfabetismo. Antes do MOBRAL, a professora Rose nos contou que já alfabetizava algumas pessoas por perto de onde moravam.

Pesquisadora: Esse tempo que você falou que trabalhava ajudando, mas que não tinha remuneração, era um trabalho voluntário antes do MOBRAL? **Entrevistada:** Sim. Um trabalho voluntário, antes do MOBRAL. Eram tempos muito difíceis, depois do golpe de 64, nós procuramos a melhor forma de fazer do limão uma limonada. (ROSE, 2017)⁶⁹

Rose Conte desabafa que “o frio da desgraça atinge a maioria dos brasileiros, sempre atingiu”. Para ela o MOBRAL foi uma luta e uma conquista de cada localidade. As pessoas muito simples, que ela chama de “povo da luta”, tentavam superar o analfabetismo.

Pude observar que o perfil de classe dos alunos do MOBRAL, economicamente falando, era considerada “baixa”. Em Araras/SP, as profissões mais registradas pela supervisora do MOBRAL, Olívia Godelle Galembeck Pellegatta, foram: empregada doméstica, lavrador, balconista, operário, motorista, auxiliar de pedreiro, do lar, fiador, costureira, eletricitista,

⁶⁹ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

encanador e rural. As mais frequentes eram lavrador, auxiliar de pedreiro e empregada doméstica. (CARACTERIZAÇÃO...1985).

Daí, coloco a seguinte questão: quantas competências e habilidades estão implicadas nesse rol de profissões dos partícipes que compunham o MOBRAL-Araras? O lavrador, por exemplo, lida com situações extremamente adversas como o clima e ainda tem que trabalhar pensando nas pragas e na produtividade para ter um bom resultado. Lida também com a demanda de mercado, opera máquinas e tem que ter disponibilidade para a aprendizagem de novas técnicas. Trabalha no campo, nas safras, colheitas de cana, café e laranja. O auxiliar de pedreiro carrega e descarrega materiais de construção, limpa áreas de trabalho, prepara a massa para o pedreiro, limpa máquinas e ferramentas. Apesar de não precisar ter tanto conhecimento técnico quanto o pedreiro, esse profissional deve apresentar uma grande disposição física e a capacidade de realizar as tarefas solicitadas.

O servente participa de diversas tarefas em uma edificação: preparação do canteiro de obras, da massa de concreto, limpeza e compactação dos solos. Ele também pode atuar na demolição de edificações e verificar os equipamentos da construção civil. Sua principal atribuição é auxiliar o pedreiro no que ele solicitar. Esse papel de “servir” contribui muito para a produtividade, pois o profissional não precisa parar para buscar ferramentas, preparar e carregar a massa, os tijolos, a areia, o cimento, etc. Embora menos valorizado no mercado, o servente tem a oportunidade de aprender muito com o profissional experiente que ele auxilia. (POINTER, 2018, sem paginação).

O que dizer das competências e habilidades da empregada doméstica? São muitas as habilidades gerais e técnicas para que execute bem seu trabalho. Além de realizar tarefas de limpeza, precisa estar bem informada em outras áreas.

A empregada doméstica precisa ter capacidade de organização, atenção aos detalhes e ser capaz de trabalhar de forma rápida, mas com precisão. Deve ser organizada e isto implica ser capaz de priorizar tarefas. Em seu trabalho, pode ser necessário gerenciar inventário para saber quando se faz necessário a reposição de um novo estoque de suprimentos, tais como materiais de limpeza e alimentos. Precisa ter competências técnicas também, como a capacidade de usar diferentes tipos de ferramentas e equipamentos de limpeza. Duas habilidades são imprescindíveis para a empregada doméstica: a da comunicação e a interpessoal.

Exemplifiquei as competências e habilidades das três profissões mais registradas pela supervisora do MOBRAL no município de Araras, que faziam parte da vida daqueles alunos. Assim, assinalamos a diversidade de saberes imbricados nesse grupo de pessoas que estudavam no MOBRAL-Araras. Cada um com suas experiências, desejos, sonhos, frustrações, alegrias e

tristezas, encontravam-se todos os dias em um ambiente escolar para alcançarem algum objetivo.

É sabido que o conhecimento não se aprende somente na escola, sobretudo na educação de jovens e adultos, devido a um período de tempo mais longo distanciado do ambiente escolar. A nosso ver, o professor deve propiciar a criação de um ambiente de aprendizagem no qual a intersubjetividade e a dialogicidade sejam as principais características: partir do ponto de aproveitar o que o aluno traz, aproximar-se do mundo dele e aprimorar a arte de ouvir o que ele tem para dizer, sem ter vergonha de aprender com suas experiências.

Várias experiências e práticas foram relatadas neste estudo. Os professores relataram que os alunos, em sua maioria, eram lavradores, cortadores de cana.

Pesquisadora: O perfil deles qual era? A profissão?

Entrevistada: Lavradores. Lavradores a maioria, de mão calejada. Mas chegavam sempre de banho tomado. Chegavam da roça cansados, tomavam banho e iam para a escola. (ALZIRA, 2016)⁷⁰

No Município de Araras, temos a Usina São João e a Usina Santa Lúcia, empresas que cultivam a cana-de-açúcar. Na época de safra, sempre vieram muitos trabalhadores de outras cidades para o trabalho de corte de cana. Esse foi um motivo forte para as migrações que aqui aconteciam.

A professora Nice apontou que alguns alunos do MOBREAL eram varredores de rua e que também havia alunas que eram donas de casa.

No Jardim Santo Antônio eram donas de casa, alguns varredores de rua que trabalhavam para a prefeitura, empregadas domésticas, esse pessoal. No José Ometto já era mais o pessoal que trabalhava na zona rural, na roça. Eles pegavam o caminhão no ponto cinco e meia, seis horas da manhã, para ir cortar cana. (NICE, 2017)⁷¹

O Sr. Aparecido, quando questionado como eram os alunos do MOBREAL, disse que eram todos ‘engraçadinhos’. Sentiam vergonha por estarem ali tentando recuperar um tempo perdido.

Era tudo engraçadinho, né? (risos) Porque chegavam senhoras já de idade, elas muito acanhadas... Porque elas tinham um conceito de que escola era para criança. E elas se

⁷⁰ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁷¹ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

achavam ridículas, frequentando uma sala de aula, né? No início. Depois elas acabavam gostando. (APARECIDO, 2016)⁷²

O analfabeto era muito malvisto, era uma pessoa marginalizada da sociedade, sendo considerado um elemento incapaz de servir-se da e à comunidade, de integrar-se no processo de desenvolvimento político e de participar do contexto político.

Como se tratava de um período crítico no que se refere à política do país, acredito que o interesse para que as pessoas viessem a participar do contexto político era o de efetivação na contagem do número de votos, e não para que houvesse, por meio da educação, uma conscientização política.

Ao consultar um dos livros didáticos de Educação Integrada da Coleção MOBREAL, constatei o seguinte trecho, escrito pelo próprio Ministro da Educação, na época Jarbas Passarinho, que explicita a visão de que se tinha de um analfabeto.

O Presidente Médici designou o analfabetismo no Brasil como uma *vergonha nacional* (grifo nosso). Nós começamos a combatê-la e a reduzir o número de analfabetos. O governo ainda quer ir adiante. Ele quer que você faça o curso de educação integrada. É o curso cujo material chega às suas mãos através do MOBREAL. Eu acho que você dentro de um ano terá concluído com ele a primeira etapa: o primário. (MEC-MOBREAL, s.d., p.5 apud FREITAG, 1977, p. 92)

A forma como o analfabeto era visto, colocava-o numa situação de inferioridade e, assim, ele frequentava as aulas com uma timidez evidente. Com a autoestima baixa, além da vergonha por serem analfabetos, somava-se a vergonha alheia de familiares.

Eu tinha alunas, que os filhos frequentavam a faculdade... e diz que era uma luta em casa, porque os filhos sentiam vergonha da mãe frequentar [o MOBREAL]. E eu tive aluna que deu o nome e os filhos não deixaram frequentar, de vergonha, deles serem já formados... não vou nem citar o nome, porque uma das pessoas é muito conhecida na cidade. E não deixou a mãe frequentar, né? A mãe era analfabeta e ele era um figurão, né? Então... (APARECIDO, 2016)⁷³

Os organizadores do MOBREAL pregavam uma imagem muito negativa do analfabeto. Alertavam que aquele que se encontrasse em tal situação, deveria procurar o MOBREAL para estudar e, assim, poder contribuir com a economia do país, pois como já dito, o retorno econômico era a meta dessa campanha.

⁷² Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

⁷³ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

Apontamos, num sentido político, a mudança de paradigma nacional que se buscava com a alfabetização desses alunos; o quanto as habilidades e competências dos profissionais (alunos inseridos no MOBREAL-Araras) supracitadas eram escamoteadas em troca de uma cultura letrada e, perversamente, como os discursos propagados na época subjetivavam essas pessoas, cada qual com seu potencial e riqueza cultural que não eram reconhecidos para somente agora, por meio dessa tese, se sentirem importantes e legítimas.

Dialogando com a tese de Aguiar (2001), assinalo que o professor que exerce sua atividade na educação de jovens e adultos, precisa compreender que as pessoas com as quais trabalha são homens e mulheres capazes de apreender o conhecimento, construindo e reconstruindo no processo de aprendizagem. Os alunos não podem ser considerados como “marginais”, mas como “cidadãos”. Dessa forma, o educador deve encarar seus alunos como membros da mesma sociedade à qual ele pertence e da qual ele participa, trabalhando o desenvolvimento da criticidade, a partir das experiências diversas que os jovens e adultos possuem.

Exclui-se, dessa forma, a prática exercida com adultos como ‘retomada do crescimento’, como se o adulto, durante o período em que ficou sem estudar, tivesse sido congelado. Muito pelo contrário, experiências se acumularam nessas pessoas e devem ser aproveitadas no processo de ensino-aprendizagem. Concordamos com Pinto (1982), quando afirma que a concepção que trata os jovens e adultos dessa maneira é, além de falsa e ingênua, inadequada porque não os enxerga como ‘sabedores’, ignorando que o desenvolvimento do homem é de natureza social, feito pelo trabalho e não pelo fato de o indivíduo ser considerado analfabeto ou iletrado.

Essa concepção também ignora o processo evolutivo das faculdades cerebrais dos jovens e adultos e faz com que os educandos não se assumam como membros atuantes e pensantes em suas comunidades, onde eles são tidos como atrasados e incapazes. Segundo o autor, os erros fundamentais dessa atitude, consistem em:

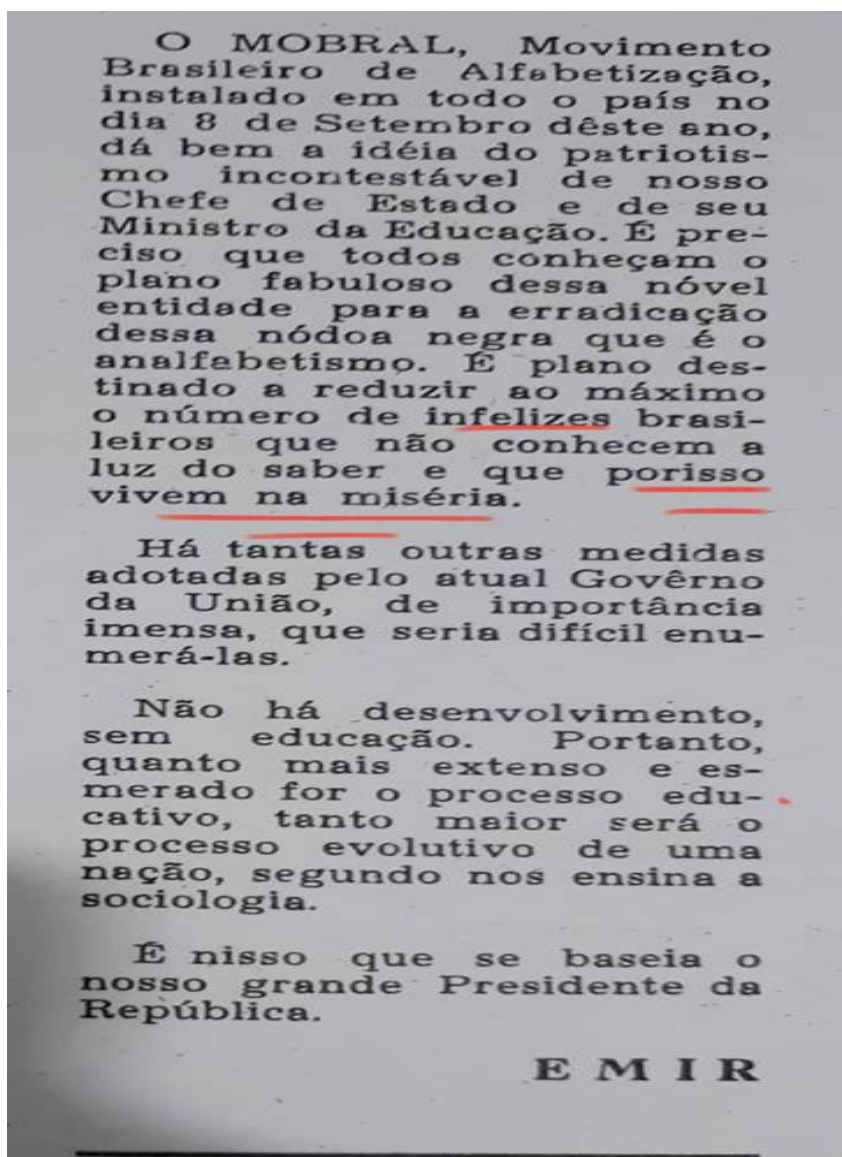
- 1) Partir da suposição de ignorância num indivíduo no qual, em verdade, há considerável acervo de saber.
- 2) Explicar a realidade do iletrado segundo causas abstratas, segundo conceitos imaginários e totalmente inadequados, deixando assim de buscar suas raízes objetivas no processo social no qual o indivíduo, efetivamente, se encontra inserido.
- 3) Apresentar como recursos, para solucionar o problema do analfabetismo, métodos de alfabetização e de educação que são de baixo rendimento e elevado custo, além de não conduzir ao esclarecimento da consciência do indivíduo, mas unicamente, no melhor dos casos, conseguem dotá-los de habilidade de saber ler e escrever, que permanece para eles sem finalidade.
- 4) Despertar uma atitude geral de *alarme social* em face da gravidade do problema do analfabetismo, o que é um meio seguro de fazê-lo incompreendido em suas

verdadeiras causas objetivas. Em lugar de reconhecer no analfabetismo um *índice* natural da etapa em que se encontra o processo de desenvolvimento nacional, apresenta-o como uma anormalidade, uma monstruosidade que é preciso “combater”, “erradicar”. (PINTO, 1982, p. 89).

O autor afirma que, enquanto esse for o pensamento dominante, não há possibilidade de que o educador ou o legislador administre corretamente a resolução do problema do analfabetismo, uma vez que é entendido como culturalmente grave, mas que nada tem de sociologicamente anormal.

Em 18 de outubro de 1970, foi publicada uma matéria “Médici e a educação” no Jornal Tribuna do Povo (Figura 14) do município de Araras, em que o Presidente Médici chama os brasileiros analfabetos de *infelizes*, afirmando que, pelo fato de serem analfabetos é que viviam na miséria. Houve uma inversão de responsabilidade na situação de os brasileiros não estarem bem economicamente. A responsabilidade, que era do Estado, as autoridades queriam transferir para o cidadão brasileiro.

Figura 16 – “Médici e a Educação”



Fonte: (MÉDICI..., 1970).

O Governo disseminava a imagem do analfabeto como uma chaga para a sociedade, culpabilizando-o pelo motivo de o país estar em péssimas condições econômicas e, assim, tentavam por vários meios, convencer a população de que a situação tanto do cidadão quanto do país se resolveria com o Movimento Brasileiro de Alfabetização. Houve uma mobilização com a utilização de vários métodos, para propagar seus interesses, como: jornal, literatura de cordel, panfletos, televisão, rádio e música.

Infelizmente, é possível exercer a violência simbólica por meio da música. Bosi (1994) afirma que nossas lembranças estão povoadas de som. Há melodias que tanto nos remetem a momentos de alegria e descontração quanto aos sentimentos de temor e de tristeza. Sons que

continuam enraizados na nossa memória, fazendo parte das lembranças de um lugar e de uma época, que desaparecem, que voltam e que formam o ambiente acústico.

A canção de Tonico e Tinoco e José Caetano Erba abaixo (ANEXO C), nos indica como o pensamento dominante pretendia disseminar uma ideia de que a formação por meio do MOBREAL, levaria a um país mais feliz:

BENDITO SEJA O MOBREAL⁷⁴

O cabocro roceiro e pacato,
estudante da escola rural,
traz nos olho o verde do mato
e no peito o diploma Mobral.

Brasil é feliz agora,
alcançou seu ideal,
com a luz da nova aurora,
bendito seja o Mobral.

Escolinha modesta da roça,
rodeada de pés de café,
o Brasil se levanta e remoja,
numa nova alvorada de fé.

Nessa música existem algumas características, como: a idealização de conquistas por meio da alfabetização; o desejo de uma vida melhor por meio da educação; a alfabetização rural no processo de desenvolvimento do Brasil; uma comparação entre zona urbana e rural na importância do estudo (no campo o manejo da plantação poderá ser melhorado, enquanto na cidade a qualificação e os avanços tecnológicos são fundamentais no progresso do país); e independente das condições oferecidas nas salas de aula, o homem do campo está contente com a realização do sonho de aprender a ler e a escrever, contribuindo com o desenvolvimento do país. (ROCHA, 2015) Essa canção foi usada como instrumento de dominação ideológica. Ela retrata o ufanismo que se fez presente durante a Ditadura Militar, já comentado anteriormente.

⁷⁴ A música Bendito Seja O Mobral é uma composição de Tonico/Tinoco e José Caetano Erba. Faz parte do álbum Azul Cor De Anil, lançado pela gravadora Continental em 1973. (VILARIM, 2018)

Exemplifico, com a Figura 15, uma propaganda realizada pelo MOBRAL direcionada às empresas. O próprio nome já aponta a ideia de investimento pretendida pelos organizadores e os dizeres dela inferiorizam o cidadão analfabeto de uma forma muito pejorativa.

Figura 17 – Propaganda realizada pelo MOBRAL direcionada às empresas.

Ajude o Mobral com segundas intencções.

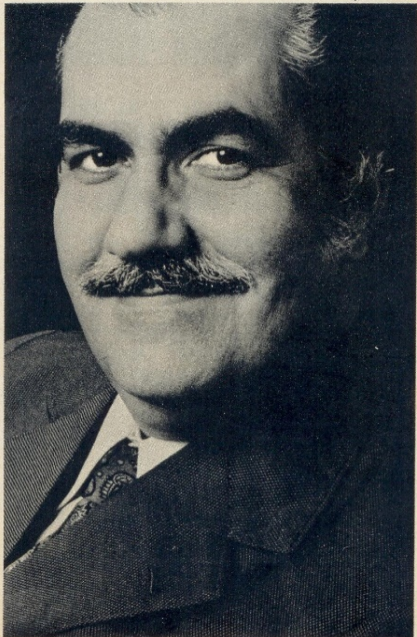
Todo analfabeto é pobre. Consume pouco. Compra pouco.
Jamais um analfabeto será um bom cliente da sua empresa.
Você, como empresário, já deve ter percebido onde vamos chegar:
ajude o Mobral para ajudar a sua empresa.
Pelos seus lucros futuros. Ajudar o Mobral traz outras compensações.

Pessoalmente, você tem a oportunidade de conviver com os líderes da sua cidade.

A começar pelo Prefeito, profissionais liberais, comerciantes, industriais. E isso é importante para você e para o seu negócio.

Ajudando o Mobral você reforça a boa imagem da sua empresa de maneira mais prática, direta e simpática do que mil coquetéis ou notinhas de viagem à Europa.

No fim das contas, como você depende do progresso do País para crescer, quem sai ganhando é você mesmo.




Ajude o Mobral da sua cidade com

TRABALHO: sendo recrutador, professor, monitor ou colaborando nos serviços de secretaria.

MATERIAL: cadernos, livros, bancos, lâmpadas, louças, tudo que for útil para as aulas.

RECURSOS: através de qualquer importância.

PROCURE A COMISSÃO MUNICIPAL DA SUA CIDADE

Fonte: (PORTFÓLIO..., [201-?])

No dia 10 de março de 1979, foi publicada no Jornal ‘Opinião Jornal’, um dos jornais que circulam no Município de Araras, uma matéria intitulada “Quantos analfabetos há no município?”⁷⁵. O Departamento de Educação, Cultura, Esportes e Turismo, em colaboração

⁷⁵ “Quantos analfabetos há no município?”. A correção não foi realizada no texto porque o título da matéria foi extraído diretamente do Jornal.

com o MOBRAL, contando, ainda, com auxílio de estudantes e atiradores do TG (Tiro de Guerra) 02-182 DE Araras, realizaram em março de 1979, um levantamento para saber quantos analfabetos havia no município de Araras. Com base nessa pesquisa, seria traçado um plano conjunto de trabalho entre a administração do prefeito Valdemir Zuntini e o MOBRAL para solução do analfabetismo. (QUANTOS..., 1979).

O resultado foi divulgado no dia 24 de março de 1979. A pesquisa contabilizou todos os bairros da cidade. Eis o resultado divulgado:

- 1.392 analfabetos de ambos os sexos, com idade de 7 a mais de 50 anos.

Desse total, 817 pessoas pretendiam cursar o MOBRAL. O levantamento mostrou também, que 87 crianças, de 7 a 14 anos, em Araras, eram analfabetas. (NÚMERO...1979).

Nessa pesquisa, entrevistei duas alunas do MOBRAL-Araras. Uma das colaboradoras ex-aluna do MOBRAL chama-se Maria. Já a apresentamos brevemente no capítulo 2. Uma senhora com 86 anos, lúcida, mas com algumas limitações no andar e no falar. Quando ficou sabendo do MOBRAL, disse para si mesma: “por que não vem aqui que eu sou a primeirona a ir...” (MARIA DORTA, 2017) ⁷⁶. Dona Maria nos contou que o sonho dela era aprender a ler. Chamou-me a atenção o fato de que, por várias vezes, disse na entrevista que depois que participou do MOBRAL, ninguém mais a engana.

Outro motivo forte que a fez procurar o MOBRAL para participar, foi o fato de ficar muito tempo sozinha em casa, devido ao falecimento de seu esposo e ao fato de os filhos estudarem fora da cidade. Dona Maria foi para o MOBRAL sem saber nada. Nunca havia estudado antes. Diz que sempre trabalhou e não pôde estudar. Desde os 7 anos trabalhava fazendo medições com o seu pai. Depois cortou cana por 25 anos. Ela tem muita gratidão pela professora Miriam. Para ela, a professora abriu seus olhos e a auxiliou a alcançar seu objetivo. Relatou que aprendeu a trocar cheques, ir ao banco, depositar, sacar, conversar, depois que começou a participar do MOBRAL.

Tive um açougue aqui, e eu ia ao banco na sexta feira, tirava dinheiro, no Bradesco... eu trabalhei 60 anos com o Bradesco. Eu pegava todo o dinheiro no Bradesco e segurava, aí na Usina São João... a gente trabalhava o dia inteirinho e não recebia nada, recebia no sábado e não era em dinheiro, era em cheque. Aí as pessoas vinham aqui e eu trocava os cheques pelo dinheiro que pegava no banco... do pouco que eu aprendi, hein? O dinheiro que eu pegava no banco, eu trocava os cheques para eles no sábado à tarde. Só que os trocadinhos eu não devolvia, se tivesse 50 centavos, 10 centavos, eu dava o valor reto. Isso aí com o pouco que eu aprendi. Porque eles não

⁷⁶ Dados da entrevista. Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 13 jan.2017.

tinham dinheiro, queriam dinheiro para o domingo, para o sábado, para fazer as coisas e a Usina pagava em cheque. (MARIA DORTA, 2017)⁷⁷

Durante a entrevista, percebi que a socialização no MOBRAL, para Dona Maria aconteceu de uma forma muito positiva. Em um momento de solidão, ela buscou uma alternativa para tal situação e, ao mesmo tempo, realizou seu sonho de aprender a ler. Dona Maria conta com muita satisfação as horas do lanche, o tempo que conversava com a professora Miriam, com as amigas, disse que nem via o tempo passar.

Na entrevista com a Dona Maria, tive um pouco de dificuldade. Como já dito, ela tem algumas limitações para ouvir e no entendimento das questões. Acrescenta-se o fato da idade, pois, embora lúcida, não se lembrava de algumas coisas mais específicas, como o conteúdo de Matemática, por exemplo. Às vezes, eu fazia alguma pergunta e ela a direcionava para uma outra situação. Quando questionada se havia mudado alguma coisa em sua vida após ter participado do MOBRAL, dona Maria disse que mudara bastante, pois ela aprendeu uma coisa que queria muito: ler e escrever.

Hoje eu leio sim, muito. Eu falo a verdade para você, serviu muito, muito, muito mesmo. Eu falo para quem não sabe “Vai gente, faz. Porque hoje eu estou aqui, tenho tudo na vida, por causa do MOBRAL.” Depender dos outros para conversar, ajudar, levar a gente num lugar... todo lugar que eu ia já lia algumas letras. Passava nos lugares lendo igual criança. O MOBRAL foi uma mãe para mim. (MARIA DORTA, 2017)⁷⁸

Souza (2016), citada anteriormente neste estudo, realizou uma pesquisa que colocou em discussão interesses, alcances, fragilidades e a herança histórica deixada pelo MOBRAL para os anais da educação brasileira. Para isso, analisou tanto em seus aspectos materiais quanto humanos dentro da estrutura do Governo, a partir de cartas escritas por alunos e alfabetizadores, jornais didáticos e outros periódicos de circulação geral, cartilhas de alfabetização e entrevistas com personagens que compuseram esse cenário. A autora inicia o primeiro capítulo com três relatos de alunas que participaram do MOBRAL, no ano de 1971. e eles coincidem com os relatos das alunas desta pesquisa, na questão do que significou para eles terem participado do MOBRAL.

O valor das letras não tem preço. (Maria do Carmo, Altonia-PR, 1971 *apud* SOUZA, 2016, p. 40)

⁷⁷ Dados da entrevista. Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 13 jan.2017.

⁷⁸ Dados da entrevista. Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 13 jan.2017.

Eu era como árvore sem folhas agora sou como árvore florida cheia de alegria. (Maria P. de Souza, Araçatuba-SP, 1971 *apud* SOUZA, 2016, p. 40)

A coisa melhor do mundo é a gente saber ler quem não sabe ler é como um cego que vive sem enxerga. (Joana Ferreira, Colinas-MA, 1971 *apud* SOUZA, 2016, p. 40)

A primeira e a terceira expressão remetem ao mesmo significado que teve para a nossa colaboradora dona Maria Dorta. Uma satisfação enorme por ter aprendido a ler, misturada a um sentimento de libertação. No segundo relato da dona Maria, de Araçatuba, volto àquela aluna da Dona Nice Crippa, que tinha vontade de ir pulando para a escola de tanta felicidade porque ela já estava conseguindo ler. São relatos de conquistas efetivadas por meio do MOBREAL.

Almeida (2014) em sua dissertação de Mestrado, realizada em Montes Claros/MG, traz vários relatos de mulheres que não estudaram em idade considerada regular e que retornaram aos estudos quando adultas. Uma das entrevistadas da referida pesquisa, relata que o MOBREAL foi fundamental na sua vida, proporcionando-lhe conhecer pessoas, aprender a lidar com o mundo e enfrentar medos e preconceitos.

O Mobral foi muito bom na minha vida. Todo dia que eu ia, ficava pensando o que vai ser lá hoje, ficava ansiosa. Arrumei muita amizade. Mesmo em cima do caminhão, na estrada a gente ria, conversava, ficava contando o que tinha acontecido na sala de aula, porque tinha gente que estudava em outra sala. Ficava comentando o que tinha achado da aula, uns achava chata, outros dizia que num tinha entendido nada, uns gostava de um professor, outro já achava o outro mais simpático, era divertido. Eu queria agora me aperfeiçoar mais no corte e costura, porque eu aprendi sozinha, descosturava uma blusa ou uma calça e depois cortava em outro tecido, e aí costurava tudo de novo e fazia outro pra mim, pros meninos (A4, 15 de Maio, 2013 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 91)

A vontade de aprender e a questão da socialização sempre estão muito presentes nos relatos dos partícipes do MOBREAL em várias localidades do país. O prazer de estarem juntos, compartilhando quase sempre as mesmas dificuldades, evidenciam-se nas entrevistas.

Outra colaboradora ex-aluna do MOBREAL é a Dona Júlia. Uma senhora muito simpática, simples e humilde. A entrevista com a Dona Júlia foi a mais rápida deste estudo. Ela estava muito tímida e limitou-se apenas a responder pontualmente as questões elaboradas. O objetivo principal que a levou para participar das aulas do MOBREAL foi o desejo de aprender a ler e a escrever. Mas esse desejo se refletia em outro. Ela gostava muito de música e o gosto pela leitura era para aprender a cantar.

Mais uma vez coloco minha inexperiência em entrevistar como um fator de entrave em algumas situações. Analiso que eu deveria ter perguntado para ela se esse desejo de querer

aprender a ler para cantar foi revelado à professora e se a professora se utilizou dessa motivação para alfabetizá-la. Entretanto, isso não pôde ser respondido, pois não lhe foi perguntado. Dona Júlia ficou sabendo do MOBRAL por meio de uma amiga que a convidou. Ela disse que não sabia escrever nada, nem o próprio nome. Foi, estudou um pouco e quando se casou, parou de frequentar a escola, mas depois retornou. De origem humilde, relatou que nunca tinha ido para a escola, pois a mãe trabalhava na roça e ela tinha que cuidar dos irmãos. Quando a questioneei sobre o que ela mais gostava no MOBRAL, relatou o prazer de estar com os amigos. É muito importante o papel social que a escola exerce na vida dos envolvidos, seja no ambiente escolar ou fora dele. Relatou também a alegria de aprender a escrever e não deixou de falar a dificuldade que tinha com as contas de divisão. Dona Júlia ressaltou que gostava muito de fazer o ‘ditado’, atividade que a professora dava em sala de aula para auxiliar no aprendizado da escrita.

Nas entrevistas com os professores, perguntei quais eram as facilidades e dificuldades dos alunos. Quatro professores responderam que a facilidade era que os alunos tinham uma vontade enorme de aprender e isso facilitava o processo de ensino-aprendizagem. O senhor Aparecido disse ter dificuldade de tirar os “vícios” que os alunos traziam consigo, tanto na alfabetização, quanto na forma de resolver alguns exercícios.

Então, você falava uma coisa e eles tinham hábito de falar diferente... E aí era difícil convencê-los de que eles tinham que mudar o palavreado, eles tinham que mudar o conceito, né? Isso era a dificuldade. Mas, depois acabava tudo muito bem. (APARECIDO, 2016)⁷⁹

Três professoras (Nice, Alzira e Rose) colocaram o cansaço como uma grande dificuldade. Porque os alunos trabalhavam o dia todo, tomavam banho e muitas vezes iam sem jantar para as aulas. Para a maioria, o trabalho era pesado o dia todo. A professora Nice relatou que, muitas vezes, ela ouvia dos alunos que haviam ido às aulas, mas que não estavam aguentando de cansaço e dores nas pernas. De acordo com Carvalho (1995), isso pode transformar-se em um problema, quando:

[...] acrescentam-se os preconceitos com relação a alunos oriundos das camadas socialmente mais desfavorecidas da população e que foram, em algum momento, excluídos do sistema escolar ou não foram por ele incorporados na idade regular. O professor nutre por eles um sentimento de compaixão e assume sua tarefa como um ato de filantropia e não como uma função social e política que ele tem que profissionalmente assumir. (CARVALHO, 1995, p. 4)

⁷⁹ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

A professora Alzira coloca, além do cansaço, a questão do deslocamento para chegar ao local que ela lecionava. Relatou ainda a dificuldade que alguns alunos tinham para enxergar:

[...] Então a dificuldade era essa, a distância, para aqueles que saíam de uma fazenda para outra, que se deslocavam de um lugar para outro. Enquanto a dificuldade de alguns deles era a distância, também havia dificuldade de visão, muitos não conseguiam enxergar direito, tinham problema de visão... então eu colocava mais perto do quadro. E alguns, mesmo mais perto do quadro, os mais velhos, era difícil para eles. (ALZIRA, 2016)⁸⁰

No MOBRAL-Araras houve convênios firmados entre o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e o MOBRAL. Os alunos que frequentassem o MOBRAL poderiam ter atendimento oftalmológico gratuito, sendo ou não beneficiários do INPS. Os professores do MOBRAL deveriam aplicar em seus alunos testes de acuidade visual e, sendo constatada qualquer deficiência, deveria ser providenciado o encaminhamento do aluno para uma consulta gratuita com médico especialista. Havendo necessidade da prescrição de óculos, esses deveriam ser pagos pelo MOBRAL. (CONVÊNIO...1978). Ao consultar as Pastas de Prestação de Contas do MOBRAL pude verificar vários recibos referentes às notas fiscais de compra de óculos de grau (Figura 16), pagos pela Fundação MOBRAL.

⁸⁰ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

Figura 19 – Convênio firmado entre o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e o MOBRAL.



Fonte: (CONVÊNIO..., 1978)

A professora Rose ressaltou a questão da motivação dos alunos. Rose disse que o maior desafio, enquanto professora, era motivar o aluno a ter consciência de que a cultura, o estudo, o conhecimento, poderiam promovê-lo socialmente. Ela dava exemplos, usando a própria vida.

[...] eu usava o meu exemplo...Que a minha mãe me mandou estudar mais cedo, mas como eles não haviam estudado, eles tinham que ganhar esse tempo. Queria que eles vissem que havia uma diferença de quem estudou, de quem não estudou e que havia um tempo a ser recuperado. Isso era um tipo de motivação e pegava bem, porque eles amavam a gente...que sabia explicar... que sabia falar...[...] (ROSE, 2017)⁸²

Sabemos que a educação não é a chave para a resolução dos problemas sociais, mas ela é um agente social de transformação, necessária para a sobrevivência do ser humano, a qual não pode ser desvinculada dos direitos sociais. Além disso, o direito à educação, não se deve restringir apenas ao acesso, pois é bem mais amplo e está associado a outros direitos. De acordo com Padilha (2007) *apud* Gadotti (2013), trata-se de garantir, por meio de uma educação com

⁸² Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

qualidade social, a aprendizagem de todos os cidadãos e cidadãs que deve ser “sociocultural” e “socioambiental”.

A professora Rose motivava seus alunos a ‘enxergarem’ o estudo como um meio para a promoção social, orientava-os no sentido de que pudessem transcender a situação de analfabetismo, diferente de conceber a educação como o caminho para o desenvolvimento do país, o aluno deveria ter o direito à educação emancipadora.

A UNESCO reconhece a Educação de Adultos como direito humano, a começar pelo primeiro nível que é o da alfabetização. De fato, a alfabetização é a base para a aprendizagem ao longo da vida. Nenhuma educação é possível sem a habilidade da leitura e da escrita. E não basta oferecer um programa de Educação de Adultos. É preciso oferecer condições de aprendizagem, transporte, locais adequados, materiais apropriados, muita convivência e também bolsas de estudo (GADOTTI, 2013).

Nesse processo de alfabetização, a professora Rose almejava que seus alunos assumissem uma postura crítica, porque essa implica a transformação da ação. Com o pensamento reflexivo-crítico, posso ter a oportunidade de tentar alterar o que não condiz com o que se acredita ser politicamente e humanamente correto.

Com o objetivo de visualizarmos o quadro do número de alunos alfabetizados ou não no município de Araras, apontamos os registros da Tabela 3. Esta, apresenta o desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional e Educação Integrada no MOBREAL em Araras, de 1971 a 1980.

Tabela 3 - Número de alunos aprovados e não aprovados no Programa de Alfabetização

Funcional do MOBRAL de Araras. Período: 1971-1980.

Mês / ano da assinatura do Convênio	Nº de alunos aprovados	Porcentagem dos alunos Aprovados	Nº de alunos não alfabetizados	Porcentagem dos alunos não alfabetizados
03/1971	331	60%	234	40%
07/1971	58	68%	27	32%
03/1972	75	47%	83	53%
08/1972	43	48%	46	52%
03/1973	35	10%	317	90%
07/1973	169	77%	50	23%
01/1974	199	55%	165	45%
07/1974	98	32%	206	68%
02/1975	127	30%	301	70%
08/1975	99	24%	314	76%
02/1976	32	11%	261	89%
08/1976	129	57%	96	43%
03/1977	21	17%	99	83%
07/1977	34	42%	46	58%
02/1978	20	21%	73	79%
08/1978	31	26%	89	74%
05/1979	115	49%	118	51%
10/1979	38	35%	72	65%
04/1980	48	33%	96	67%

Fonte: (MOVIMENTO...,1971-1980, sem paginação)

Observando essa tabela, vê-se que, nos registros, há um número muito elevado de alunos não alfabetizados. Essa foi uma das questões aos nossos colaboradores. Por que tantos alunos registrados como não aprovados? Havia evasão escolar?

Os professores nos relataram, em unanimidade, que todos os alunos que frequentavam as aulas do MOBRAL sempre eram aprovados.

Olha, eu acho que no Mobral, para você falar que o Mobral reprovou um aluno... Deve ser porque o aluno não frequentou todas as aulas, ou pegou no final... Porque não tinha

época para entrar, entrava em qualquer hora, em qualquer época. Então, ou ele entrou, ficou uma semana só e não deu para aprender, ou ele faltou muito. Porque caso contrário, não tinha como ser reprovado, porque o que exigia era o mínimo. Não tinha como. (APARECIDO, 2016)⁸³

[...] Mas conseguiram, todos conseguiram ser alfabetizados, não faltou um. Foi unânime. (ALZIRA, 2016)⁸⁴

Porém, os dados obtidos por meio dos registros da supervisora do MOBRL em Araras (Tabela 4), mostram que, em alguns meses, o número de alunos reprovados era muito alto.

Tabela 4 – Percentual dos alunos aprovados e não aprovados nos anos de 1971 e 1975 no município de Araras.

Mês / ano da assinatura do Convênio	Nº de alunos aprovados	Porcentagem dos alunos Aprovados	Nº de alunos não alfabetizados	Porcentagem dos alunos não alfabetizados
03/1973	35	10%	317	90%
02/1976	32	11%	261	89%

Fonte: (MOVIMENTO...1971-1980, sem paginação)

Ao serem questionados sobre esse assunto, os professores disseram que essa reprovação poderia estar relacionada ao fato de os alunos serem muito inconsistentes na frequência. Além da evasão pelo motivo do cansaço do trabalho o dia todo, havia o fato da migração. Os alunos migravam para o município de Araras, voltavam um tempo para a cidade natal e depois de um tempo retornavam. Alguns lavradores, cortadores de cana, vinham na época da safra, por causa do trabalho, depois voltavam para a Bahia e Minas Gerais, que eram os Estados de onde mais provinham migrações. Assim, os professores afirmam que os alunos que frequentavam as aulas até o final do período do Programa de Alfabetização Funcional, sempre saíam alfabetizados, o que justifica a unanimidade dos relatos dos professores que afirmam essa condição dos alunos.

⁸³ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

⁸⁴ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

Alguns chegavam tarde na escola, tinha aqueles que migravam de outros estados também e chegavam aqui, o ano letivo já havia começado e eles entravam atrasados. Mas eles iam para o ano seguinte. (ALZIRA, 2016)⁸⁵

A professora Nice relatou que muitos alunos tinham parentes no Nordeste, na Bahia e, sorrindo, lembrou-se de um deles dizendo pra ela: “Deus me livre dona Nice, aqui a gente trabalha muito em Sum Paulo! Sum Paulo a gente trabalha muito. Trabalha muito dona Nice. Eu vou terminar aqui, depois vou voltar pra Bahia.” (NICE, 2017) ⁸⁶.

Então era comum, os alunos virem para o município à procura de trabalho, começarem a estudar, fazer novas amizades, mas muitos retornavam para a terra natal.

A música “Triste Partida”, de Luiz Gonzaga (ANEXO D), que apresentamos a seguir, retrata a vida do migrante, do sertanejo, representando a experiência do movimento de ir e vir.

A Triste Partida
Luiz Gonzaga

Meu Deus, meu Deus
Setembro passou
Outubro e novembro
Já tamo em dezembro
Meu Deus, que é de nós
(Meu Deus, meu Deus)
Assim fala o pobre
Do seco nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
(Ai, ai, ai, ai)

A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedra de sal

⁸⁵ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁸⁶ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

Meu Deus, meu Deus
Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre natal
(Ai, ai, ai, ai)

Rompeu-se o natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
(Meu Deus, meu Deus)
Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois barra não tem
(Ai, ai, ai, ai)

Sem chuva na terra
Descamba janeiro
Depois fevereiro
E o mesmo verão
(Meu Deus, meu Deus)
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
Não chove mais não"
(Ai, ai, ai, ai)

Apela pra março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
(Meu Deus, meu Deus)

Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
(Ai, ai, ai, ai)

Agora pensando
Ele segue outra tría
Chamando a família
Começa a dizer
(Meu Deus, meu Deus)
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamo à São Paulo
Viver ou morrer
(Ai, ai, ai, ai)

Nóis vamo à São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheias
Nois vamo vagar
(Meu Deus, meu Deus)
Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
caí pro mesmo cantinho
Nois torna a voltar
(Ai, ai, ai, ai)

E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Vendero também
(Meu Deus, meu Deus)
Pois logo aparece

Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
(Ai, ai, ai, ai)

Em um caminhão
Ele joga a família
Chegou o triste dia
Já vai viajar
(Meu Deus, meu Deus)

A seca terrível
Que tudo devora
Ai, lhe bota pra fora
Da terra natal
(Ai, ai, ai, ai)

O carro já corre
No topo da serra
Olhando pra terra
Seu berço, seu lar
(Meu Deus, meu Deus)

Aquele nortista
Partido de pena
De longe da casa
Adeus meu lugar
(Ai, ai, ai, ai)

No dia seguinte
Já tudo enfiado
E o carro embalado
Veloz a correr
(Meu Deus, meu Deus)
Tão triste coitado
Falando saudoso

Um seu filho choroso

Exclama a dizer:

(Ai, ai, ai, ai)

-De pena e saudade

Papai sei que morro

Meu pobre cachorro

Quem dá de comer?

(Meu Deus, meu Deus)

Já outro pergunta:

-Mãezinha, e meu gato?

Com fome, sem trato

Mimi vai morrer

(Ai, ai, ai, ai)

E a linda pequena

Tremendo de medo

-"Mamãe, meus brinquedo

Meu pé de fulô?"

(Meu Deus, meu Deus)

Meu pé de roseira

Coitado ele seca

E minha boneca

Também lá ficou

(Ai, ai, ai, ai)

E assim vão deixando

Com choro e gemido

Do berço querido

Céu lindo e azul

(Meu Deus, meu Deus)

O pai pesaroso

Nos fio pensando

E o carro rodando

Na estrada do sul

(Ai, ai, ai, ai)

Chegaram em São Paulo

Sem cobre quebrado

E o pobre acanhado

Percura um patrão

(Meu Deus, meu Deus)

Só vê cara estranha

De estranha gente

Tudo é diferente

Do caro torrão

(Ai, ai, ai, ai)

Trabaia dois ano

Três ano e mais ano

E sempre nos plano

De um dia voltar

(Meu Deus, meu Deus)

Mas nunca ele pode

Só vive devendo

E assim vai sofrendo

É sofrer sem parar

(Ai, ai, ai, ai)

Se alguma notícia

Das banda do norte

Tem ele por sorte

O gosto de ouvir

(Meu Deus, meu Deus)

Lhe bate no peito

Saudade de móio

E as água nos zóio

Começa a cair

 (Ai, ai, ai, ai)
 Do mundo afastado
 Ali vive preso
 Sofrendo desprezo
 Devendo ao patrão
 (Meu Deus, meu Deus)
 O tempo rolando
 Vai dia e vem dia
 E aquela família
 Não volta mais não
 (Ai, ai, ai, ai)

 Distante da terra
 Tão seca, mas boa
 Exposto à garoa
 A lama e o baú
 (Meu Deus, meu Deus)
 Faz pena o nortista
 Tão forte, tão bravo
 Viver como escravo
 No norte e no sul
 (Ai, ai, ai, ai)

Essa canção aponta as experiências das andanças de um migrante pelo país, característico dos movimentos populacionais ocorridos no Brasil, movimentos esses gerados por diversos motivos, como o êxodo rural. Muitas pessoas necessitavam sair das zonas rurais em direção às áreas urbanas, em busca de melhores condições de vida. Também podemos citar os trabalhadores rurais – boias-frias – que se deslocam sazonalmente nas diferentes regiões produtoras do país. A letra dessa canção reflete elementos identitários que representam a experiência de deslocamento vivenciada pelo migrante. Luiz Gonzaga cantou uma parte do Brasil que alguns teimam em manter calada.

Ouvir Luiz Gonzaga é entrar em contato com o Brasil profundo: de crenças, tradições e costumes que passam de pai para filho, sob o sol causticante do sertão nordestino. Ouvir Luiz é voltar à infância, no sentido que a infância tem de ingenuidade e desautomatização; de olhar a vida sem perder de vista a fé no que virá. Ouvir Luiz Gonzaga é aquecer o coração com a esperança (sertaneja) de que o futuro reserva brisas mais amenas para suavizar as dores do agora; é entender o que move o homem do campo em busca de alegria nas grandes capitais do país.

De acordo com Recanto (2017), o poema é um lamento de partida e tristeza. Sem chuvas, o nordestino está acostumado a clamar a Deus, uma vez que se sente desamparado pelo Estado. A recorrência do lamento “ai ai ai “ durante o desenrolar da poesia, é a expressão máxima da dor e vai além da alma, parece ser também física àqueles indivíduos.

Diante de um quadro difícil para sobreviver, deixar a terra é a única solução para aquela família que deixa para trás animais domésticos e plantas que representam a saudade, o cuidado e o apego. As crianças, como é de se esperar, externizam melhor a dor, a inocência, o motivo para não ir. São Paulo simboliza a Terra Prometida, a esperança de uma nova vida e possibilidade de melhoria. Mas a partir daí, passam a ser exilados na cidade grande.

Quantos nordestinos não relatam ter ido para São Paulo e retornado à terra natal para logo em seguida partir de novo a São Paulo ou a outras “Terras Prometidas” em diversos cantos do país?

Essa canção poética expressa a tristeza causada por diversos fatores externos ao indivíduo. Ele é triste porque não chove. É triste porque precisa partir; é triste porque deixará para trás sua identidade, sua história e cultura. E, é triste porque em muitos casos a ida não tem volta. (RECANTO, 2017)

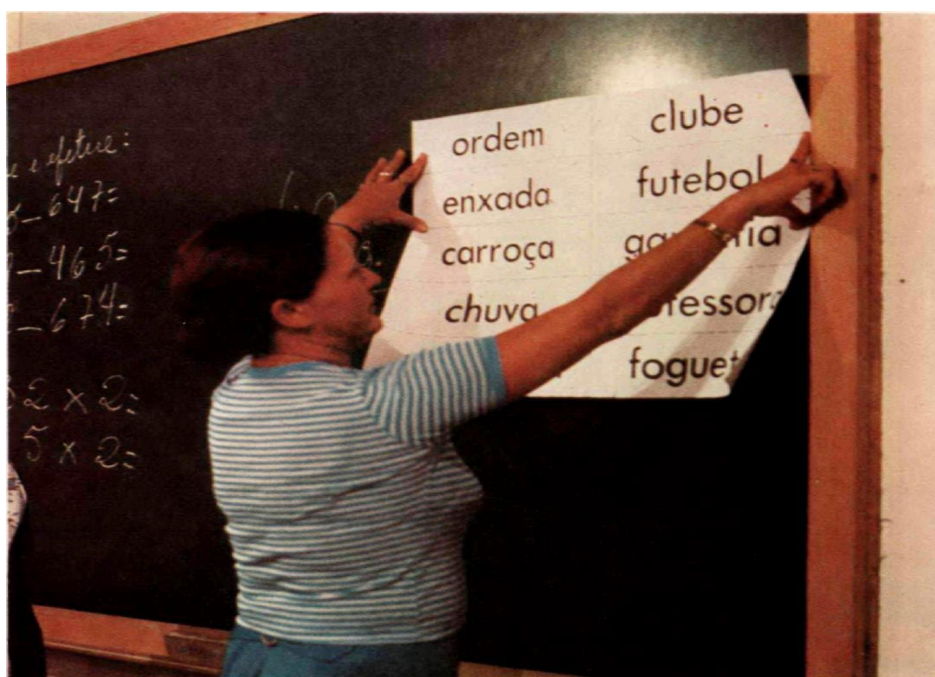
O migrar para o homem do campo era a esperança de que o amanhã seria melhor. O levantar, trabalhar, são fatores que impulsionam o ser humano à transcendência. Porém, muitas vezes, encontramos as limitações, situações impostas que tornam o caminho um pouco sinuoso para alcançar os objetivos. Não era nada fácil para o migrante sair de sua cidade, deixando a família para trás ou com esta mas, tendo que se organizar em um outro local com dificuldade financeira, trabalhar o dia todo, por vezes explorado, sem condições de se desprender de determinada situação por ser a única fonte de renda, na maioria das vezes em serviços pesados e, nesse caso da minha pesquisa, buscar realizar sonhos, como alunos do MOBREAL-Araras.

5.4 Práticas e saberes dos professores em alfabetização e matemática no MOBRAL de Araras.

Em seus relatos, os professores falaram das práticas referentes ao conteúdo de matemática e a alfabetização com os alunos jovens e adultos, no período em que permaneceram lecionando no MOBRAL.

Os documentos do MOBRAL nacional apresentam o método que deveria ser trabalhado para a alfabetização. O método utilizado baseava-se na decomposição das palavras geradoras. As palavras eram escolhidas pelos organizadores do Movimento, o que aponta ser, em minha análise, um ponto negativo, pois muitas palavras não faziam parte do mundo do aluno. O que eles afirmavam ser do universo vocabular do aluno era, em sua maioria, um reforço dos interesses capitalistas e disciplinadores do regime que se instaurava naquele período. (Figura 18). Cito: feira, bola, ordem, progresso, tijolo, enxada, carroça, chuva, clube, futebol, professora e foguete.

Figura 20 - Universo vocabular do aluno segundo os organizadores do MOBRAL



Fonte: (BRASIL, [197-] f).

Algumas palavras reforçam a era da industrialização e a importância da ciência, impondo a ideologia do progresso por meio de ações educativas e propagandistas, como pude observar. Cito a palavra clube. Quem deles tinha a oportunidade de frequentar um clube, com

todas as dificuldades que possuíam? Futebol? Podemos dizer que o governo militar brasileiro iniciou um período de campanhas ufanistas para conquistar a simpatia da população. Dessa forma, surgiram os slogans "Ninguém segura este país" e "Brasil, ame-o ou deixe-o" (Figura 19), onde “amar” é sinônimo de aceitar as leis constitucionais, e “deixe-o” um termo figurativo para aqueles que não concordavam com o regime militar.

Figura 21 – Slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o!”



Fonte: (GUILHERMEC, 2011)

Como não lembrar aquele refrão tão aclamado "Eu te amo, meu Brasil, eu te amo; ninguém segura a juventude do Brasil", canção interpretada pelos Incríveis (ANEXO E) a qual exporemos um trecho a seguir. Excluindo as crianças e alguns jovens, difícil não lembrar essa canção ou "'Este é um país que vai pra frente". Canções que enalteciam o patriotismo; estavam empenhados em reforçar as boas intenções do regime.

Escola

Marche

As praias do Brasil ensolaradas

Lá lá lá lá

O chão onde país se elevou

Lá lá lá lá

A mão de Deus abençoou

Mulher que nasce aqui

Tem muito mais amor

O Céu do meu Brasil tem mais estrelas

Lá lá lá lá

O sol do meu país, mais esplendor

Lá lá lá lá
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras vou plantar amor
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Ninguém segura a juventude do Brasil

O início da música⁸⁷ já é temeroso pelo que se acredita ser uma escola em que se privilegie a autonomia, o senso crítico e o protagonismo estudantil. Um grito: “Escola” direcionando a um comando para marchar, ou seja, obedeçam, sigam em frente, respeitem a ordem, não condiz com nossa ideologia de Educação.

O hino da Copa de 1970 era cantado por todo o país:

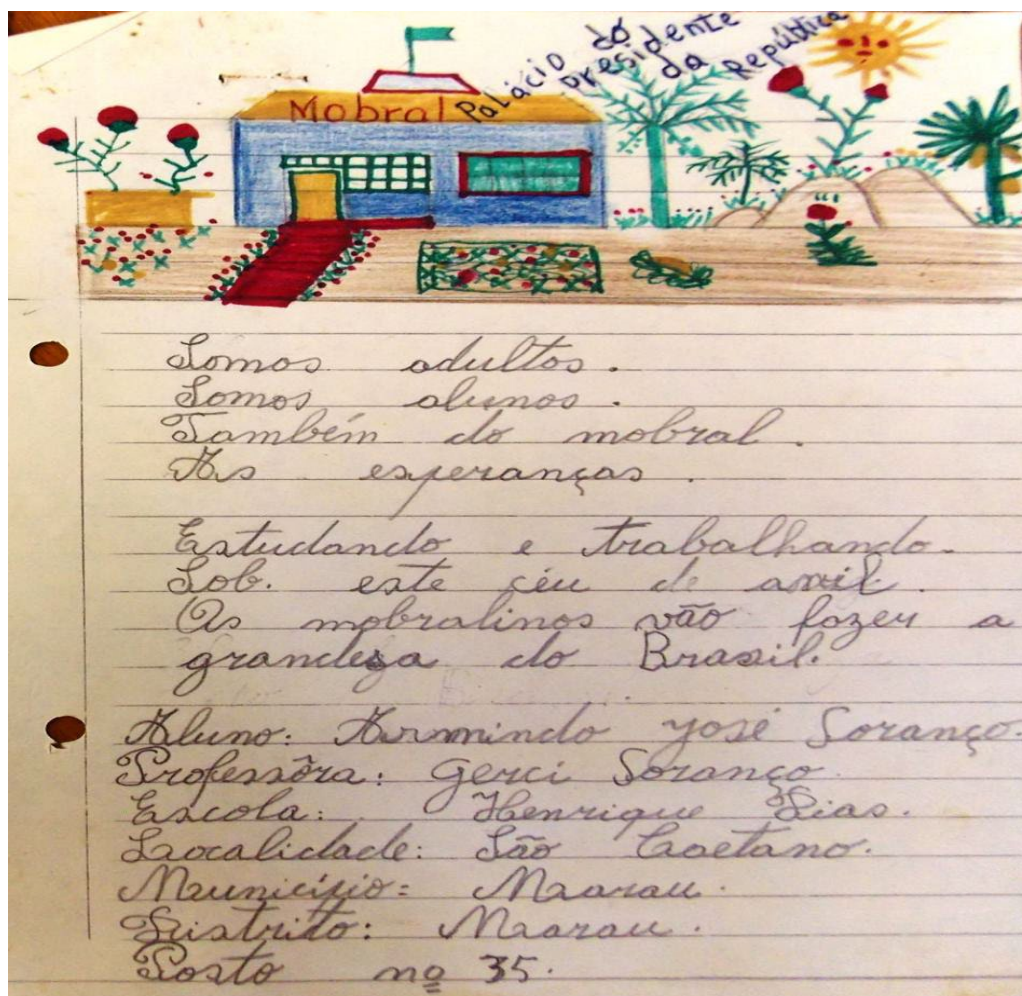
Noventa milhões em ação. Pra frente Brasil, no meu coração. Todos juntos, vamos pra frente Brasil. Salve a seleção!!! De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão. Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração! Todos juntos vamos pra frente Brasil! Salve a seleção! (VAGALUME, 2018)

Foi a primeira Copa transmitida ao vivo e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que fartavam as transmissões dos jogos. Falava-se de um 'Brasil Grande', 'Brasil Potência'.

Segundo Souza (2016), os feriados nacionais eram sempre celebrados com ações públicas e ganhavam muito espaço nas edições dos jornais que circulavam. O Dia da Bandeira, A Proclamação da República e a Independência recebiam sempre destaque na mídia, oportunamente aproveitada para o reforço na imagem sempre festiva, alegre e crescente, e para isso, o Mobral contribuía largamente. No capítulo 2 desta tese, cito a pesquisa de Souza (2016), em que a autora, em sua busca de dados, encontra uma fonte muito valiosa para sua pesquisa: 4000 mil cartas escritas por alunos do MOBRL de várias localidades do país. Particularmente, considero uma preciosidade ter como fonte de dados cartas e fotografias. A (Figura 20) é uma ‘Carta’ de um aluno do MOBRL de São Caetano, do município de Marau, Armindo José Soranço, que se encontra no arquivo do INEP, a qual vai ao encontro desse propagado ufanismo.

⁸⁷ A música (letra e áudio) está disponível no site <<https://www.letras.mus.br/os-incriveis/332979/>>.

Figura 22 – ‘Carta’ e desenho de um aluno do Mobral



Fonte: (SOUZA, 2016, p. 94)

Mesmo o MOBREAL sendo criado e efetivado nesse período de ditadura, como já mencionado anteriormente, não surgiram nos relatos indícios da interferência do regime militar no MOBREAL-Araras. Muito superficialmente, uma professora comentou o fato de esse período ter sido difícil, mas elas nada questionavam.

Pesquisadora – O MOBREAL foi uma criação da época da ditadura militar; você percebia alguma interferência no seu trabalho?

Entrevistado – Não, nenhuma. Eu acho que nenhum dos meus companheiros teve.

Pesquisadora – Não perceberam? **Entrevistado** – Não. Não tinha interferência, não percebemos nada. (APARECIDO, 2018)⁸⁸

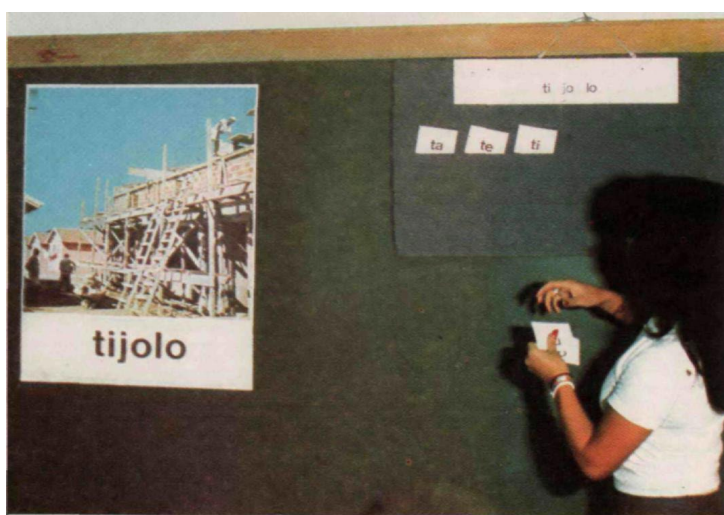
Entrevistada – Eles faziam questão de aulas de educação moral e cívica, OSPB... nós que vivemos a ditadura não questionávamos absolutamente nada, nem achávamos que era interferência. Eu acho que o MOBREAL foi um caminho, agora com relação ao regime dos anos de chumbo, esses anos mais difíceis, a gente questionava muito

⁸⁸ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa entrevistado em 22 out. 2018.

pouco. Fomos questionar depois, porque enquanto vivíamos, tínhamos que calar a boca. (ROSE, 2018)⁸⁹

O método proposto pelo MOBRAL era, segundo seus organizadores, baseado na decomposição das palavras geradoras. (Figura 21).

Figura 23 – Método para alfabetização, baseado na decomposição das palavras geradoras, proposto pelo MOBRAL



Fonte: (BRASIL, [197-] f).

Questionei os docentes se eles utilizavam esse método para alfabetizar. De início alguns não sabiam, não entenderam minha questão, não se lembravam do método, ou seja, todas essas reações demonstraram que o método não fora utilizado da forma como estava proposto no material didático do MOBRAL.

Pesquisadora – Em minhas pesquisas, observei que havia um trabalho com palavras geradoras. Como isso acontecia?

Entrevistado – Bom, eu não... como assim, palavras geradoras? **Pesquisadora** – Tinha assim, por exemplo, a palavra tijolo... e aí você ia fazendo a formação. (APARECIDO, 2016)⁹⁰

[...] **Entrevistada:** Como assim?

Pesquisadora: Por exemplo, o tijolo.

Entrevistada: Ah sim.

⁸⁹ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 22 out. 2018.

⁹⁰ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa, entrevistado em 27 jan. 2016.

Pesquisadora: Aí eles iam trabalhando a partir...

Entrevistada: Aí a gente trabalhava sílaba por sílaba, com todas as vogais. É isso aí que você quer saber? (ALZIRA, 2016)⁹¹

A professora Nice confessou que achava o método difícil de ser aplicado. Disse que chegou a trabalhar em casos que os alunos tinham mais dificuldade, mas reclamou que era cansativo e enjoativo. Relatou que era um recurso a mais e que ninguém a obrigava a trabalhar daquela forma, o importante era que tivesse bons resultados.

Rose lembrou vagamente sobre a proposta. “Eu não lembro com precisão de todas as palavras geradoras. A palavra mais geradora era tijolo, não me lembro de todas, só dessa. Foram substituídas todas as regras formais das cartilhas usadas normalmente na alfabetização de crianças”. (ROSE, 2017)⁹². Nossa colaboradora Maria Amélia disse: “Eu vou ficar devendo essa resposta pra você, porque eu não cheguei a ter contato com o material”. (MARIA AMÉLIA)⁹³.

Como já discutido no capítulo 2, esses relatos me trouxeram uma frustração, porque realmente não era o que eu queria ouvir. As razões dessa frustração são, simplesmente, porque em nossa inexperiência de entrevistar, muitas vezes criamos expectativas e, quando essas não se concretizam, aflora em nós esse sentimento e as questões “por que eles não deram outra resposta?”, ou melhor, “por que eles não responderam o que eu achava que tinha acontecido?”. Essa situação, já superada, torna-se muito interessante, porque isso é o material da pesquisa. São justamente os relatos dos nossos colaboradores que vão se entrelaçando, cruzando, amarrando e construindo, não o que queremos ouvir ou o que achávamos que deveriam relatar, mas o que de fato aconteceu.

Aos poucos, conforme fui explicando como era o método proposto, alguns foram detalhando a forma como fizeram para alfabetizar os alunos.

Maria Amélia iniciou a alfabetização com as vogais. Após a apresentação do alfabeto, os alunos iam formando as palavras. Disse que ela mesma preparava o material, utilizando a experiência do estágio que cursou durante o Magistério. Em seu relato, Maria Amélia fez uma observação referente à relação da língua portuguesa com a matemática. Disse que uma das dificuldades dos alunos era a construção de textos pelo motivo de não saberem concordância

⁹¹ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

⁹² Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

⁹³ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

verbal. Embora eles conversassem e usassem os substantivos, os adjetivos e os verbos, tinham dificuldade na hora de constituir, de escrever e transcrever. Isso, segundo ela, refletia negativamente na matemática, na interpretação e resolução dos problemas.

A professora Nice ressaltou a diferença entre trabalhar com crianças e com adultos, colocando que são mundos diferentes. Contou que não trabalhava sílabas com eles, mas o “global”⁹⁴. Reafirmou que trabalhava o mundo dos alunos. Alguns levavam o Folheto do domingo da igreja. Assim, ela percebia algumas letras que os alunos já conheciam e ia ensinando, a partir do que os alunos traziam:

Falávamos em coisas do dia a dia deles, panelas, ferramentas... trabalhávamos mais com o que eles traziam, tirávamos mais deles para trabalhar, entende? O que eles já conheciam. Tinha uma senhora de mais de 60 anos, dona Benedita, que foi para a escola e eu trabalhei com ela os objetos da sua cozinha, já que ela nunca trabalhou fora, passou a vida cuidando da casa. No meio dos textos colocávamos os objetos de cozinha, fazíamos os textos em casa e levávamos para ela aprender a localizar, a ler. E ela aprendeu rápido assim. Com aproximadamente 3 meses de MOBILAL conseguíamos alfabetizar um adulto. (NICE, 2017)⁹⁵

Nice disse que trabalhava tudo o que os alunos traziam, porque como era do interesse deles, da necessidade deles, eles aprendiam rápido.

Eu tinha um aluno que não sabia ler nem escrever, mas gostava de fazer paródias. Então, nós fizemos a paródia dele na lousa e naquela semana trabalhamos com ela. Todo mundo cantou a paródia dele. Porque ele trouxe aquela paródia e tinha muita coisa rica dentro da paródia dele. Ele inventava, falava e a gente trabalhava naquilo... Então naquela época nós pegávamos mais o que eles tinham. (NICE, 2017)⁹⁶

O que fazia a professora Nice em suas aulas para alfabetizar é ainda encontrado, atualmente, na Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, 2º segmento do Ensino Fundamental:

Em qualquer aprendizagem, a aquisição de novos conhecimentos deve considerar os conhecimentos prévios dos alunos. Em relação aos jovens e adultos, no entanto, é primordial partir dos conceitos decorrentes de suas vivências, suas interações sociais e sua experiência pessoal: como detêm conhecimentos mais amplos e diversificados, podem enriquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades, propondo alternativas a serem consideradas. (BRASIL, 2002, p. 13)

⁹⁴ Ao utilizar o termo “global”, a professora Nice quis dizer que não seguia cartilhas, sequências, silabação. Ela ensinava a partir das ‘coisas’ de interesse dos alunos.

⁹⁵ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

⁹⁶ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

Freire (1996) defendia que deve ser inerente à prática do professor o respeito aos saberes dos educandos e, mais do que isso, sugeria a discussão da razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

O senhor Aparecido, ao relatar o modo como alfabetizava, lembrou-se vagamente da palavra geradora tijolo. Para alfabetizar, disse que apresentava a palavra e trabalhava letra por letra. Após conhecerem as letras, apresentava as sílabas e depois as palavras. Ele queria que os alunos entendessem que uma palavra é formada por letras e sílabas, para depois formar palavras e frases.

Algumas metodologias apresentadas neste estudo, estão relacionadas à silabação. Segundo Araújo (1996), podemos dividir a história da alfabetização em três grandes períodos, acrescentando mais um, o atual, e subdividi-la, portanto, em quatro períodos. O primeiro inclui a Antiguidade e a Idade Média, quando predominou o método da ***Soletração***; o segundo teve início pela reação contra o método da soletração, entre os séculos XVI e XVIII, e se estendeu até a década de 1960, caracterizando-se pela criação de novos ***métodos sintéticos e analíticos***; e o terceiro período, marcado pelo questionamento e pela refutação da necessidade de se associar os sinais gráficos da escrita aos sons da fala para aprender a ler, iniciou em meados da década de 1980 com a divulgação da ***teoria da Psicogênese da língua escrita***.

Esse período vem sendo questionado por desenvolver apenas a função social da escrita em detrimento dos conhecimentos específicos, indispensáveis ao domínio da leitura e da escrita, que ficam diluídos no processo. Assim, acrescento o quarto período, o da “reinvenção da alfabetização”, que surgiu em decorrência do fracasso da utilização de práticas “equivocadas e inadequadas”, derivadas de tentativas de aplicação da teoria construtivista à alfabetização, sem o conhecimento da teoria. (MENDONÇA, [201-])

Neste estudo, não aprofundaremos cada fase em que se desenvolveram os métodos de alfabetização, mas sintetizamos com uma sinopse das fases dos métodos (Figura 22), chamando a atenção para o método silábico, relatado anteriormente pelo professor Aparecido, o que desencadeou a presente discussão.

Figura 24 – Sinopse das fases dos métodos de alfabetização

FASES	MÉTODOS					
	Métodos	Soletração	Fônico	Silábico	Palavração	Sentenciação
1ª. fase	Alfabeto: Letra, nome e forma	Letras: som e forma	Letras: consoantes e vogais	Palavras	Sentenças	Conto ou texto
2ª. fase	Sílaba	Sílabas	Sílabas	Sílabas	Palavras	Sentenças
3ª. fase	Palavras	Palavras	Palavras	Letras	Sílabas	Palavras
4ª. fase	Sentenças	Sentenças	Sentenças	Sentenças	Letras	Sílabas
5ª. fase	Contos ou textos	Contos ou textos	Contos ou textos	Contos ou textos	Contos ou textos	Letras

Fonte: (MENDONÇA, [201-], p. 28)

Os métodos de origem sintética são: soletração, o fônico e o silábico; e os demais, de origem analítica. Os primeiros partem da unidade menor rumo à maior, isto é, apresentam a letra, depois, unindo letras, obtém-se a sílaba, unindo sílabas compõem-se palavras, unindo palavras formam-se sentenças e juntando sentenças formam-se textos. O percurso realizado é aquele que caminha da menor unidade (letra) para a maior (texto). Os métodos da palavração, sentencição ou os textuais são de origem analítica, pois partem de uma unidade que possui significado, para então fazer sua análise (segmentação) em unidades menores.

Alguns professores utilizaram tanto os métodos de origem sintética quanto o de origem analítica. Dona Nice, por exemplo, fez uso do método **Palavração**. Aproveitava o que o aluno trazia (significado) e fazia a segmentação (origem analítica). A professora Alzira e o senhor Aparecido utilizaram o método **Silábico** e no relato da professora Maria Amélia evidenciou-se o método da **Soletração**.

A professora Rose relatou que:

Existiam palavras chaves e a palavra-chave mais usada como ponto de partida era tijolo, me lembro muito bem. Tijolo era uma coisa muito ligada com a construção civil e tínhamos alunos auxiliares, serventes de pedreiro, então eu achava muito interessante aquele processo, porque realmente despertava. Para ensinar crianças usando ‘A pata nada’, a pata pode ser uma coisa da realidade deles, mas imagina ensinar um adulto com: o jacaré bebia cajuada na jarra... seria muito estranho. Então não podíamos seguir cartilha, a cartilha era rígida [...] era interessante porque você tirava do meio aí, já, je, ji, jo, ju. Isso era muito interessante. (ROSE, 2017) ⁹⁷

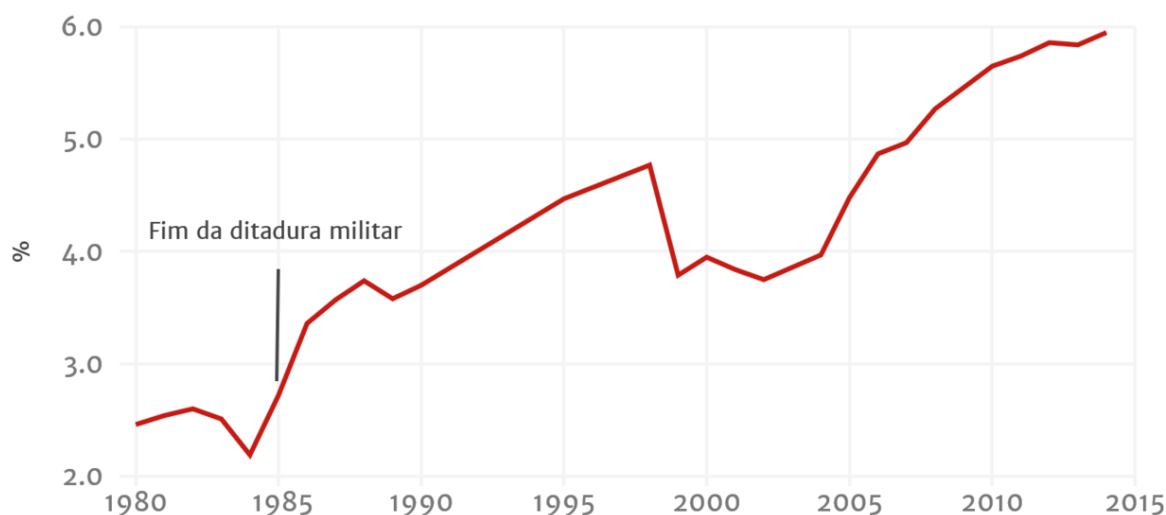
Essa professora analisou o processo usado por ela como interessante se, comparado às cartilhas que, segundo ela, eram muito rígidas e inapropriadas para alfabetizar os jovens e adultos do MOBRAL.

O método para alfabetizar, proposto pelo MOBRAL nacional, diferia das metodologias alternativas utilizadas pelos professores do MOBRAL-Araras. O universo vocabular do alfabetizando, imposto pelos organizadores do MOBRAL distanciava-se do que era trabalhado no município de Araras/SP. Nossos colaboradores trabalhavam a partir do que os alunos levavam para a escola e essa prática não se relacionava com a proposta do Governo Militar que tentou usar de algumas ideias do Método Paulo Freire a fim de velar uma realidade, cuja intencionalidade era outra, difundir as noções de cultura brasileira que se pretendia instaurar. A prática de expandir sem qualificar, com poucos recursos destinados à Educação (Figura 23) e pouca formação docente, ou seja, a não preocupação com a qualidade ofertada, fez com que a proposta governamental do período da Ditadura deixasse marcas profundas na educação brasileira.

⁹⁷ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

Figura 25 – Gasto com educação em relação ao PIB (1980-2015)**Gasto com educação em relação ao PIB**

Despesas dos governos federais, estaduais e municipais com educação em relação ao PIB brasileiro de cada ano



Fonte: IBGE/Unesco

Nota: Os dados até 1990 são do IBGE. A partir de 1995, os dados são de levantamento da Unesco

**nova
escola**

Fonte: (NOVA ESCOLA, [2018?]).

No tocante às práticas dos professores referentes à alfabetização dos jovens e adultos do MOBRAL, desde a minha primeira entrevista com uma das professoras que lecionaram no MOBRAL-Araras, Miriam Camargo, questionei-me sobre qual teria sido o conteúdo considerado mais difícil por parte dos alunos. Uma dificuldade apontada unanimemente pelos professores foi a atividade relacionada à escrita de um texto em que o aluno tinha que se expressar, criar, argumentar e escrever corretamente. Segundo os relatos dos professores, a escrita era muito complexa para os alunos.

A professora Rose relatou que a maior dificuldade era a alfabetização, a escrita, a fala. Ela até chegou a citar a atual nova gramática, as várias mudanças que a Língua Portuguesa sofre, avaliando que realmente é uma habilidade não muito fácil, principalmente para os alunos do MOBRAL, que chegavam analfabetos. “[...] As pessoas se esforçavam muito, era muito difícil para eles, porque eram mãos pesadas que nós estávamos trabalhando...Um outro mundo”. (ROSE, 2017) ⁹⁸

⁹⁸ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

Já foi visto anteriormente que, segundo os documentos oficiais, mais precisamente, Brasil (1973a), por meio da alfabetização funcional, o aluno deveria adquirir um vocabulário que lhe permitisse compreender orientações e ordens transmitidas por escrito e oralmente e saber expressar claramente suas ideias.

Inversamente às propostas de Paulo Freire, os métodos utilizados no MOBRAL advinham da educação tecnicista, em que o uso da alfabetização funcional valorizava apenas a aquisição de técnicas elementares em leitura, escrita e cálculo, incapaz de impulsionar uma educação em que se formasse um aluno com postura crítica diante dos acontecimentos do país, o que não era a intenção do Movimento, devido ao período de ditadura instaurado. Essa Educação tecnicista contrastava com a filosofia de educação proposta por Paulo Freire, que prezava por um educando como ser pensante e crítico, capaz de transformar a realidade em que vive.

De acordo com Pederiva (2015), autora da dissertação “O MOBRAL faz mais do que ensinar a ler e a escrever: manifestações biopolíticas para o controle de adultos analfabetos em Varginha-MG”, a concepção de educação tecnicista desempenhou um importante papel na política educacional do Governo Militar, que, por sua vez, atrelava a Educação ao progresso da economia. Em especial, destaca-se a Lei 5692/1971, acerca do ensino de 1º e 2º graus, que enfatizava o desenvolvimento das potencialidades do aluno voltadas à qualificação para o trabalho.

Segundo Araújo (1991), na dimensão técnica do processo didático-pedagógico, o professor torna-se um especialista na aplicação de manuais, e sua autonomia e criatividade ficam restritas aos limites da técnica de ensino adotada. Nesse sentido, destaca-se que o tecnicismo se aproxima dos princípios norteadores do ensino tradicional, metodologia de ensino na qual predominam aulas expositivas e uma série de exercícios sistematizados para a memorização.

Os relatos das entrevistas dos colaboradores de nossa pesquisa apresentam situações que demonstram a dificuldade que os alunos tinham em relação à comunicação oral e escrita. Percebi que, em alguns casos, era aprendido o mínimo na alfabetização. A própria condição de alguns excluídos da sociedade pelo analfabetismo os inibia na oralidade. Mas notei, também, o empenho dos professores em fazer com que os alunos fossem alfabetizados. Eram comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem. Além de adquirir experiências, eles sentiam que a ação deles era a única fonte de transformação social na vida daquelas pessoas. A professora Rose, em sua narrativa, exemplifica essa nossa análise:

[...] e saber falar... é uma coisa muito séria. Tínhamos também que desenvolver o jeito deles se comunicarem, trabalhar a comunicação. No Cesário Coimbra eu tive até teatro, então eu falava muito para eles das peças que nós fazíamos, Marília de Dirceu, teatro clássico. Eu falava muito de teatro, não era só o batente das aulas não, precisávamos mostrar que o estudo era importante e em muitos casos nós conquistamos essa vitória. Mas não era fácil, era uma grande dificuldade. (ROSE, 2017) ⁹⁹

O empenho na prática de alfabetização pode ser observado no relato do professor Aparecido. Ele disse que trabalhava o essencial: o aluno deveria aprender a escrever o nome, a ler, a fim de que conseguisse, ao menos, ‘tomar’ um ônibus, entender um endereço, ler uma correspondência, coisas assim. O tempo era curto, então os alfabetizadores tinham que cumprir sua missão lidando com a duração do tempo e os recursos (poucos) de que dispunham.

O professor afirmou que usava o método mais antigo, porque, segundo ele, era mais fácil para os alunos entenderem e também porque o material com as orientações ainda não havia chegado, quando iniciou os trabalhos. Segundo ele, o “método antigo” consistia em colocar o nome do aluno em um papel e este ia “desenhando” o nome, letra por letra. O professor ia de carteira em carteira, auxiliando os alunos. Frisamos esse cuidado com o atendimento individual para com o aluno do MOBRAL.

A palavra “desenhar” usada pelo professor mostra que as limitações eram profundas, e, portanto, necessitavam dessa dedicação docente. Essa situação mostra a metodologia dele sendo desenvolvida de maneira que o aluno chegasse a alcançar a meta de ler e escrever que, para muitos era um sonho e o principal objetivo de estarem cursando o MOBRAL.

A professora Alzira trabalhava sílaba por sílaba. Ela fazia fichas com sílabas e distribuía para os alunos. Segundo a professora, eles gostavam de formar palavras com as sílabas. Outra coisa de que eles gostavam também, segundo a professora, a qual me chamou a atenção, devido à timidez aparente da maioria dos alunos do MOBRAL, era que eles gostavam de ser chamados à lousa. De acordo com a professora, “era uma festa para eles”.

Nice, em seus relatos, reforçou que a construção de texto, sempre foi muito difícil para os alunos. Ela nos contou que fazia atividades como construção de cartas. Mandavam cartas para os colegas na própria classe ou para outra classe. E aproveitavam também para mandar cartas para os parentes de longe, pois alguns alunos possuíam parentes no Nordeste, na Bahia e outros lugares.

⁹⁹ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

Os jovens e adultos do MOBRAL chegavam à escola não alfabetizados, porém não se pode falar que houvesse um analfabetismo matemático. Os alunos tinham contato com a matemática, cada um à sua maneira, lidando mentalmente com o sistema monetário ao pagar contas, recebendo troco (alguns eram vendedores ambulantes), fazendo medições (alguns alunos eram pedreiros), conferindo o próprio salário; enfim, a matemática era muito presente na vida desses alunos.

Guimarães (2009), em seu livro “Números: as pegadas da divindade” aborda o conhecimento dos números como um conceito que pode ser expandido quando se adiciona a ele o das Cadeias Numéricas, pois esse remete tanto à definição usual quanto ao encadeamento deles. Essa obra traz uma originalidade na abordagem sobre os números. O autor assinala que as Cadeias Numéricas estão presentes nas nossas vidas e permeiam nossas decisões:

- Quantos filhos ele terá?
- Quantos dias eu ficarei lá?
- Quantos dias eu gastarei nesse trabalho?
- Qual a taxa de juros que oferecem?
- Será que meus índices sanguíneos estão normais?
- Em que ano foi isto?
- Quando chegar na Austrália, que horas serão?
- Quantos quilômetros faltam?
- Que horas será a reunião?
- Qual o número do telefone? (GUIMARÃES, 2009, p.11)

Certas respostas a essas questões têm implicações muito diferentes. Para o autor, a réplica a cada uma dessas questões, por pequenas que sejam as variações podem refletir uma sabedoria e cada Cadeia Numérica é um universo próprio com suas características especiais.

Esse deve ser o ponto de partida para qualquer iniciativa no processo de ensino--aprendizagem da Matemática (ou qualquer outra disciplina). Partir do ponto de que o aluno traz um vasto repertório de ideias matemáticas, as quais não podem ser negligenciadas pela escola.

Vale ressaltar que as questões colocadas pelo autor Guimarães (2009) são específicas do modo capitalista ocidental de vida. Há comunidades em que elas não existem.

Após analisarmos alguns livros de matemática do MOBRAL¹⁰⁰, constatamos a existência de inúmeros exercícios de fixação, não apenas de algoritmos das operações. Inicialmente era apresentada uma superficial exposição da teoria e, em seguida, eram propostos alguns exercícios, que nos indica o objetivo de enfatizar a assimilação do conteúdo por meio do treino da técnica.

¹⁰⁰ A análise desse material foi realizada em minha dissertação de Mestrado (SILVA, 2012).

Um dos livros iniciava com exercícios de posição relativa, distância e uma preparação para a noção de conjuntos e para o uso da tábua aritmética. A visualização era um caminho para a representação simbólica formal, situação que não acontecia no MOBRAL-Araras, pois, nos relatos, houve mais a incidência de situações de operações com algoritmos, mesmo porque, se o material não chegava, o professor não iria ficar desenhando na lousa devido ao pouco tempo que tinha, a não ser que fizesse uso do xerox, mas isso não pôde ser confirmado. O uso do xerox e do mimeógrafo foram relatados, mas não especificados para esse fim.

No material, havia muitos verbos no imperativo e lacunas para preenchimento na resolução dos exercícios, o que reforça a tendência tecnicista da época. A citação a seguir também nos leva a refletir sobre o pressuposto de Educação preconizado no MOBRAL: a existência de fases de desenvolvimento cognitivo.

[...] Nenhum exercício fará um bebê de dois meses andar, porque suas células nervosas não permitem que nervos e músculos estejam “prontos” para desempenhar as suas funções. Se porém o cérebro, nervos e músculos, estiverem suficientemente “maduros”, prontos para essa atividade, o exercício alcançará seu máximo rendimento e a aprendizagem será rápida e fácil. Com esse exemplo pode-se ver que quando se trata de adolescentes e adultos é possível acelerar a aprendizagem porque tanto o cérebro quanto os nervos e os músculos já estão prontos. (BRASIL, 1972, p. 7).

Segundo Brasil (1972), havia o pressuposto de que o aluno adulto, pelo fato de estar na fase formal piagetiana, aprenderia com mais facilidade. Pressuposto refutado sob o ponto de vista de nossos entrevistados. Uma das dificuldades que a professora Maria Amélia sentiu foi, justamente, a idade avançada de suas alunas, pois dela, como profissional, era exigida muita paciência e dedicação durante as aulas, devido à dificuldade das alunas, que a professora atribui à questão da idade. “As maiores dificuldades são que as pessoas mais jovens têm muito mais facilidade, no entendimento, na interpretação... que não é o que acontecia com elas, então nós tínhamos que ser muito paciosos.” (MARIA AMÉLIA, 2017) ¹⁰¹

Prosseguindo na análise no material didático do MOBRAL, vi que eram apresentados alguns exercícios de correspondência, colocando em evidência os sinais de comparação maior e menor. Isto posto, introduzia-se o numeral fazendo a correspondência de quantidades equivalentes de elementos de conjuntos a símbolos numéricos.

O próximo passo era o agrupamento, tendo a adição como consequência e, posteriormente, introduzia-se a noção de subtração, ambas com números da primeira dezena e

¹⁰¹ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

já se apresentavam os algoritmos dessas operações. O aluno deveria perceber que a subtração é a operação inversa da adição. No ensino da subtração desse material, são considerados três tipos de problemas que encerram ideias diferentes: ideia subtrativa da subtração; ideia comparativa da subtração e ideia aditiva da subtração.

Quando questionado, sobre as dificuldades dos alunos nas operações matemáticas, o senhor Aparecido, respondeu o seguinte:

Por exemplo, eles tinham facilidade de somar, embora não soubessem que estavam fazendo uma soma. Eles sabiam acrescentar, sabiam tirar, não sabiam fazer multiplicação, a multiplicação era repetidamente a soma e não sabiam divisão. Mas soma e subtração sabiam fazer, do jeito deles. Quando íamos aplicar o método correto eles tinham dificuldade. (APARECIDO, 2018)¹⁰²

Todas as ideias poderiam ser esclarecidas com o uso do flanelógrafo, quadro-negro ou quadro de pregas. Após a discussão da ideia contida no problema, o alfabetizador deveria registrar a sentença matemática.

A dezena era apresentada em seguida, até o número 99. O conceito de dezena era apresentado utilizando figuras geométricas. Na sequência, eram propostos exercícios de composição e decomposição dos números.

Subsequentemente encontramos problemas simples, necessitando da adição, subtração ou composição e decomposição de numerais acima de 10 para a resolução.

A partir do trabalho de agrupamento, introduz-se a ideia de multiplicação, que deveria ser trabalhada no flanelógrafo. O aluno deveria perceber a multiplicação como adição de parcelas iguais. Em seguida, é apresentada a relação entre a multiplicação e a disposição retangular.

A divisão deveria ser apresentada ao mesmo tempo que a multiplicação, colocando-a como operação inversa da multiplicação, por meio de perguntas ou jogos.

Após o processo de aprendizagem da divisão, eram propostas algumas operações para treinar esse procedimento da divisão e, em seguida, apresentava-se a resolução de um problema, contendo divisão com resto diferente de zero e exercícios sobre esse último tópico.

Nos relatos das entrevistas, vimos que as alunas tinham dificuldade na realização da operação divisão e, por isso relataram que não gostavam desse conteúdo matemático, como atestamos a seguir:

¹⁰² Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa entrevistado em 22 out. 2018.

Ah, eu gostava de tudo: dos amigos, aprender a escrever, as contas, ditado... quando ela dava para fazer eu adorava. Eu só não gostava muito daquela continha de dividir, daquela lá eu não gostava muito. (risos) (JULIA, 2017) ¹⁰³

Então, as contas eu gostava de fazer. Mas eu gostava mais de ler e escrever, aprender a ler e escrever era o que eu mais queria. [...] As contas, ela sempre dava continhas pequenas, aí dava para fazer. (MARIA DORTA, 2017) ¹⁰⁴

Notei que o tratamento com a Matemática era muito convencional. Segundo Miguel (2018), somente uma aula de Matemática verdadeiramente contextualizada poderá criar um ambiente propício a um verdadeiro processo de formação de conceitos nessa ciência e pensar o seu ensino como transmissão de simples técnicas operatórias deforma totalmente a essência desse conhecimento como linguagem e como constructo teórico fundamental para a vida em sociedade.

Lidar com a simbologia matemática de forma significativa tem implicações pedagógicas que não podem ser negligenciadas haja vista que um conceito significativo ou uma definição clara é, para o sábio ou para o filósofo, aquela que satisfaz as regras da lógica e, para o professor que ensina, é aquela que pode ser bem compreendida pelos alunos. (MIGUEL, 2018, p. 91)

Os tópicos seguintes relacionados a geometria e unidades de medida (comprimento, volume e massa) não foram citados nos relatos de nossos colaboradores. Como não lhes foi questionado, não podemos afirmar que esses conteúdos não foram abordados, mas supomos que o ensino de matemática se restringia às técnicas operatórias devido a alguns apontamentos dos professores colaboradores dessa pesquisa. “Até a matemática básica nós levávamos, mas quando você chegava na álgebra, na geometria, era sempre um trabalho mais especializado.” (ROSE, 2017).¹⁰⁵ “Ensinávamos contar nos dedos mesmo, como nas séries iniciais”. (NICE, 2017). ¹⁰⁶

A próxima Unidade a ser estudada no material didático do MOBREAL, implicava reconhecer formas geométricas, figuras planas e não planas. O alfabetizador deveria trabalhar os conceitos de metade, terça parte e quarta parte e as relações entre metade e dobro e triplo e terça parte com figuras geométricas simples (círculo, quadrado, retângulo). Deveria também

¹⁰³ Dados da entrevista. Aluna Aparecida Júlia Ferreira, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 25/09/2017.

¹⁰⁴ Dados da entrevista. Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 13/01/2017.

¹⁰⁵ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21/07/2017.

¹⁰⁶ Dados da entrevista. Professora Nice Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 25/01/2017.

levar o aluno à compreensão de inteiro e relacionar o estudo das frações com a divisão. Nada apareceu nos relatos referentes a essa unidade.

Para iniciar o estudo das figuras geométricas, o material sugeria que o alfabetizador recortasse em cartolina, ou mesmo em papel, triângulos, quadrados e retângulos. Poderia também desenhar essas figuras no quadro. Então, deveria pedir aos alunos que indicassem objetos da sala que tivessem a forma daquelas figuras, como o tampo de uma mesa ou o assento de uma cadeira, por exemplo. Em seguida, deveria ser apresentada uma situação problema que envolvesse a noção de perímetro. “Ana quer colocar renda em toda a volta do seu novo lenço. O lenço tem a forma de um quadrado, que tem 20 cm de lado. Quantos centímetros de renda Ana vai gastar? (BRASIL, 1977, p, 121).

Questões relacionadas a esse exemplo poderiam ser colocadas, a fim de instigar os alunos a responderem se já haviam calculado o perímetro em seu cotidiano, como cercar um terreno com arame, colocar ripa de madeira em torno de um quadro. Outras figuras deveriam ser mostradas, para que os alunos fizessem a correspondência entre elas e alguns objetos que tivessem semelhança com as figuras: a bola se parece com uma esfera, o dado com o cubo, algumas latas de óleo ou leite em pó se parecem com o cilindro. Esses conhecimentos deveriam ser ampliados na Unidade seguinte, em que seriam trabalhados os conceitos de Medidas (tempo, comprimento, massa e capacidade).

O tópico Medidas era abordado nas Unidades finais dos livros.

As unidades de medida de comprimento, volume e massa poderiam ser introduzidas juntamente com os conceitos de “um meio”, “um terço” e “um quarto”. Deveriam ser ensinadas a partir de situações concretas, como medir o comprimento e a largura da sala, medir meio litro de água, medir a altura dos alunos, por exemplo. Depois, as representações correspondentes deveriam ser escritas no quadro-negro. Eram sugeridos exercícios orais ou escritos e os alunos deveriam responder nomes de coisas que são compradas por quilograma, metro ou litro.

A aprendizagem das medidas de tempo poderia ser feita a partir de “um relógio” de papelão, madeira ou por meio de desenhos.

A última Unidade era denominada Sistema Monetário Brasileiro. Nela, eram ensinadas as “Medidas de Valor” (na época, Cruzeiros e Centavos). O alfabetizador deveria, por meio de conversas informais, verificar o conhecimento que os alunos possuíam sobre dinheiro. Em seguida, deveriam ser propiciadas situações reais para que os alunos aprendessem a lidar com troco, contar cédulas e moedas. Exercícios do tipo “Faça o troco” e “Complete” serviam para fixação do conteúdo. O alfabetizador poderia apresentar situações práticas e exercícios

envolvendo os conceitos de lucro, prejuízo, compras a prazo e à vista, descontos nas liquidações, recibos e a relação entre trabalho e salário.

A professora Nice trabalhou a questão das horas com seus alunos e, segundo ela, eles tinham dificuldade, pois alguns não conheciam horas e nem dinheiro, mas não detalhou como foi sua prática referente ao conteúdo das horas.

Olha, eu tive alunos que não sabiam ver as horas e nem conheciam dinheiro, tanto que nós levávamos xerox de dinheiro para poder trabalhar com eles, embora muitos conhecessem dinheiro. (NICE, 2017) ¹⁰⁷

Os alunos deveriam também compreender o significado de cheque, conta bancária e saldo vivenciando situações que envolvessem compras com cheques, descontos de cheques, entre outras ações do cotidiano.

Ilustro, a seguir, alguns tipos de ‘problemas’ (Figuras 24 e 25) apresentados no material:

Figura 26 – Exemplos de ‘problemas’ propostos em materiais didáticos do MOBRAL.

João comprou uma cabra por 45 cruzeiros. Pagou com uma cédula de 100 cruzeiros. Quantos cruzeiros João recebeu de troco? Resposta: João recebeu _____ cruzeiros de troco.	Lúcia comprou pano e linha para fazer um bordado. Gastou 27 cruzeiros. Vendeu o bordado por 49 cruzeiros. Qual foi o lucro de Lúcia? Resposta: O lucro de Lúcia foi de _____ cruzeiros.
---	---

Fonte: (BRASIL, [197-] b).

Figura 27 – ‘Problemas’ propostos em alguns materiais didáticos do MOBRAL.

- Um saco de adubo custa 20 cruzeiros. Quantas notas de 5 cruzeiros preciso para comprar este saco?
- Tenho uma nota de Cr\$ 10,00 e preciso comprar um sapato que custa Cr\$ 30,00. Quanto preciso ainda para comprar o sapato?
- Uma pessoa tem, no bolso, 2 notas de Cr\$ 10,00 e 5 moedas de 20 centavos. Quanto esta pessoa tem?

Fonte: BRASIL, [197-] a.

¹⁰⁷ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

Vê-se que esse tipo de problema pode não ser considerado um problema, uma vez que há diferenças entre resolução de exercícios e resolução de problemas. O primeiro consiste no uso de habilidades ou técnicas transformadas em rotinas automatizadas como consequência de uma prática contínua. Limitamo-nos a exercitar uma técnica quando enfrentamos situações ou tarefas já conhecidas, que não representam nada de novo, sendo resolvidas por caminhos habituais. A resolução de problemas envolve uma situação com um objetivo a ser alcançado, em que se desconheça o caminho para alcançá-lo, mas que seja possível buscá-lo, por meio de procedimentos, estratégias e técnicas já conhecidas e dominadas. (ECHEVERRÍA; POZO, 1998)

Assim, é possível afirmar que os “problemas” que os alunos resolviam eram exercícios que os professores aplicavam, a fim de exercitar determinadas técnicas, conforme o conteúdo. Nota-se esse processo em alguns livros didáticos do MOBRAL. A cada conteúdo ensinado, é possível perceber a finalização da unidade com resolução de “problemas” referentes às técnicas apreendidas naquele momento. (Figuras 26 e 27). Por exemplo: se o professor havia finalizado toda a parte sobre multiplicação e seu algoritmo, ao final apareciam exercícios e “problemas” que envolviam a multiplicação.

Figura 28 – Exemplos de exercícios aplicados ao final de cada unidade de conteúdo, extraídos do material didático do MOBRAL

Observe		pense e responda:
Fazer:	Desfazer:	
$2 \times 9 =$	$18 \div 2 =$	D. Maria é camiseira. Ela faz 2 camisas por dia. Em três dias ela faz _____ camisas. Registre a sentença matemática: $\square \times \square = \square$ Três vezes $\longrightarrow$ triplo O triplo de 2 camisas são _____ camisas
$3 \times 4 =$	$12 \div 3 =$	

Fonte: (BRASIL, [197-] e).

Figura 29 – Exercícios e “problemas” aplicados ao final de cada unidade de conteúdo, extraído do material didático do MOBRAL.

$\begin{array}{r} 23 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 31 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 36 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 24 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 25 \\ \times 4 \\ \hline \end{array}$	$\begin{array}{r} 19 \\ \times 5 \\ \hline \end{array}$
---	---	---	---	---	---

Exercício 28

RESOLVA OS SEGUINTE PROBLEMAS:

1) Comprei 4 latas de doce a Cr\$ 3,00 cada uma. Quanto gastei? Resp.: 2) Um livro custa Cr\$ 6,00. Quanto custarão 4 desses livros? Resp.: 3) Quanto ganha em 8 horas de trabalho quem ganha Cr\$ 30,00 por hora? Resp.:	
---	--

FONTE: (BRASIL, [197-]c).

Assinalo que os exercícios são importantes e necessários, pois permitem consolidar conhecimentos e habilidades instrumentais. Porém, não se pode confundi-los com a resolução de problemas, visto que essa exige tomada de decisões e o uso de estratégias que devem fazer parte do processo.

Os autores Echeverría; Pozo (1998) afirmam que não é uma questão de somente ensinar a resolver problemas, mas também de ensinar a propor problemas para si mesmo, a transformar a realidade em um problema que mereça ser questionado e estudado. Ademais, um dos problemas contextualiza uma situação em que uma pessoa comprava o adubo e os alunos do MOBRAL não eram os que compravam, mas os que colocavam o adubo na terra, os que labutavam durante o dia, e à noite frequentavam as aulas.

O professor Aparecido relatou que ensinava questões relacionadas ao dia a dia, dando ‘problemas’ para eles resolverem, pois, ao mesmo tempo que eles praticavam a grafia, também trabalhavam a leitura do ‘problema’ e a matemática resolvendo o ‘problema’. Quando questionado sobre o tipo de problema que ele aplicava, ele deu um exemplo:

Os problemas que eu considerava do dia a dia, eram assim, por exemplo, eu pegava o nome de uma aluna, Lúcia, e dizia: “Lúcia foi ao mercado, comprou duas dúzias de tal mercadoria, pagou tanto. Quanto ela recebeu de troco, sendo que ela deu uma nota de tanto?” Era o dia a dia deles, eles sabiam resolver do jeito deles, quando colocava

no problema, eles tinham um pouquinho de dificuldade, mas acabavam resolvendo. (APARECIDO, 2018) ¹⁰⁸

Os mesmos autores (1998) ressaltam que a aprendizagem da solução de problemas somente se transformará, se for transportada para o âmbito do cotidiano, gerando no aluno a atitude de procurar respostas para suas próprias perguntas, ao invés de receber respostas prontas. Sob esse ponto de vista, analisei que os problemas aplicados por ele, não são considerados problemas, mas exercícios, de acordo com os autores supracitados.

Nas entrevistas, os professores relataram que a matemática era trabalhada de acordo com o “cotidiano do aluno”.

Eu via a realidade deles: Quanto você ganha? Quanto você gasta? Você paga aluguel? Quanto você paga de energia elétrica? Água eles não pagavam, porque era da fazenda mesmo. Eu procurava sempre me basear na realidade e nas necessidades deles. (ALZIRA, 2016) ¹⁰⁹

De acordo com Carvalho (1995), é necessário distinguir, no âmbito do conhecimento matemático prévio do adulto, o adquirido na prática, em situações não escolares e o que tem claras características da matemática dita “escolar”. A autora ressalta que o termo “conhecimento matemático do cotidiano”, ao ser referido a alunos, deve ser substituído por “conhecimento matemático advindo da prática”. Justifica que, quando uma pessoa se matricula na escola, essa passa a fazer parte do seu cotidiano e, dessa forma, o conhecimento que ela adquiriu e está adquirindo nas aulas não pode ser identificado com o que ela vem construindo em suas experiências não escolares. A esse saber adquirido anteriormente a determinada aula de matemática e cuja origem não foi possível identificar, chamarei de conhecimento matemático prévio.

A Escola tem negado a matematização realizada na prática, seja porque não a reconhece como conhecimento matemático seja porque não consegue formar professores capazes de integrá-la à matemática sistematizada. (CARVALHO, 1995, p. 3)

A professora Nice relatou que seguia algumas orientações do livro que recebia e que trabalhava com eles ensinando a contar nos dedos, como nas séries iniciais, ou seja, ela utilizava

¹⁰⁸ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa entrevistado em 22 out. 2018.

¹⁰⁹ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

a contagem nos dedos como um instrumento de contagem. Disse, também, que explicava a tabuada como uma soma, porque ficava mais fácil para os alunos entenderem.

Carvalho (1995), ao realizar um trabalho de campo em uma escola municipal da zona oeste de São Paulo, descreve algumas atividades desenvolvidas com os jovens e adultos, no que se refere à Contagem. Durante sua pesquisa na intervenção, foram propostas, aos alunos, constantemente, atividades de contagem seguidas de registro.

Por exemplo, quando os alunos precisavam procurar uma palavra no dicionário, o primeiro que a encontrasse deveria indicar o número da página em que ela estava. Um outro aluno escreveria esse número na lousa e todos se orientariam por essas informações. Nessa atividade, o foco principal não era a discussão sobre leitura e escrita. As atividades que focavam especificamente a contagem, a utilização do sistema de numeração decimal e as operações foram: Contagem das letras de um texto coletivo, contagem de palitos e contagem das cadeiras. Na atividade “Contagem das letras de um texto coletivo”, após um tema ter sido discutido, organizou-se na lousa uma dissertação com a síntese da discussão ou um conto sobre o assunto. Nessa intervenção, o tema foi sobre o segundo turno da eleição para Governador do Estado.

Para finalizar a atividade, realizava-se a contagem das letras que o constituíam. A atividade “Contagem de palitos” tinha a finalidade de construir junto com os alunos um material didático com a estrutura do sistema de numeração decimal. Cada aluno deveria trazer uma caixa de palitos de dentes. Foi proposto que os alunos anotassem o número de palitos escrito na caixa e verificassem se o número de palitos nela contidos era realmente aquele. As caixas de palitos que os alunos levaram eram de 100 ou de 200 palitos. Foi sugerido que fizessem agrupamentos de 10 em 10 com o auxílio da fita adesiva, assim, construíam as dezenas. Em seguida, os alunos deveriam anotar quantos palitos realmente havia na caixa e se houvesse a mais, ou a menos, deveriam escrever “quantos a mais” ou “quantos a menos”.

A professora Maria Amélia relatou que partia do concreto para o abstrato, para que eles pudessem perceber que aquilo que estavam fazendo no abstrato, eles tinham como aprender primeiro no concreto.

[...] quando eu ia ensinar a matemática eu levava materiais, como palitos para ensinar a tabuada, a adição... porque elas já eram senhorinhas e para você dar, por exemplo, a tabuada, ficava muito distante. Então, como eu já havia aprendido, eu dizia para elas: “Venham até à mesa, peguem dois palitos.” Aí elas vinham e eu dizia assim: “Venham pegar mais dois.” Concluindo, eu dizia: “Quantas vezes vocês vieram? Vieram duas. Quantas vocês pegaram a cada vez? Duas. E quanto tem ao todo? Quatro. Então como nós podemos escrever isso na lousa? Que duas... olha o sinalzinho das vezes que vocês

se deslocaram... duas vezes dois, olha o sinalzinho de quanto deu... é igual a quatro.”
(MARIA AMÉLIA, 2017)¹¹⁰

A situação descrita revela o cuidado e a dedicação para com os alunos do MOBREAL, a postura da professora mediante as limitações de suas alunas, procurando uma maneira de fazer com que elas apreendessem o que ela queria ensinar. O concreto não foi concebido somente como sinônimo de manipulável, mas transcende o significado, quando a professora dá os comandos de irem e virem até a sua mesa, questionando-as e levando-as a pensarem sobre sua ação. Segundo Miguel (2018), podemos inferir que o abstrato melhora a compreensão do concreto e vice-versa.

Ensinar Matemática para jovens e adultos é uma ação pedagógica que envolve invariantes de natureza empírica, histórica, formal e lógica. Trata-se de um movimento dialético no qual uma dimensão complementa e amplia a compreensão que da outra se tem, não nos parecendo salutar determinar um ponto de partida e um ponto de chegada para o advento dessas formulações que são, a nosso ver, profundamente imbricadas. Concreto e abstrato seriam instâncias que não podem ser dissociadas. (MIGUEL, 2018, p. 93).

Conforme o relato do Sr. Aparecido, a Matemática ensinada por ele se resumia às quatro operações, as quais os alunos sabiam devido à sua própria vivência. A dificuldade, segundo ele, era mostrar para o aluno outros caminhos “mais curtos” de resolver determinados problemas. Ressalto apenas um cuidado no sentido da não imposição em se tratando da ‘melhor’ forma de se resolver um problema. O professor nas aulas pode estabelecer uma relação dialógica que contemple a forma de pensar do aluno e que ele possa com o auxílio do professor ter o discernimento para escolher a melhor maneira de resolver determinado problema. Entendi que o professor Aparecido demonstrou lidar com as dificuldades que os alunos traziam e que procurava orientá-los e mostrar outros caminhos possíveis para a resolução das atividades propostas.

Alzira relatou que trabalhava com a realidade dos alunos:

[...] o salário, o aluguel, eu trabalhava muito com arroba. Então, a gente trabalhava de acordo com a realidade deles, não é? Era aí que se baseava a matemática, era mais na vivência dos alunos. (ALZIRA, 2016)¹¹¹

¹¹⁰ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

¹¹¹ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

A professora Maria Amélia, em seu relato, disse que os alunos sabiam fazer contas pela prática do dia a dia, mas se eles tivessem que, por exemplo, ler o enunciado de um problema e resolvê-lo, apresentavam dificuldade.

Segundo os professores, os alunos conheciam números e conseguiam realizar o cálculo mental, exceto uma turma que a professora Nice teve no bairro José Ometto. Nessa turma, segundo a professora, os alunos tinham muitas limitações.

O professor Aparecido afirmou que, mentalmente, os alunos já sabiam fazer todo tipo de operação e, para ele, a Matemática era o que dava menos trabalho ensinar, pois 99% dos alunos já tinham noção de operações básicas, apesar de não conseguirem realizar o registro delas no papel. Essa situação relatada foi unânime entre os professores, pois os alunos possuíam, cada qual a sua maneira, o contato com a matéria. Isso, no entanto, acontecia mais na “prática”, nas situações do dia a dia, porque naquelas em que tinham que registrar no caderno de atividades, apareciam as dificuldades.

A professora Rose Conte relatou que essa prática referente às operações e ao cálculo mental se devia ao fato de que muitos alunos lidavam com a matemática o dia inteiro, pois alguns eram vendedores e, portanto, na prática, conseguiam realizar as operações, mas na hora de realizar os algoritmos no caderno durante as aulas, tinham dificuldades. “A Matemática, eu observava que sabiam, eles tinham que fazer contas, eles tinham que vender, eles eram ambulantes. A vida deles era uma matemática concreta”. (ROSE, 2017) ¹¹². A professora Rose também apontou os alunos que eram auxiliares de pedreiro, e que estavam sempre em contato com as operações matemáticas:

Você põe quantas latas de cimento, para quantas latas de areia, para quanto de água? E mesmo os que eram vendedores, que vendiam tomate na rua, eram alunos nossos. Então, matemática básica não era a maior dificuldade. (ROSE, 2017). ¹¹³

Eu tive uma senhora que sabia fazer muito bem cálculo mental e que eu tive apenas que ensiná-la como colocar no papel. Porque ela sabia o cálculo mental certinho, sabia troco, sabia tudo. A maior parte não sabia, era um bairro onde as pessoas vieram da zona rural e foram tiradas dos barracos da cidade, eram bem carentes. Depois vieram pessoas que já eram da zona urbana, aí já sabiam trabalhar com cálculo, essas coisas. Mas tinha gente que nunca tinha frequentado uma escola, porque morava longe, era uma clientela diferenciada ali no José Ometto quando começamos o MOBRL lá. (NICE, 2017) ¹¹⁴

¹¹² Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

¹¹³ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

¹¹⁴ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

Pesquisadora: Seus alunos sabiam ler número e lidar com cálculo mental quando chegavam no Mobral?

Entrevistada: Muito mais do que eu. Mentalmente era uma maravilha. Maravilha! Eles só aprenderam a passar para o papel, porque mentalmente, fazer conta de cabeça, eles me davam de 10 a 0. (ALZIRA, 2016) ¹¹⁵

Segundo Brasil (2002), muitos jovens e adultos dominam noções matemáticas aprendidas de maneira formal ou intuitiva, antes de entrar em contato com as representações simbólicas convencionais. Esse conhecimento reclama um tratamento respeitoso e deve constituir o ponto de partida para o ensino e a aprendizagem dessa matéria.

Por isso, os alunos devem ter oportunidades de contar suas histórias de vida, expor os conhecimentos informais que têm sobre os assuntos, suas necessidades cotidianas, suas expectativas em relação à escola e às aprendizagens em Matemática. (BRASIL, 2002, p. 13)

Miguel (2018) aponta que é importante destacar que o conteúdo programático, e sua forma de difusão, é objetivo social, sendo que a sua definição exige uma tomada de posição sobre o papel da escola, o papel do conhecimento e o seu significado sociopolítico.

É inadmissível distanciar o modo de pensar dos educandos e a forma como a Matemática é formalizada no ambiente escolar, especialmente no tocante à educação de jovens e adultos. A escola não pode se manter a distância do modo de pensar dos alunos e deve-se repensar a forma como a Matemática é apresentada para esse público da EJA.

De todo esse conteúdo matemático exposto, do material didático do MOBREAL, pode-se dizer que pouco foi aplicado, pelo menos da forma como foi descrita acima, no MOBREAL-Araras. Como já dito, há uma distância considerável entre as duas propostas de ensino (MOBREAL-nacional x MOBREAL-Araras). Os relatos apontaram que no MOBREAL-Araras, a Matemática não foi desenvolvida da forma como estava proposta, pois havia vários fatores que direcionaram o ensino para outro caminho. Cito o material que, às vezes, demorava para chegar ou não chegava, as limitações dos alunos (o tempo de cada um) e também dos professores quanto à disciplina Matemática, o tempo do período da aula, que era muito curto, visto que a questão da alfabetização já ocupava grande porcentagem do tempo das aulas e, o mais importante, a questão do contexto, pois o professor sabe quem é seu aluno e qual a melhor maneira de fazer com que ele aprenda. Não defendo a nulidade de um norte para orientar o professor, mas discordo da rigidez da proposta.

¹¹⁵ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

É necessário apontar que está implícita nesse contexto a questão do tempo. A rede escolar apresenta uma grade curricular que impõe um tempo cronológico (*chronos*), mas nesse meio acontece o tempo da experiência (*kairós*).

No grego bíblico, há distinção nítida entre *Chrónos* e *Kairós*, em que *Káiros* significaria: tempo do Dom, hora da graça, da salvação; tempo propício, dia da libertação; hora da “visitação”; momento em que “o anjo passa”; dia do Senhor; shabat; jubileu. *Kairós* representa o tempo subjetivo, vivencial. A junção de *Chrónos* e *Kairós* é traduzida pelo poema bíblico: Tudo tem o seu tempo. (ASSMAN, 1998, p. 213 *apud* FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001, p.7)

Ferreira; Arco-Verde, (2001) afirmam que pensar em tempo escolar implica defini-lo em sua especificidade, em um tempo adjetivo, diferente de outros tempos. Da mesma forma que a estruturação dada ao tempo na história da humanidade, o tempo escolar passou por diferentes configurações e significados e ainda apresenta, nos dias de hoje, uma arquitetura específica e diferenciada não só em sua estrutura institucional, nos diferentes países, estados, cidades e escolas, como na efetivação desse tempo no âmago das práticas pedagógicas.

De acordo com as autoras, o tempo escolar é institucional, é organizativo e é fato cultural. Como tal, resulta de uma construção histórica. As principais características do tempo escolar, a sua organização, sua estrutura e suas práticas nos diferentes sistemas de ensino, implicam diferentes definições sobre a arquitetura temporal da educação.

O controle do tempo, com a distribuição diária das disciplinas pelo período de algumas horas em que o aluno passasse na escola, impõe um ‘cronômetro’, com um tempo artificial, apropriado e ordenado pela razão humana. Assim, surge um vocabulário pedagógico com os termos: método, ordem, sistema, mecanismo, engrenagem e técnica. Nesse contexto, as autoras colocam questões que nos levam a reflexões no que se refere ao tempo escolar:

[...] se é possível aceitar que o homem dominou o tempo e o tempo o dominou, devemos afirmar que *Chrónos* se transformou em ciência e aprisionou *Kairós* no seu processo civilizatório? Estaria a escola irremediavelmente presa aos tempos que lhe são dados? Estão os tempos cronológicos da escola escravizando as práticas cotidianas? As novas formas de contar os tempos na escola (ciclando, acelerando, aumentando ou diminuindo) estão levando em conta os tempos vividos (por alunos, professores, equipes pedagógicas), ou novamente, e mesmo a seu pretexto, estão enredando-se em apenas mais um tempo formal, burocrático e administrativo? (FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001, p. 14-15).

Concordo com Adorno (1995), quando nos alerta para o perigo da inversão dos meios pelos fins, pois, no mundo moderno, há uma ‘produção’ de pessoas tecnológicas. Há a necessidade de uma reconstrução do sentido emancipatório da formação cultural.

A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado. (ADORNO, 1995, p. 26).

O conteúdo da experiência formativa não se esgota na relação formal do conhecimento (das ciências naturais), por exemplo. Implica uma transformação do sujeito no curso do seu contato transformador com o objeto na realidade. Para isso se exige tempo de mediação e continuidade, em oposição ao imediatismo e fragmentação da racionalidade formal coisificada, da identidade nos termos da indústria cultural. Assim, a experiência formativa pressupõe uma aptidão, cuja ausência caracterizaria a atualidade ainda mais do que a própria falta de conteúdo formativo. Para Adorno, o travamento da experiência deve-se à repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, e à repressão do processo em prol do resultado, falsamente independente, isolado, caracterizando a 'semiformação'. (ADORNO, 1995).

Segundo o autor, a recuperação da experiência formativa permitiria reconstruir um padrão para o que seria efetivamente "racional", sem o déficit emancipatório que a racionalidade instrumental impõe. Essa não seria simplesmente uma necessidade "intelectual", ou "cultural", mas corresponderia a uma necessidade material, já que tem a ver com os rumos da barbarização que, implacavelmente, progride na sociedade vigente.

A questão do tempo na proposta do MOBREAL aconteceu dessa forma. Buscava-se o imediatismo e não a experiência formativa. No MOBREAL-Araras, embora estivessem todos submetidos ao tempo cronológico, vimos pelos relatos que a experiência formativa, essa que transforma o sujeito em seu contato com o objeto, era resultado do esforço e da força de vontade de cada um, dos professores que cumpriam a sua missão e dos alunos que tinham várias razões para continuar o caminho da transcendência e superação da condição de analfabetos, na busca de seus sonhos.

5.5 A prática se fazendo no respeito

“Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada”. (FREIRE, 1996. p. 107)

Freire (1996) já dizia que o ensinar exige um acreditar, uma compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

A forma como os professores buscavam seus alunos de porta em porta, chamando, conversando, motivando, revela que eles acreditavam na Educação, acreditavam que a ascensão social como superação viria por meio do estudo. Percebiam que a marginalização em que o analfabetismo os colocava poderia ser extirpada. Participar do MOBRAL era importante tanto para eles enquanto professores, almejando experiências, melhores classificações em concursos, quanto para os alunos, que adquiririam conhecimentos, realizariam sonhos, aumentariam a autoestima e apartariam de si a marginalização do analfabetismo. Como disse a professora Rose, “o MOBRAL foi uma luta”. Complemento que o MOBRAL-Araras foi uma luta; uma luta dos que queriam aprender e dos que queriam ensinar, o que o diferenciou da proposta tecnicista do MOBRAL nacional. Esse, por sua vez, possuía interesses próprios já desmitificados neste estudo.

O MOBRAL-local continua sendo muito valorizado pelos professores e alunos. Refiro-me ao MOBRAL-Araras, o MOBRAL-Fortaleza, o MOBRAL-Alagoas, o MOBRAL em que as experiências foram acontecendo e até hoje repercutem na vida de alguns de seus partícipes.

De acordo com (HEIDEGGER (1987), p. 143 *apud* LARROSA, 2002, p. 25), ao fazermos uma experiência com algo, significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. O autor ressalta que, quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser, assim, transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Em outros trabalhos referentes a esse tema, constatei algumas situações semelhantes, outras diferentes. No caso de Fortaleza, a autora também coloca a valorização que o MOBRAL teve para os que de sua pesquisa participaram:

A experiência do MOBRAL foi muito valorizada pelas professoras entrevistadas. A Prof.^a Maria Clara, por exemplo, expressa que “até hoje a profissão que eu mais gostei foi alfabetizadora, pois eles não sabiam nem pegar no lápis e eu colaborei”. A Prof.^a Maria Lúcia lembra que “quando eu comecei na prefeitura em 1982, eu gostei tanto (do MOBRAL) que minha primeira experiência foi na educação integrada que é hoje o EJA a noite com adultos. Porque a proposta era muito parecida com a do MOBRAL”. (GOMEZ, 2012, p. 83)

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não está fora de nós, como o conhecimento científico, por exemplo. O saber da experiência tem sentido, no modo

como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é, por sua vez, uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Assim, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja, de algum modo, revivida e tornada própria. (LARROSA, 2002).

Chama a atenção o relato de uma das professoras dessa pesquisa de Fortaleza, e, no geral, em todo o país devido à vulnerabilidade dos alunos do MOBRAL.

Eu ouvi muito meu marido dizendo: eu não sei o que é que tu vem fazer aqui dentro desses matos (se referindo ao MOBRAL), mas eu gostava(...) ele continuava: para receber uma porcaria de dinheiro que não serve pra nada, mas eu dizia: que estava sendo uma experiência muito grande pra mim e outra coisa, para aqueles alunos que eram possíveis marginais, eu estava podendo fazer a diferença! (GOMEZ, 2012, p. 83)

A questão das experiências ficou muito evidente no MOBRAL. E vimos que essa experiência não se resumia apenas neles como professores. Implicava de uma forma positiva a questão do respeito para com o aluno. Eles queriam ter experiência e para isto davam o melhor de si, porque de uma certa forma, o professor sentia-se responsável por possibilitar a educação como agente de transformação social. Vemos na citação a seguir, uma das situações que divergem do MOBRAL-Araras:

A supervisora ia, mas quase não ia. Eu posso dizer que em dois anos, ela foi uma vez em cada semestre, só para ver como é que estava, se a coisa estava realmente acontecendo, ou se eu estava ganhando dinheiro sem trabalhar. e ela dizia mesmo que era longe, porque a BR naquele tempo, era um deserto, para mim era bom porque eu morava ali perto. (PROF.^a MARIA EUNICE *apud* GOMEZ, 2012, p. 83).

As referências negativas do MOBRAL acima dizem respeito à falta de formação para alfabetização de adultos, o não acompanhamento das ações pela supervisão do programa, o que, segundo as professoras, deixava o trabalho muito solto, sem um direcionamento. Essa situação era diversa do MOBRAL-Araras. Dona Zulque foi citada por todos com carinho e respeito, o que demonstra ter cumprido seu papel com excelência, sendo que os relatos evidenciam suas ações. Seu profissionalismo estendeu-se até a individualidade dos alunos. Como já citado no item 4.2 deste capítulo, vimos, por meio do relato da professora Alzira, que a supervisora olhava todos os cadernos, elogiava e conversava com os alunos, questão muito importante, já discutida neste estudo, o saber ouvir. Ela acompanhava o processo, fazia reuniões com os professores, orientava os ingressantes, realizava, com comprometimento, a supervisão.

Outro diferencial era o trabalho com os alunos, que era bastante individual. Como eles chegavam tímidos e com muitas dúvidas, o professor realizava o atendimento, de carteira em carteira.

A matemática era mais individual, eu fazia cartões individuais porque sabia da dificuldade de cada um deles, então preparava em casa cartões individuais para cada um deles. E passava de carteira em carteira, era uma aula bem individual, não tinha como colocar tudo na lousa. Dificilmente eu usava a lousa na matemática, não dava. (APARECIDO, 2018)¹¹⁶

Nesse preparo das aulas pensando em cada dificuldade dos alunos, transparece o comprometimento do professor com o ofício de ensinar. Os professores honravam a vontade de aprender que os alunos demonstravam. “Eu percebia que eles tinham sede de aprender”. (MARIA AMÉLIA, 2017)¹¹⁷ “Então, o aluno vinha com aquela vontade ferrenha de aprender”. (ALZIRA, 2016).¹¹⁸ Esse querer do aluno era aproveitado.

A palavra *paciência* apareceu nas narrativas, tanto de alguns professores quanto da aluna Maria Dorta. No contexto do MOBREAL-Araras, pode-se entender essa palavra como respeito e dedicação com o educando, pois esse, muitas vezes, apresentava limitações. Para lidar com as dificuldades dos alunos, era necessário que o professor administrasse seu ofício de ensinar com paciência. “As maiores dificuldades são que, as pessoas mais jovens, têm muito mais facilidade, no entendimento, na interpretação... que não é o que acontecia com elas, então nós tínhamos que ser muito pacienciosos.” (MARIA AMÉLIA, 2017)¹¹⁹

[...] A verdade é que eu agradeço muito a Mirian, porque ela tinha uma paciência com a mulherada[...]

Pesquisadora: Como que eram os professores do MOBREAL?

Entrevistada: Ah, eles tinham muita paciência com a mulherada, eram todas mais de idade. A Mirian, então, tinha muita paciência. (MARIA DORTA, 2017)¹²⁰

Assim, estabelecia-se um respeito recíproco. Professores e alunos em um processo que tinha como meta a aprendizagem dos alunos.

¹¹⁶ Dados da entrevista. Professor Aparecido Batista do Nascimento, colaborador dessa pesquisa entrevistado em 22 out. 2018.

¹¹⁷ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

¹¹⁸ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

¹¹⁹ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

¹²⁰ Dados da entrevista. Aluna Maria Franco de Oliveira Dorta, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 13 jan.2017.

Eu tinha alunos desde 15 anos até 50 anos. Então, eles estavam ali por necessidade mesmo, eles iam para aprender. Um respeito muito grande pela professora, chamavam de senhora... e o respeito era recíproco, lógico. (ALZIRA, 2016) ¹²¹

“As pessoas que davam aula no MOBREAL acreditavam que tínhamos que alfabetizar as pessoas que não tiveram oportunidade”. (MARIA AMÉLIA, 2017) ¹²².

Quando os professores relataram que queriam adquirir experiência lecionando no MOBREAL, podemos dizer que eles tanto ensinaram quanto aprenderam. Eram professores que sabiam ouvir e, a partir dessa escuta, trabalhavam as potencialidades e direcionavam os alunos a uma progressão.

Cada um tinha uma história, histórias diversas, pessoais mesmo, porque eles vinham para a escola e nos contavam. E eram histórias interessantes, às vezes tristes, às vezes alegres, mas muito interessantes. (NICE, 2017) ¹²³.

[...] o MOBREAL precisava de muita luta, de muito amor, completamente diferente. E possibilitava uma formação que eles depois até pudessem dar continuidade, porque muitos alunos vieram a ser professores... alunos que foram do MOBREAL, da alfabetização de adultos. Era um trabalho muito paciente e de muito amor. (ROSE, 2017) ¹²⁴.

Para os professores os alunos não eram só um número. Eram pessoas, carregadas de histórias, e com uma história, cada qual à sua maneira, a ter sua continuidade. “[...] Eu acho que tem validade quando nós pegamos profissionais comprometidos e alunos que queiram aprender. Mas quando eu vejo professores que querem só ter um número... (MARIA AMÉLIA, 2017) ¹²⁵. O respeito evidenciou-se em todo o processo de ensino-aprendizagem: alunos diante de várias dificuldades querendo e demonstrando vontade de aprender e professores que, em todos os meandros, com poucos recursos, mantinham sua missão de lecionar, porque acreditavam que por meio de suas ações poderiam ocasionar transformações sociais, psicológicas e intelectuais. O comprometimento inerente à prática foi essencial no processo de construção da cidadania dentro do processo de ensino-aprendizagem.

¹²¹ Dados da entrevista. Professora Alzira Beteguelli Haddad, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 02 fev. 2016.

¹²² Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

¹²³ Dados da entrevista. Professora Leonice Geralda Genaro Crippa, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 25 jan. 2017.

¹²⁴ Dados da entrevista. Professora Rose Mary da Penha Conte, colaboradora dessa pesquisa, entrevistada em 21 jul. 2017.

¹²⁵ Dados da entrevista. Professora Maria Amélia Pereira Nascimento, colaboradora dessa pesquisa entrevistada em 30 nov. 2017.

Os dados produzidos pela pesquisa apontam para uma ressignificação do Mobral, enquanto projeto pedagógico e ideológico. MOBREAL-nacional x MOBREAL-Araras, um ‘Movimento’ e um ‘Lecionar’. O primeiro, todo estruturado e organizado por especialistas, e que estabeleceu como método para alfabetizar os alunos, o método das palavras geradoras. O segundo, uma escola para jovens e adultos que alfabetizava com metodologias próprias; diversas formas praticadas pelos professores em que cenários foram criados, caracterizando o MOBREAL que eles constituíram. Essas práticas contribuíram para a construção da cidadania de jovens e adultos, alunos do MOBREAL do Município de Araras, interior de São Paulo. Assim, por meio dos relatos, é possível perceber uma leitura positiva, no que tange ao sistema MOBREAL-Araras/SP, desenvolvido com os partícipes no período das décadas de 1960 a 1980.

Muitas pessoas já devem ter ouvido falar que cantores líricos conseguem quebrar uma taça de cristal usando apenas o som emitido por sua voz. O som é uma onda mecânica que se propaga em meios materiais. Essa onda produz vibrações no meio em que se propaga. Toda e qualquer onda sonora é capaz de produzir vibrações que estimulam oscilações em corpos situados nas proximidades das fontes. Quando a frequência de oscilação da fonte coincide com a frequência de oscilação natural do corpo, a amplitude de oscilação desse corpo atinge valores elevados, pois a fonte, progressivamente, cede energia ao corpo. Esse fenômeno é conhecido como ressonância. (CAVALCANTI, 2019).

Os colaboradores entrevistados nesta pesquisa nos relataram acontecimentos e experiências. Esses primeiros sons possibilitaram-me encadeá-los com vários outros sons que estavam ao meu alcance. Sons diferentes dos relatos concedidos, sons que emergiram dos documentos e das leituras, diversos sons que tomaram amplitude. Posso dizer que foram sons sobre sons que, à medida que foram se ampliando, repercutiram nesta tese. Dessa maneira, pude visualizar a repercussão de um outro MOBREAL neste estudo. Um MOBREAL diferente do proposto e diferente dos que muitos imaginavam que pudesse ter sido. Até mesmo nós, enquanto pesquisadoras, nos surpreendemos com alguns sons que foram emitidos. E desses sons, criam-se outros sons, da gênese à produção e criação dos cenários do MOBREAL-Araras. Que muitos sons dos emitidos aqui possam se emaranhar, entrelaçar, interpenetrar e ampliar com os que estão por vir no campo da pesquisa em educação, mais especificamente na educação de adultos. E que essa ressonância possa trazer contribuições para nossos jovens e adultos educandos, professores e todos os sujeitos que se fizerem partícipes da História.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese “CENÁRIOS DO MOBREAL: caso de Araras/SP” amplia a ideia de MOBREAL, repleta de ideologias e simbolismos que transitam e se materializam nos ‘movimentos’ de educação, relacionada a tramas de interesses, questões políticas, ao lecionar e aprender, aos sonhos e desejos. Seu texto é uma interpretação histórica. Não admitimos uma única visão sobre ele, mas, a coexistência de duas realidades contrárias entre si. Expusemos *Palavras e Práticas*. A contradição foi colocada. A *prática governamental* e a *prática dos professores* foram explicitando essa contradição. Apresentamos um texto em que a dialética da prática docente frente às imposições de um projeto de ensino se explicita, pois havia uma proposta governamental imposta com seus objetivos e interesses, mas havia concomitantemente uma prática efetivada no MOBREAL-Araras condizente com a missão bem realizada de cada professor.

O MOBREAL é um acontecimento histórico. E o que ele traz como acontecimento? O encantamento, a formação, a dificuldade, a vontade, o interesse, o cansaço, a alfabetização, estar frequente, ir e voltar, o sucesso, o fracasso, ser aluno, ser professor, monitor ou prestador de serviço. Ele almejava extinguir o analfabetismo em um tempo breve visando um retorno econômico. Relacionava o analfabetismo com a doença, apontava-o como uma vergonha nacional, propagando essa visão às empresas e à sociedade como um todo. Porém, nas salas de aula, práticas de humanização foram efetivadas, humanização pelo respeito, dedicação, saberes construídos demonstrando convergências e divergências dos dados. Essa é a riqueza do trabalho. A tese não implica em defender, nem criticar o MOBREAL, mas, indicar aspectos que nele aconteceram. Essa contradição sintetiza toda a problematização levantada nesse estudo. Seja Movimento, Campanha, Projeto, Programa, a vida estava presente ali, em cada dia, em cada atitude, em cada troca, em cada toque de mão, em cada experiência, no encantamento do professor, das professoras e das alunas, nas dificuldades também, a maneira como se deu essa aderência não tem a ver com o ‘Movimento’ propagado, tal como vimos nas propagandas, canções e materiais, mas tem a ver com o impulso dos professores e alunos de estar ali naquele momento. Temos aqui um dos princípios da contradição nessa dualidade que se insere o MOBREAL. Este possuía uma intencionalidade perversa, por trás da qual havia as vivências experienciadas.

O MOBREAL não propunha uma educação libertadora, mas a experiência vivida pelos professores e alunos do MOBREAL-Araras nega a proposta do MOBREAL Nacional. Permitido

no contexto militar, trazia algumas características do método Paulo Freire de forma equivocada, com a intencionalidade voltada para os próprios interesses.

Todos os apontamentos feitos nessa tese demonstraram que, sob a ética da política, havia uma situação perversa na intencionalidade do projeto imposto. Por outro lado, a experiência vivida aponta uma outra história, que nega o que havia sido proposto. As pessoas trabalhavam praticamente sem remuneração, sem recursos, sem a dignificação do trabalho; os professores tinham que sair em busca dos alunos; os organizadores propagavam o analfabetismo como uma doença, mas, mesmo diante de toda essa situação, as experiências relatadas aqui mostraram que os projetos podem ser impostos, mas nunca serão absolutos.

Propusemos uma interlocução do MOBRAL-Araras com o MOBRAL Nacional. Não buscamos o MOBRAL Geral para analisar o Local. Possuíamos as referências do MOBRAL Nacional, porém o foco era o MOBRAL Local. Vimos que os cenários divergiram mais do que convergiram, porém, como já explanado na tese, a proposta da triangulação nessa pesquisa histórica não tinha a intenção de convergir ou divergir, mas questionar os porquês dessas convergências e divergências para, a partir delas, entrelaçarmos e tecermos uma teia de histórias com as convergências e divergências.

Há uma dualidade de posicionamentos sobre o MOBRAL. As pessoas falam do MOBRAL com a ideia horrível do que foi o ‘Movimento’. Assim, muitos educadores tendem a desprezá-lo por completo devido a intencionalidade da proposta. Ninguém ia ensinar o pobre por benevolência, companheirismo ou igualdade ou porque queria um povo alfabetizado. A intenção era um povo consumidor tal como é nos dias de hoje ter um consumidor mercadológico. Infelizmente o que se almeja atualmente não é um sujeito. Formam-se profissionais e não pessoas. A educação está direcionada quase exclusivamente para a formação para o trabalho e para o consumo, perdendo-se a ênfase na produção do conhecimento.

O MOBRAL traz a tese do liberalismo conservador: o outro é um objeto de consumo e nós ensiná-lo-emos para ser consumidor. Era uma vergonha ter o analfabetismo porque este revelava a situação de pobreza em que estava o país. Mas, instaurou-se um paradoxo equivocado: o país não era pobre porque tinha analfabetos, o país tinha analfabetos porque era pobre. Desse modo, o analfabeto não era a vergonha, o que havia era a incompetência dos que não conseguiam dar condições para que todos se alfabetizassem, obtivessem o emprego para a dignificação do próprio sustento e pudessem ter uma atuação cidadã na sociedade.

O ideário presente nos relatos dos colaboradores justifica nossas afirmações. Os sonhos realizados, as conquistas de cada aluno e de cada professor entram para a História. E aqui entra a contribuição de Paulo Freire com a palavra Mundo! A importância do ato de ler. Um mundo

que se descortina e nesse novo avistar, sonhos são realizados: um tratorista que conseguiu tirar a sua carta de motorista e teve nela a dignificação da sua profissão; a cozinheira que passou a ler as receitas que fazia, os utensílios, a colher que ela usava em sua própria cozinha; a senhora que aprendeu a ler as letras das músicas que mais gostava porque adorava cantar; a dona do açougue que aprendeu a lidar com dinheiro e empréstimos; o rapaz que gostava de fazer paródias; a aluna que não precisou mais de ninguém para lhe falar para onde iam os ônibus, pois havia aprendido a ler os nomes dos bairros nas placas dos ônibus; a senhora que ficou muito realizada em conseguir ler as correspondências que chegavam em sua casa, pois antes ela ia até o vizinho para que ele a ajudasse a ler suas correspondências. Aqui, temos a prática educacional que era a proposta freiriana.

A Palavra era o Mundo para Paulo Freire. O aluno trazia aquilo que era o Mundo dele e ia escrever esse Mundo. Não ia às aulas para escrever: ‘Vovó viu a uva’ ou ‘O jacaré bebia cajuada na jarra’. As Palavras emergiam de um contexto vivenciado, discutido e analisado. Uma construção coletiva, plena de sentidos numa interlocução: singularidade e compartilhamento.

Eis aqui o primeiro princípio da contradição que esta tese traz referente ao MOBRAL. A questão da Educação como um sonho e a Educação como imposição. Um princípio que, devido à sua grandeza, deve ser explorado em outros espaços, seja no âmbito da educação ou não, pois, têm-se valores, persistência, superação, construção e reconstrução de conhecimentos, aprender e ensinar, conquistas.

Essa tese tem sua riqueza porque é mais do que um registro que entra para a História. É uma filosofia que apresenta contradições em um processo dialético. O MOBRAL pode ter nascido perverso, com um espírito de vergonha por um pobre que não era consumidor, mas na hora em que o pobre entrou na sala de aula, ele descobriu, pelo poder da palavra, riquezas para a sua vida: o encontro, a socialização, valores, a amizade, a grandeza, a valorização, a alegria de aprender a ler e escrever o mundo. Então, temos aqui a prática subversiva, evidenciando uma grande contradição desse estudo: a Proposta nefária do MOBRAL versus a prática subversiva efetivada.

Essa pesquisa é uma filosofia porque não fica somente na denúncia do que é perverso do sistema, da ideologia ou no romantismo literário, mas indica a beleza e o encantamento do que foi o MOBRAL para algumas pessoas que dele participaram. Algumas situações podiam ser belas, mas eram tristes. Citamos a cena do churrasco dado pela dona da fazenda aos alunos do MOBRAL-Araras. Analisando pelo ponto de vista da igualdade é inconcebível, mas, no imaginário dos alunos que iam celebrar a sua formação, a liberdade de ler e escrever, temos

uma outra história. Histórias que se cruzam. Histórias que vão sendo tecidas por meio dessas relações e contradições.

Não tivemos a intenção de julgar a perversidade presente na proposta do MOBRAL para o pobre trabalhador, tampouco, mostramos um pobre trabalhador alienado. Dissertamos sobre a variedade de interlocuções existentes entre os dados e nessas interlocuções vimos um pobre trabalhador que se realizou por meio da alfabetização e professores que se realizaram na docência. Apontamos um processo de libertação, sobretudo naquelas circunstâncias em que o trabalhador labutava o dia inteiro e à noite ia cansado, muitas vezes com fome e com dores, queria desistir, mas estava ali; continuava e, no processo final, ele alcançava um objetivo, se realizava.

Para muitos, os relatos de conseguir tirar uma carta de motorista após a alfabetização, copiar as próprias receitas, cantar algumas letras de músicas, podem não ter grande importância, porém, o trabalho que a História Oral faz nesse estudo, é o ‘não deixar morrer’, não deixar obscuro o que pode se entrelaçar com acontecimentos no campo da educação de adultos atual. O que é o EJA hoje? Como os alunos aderem ao projeto de EJA na contemporaneidade? O que as pessoas que estudam na EJA atualmente sabem sobre o MOBRAL? Não obstante, o que essas pessoas sabem a respeito do que significou o MOBRAL para alguns alunos e professores que participaram de tal proposta de educação? Essa tese pode transcender esse muro. Como instrumento formativo, deve disseminar os acontecimentos, as propostas, as discussões, os pontos de vista, os valores, a superação, as conquistas.

Assim, respondo ao questionamento de uma das professoras da Banca de Defesa, sobre o que fica para mim, como militante pela educação, ter estudado o MOBRAL-Araras?

Fica a beleza do que é História, o encantamento do que é aprender a ler e a escrever, o valor da força de vontade, a importância da existência de práticas e ações subversivas mediante às políticas injustas, a necessidade de disseminar as práticas, vivências, registros dos relatos de sujeitos que passaram despercebidos pela História e que demonstram o valor pelo/do estudo, a alegria da superação, a dignificação da pessoa que passa a ler o mundo, a missão docente cumprida em cada aluno que inicia seu processo de alfabetização, evidenciando a questão da Educação como um sonho, a qual precisa ser resgatada e não como imposição tal como é atualmente.

Finalizo com o poema “Canção para os Fonemas da Alegria” que nos mostra o encantamento da descoberta desse mundo de Palavras. Aponta que a educação pode transcender uma situação de ignorância, ressignificando a pessoa, para que tenha condições de exercer sua cidadania com dignidade e restabelecer a autoestima. Diz não ao alfabetizar por alfabetizar.

Mostra que as Palavras têm contexto e significado e solidifica nossas afirmativas no que se refere às imposições dos projetos governamentais, pois, a ‘rebeldia’ existente contraria o que é imanente e renasce uma nova situação a favor da transcendência do ser humano.

*Canção Para os Fonemas
da Alegria**

Peço licença para algumas coisas.

*Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.*

*Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.*

*Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano,
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,
e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas
são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.
Às vezes nem há casa: é só o chão.*

*Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:
porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,
e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão
que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,
mas um modo de amar — e de ajudar
o mundo a ser melhor. Peço licença*

*para avisar que, ao gosto de Jesus,
 este homem renascido é um homem novo:
 ele atravessa os campos espalhando
 a boa-nova, e chama os companheiros
 a pelejar no limpo, frente a frente,
 contra o bicho de quatrocentos anos,
 mas cujo fel espesso não resiste
 a quarenta horas de total ternura.*

*Peço licença para terminar
 soletrando a canção de rebeldia
 que existe nos fonemas da alegria:
 canção de amor geral que eu vi crescer
 nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

*Santiago do Chile,
 verão de 1964.*

*Thiago de Mello, Faz Escuro Mas eu Canto — Porque a Manhã Vai Chegar. Poesias, Editora
 Civilização Brasileira, Rio, 1965.
 (FREIRE, 1983, p.27-28)*

REFERÊNCIAS

ACHE tudo & região. Geografia de Araras. 2015. Disponível em:<
<https://www.achetudoeregiao.com.br/sp/araras/localizacao.htm>> Acesso em: 16 nov. 2018.

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra. 1995. 190 p.

AGUIAR, R. H. A. **Educação de Adultos no Brasil: políticas de (des)legitimação**. 2001. 179 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em:<
file:///C:/Users/Simone/Downloads/Aguiar_RaimundoHelvecioAlmeida_D.pdf> Acesso em: 22 jan. 2019.

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. 202p.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 384 p.

ALBERTI, V. **Ouvir, contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196p.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning Ltda, 2004. 203p.

ALMEIDA, C. C. O. **Crise e Habitação (Natal 1950-1966)**: definição de linhas de intervenção estatal. São Carlos, 2006. Disponível em: <
http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/mono_caliane.pdf> Acesso em: 24 ago. 2011.

ALMEIDA, L. S. **Recebi um diploma, realizei um sonho...**: a presença feminina na educação de adultos em Januária (Minas Gerais – 1970 – 1990). 2014. 108f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em História. Disponível em:<
[file:///C:/Users/Simone/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DE%20LEILA%20SOUZA%20ALMEIDA%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Simone/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DE%20LEILA%20SOUZA%20ALMEIDA%20(1).pdf)
 > Acesso em: 22 jan. 2019.

ARAÚJO, José Carlos de Souza. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, Ilma Pastos Alencastro (org). *Técnicas de ensino*: por que não? Campinas, SP, ed Papirus – (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico), p. 11 – 35, 1991.

ARAÚJO, M. C. de C. S. Perspectiva histórica da alfabetização. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.

ASSINADO CONVÊNIO COM O MOBRL. **Opinião Jornal**, Araras, 11 mar. 1971. Ano II.

ASSUNÇÃO, M. M. S. Subjetividade: um conceito entre as fronteiras do discurso científico. In: SILVA, I. O.; VIEIRA, M. L. (Org.). **Memória, subjetividade e educação**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007. p.31-52.

BENDITO SEJA O MOBRAL. [200-?]

Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/tonico-e-tinoco/89164/>> Acesso em: 07 out.2018.

BICUDO, M. A. V. Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Qualitativa segundo a abordagem fonomenológica. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.99-112.

BOLETIM de frequência. Mobral de Araras. 1984.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 484p.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios da psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219p.

BRANDÃO, C. R. **O que é Método Paulo Freire**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 113p.

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e palavras. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 151p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Curso de Treinamento de Alfabetizadores pelo Rádio**. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial. 1972. 64p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Documento básico: Mobral**. Rio de Janeiro, 1973a. 66p. Disponível em: <<http://www.cipedya.com/doc/155004>> Acesso em: 25 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Educação de Adultos no Brasil**: subsídio para III Conferência Internacional de Educação de Adultos. Brasília, DF, 1971a. 66p. Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/me002669.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Exercícios**: matemática. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A.. [197-]a. 64 p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Matemática**: conjunto de alfabetização. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Primor S.A.. [197-]b. 62p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Mobral**: sua origem e evolução. Rio de Janeiro, 1973b. 63p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Programa de Alfabetização Integrada**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A.. [197-]c . 113p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos** (2º segmento do ensino fundamental). Brasília, DF, MEC/Ação Educativa, 2002.

BRASIL. Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização. **Programa de Atividades Culturais do MOBRAL**. Rio de Janeiro, 1973c. 35p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Roteiro do Alfabetizador**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A.. [197-]d. 66 p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Roteiro**: exercícios de matemática. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A.. [197-]e. 64p

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Roteiro de Orientações ao Alfabetizador**: programa de alfabetização funcional. Rio de Janeiro: AGGS Indústrias Gráficas S.A.. 1977. 152p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Soletre Mobral e Leia Brasil**: sete anos de luta pela alfabetização. Brasília, DF, [197-]f. Sem paginação. Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/me002465.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2011.

BRITANNICA CONCISE ENCYCLOPEDIA: **Allan Nevins**. Copyright © 2011 Answers Corporation. Disponível em: <<http://www.answers.com/topic/allan-nevins>>. Acesso em: 03 nov. 2009.

BRITO, A. A USAID e o ensino de matemática no Rio Grande do Norte. **Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 21, nº 30, 2008, pp. 1 a 25. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/117728/WOS000272623000001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 20 nov. 2018.

CAMPANHAS. [19_?] Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/book/export/html/1564>> Acesso em: 25 ago. 2011.

CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO. MOBRAL de Araras, abr. 1985.

CARVALHO, D. L. **A interação entre o conhecimento matemático da prática e o escolar**. 1995. 250p. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

CATÁLOGO de teses e dissertações. 2016. 48 resultados para MOBRAL. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acesso em: 16 dez. 2018.

CAVALCANTE, Kleber G. Ressonância. **Brasil Escola**. 2019. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/ressonancia.htm>>. Acesso em 31 de janeiro de 2019.

COLETI, L. M. B. **Do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) aos programas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) atuais**: evolução ou manutenção das práticas pedagógicas? [2008?]. Sem paginação. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_3895.pdf> Acesso em: 24 ago. 2011.

CONNELLY, M. F.; CLANDININ, J. D. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: ROMANILLOS, M.; LARROSA, J. (Org). **Déjame que te cuente: ensaios sobre narrativa y educación**. Laertes: S.A de Ediciones, 1995. p.11-59.

CONVÊNIO MOBRL – INPS. **Opinião Jornal**, Araras, 12 mar. 1978.

COSTA, D. M. V. **Laurenço Filho e a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) no Estado do Espírito Santo em 1947**. [200-]. Sem paginação. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/P%C3%B4steres%20em%20PDF/GT05-6921--Int.pdf>> Acesso em 24 ago.2011.> Acesso em: 24 ago. 2011.

CULTURA genial. [2017?]. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/musica-pra-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores-de-geraldo-vandre/>> Acesso em 30 out.2018.

CUNHA, D. **Heródoto e Tucídides**. 2007. Disponível em: <<http://cafedeicaro.blogspot.com/2007/06/herdoto-e-tucdides.html>>. Acesso em: 03 nov. 2009.

CUNHA, L. A.; GÓES, M. **O Golpe na Educação**. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. 94p.

DA HORA, C. E. P. (Org.). Rocas. In: **Natal: meu bairro, minha cidade**. Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística. 2009. Disponível em:<<file:///C:/Users/Simone/Downloads/Rocas.pdf>> Acesso em: 21 dez. 2018.

DELGADO, L. A. N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136p.

DICIO. Dicionário on line de português. 2018. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/historiador/>> Acesso em: 17 dez.2018.

ECHEVERRÍA, M. D. P. P.; POZO, J. I. Aprender a resolver problemas e resolver problemas para aprender. In: POZO, J. I. (Org.). **A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.13-27.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 165 p.

FERREIRA, V. M. R.; ARCO-VERDE, Y. F. S. Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 63-78. 2001. Editora da UFPR. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a06.pdf>> Acesso em: 30 jan. 2019.

FERREIRA, A.C; GROSSI, Y. S. Da memória: com a venda nos olhos. In: SILVA, I. O.; VIEIRA, M. L. (Org.). **Memória, subjetividade e educação**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Três corações, MG: Unincor, 2007. p.53-63.

FGV CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. 2017a. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/sobre>> Acesso em: 07 fev. 2019.

FGV CPDOC. **O Brasil de JK: a criação da SUDENE**. 2017b. Disponível em:<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>> Acesso em: 21 dez.2018.

FONSECA, P. R. A formação da educação de jovens e adultos no Brasil. **Brasil Escola**. 2019. Disponível em: < <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-formacao-educacao-jovens-adultos-no-brasil.htm>> Acesso em: 09 jul. 2019.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 150p. Disponível em:< https://drive.google.com/file/d/1rXB5XpsRRm76zaNnip8VUMoJFsu_f__n/view> Acesso em: 24 jan. 2019.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 21.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 184p.

FREITAG, B. **Escola, Estado & Sociedade**. 6. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1977. 142p.

FREITAS, S. M. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142p.

FREITAS, S. M. Prefácio. In: THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p.9-19.

GADOTTI, M. Educação de Adultos como direito humano. **EJA em debate**, Florianópolis, Ano 2, n. 2. jul., 2013. Disponível em:<<http://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA>> Acesso em: 10 jan.2019.

GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunhos. In: BRESCIANI, S; NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res) sentimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

GALLIAN, D. M .C. A memória do exílio: reflexões sobre interpretação de documentos orais. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 141- 150.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.77-98.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 25, n. 41, dez. 2011. p. 213-250 Disponível em:<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/73000/2-s2.0-84863824290.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 29 jan. 2019.

GOMES, L. K. S. **Memórias de professoras alfabetizadoras do MOBRL em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). 2012. 110f. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Disponível em:< <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3577>> Acesso em: 14 jan. 2019.

GUILHERMEC, L. Ufanismo, ditadura militar e o Brasil. **Ideias, inovação e complexidade**. 2011. Disponível em: < <https://luizguilhermec.wordpress.com/2011/01/06/ufanismo-ditadura-militar-e-o-brasil/> > Acesso em: 29 out. 2018.

GUIMARÃES, I. N. L. **Números: as pegadas da divindade**. São Paulo: Madras, 2009. 158 p.
HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990. 190p.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Cap. 1, p. 29-60.

JANNUZZI, G. M. Confronto Pedagógico: Paulo Freire e Mobral. 2.ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1983. 111p.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação. 2002, jan/fev/mar/abr., n. 19. p. 20-28.

LEAL, L. A. M. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. 2012. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/document/93355116/MEMORIA-REMEMORACAO-E-LEMBRANCA-EM-MAURICE-HALBWACHS> > Acesso em: 27 jan. 2019.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Coleção Repertórios. 476p. – Disponível em< <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> > Acesso em: 06 out.2018

LETRAS. **Bendito seja o MOBREAL**. 2019. Disponível em:< <https://www.letas.mus.br/tonico-e-tinoco/89164/> > Acesso em: 02 fev. 2019.

LETRAS. **Disparada**. 2019. Disponível em:< <https://www.letas.mus.br/geraldo-vandre/46166/> > Acesso em: 02 fev. 2019.

LETRAS. **Eu te amo meu Brasil**. 2019. Disponível em:< <https://www.letas.mus.br/os-incriveis/332979/> > Acesso em: 04 jan. 2019.

LETRAS. **Pra não dizer que não falei das flores** . 2019. Disponível em:< <https://www.letas.mus.br/geraldo-vandre/46168/> > Acesso em: 02 fev. 2019.

LETRAS. **Triste partida**. 2019. Disponível em:< <https://www.letas.mus.br/luiz-gonzaga/82378/> > Acesso em: 22 abr. 2019.

MAHFOUD, M.; SCHIMIDT, M. L. S. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v.4(1/2), p. 285-298, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/Simone/Downloads/34481-Texto%20do%20artigo-40433-1-10-20120722.pdf> Acesso em: 04 ago.2018

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. Escolas técnicas agrícolas e educação matemática: história, práticas e marginalidade. 2007. 265 f. Dissertação (mestrado) - Universidade

Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/91107>>. Acesso em: 18 out.2018

MATHISON, S. Why triangulate? **Educational Researcher**. 1988. p.13-17. Disponível em:< <http://blogs.ubc.ca/qualresearch/files/2008/01/why-triangulate.pdf>> Acesso em: 22 out. 2018.

MÉDICI E A EDUCAÇÃO. **Tribuna do Povo**, Araras, 18 out. 1970.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 175p.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2005. 291p.

MENDONÇA, O. S. **Percurso histórico dos métodos de alfabetização**. [201-]. Disponível em:< <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40137/1/01d16t02.pdf>> Acesso em: 06 jan. 2019.

MÉTODO...Paulo Freire. 2017. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_Paulo_Freire> Acesso em: 20 out.2018.

MIGUEL, J. C. **Pressupostos teóricos e metodológicos da formação de conceitos matemáticos por educandos dos anos iniciais da EJA**. 2018. 208f. Tese (Livre docência) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA: **Prestação de contas da COMUN de Araras**, mar. 1982.

MOBRAL-Araras firmou seu primeiro convênio com o MOBRAL-Central. **Tribuna do Povo**, Araras, 14 mar. 1971a. Ano 79.

MOBRAL DÁ PONTOS. **Tribuna do Povo**, Araras, 08 out. 1970.

MOBRAL: Edital de inscrição para monitores de cursos alfabetizadores. **Tribuna do Povo**, Araras, 21 fev. 1971b.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2007. 153p.

MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO: MOBRAL de Araras. **Resumo de cada fase dos convênios:1971-1980**. Sem paginação.

NA REGIÃO, ARARAS É O MUNICÍPIO MAIS POPULOSO. **Opinião Jornal**, Araras, 29 nov. 1970. Nº 102.

NOTA Fiscal referente à compra de materiais escolares. MOBRAL de Araras, 1982.

NOVA ESCOLA notícias. A educação era melhor na época da ditadura? [2018?]. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/12558/a-educacao-era-melhor-na-epoca-da-ditadura>> Acesso em: 05 jan. 2019.

NÚMERO DE ANALFABETOS EM ARARAS. **Opinião Jornal**, Araras, 24 mar. 1979.

O GLOBO ON LINE. **Saiba quem foi Paulo Freire**, 2007. Disponível em:
<<http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2007/05/02/295589785.asp>> Acesso em: 24 ago. 2011.

OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA. [18-]a. Disponível em:
<http://www.portalbrasil.net/politica_presidentes_juscelino.htm>. Acesso em: 25 set 2018.

OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA. [18-]b. Disponível em:
<http://www.portalbrasil.net/politica_presidentes_janioquadros.htm> Acesso em: 25 set 2018.

OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA. [18-]c. Disponível em: <
<http://www.portalbrasil.net/politica_presidentes_jango.htm>. Acesso em: 25 set 2018.

OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA. [18-]d. Disponível em:
<http://www.portalbrasil.net/politica_presidentes_dutra.htm>. Acesso em: 25 set 2011.

OS PRESIDENTES E A REPÚBLICA. [18-]e. Disponível em:
<http://www.portalbrasil.net/politica_presidentes_juscelino.htm>. Acesso em: 25 set 2011.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e Educação de Adultos**. Edições Loyola: São Paulo, 1987. 368p.

PAIVA, M. M. (Org.) **Escolas radiofônicas de Natal: uma história construída por muitos** (1958-1966). Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2009. 154p.

PAROQUIA São Sebastião - Valinhos/SP. 2018. **Pastorais e movimentos: Pastoral Vicentinos**. Disponível em:< <http://paroquiasaosebastiao.com.br/pastoral/pastoral-vicentinos>> Acesso em: 16 nov. 2018.

PEDERIVA, A. C. O MOBREAL faz mais do que ensinar a ler e a escrever: manifestações biopolíticas para o controle de adultos analfabetos em Varginha-MG (1970-1985). 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei, Departamento de Ciências da Educação. Disponível em:< <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Ana%20Cristina%20Pederiva.pdf>> Acesso em: 21 jan. 2019.

PEREIRA, T. **Disparada**. 2012. Disponível em: <
<http://interpretacaopessoal.blogspot.com/2012/02/disparada-por-thamirys-pereira.html>> Acesso em: 29 out. 2018.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994. 118 p.

POINTER blog. **Pedreiro e servente: qual é o papel de cada um deles na obra?** 2018. Disponível em:< <https://pointer.com.br/blog/pedreiro-e-servente/>> Acesso em: 08 jan. 2019.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-212.

PORTAL São Francisco. **Ressonância**. 2019. Disponível em:<
<https://www.portalsaofrancisco.com.br/fisica/ressonancia>> Acesso em: 31 jan. 2019.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e voz, 2016. 196p.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: Proj. História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, PUC, n.15. abr. 1997. p. 13-33. Disponível em:<
<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>> Acesso em: 27 jan. 2019.

PORTFÓLIO Chico Andrade. Alguns dos meus trabalhos mais significativos. [201-?] Disponível em:< <https://chicoandradeportfolio.wordpress.com/mobral/>> Acesso em: 16 jan. 2019.

PREFEITURA de Araras. História. 2019. Disponível em:< <http://araras.sp.gov.br/historia/>> Acesso em: 03 fev. 2019.

QUANTOS ANALFABETOS HÁ NO MUNICÍPIO? **Opinião Jornal**, Araras, 10 mar. 1979.

RECIBO referente à compra de materiais escolares. MOBREAL de Araras, Araras, 1982.

RIBEIRO, M. L. S. A organização escolar no contexto da crise. In: _____. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 20. ed. Campinas, SP: Autores associados LTDA, 2007. Cap. 8, p. 151-195.

ROCCO, G. M. J. D. **Educação de Adultos: Uma contribuição para seu estudo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1979. 130p.

ROCHA, L. M. Folkcomunicação e música caipira: análise das obras de Tonico e Tinoco. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2015. Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1433-1.pdf> > Acesso em: 29 out. 2018.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Vozes, 1983.

ROMUALDEZ, V. **Habilidades importantes em uma empregada doméstica**. Tradução Ana Olson. 2017. Disponível em:< https://www.ehow.com.br/habilidades-importates-empregada-domestica-info_266671/> Acesso em: 08 jan. 2019.

SABINO, Vandeicol Salviano. Alfabetização de jovens e adultos no período militar: o MOBREAL segundo alguns críticos e egressos. 2008. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Disponível em:< <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1102/1/Vandeicol%20Salviano%20Sabino.PDF>> Acesso em: 01 fev. 2019.

SANTHIAGO, R. **História Oral e Memória: o que é, como se faz?** São Paulo, 2009. 22p.

SANTOS, L. M. T. Direito humano à memória da educação de adultos no Brasil autoritário: documentos legais e narrativas de ex-participantes do MOBREAL (1967-1985). 2015. 163f.

Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em:<
file:///C:/Users/Simone/Downloads/arquivototal%20(1).pdf> Acesso em: 14 jan. 2019.

SAVIANI, D. O legado educacional do regime militar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SEGUNDO CURSO DE EMPREGADA DOMÉSTICA. **Opinião Jornal**, Araras, 21 out. 1978.

SILVA, S. **Panorama Histórico do MOBREAL: operacionalização no município de Araras**. 2012. 260f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

SOARES, L. G. **Educação de Adultos em MG: Continuidades e rupturas**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 1995.

SOUZA, B. N. S. **Alfabetização e legitimidade: a trajetória do MOBREAL entre os anos 1970-1980**. 2016. 205f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco - CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 385p.

VAGALUME música é tudo. Os incríveis. Pra frente Brasil. 2018. Disponível em:<
<https://www.vagalume.com.br/os-incriveis/pra-frente-brasil.html>> Acesso em: 04 jan. 2019.

VILANOVA, M. Pensar a subjetividade, estatísticas e fontes orais. In: FERREIRA, M. M. (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p.45-73.

VILARIM, J. **Bendito seja o Mobral: azul cor de anil**. 2018. Santo Antonio da Alegria, São Paulo. Disponível em: <<http://www.joaovilarim.com.br/discografia/tonico-e-tinoco/tonico-e-tinoco-78-rpm-1957/bendito-seja-o-mobral.html>> Acesso em: 29 out. 2018.

WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. **Disparada**. 2018. Disponível em:<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Disparada>>Acesso em: 03.jan.2018.

APÊNDICE A – Carta de Cessão (Modelo)

Eu,, R.G., declaro para os devidos fins que, cedo os direitos de minha entrevista realizada em de de por Simone da Silva, R.G., na forma oral gravada, filmada e na forma transcrita, a qual foi revisada e corrigida por mim, para que a entrevistadora, Simone da Silva, possa usar em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, essa transcrição integralmente, sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data. Essa transcrição é entregue a ela numa cópia gravada em CD e em uma cópia digitada, sendo esta última, para maior clareza, assinada e rubricada. Da mesma forma, autorizo, nas mesmas condições, o uso, em trabalhos acadêmicos, sem fins lucrativos, por terceiros dessa transcrição revisada e corrigida, ficando vinculado seu controle à Instituição que tem sua guarda, Biblioteca/UNESP (Campus de Rio Claro). Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Araras, de de

(nome do(a) colaborador (a))

APÊNDICE B – Roteiro para 1ª entrevista com os professores

1. Em que época da vida você começou a trabalhar no MOBRAL?
2. Em quais escolas e [por] quanto tempo você trabalhou no MOBRAL?
3. As escolas [em] que você trabalhou no MOBRAL eram perto da onde você morava?
4. Por que você foi lecionar no MOBRAL?
5. Como eram suas aulas no MOBRAL? (...dinâmica, material, avaliação...)
6. Como era a distribuição do material didático enviado pelo Governo? Havia alguma orientação de utilização desse material?
7. Em minhas pesquisas, observei que havia um trabalho com palavras geradoras. Como isso acontecia?
8. Como eram os alunos do MOBRAL?
9. Quais eram as maiores dificuldades e facilidades desses alunos?
10. Seus alunos sabiam ler número e lidar com cálculo mental quando chegavam no MOBRAL?
11. Como você trabalhava a Matemática com seus alunos?
12. Como era o preenchimento de caderneta e o sistema de avaliação? Havia conselho de classe?
13. Havia alguma supervisão sobre o seu trabalho em sala de aula? Se sim, como era feito?
14. O que foi importante nessa trajetória no MOBRAL para sua carreira docente?
15. Qual sua visão hoje do MOBRAL?
16. Há algum fato marcante ocorrido em sua atuação no MOBRAL de que você se lembra?

APÊNDICE C - Roteiro para entrevista com as alunas

- 1) O que o levou a procurar o MOBRAL? Qual era o objetivo principal que você queria alcançar participando desse Movimento? Você tinha algum sonho?
- 2) Como você teve conhecimento do MOBRAL?
- 3) Quanto tempo você estudou no MOBRAL?
- 4) Você já tinha ido para a escola antes de frequentar o MOBRAL?
- 5) Do que você gostava no MOBRAL?
- 6) Como eram os professores?
- 7) O que você lembra ter aprendido no MOBRAL?
- 8) Quais foram as dificuldades que você encontrou para estudar nesta época? Pensou em desistir? Desistiu ou concluiu?
- 9) Mudou alguma coisa em sua vida ter participado desse movimento?
- 10) Existe algum fato marcante que você possa nos contar?

APÊNDICE D - Roteiro para 2ª entrevista com os professores

1. Como era feita a escolha dos professores para lecionarem no MOBRAL? Havia a necessidade de algum diploma para se inscrever?
2. O salário era equivalente ao do Município ou do Estado?
3. O pagamento era realizado em algum dia específico do mês?
4. Por que nos registros a porcentagem de alunos não aprovados é muito alta? Os alunos reprovavam bastante?
5. Você tinha que manter o número de alunos em sala?
6. O que acontecia quando os alunos desistiam?
7. Como você trabalhava as operações matemáticas? Os alunos gostavam?
8. O MOBRAL foi uma criação na época da ditadura militar. Você percebia alguma interferência em seu trabalho?
9. Por que você foi lecionar no MOBRAL?

ANEXO A – Disparada (Geraldo Vandré)

Prepare o seu coração
Pras coisas
Que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo
A morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar
Eu vivo pra consertar

Na boiada já fui boi
Mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu

Boiadeiro muito tempo
Laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
E boiadeiro era um rei

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos
Que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei

Então não pude seguir
Valente em lugar tenente
E dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente

Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém
Que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer ir mais longe
Do que eu

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo

E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte
Num reino que não tem rei

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém
Que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer ir mais longe
Do que eu

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte
Num reino que não tem rei

ANEXO B – História do município de Araras

O primeiro registro do povoado foi em 1818, a partir de uma sesmaria de légua e meia, formada pelas bacias hidrográficas do Rio Mogi, Ribeirão Itapura e Ribeirão das Araras, em terras pertencentes ao município de Limeira. Em 1862, o proprietário da sesmaria erguia a primeira capela de Nossa Senhora do Patrocínio das Araras, rodeada de algumas casas. A inauguração foi em 15 de agosto de 1862, Dia da Padroeira.

Em maio de 1865, os então proprietários da sesmaria, Bento de Lacerda Guimarães (futuro Barão de Araras), e José de Lacerda Guimarães (Barão de Arary), doaram o terreno para o patrimônio da respectiva igreja dedicada à Nossa Senhora do Patrocínio.

Em 24 de março de 1871, o povoado de Nossa Senhora do Patrocínio foi elevado à categoria de vila, passando, a partir daquele momento a constituir um município, que já possuía cinco mil habitantes. A primeira eleição de vereadores foi em 07 de setembro de 1872. O município foi instalado em 07 de janeiro de 1873, com a constituição da 1ª Câmara Municipal e em 02 de abril de 1879 foi elevada à categoria de cidade.

As grandes fazendas de lavoura de café predominavam na cidade e eram responsáveis pelo progresso que surgia na região. Em abril de 1877, os trilhos da Companhia Paulista de Estrada de Ferro eram a principal forma de escoamento da produção agrícola da região, o que acelerou o progresso da cidade.

A imigração foi grande influenciadora na formação da população de Araras. Com o ciclo do café, italianos, portugueses, suíços e alemães se incorporaram à vida econômica que vinha sofrendo prejuízo com a falta de mão de obra na lavoura devido à abolição da escravatura.

Fundadores de Araras

Bento de Lacerda Guimarães e José de Lacerda Guimarães, Fundadores de Araras eram filhos de Antônio de Lacerda Guimarães e Maria Franco, lavradores em Belém de Jundiá, hoje Itatiba.

Em dezembro de 1847, os irmãos contraíram matrimônio; o primeiro com Manoela Assis de Cássia, e o segundo com Clara Miquelina de Jesus, filhas de Alferes Franco, possuidor de uma das maiores fortunas da época, e cuja parte de seu patrimônio se localizava em Araras.

Após o casamento, os irmãos concretizaram a sociedade Lacerda & Irmãos cujo objetivo principal era a cultura de café, nos sítios Montevideu (hoje Fazenda Montevideu) e Bocaina.



Bento de Lacerda Guimarães (Barão de Araras)



Jose de Lacerda Guimarães (Barão de
Arary)

ANEXO C – Bendito Seja o Mobral (Tonico e Tinoco)

O cabocro roceiro e pacato,
estudante da escola rural,
traz nos olho o verde do mato
e no peito o diploma Mobral.

Estrilho:

Brasil é feliz agora,
alcançou seu ideal,
com a luz da nova aurora,
bendito seja o Mobral.

Escolinha modesta da roça,
rodeada de pés de café,
o Brasil se levanta e remoça,
numa nova alvorada de fé.

Brasil é feliz agora...

Na cidade se pranta edificio,
no sertão nós prantamo semente,
de mão dada não há sacrificio,
elevando um Brasil para frente.

Brasil é feliz agora...

ANEXO D – Triste Partida (*Luiz Gonzaga*)**A Triste Partida
Luiz Gonzaga**

Meu Deus, meu Deus
Setembro passou
Outubro e novembro
Já tamo em dezembro
Meu Deus, que é de nós
(Meu Deus, meu Deus)
Assim fala o pobre
Do seco nordeste
Com medo da peste
Da fome feroz
(Ai, ai, ai, ai)

A treze do mês
Ele fez experiência
Perdeu sua crença
Nas pedra de sal
Meu Deus, meu Deus
Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre natal
(Ai, ai, ai, ai)

Rompeu-se o natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
(Meu Deus, meu Deus)
Na copa da mata

Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois barra não tem
(Ai, ai, ai, ai)

Sem chuva na terra
Descamba janeiro
Depois fevereiro
E o mesmo verão
(Meu Deus, meu Deus)
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
Não chove mais não"
(Ai, ai, ai, ai)

Apela pra março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José
(Meu Deus, meu Deus)
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé
(Ai, ai, ai, ai)

Agora pensando
Ele segue outra tría
Chamando a família
Começa a dizer
(Meu Deus, meu Deus)
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo

Nós vamo à São Paulo

Viver ou morrer

(Ai, ai, ai, ai)

Nóis vamo à São Paulo

Que a coisa tá feia

Por terras alheias

Nois vamo vagar

(Meu Deus, meu Deus)

Se o nosso destino

Não for tão mesquinho

caí pro mesmo cantinho

Nois torna a voltar

(Ai, ai, ai, ai)

E vende seu burro

Jumento e o cavalo

Inté mesmo o galo

Vendero também

(Meu Deus, meu Deus)

Pois logo aparece

Feliz fazendeiro

Por pouco dinheiro

Lhe compra o que tem

(Ai, ai, ai, ai)

Em um caminhão

Ele joga a família

Chegou o triste dia

Já vai viajar

(Meu Deus, meu Deus)

A seca terrível

Que tudo devora

Ai, lhe bota pra fora

Da terra natal

(Ai, ai, ai, ai)

O carro já corre

No topo da serra

Olhando pra terra

Seu berço, seu lar

(Meu Deus, meu Deus)

Aquele nortista

Partido de pena

De longe da cena

Adeus meu lugar

(Ai, ai, ai, ai)

No dia seguinte

Já tudo enfadado

E o carro embalado

Veloz a correr

(Meu Deus, meu Deus)

Tão triste coitado

Falando saudoso

Um seu filho choroso

Exclama a dizer:

(Ai, ai, ai, ai)

-De pena e saudade

Papai sei que morro

Meu pobre cachorro

Quem dá de comer?

(Meu Deus, meu Deus)

Já outro pergunta:

-Mãezinha, e meu gato?

Com fome, sem trato

Mimi vai morrer

(Ai, ai, ai, ai)

E a linda pequena

Tremendo de medo

- "Mamãe, meus brinquedo

Meu pé de fulô?"

(Meu Deus, meu Deus)

Meu pé de roseira

Coitado ele seca

E minha boneca

Também lá ficou

(Ai, ai, ai, ai)

E assim vão deixando

Com choro e gemido

Do berço querido

Céu lindo e azul

(Meu Deus, meu Deus)

O pai pesaroso

Nos fio pensando

E o carro rodando

Na estrada do sul

(Ai, ai, ai, ai)

Chegaram em São Paulo

Sem cobre quebrado

E o pobre acanhado

Percura um patrão

(Meu Deus, meu Deus)

Só vê cara estranha

De estranha gente

Tudo é diferente

Do caro torrão

(Ai, ai, ai, ai)

Trabaia dois ano
Três ano e mais ano
E sempre nos plano
De um dia voltar
(Meu Deus, meu Deus)
Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
(Ai, ai, ai, ai)

Se arguma notíça
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
(Meu Deus, meu Deus)
Lhe bate no peito
Saudade de móio
E as água nos zóio
Começa a cair

(Ai, ai, ai, ai)
Do mundo afastado
Ali vive preso
Sofrendo desprezo
Devendo ao patrão
(Meu Deus, meu Deus)
O tempo rolando
Vai dia e vem dia
E aquela família
Não volta mais não

(Ai, ai, ai, ai)

Distante da terra
Tão seca, mas boa
Exposto à garoa
A lama e o baú
(Meu Deus, meu Deus)
Faz pena o nortista
Tão forte, tão bravo
Viver como escravo
No norte e no sul
(Ai, ai, ai, ai)

ANEXO E – Eu Te Amo Meu Brasil (Os Incríveis)

Escola

Marche

As praias do Brasil ensolaradas

Lá lá lá lá

O chão onde país se elevou

Lá lá lá lá

A mão de Deus abençoou

Mulher que nasce aqui

Tem muito mais amor

O Céu do meu Brasil tem mais estrelas

Lá lá lá lá

O sol do meu país, mais esplendor

Lá lá lá lá

A mão de Deus abençoou

Em terras brasileiras vou plantar amor

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo

Ninguém segura a juventude do Brasil

As tardes do Brasil são mais douradas

Lá lá lá lá

Mulatas brotam cheias de calor

La lá lá lá

A mão de Deus abençoou

Eu vou ficar aqui, porque existe amor

No carnaval, os gringos querem vê-las

Lá lá lá lá

Num colossal desfile multicolor

Lá lá lá lá

A mão de Deus abençoou

Em terras brasileiras vou plantar amor

Eu te amo meu Brasil, eu te amo!

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil

Eu te amo meu Brasil, eu te amo!

Ninguém segura a juventude do Brasil!

Adoro meu Brasil de madrugada, lá, lá, lá, lá

Nas horas que eu estou com meu amor, lá, lá, lá, lá

A mão de Deus abençoou

A minha amada vai comigo aonde eu for

As noites do Brasil tem mais beleza, lá, lá, lá, lá

A hora chora de tristeza e dor, lá, lá, lá, lá

Porque a natureza sopra

E ela vai-se embora enquanto eu planto amor

Eu te amo meu Brasil, eu te amo

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil

Eu te amo meu Brasil, eu te amo

Ninguém segura a juventude do Brasil

ANEXO F – Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores (Geraldo Vandré)

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Somos todos iguais

Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas

Campos, construções

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer

Pelos campos há fome

Em grandes plantações

Pelas ruas marchando

Indecisos cordões

Ainda fazem da flor

Seu mais forte refrão

E acreditam nas flores

Vencendo o canhão

Vem, vamos embora

Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão
Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer